

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA
ALICE CARVALHO DE MELO

ESPIRAL DE LEMBRANÇAS:
a “tragédia de Mariana” (MG) em imagens e memórias

Rio de Janeiro

2020

Alice Carvalho de Melo

ESPIRAL DE LEMBRANÇAS:
a “tragédia de Mariana” (MG) em imagens e memórias

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de doutor em Comunicação e Cultura.

Orientadora: Ana Paula Goulart Ribeiro

Rio de Janeiro

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

| | |
|------|---|
| M528 | <p>Melo, Alice Carvalho de. Espiral de lembranças: a “tragédia de Mariana” em imagens e memórias / Alice Carvalho de Melo. Rio de Janeiro, 2019. 274 f. : il.</p> <p>Orientadora: Ana Paula Goulart Ribeiro.</p> <p>Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, 2020.</p> <p>1. Comunicação. 2. Jornalismo - Linguagem. 3. Imagens como recursos de informação. 4. Mariana, MG. I. Ribeiro, Ana Paula Goulart. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação. CDD: 070.49</p> |
|------|---|

Elaborada por: Adriana Almeida Campos CRB-7/4081

Alice Carvalho de Melo

ESPIRAL DE LEMBRANÇAS:
a “tragédia de Mariana” (MG) em imagens e memórias

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de doutor em Comunicação e Cultura, sob orientação da professora doutora Ana Paula Goulart Ribeiro.

Rio de Janeiro, 30 de junho de 2020.

Professora Ana Paula Goulart Ribeiro – orientadora
Doutora em Comunicação e Cultura (ECO/UFRJ); ECO/UFRJ

Professora Marialva Carlos Barbosa
Doutora em História (UFF); ECO/UFRJ

Professora Anita Matilde Leandro
Doutora em Estudos Cinematográficos e Audiovisuais (Université Sorbonne Nouvelle, Paris 3); ECO/UFRJ

Professor Elton Antunes
Doutor em Comunicação e Cultura Contemporânea (UFBA); UFMG

Professor Márcio Seligmann-Silva
Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada (Freie Universität Berlin); Unicamp

Para Rosângela e Marlene.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), espaço de aprendizado, amizade, ciência e que me garantiu, desde 2007, liberdade de pensamento e pesquisa.

A Ana Paula, a amizade e a orientação cuidadosa durante os últimos dez anos. Por ter me acompanhado – da graduação ao doutorado – nesse trajeto sofrido e laborioso no qual entrei como aluna e saí como pesquisadora e entrevistadora.

A Marialva, cujas generosidade e amizade não só iluminaram a pesquisa, mas tiraram-me dos momentos difíceis de inércia e caos, como também me transformaram em professora.

A Anita, cuja ajuda preciosa contribuiu para que eu repensasse parte da pesquisa.

À minha mãe, Zenith, todo o esforço que fez para garantir que eu chegasse até aqui. Mesmo diante das adversidades, sua força é fonte de inspiração. E à minha avó Cecília, cujo orgulho de ser professora influenciou o caminho que escolhi seguir.

A Olívia, a amizade, o amor incondicional e também por ser mestre dos gráficos, responsável pela tradução essencial da base de dados desta pesquisa em informação visual.

A Teresa, todo amor do mundo, a parceria, o companheirismo, o incentivo e por se manter sã e calma nesse percurso.

A Rodrigo e a Bruno, a amizade, o suporte, os debates e os brindes (com ou sem álcool), presentes que a *Revista de História* me deu e que são para toda a vida.

A Gabriel, Noguchi e Isabela, a amizade de muitos anos.

Aos meus queridos do Memento, Livia, Vini, Ítala, Juliana, Igor, Patrícia, Rachel, a amizade e as diversas trocas.

A Terezoca, que batalhou pela minha licença do trabalho. Sem ela, não teria conseguido finalizar a pesquisa.

A Isabelle, Alexandre, Nina, Débora, Jéssica, Bruna, Clarissa, Cristina, que continuam me amando mesmo em quatro anos de ausências.

A Mexerica e a Tangerina, meus gatinhos, o amor incondicional.

A Júlia e a Kathlen, assistentes de pesquisa, responsáveis pela manutenção da base de dados.

A Fernanda, amizade preciosa que fiz em Mariana (MG) e que carregarei comigo daqui para a frente.

A André e a Karina, o apoio e as trocas.

Ao meu avô Nelinho, que existe nas lembranças da minha infância e que povoa esta tese.
E, finalmente, a Rosângela, Marlene, Maria, Márcia, Geralda, Marquinhos, Mauro, Sidnei,
Vera, Simone, Josilma, Raphaela, cujas histórias serão contadas a seguir.

RESUMO

MELO, Alice Carvalho de. **Espiral de lembranças: a “tragédia de Mariana” (MG) em imagens e memórias**. 2020. 273f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Nesta tese, cujo centro reflexivo interliga os estudos do campo da comunicação e da memória, investiga-se se há – como e por que – uma trivialização da ideia de tragédia nas coberturas jornalísticas recentes de crimes decorrentes de mineração no Brasil. Identifica-se a existência de um repertório cultural, discursivo e audiovisual, apontado como trágico pelo jornalismo televisivo, enquadrado em narrativas de estrutura melodramática. É discutido esse repertório semântico, permeado de imagens e lembranças que conectam a chamada “tragédia de Mariana”, que ocorreu em Minas Gerais, em 2015, a eventos anteriores – chuvas e deslizamentos de terra cobertos pelo jornalismo de televisão desde 1966 –; e a posteriores, como a tragédia em Brumadinho, também em Minas Gerais, em 2019. Por meio do mapeamento de quatro anos da cobertura da chamada “tragédia de Mariana”, faz-se um movimento em direção a um passado e a um futuro, em uma espiral de lembranças. Esse movimento de viagem para dentro é proporcionado pelo mergulho em imagens: do pensamento, televisivas e fotográficas. O mergulho metodológico nas imagens evidencia a potência do fragmento como método e pensamento para a ciência da comunicação e possibilita que haja conexão entre os eventos sob análise e o que está para além deles. A ideia de tragédia é pensada também para além do enquadramento televisivo, que ressoa, pelo não dito, valores que a longa tradição incorpora, como morte, declínio do homem, força da natureza, redenção, providência divina e caridade. Fora da *performance* da lama personificada nas narrativas de contraste, tragédia existe também no olhar sobre a vida, captada por meio das lembranças dos moradores de Bento Rodrigues (MG), que durante as entrevistas povoaram as ruínas com histórias de antes, ao longo e depois da lama. Construiu-se a tese em metalinguagem: fala de memória, em estrutura mnemônica. Em uma escrita feita com base em cacos, que preza a escuta e a troca, os afetos e os silêncios, a tese é narrada em primeira pessoa do singular e tenta abraçar na prática as características que, segundo Muniz Sodré (2014), são o que fortalecem essa ciência do comum: ouvir, sentir, comunicar. O texto consiste em espaço em que se consolida o comum, é enunciação coletiva, dentro do qual falam múltiplas vozes.

Palavras-chave: telejornalismo; memória; tragédia; testemunho; acontecimento.

ABSTRACT

MELO, Alice Carvalho de. **Spiral of remembrance: the Mariana mining dam tragedy in images and memories**. 2020. 273f. Thesis (Doctorate in Communication and Culture) – School of Communication, Federal University of Rio de Janeiro, 2020.

This doctoral dissertation investigates whether there is - how and why - a trivialization of the idea of "tragedy" in the contemporary journalistic coverages of environmental and social crimes. It starts from the analysis of the 'Mariana mining dam tragedy' (2015) and deconstructs the fabrics of ideas, emotions and connections constructed layer by layer in the past five decades. This research considers the theoretical concepts behind "tragedy" and also identifies the existence of a cultural, discursive and visual repertoire, which is identified as "tragic" by broadcast journalism. The work has two different, but complementary, parts - "Images" and "Memories". In "Images", we focus on the living process of cultural memory, where mainstream journalism plays a central role. Through the chapters, we build several image maps that establish aesthetic relationships between the coverages of mining collapses and environmental disasters caused by tropical storms in Brazil. They share, along with recent mining dam collapses, a similar matrix of memory. A matrix which is activated by mainstream journalism when a "tragic" event occurs in everyday life. Values such as death, decline of man, force of nature, redemption, Divine Providence and charity are activated by a melodramatic narrative structure. Villains, heroes and victims emerge in this contrasted storytelling of the news, which contributes to separate politics from everyday life. While analyzing our database, we identify patterns of repetition in journalistic aesthetic language that are linked to cultural ways of remembering. In the second part, "Memories", we take a different theoretical approach on the idea of "tragedy". We see a rise of "testimony", where "tragic" can be a way of contemplating life. We develop a way of writing interview materials that we have collected during field work with people whose lives were crushed by the Samarco's mining collapse. We call this "inner journey" a spiral of memories. In the ruins of Bento Rodrigues's village, several residents remember their traditional way of life. Forced to move after the mining crime, they lost their roots and now try to "act out" their trauma through speech. It is a way of resistance. The entire dissertation is written in a first person singular voice, which reinforces the strength of the Communication Sciences as an interdisciplinary field.

Keywords: telejournalism; memory; tragedy; testimonies; events.

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|-----|
| Gráfico 1 – Principais palavras usadas em títulos e subtítulos de reportagens para denominar o evento, entre 5 de novembro de 2015 e 5 de novembro de 2019, na Globoplay..... | 72 |
| Gráfico 2 – Tempo de exibição de reportagens em telejornais e programas ao longo de quatro anos de cobertura sobre Mariana (MG) × quantidade de menções da palavra <i>tragédia</i> em títulos e subtítulos por dia, em rosa | 74 |
| Gráfico 3 – Quantidade de reportagens sobre o assunto intercalada com a menção de <i>tragédia</i> em títulos e subtítulos ao longo de quatro anos..... | 75 |
| Gráfico 4 – Comparação entre as horas de reportagem das coberturas da “tragédia de Mariana” e da tragédia de Brumadinho, de 5 de novembro de 2015 a 5 de novembro de 2019. Em rosa, oscilação do aparecimento da palavra <i>tragédia</i> em títulos e subtítulos | 84 |
| Gráfico 5 – Horas de cobertura da “tragédia de Mariana” + tragédia de Brumadinho + menção de <i>tragédia</i> . Há distorção no topo, que aproxima os ápices das coberturas 82 minutos × 207,2 minutos | 85 |
| Gráfico 6 – Aparição de menção à tragédia em títulos e subtítulos das reportagens contidas na base de dados, levando em consideração as coberturas de Mariana e Brumadinho juntas | 87 |
| Gráfico 7 – Caminho das palavras <i>tragédia, desastre, rompimento, lama e acidente</i> em títulos e subtítulos, de 5 de novembro de 2015 a 5 de novembro de 2019..... | 88 |
| Gráfico 8 – Comparativo entre tempo de cobertura e número de reportagens nos 11 primeiros meses de cada caso. Ou seja, de novembro de 2015 a setembro de 2016 (Mariana) e de janeiro a novembro de 2019 (Brumadinho)..... | 109 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| Figura 1 – Sequência de imagens da lama exibidas no dia 5 de novembro de 2015 no Jornal Nacional e no Jornal da Globo | 40 |
| Figura 2 – Sequência de imagens também do primeiro dia de cobertura, em 5 de novembro de 2015 | 47 |
| Figura 3 – Repórter Ismar Madeira em Bento Rodrigues (MG) | 53 |
| Figura 4 – Casa do seu Filomeno, em Bento Rodrigues (MG), em 20 de outubro de 2019 ... | 56 |
| Figura 5 – <i>Frames</i> de vídeo: rompimentos de barragens em Itabirito (1986), Nova Lima (2001), Mirai e Muriaé (2006), Itabirito novamente (2014) e Mariana (2015), em Minas Gerais | 58 |
| Figura 6 – Duas mulheres salvam pertences em Paracatu, MG | 63 |
| Figura 7 – Display Globoplay × linha de tabela da base de dados..... | 87 |
| Figura 8 – Meu avô e eu, ao lado da jabuticabeira, ambos presentes em ausência, em 1991 . | 95 |
| Figura 9 – <i>Frame</i> Bom Dia Brasil, de 26 de setembro de 2017..... | 97 |
| Figura 10 – Placa fincada pela família de Sandra diante das ruínas do seu bar..... | 100 |
| Figura 11 – Sequência de <i>frames</i> : cenas da cobertura do rompimento da barragem da Vale em Brumadinho (MG), em 2019 | 104 |
| Figura 12 – Sequência de <i>frames</i> . Na linha de cima, imagens do helicóptero da TV Globo em Mariana (MG), em 2015. Na linha de baixo, imagens da cobertura em Brumadinho (MG), em 2019 | 108 |
| Figura 13 – Sequência de <i>frames</i> . Imagens da câmera de monitoramento da mineradora Vale S.A. exibidas no dia 1.º de fevereiro de 2019..... | 111 |
| Figura 14 – Sequência de <i>frames</i> da correnteza de lama revira carros desde 1966: enchentes de 1966, chuvas no sul do Brasil em 1986, chuvas em Santa Catarina em 2008 e tragédia na região serrana em 2011..... | 113 |
| Figura 15 – Sequência de <i>frames</i> da cobertura das enchentes de 1966, na cidade do Rio de Janeiro..... | 117 |
| Figura 16 – Sequência de <i>frames</i> : enxurrada de lama. Enchentes no Rio de Janeiro (RJ), em 1966; chuvas na Região Sul, em 1983; enchentes em Santa Catarina, em 2008; deslizamento no Morro do Bumba (RJ), em 2010; chuvas em Angra dos Reis (RJ), em 2011; chuvas na região serrana do Rio de Janeiro, em 2011; rompimento da barragem em Mariana (MG), em 2015; e rompimento da barragem em Brumadinho (MG), em 2019 | 120 |

| | |
|--|-----|
| Figura 17 – Sequência de <i>frames</i> : a força da natureza × a força do divino nas coberturas das chuvas na região serrana do Rio de Janeiro, em 2011, e na “tragédia de Mariana” (MG), em 2015 | 128 |
| Figura 18 – Sequência de <i>frames</i> : imagens de caridade em 1966, 1986, 2008, 2011 e 2015 das coberturas citadas ao longo do capítulo..... | 132 |
| Figura 19 – Sequência de <i>frames</i> : coberturas da “tragédia de Mariana” (MG), em 2015; enchentes no Rio de Janeiro, em 1966; chuvas na região serrana (RJ), em 2011; e deslizamentos no Morro do Bumba (RJ), em 2010..... | 134 |
| Figura 20 – Sequência de <i>frames</i> : pessoas choram diante da possibilidade da perda de familiares, histórias ou lugares, em Santa Catarina, em 2008, na região serrana do Rio de Janeiro, em 2011, no Morro do Bumba (RJ), em 2010, e em Mariana (MG), em 2015 | 136 |
| Figura 21 – Sequência de <i>frames</i> : eventos de 1966, 1983, 2008, 2010, 2011, 2015 e 2019 embaralhados | 144 |
| Figura 22 – Outro ângulo da casa de seu Filomeno | 146 |
| Figura 23 – A natureza que cresce sobre a terra contaminada | 150 |
| Figura 24 – Casa grande e direita, de telha colonial..... | 153 |
| Figura 25 – As montanhas que dão saudade. Fundo do bar de Sandra, praça de Bento Rodrigues (MG)..... | 160 |
| Figura 26 – Varanda da casa de Rosângela, em Bento Rodrigues (MG)..... | 163 |
| Figura 27 – Trecho da Rua São Bento onde ficava a casa de Marlene, em Bento Rodrigues (MG)..... | 167 |
| Figura 28 – Um sofá e uma jabuticabeira..... | 173 |
| Figura 29 – Mangueira no canto da praça e a ideia de que a ordem das coisas foi invertida, Bento Rodrigues (MG) | 180 |
| Figura 30 – Marquinhos e a filha na horta de casa, em Bento Rodrigues (MG)..... | 186 |
| Figura 31 – “Onde era a minha casa em Bento Rodrigues hoje está assim. Revoltante” | 188 |
| Figura 32 – Inscrição no muro da escola de Bento Rodrigues (MG)..... | 201 |
| Figura 33 – Na esquina da casa de Nenzica, um aviso a quem não mora mais ali | 207 |
| Figura 34 – Manifestação filmada. Bento Rodrigues (MG), 3 de novembro de 2019 | 210 |
| Figura 35 – Placa colada em cima do aviso da Samarco indica a entrada de Bento Rodrigues (MG). Ao fundo, a parte baixa alagada pelo dique | 213 |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| INTRODUÇÃO | 15 |
| PARTE 1 | |
| IMAGENS | 30 |
| NOTA SOBRE O ACONTECIMENTO | 31 |
| 1 IMAGENS DO CAOS (E DA LAMA) | 34 |
| 1.1 PRIMEIRAS IMAGENS DA LAMA | 38 |
| 1.2 A LAMA VISTA DO ALTO | 47 |
| 1.3 O TRAJETO DA LAMA | 62 |
| 2 A TRAGÉDIA SE REPETE..... | 70 |
| 2.1 INTERLÚDIO: O MÉTODO E O PENSAMENTO..... | 71 |
| 2.2 REPETIÇÃO NA COMEMORAÇÃO | 92 |
| 2.2.2 Brumadinho: uma tragédia anunciada..... | 102 |
| 2.3 AS TRAMAS DA MEMÓRIA | 113 |
| 2.4 DO QUE EU FALO QUANDO FALO EM TRAGÉDIA | 123 |
| 2.5 OUVIR O SILÊNCIO: O NEGRO QUE SOFRE | 133 |
| 2.5.1 O negro que chora | 136 |
| PARTE 2 | |
| LEMBRANÇAS | 145 |
| NOTA SOBRE UMA ESPIRAL DE LEMBRANÇAS | 146 |
| 3 NÃO HÁ TRAGÉDIA, RUÍNAS | 147 |
| 3.1. RUÍNAS | 151 |
| 3.2 OCUPAR, RELEMBRAR, RESISTIR: OS LOUCOS | 173 |
| 3.3 IMAGINAR, NARRAR EM RUÍNAS: CONTINUAR..... | 180 |
| 3.4 DISPUTAS DE MEMÓRIA | 201 |
| 3.5 O TEMPO DAS COISAS: A MEMÓRIA, O TRABALHO, A CIDADE..... | 208 |

| | |
|--|------------|
| 4 UMA ESPIRAL DE LEMBRANÇAS: FRAGMENTOS DE 5 DE NOVEMBRO DE 2015 | 214 |
| “ <i>ESSA É A HISTÓRIA DO BENTO, A NOSSA HISTÓRIA</i> ” (MARLENE)..... | 214 |
| “ <i>DEUS DEU NOSSO LIVRAMENTO NAQUELE DIA</i> ” (MÁRCIA)..... | 216 |
| “ <i>TEM GENTE QUE TEM MEDO DE VOLTAR</i> ” (GERALDA) | 218 |
| “ <i>ATÉ QUE UM DIA DESCEU COM O SOL QUENTE</i> ” (SIDNEI)..... | 219 |
| “ <i>PARECE QUE FOI O FIM DO MUNDO</i> ” (ROSÂNGELA)..... | 221 |
| “ <i>ACELERA, MARQUINHOS, ACELERA</i> ” (MARQUINHOS)..... | 223 |
| “ <i>A LAMA DESTRUIU TUDO: PROJETO, SONHO</i> ” (MAURO) | 224 |
| “ <i>FOI UMA PERDA ATRÁS DA OUTRA. EU FIQUEI SEM RUMO</i> ” (MARIA)..... | 227 |
| “ <i>A GENTE NÃO VIVE, A GENTE É VIVO-MORTO</i> ” (VERA)..... | 229 |
| “ <i>A PROFECIA SE CUMPRIU</i> ” (SIMONE)..... | 231 |
| “ <i>EU APRENDI A BRIGAR SEM BATER</i> ” (JOSILMA)..... | 235 |
| “ <i>ERA UM BARULHO MUITO FORTE, COMO SE ESTIVESSE À BEIRA-MAR</i> ” (RICARDO SOARES)..... | 236 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 242 |
| REFERÊNCIAS..... | 253 |
| ANEXOS..... | 272 |
| ANEXO A – PRIMEIRA PÁGINA DA TABELA DE EXCEL (1/111) REFERENTE À COBERTURA DA “TRAGÉDIA DE MARIANA”..... | 273 |
| ANEXO B – PRIMEIRA PÁGINA DA TABELA DE EXCEL (1/140) REFERENTE À TRAGÉDIA DE BRUMADINHO..... | 274 |

INTRODUÇÃO

Na tarde do dia 5 de novembro de 2015, um crime socioambiental causado pelo rompimento da barragem de Fundão, da mineradora Samarco (pertencente às empresas Vale S.A. e BHP Billiton Brasil LTDA), no município de Mariana (MG), despejou no Rio Doce cerca de 40 milhões de m³ de rejeitos químicos. A onda de lama tóxica matou de imediato 19 pessoas, deixou duas milhões sem abastecimento de água e extinguiu o oxigênio em 600 km do rio até o litoral do Espírito Santo. Denunciado como crime pelo Ministério Público Federal (MPF)¹, definido como “desastre tecnológico” por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento², o evento foi chamado de “desastre natural” pela presidência da república³, de “grande tragédia” pela Fundação Renova⁴ e de “a maior tragédia ambiental da história do Brasil” pelos veículos de informação de maior alcance do país⁵.

No mesmo dia, acompanhei as notícias desse acontecimento pela televisão e em *sites* de notícias, mas não me chamou atenção esse possível conflito na escolha de termos para se referir ao evento pelas diferentes instituições. Fiquei imobilizada, confesso, pelas imagens da devastação das primeiras áreas atingidas pela lama, captadas pelo helicóptero da Rede Globo. Veiculadas primeiramente em um plantão no canal a cabo GloboNews e, depois, pela Globo, no Jornal Nacional e no Jornal da Globo, as imagens mostravam a lama em movimento, casas

¹ Em 20 de outubro de 2016, o MPF ofereceu denúncia contra a Samarco, acusando 22 pessoas de envolvimento direto com os crimes previstos no Código Penal de inundação, desabamento, desmoroamento, homicídio, lesão corporal, bem como com os crimes ambientais de poluição qualificada e contra a fauna, a flora, o ordenamento urbano, o patrimônio cultural e a administração ambiental, além de declaração de estabilidade falsa ou enganosa e omissão de informação. Para o MPF, houve um “dano ambiental de grandes proporções”, “cujos erros técnicos de implementação e manutenção foram conscientemente manipulados para reduzir custos e aumentar dividendos” (MPF, 2016a; 2016b; 2016c).

² Em um estudo incorporado à investigação do Ministério Público de Minas Gerais (Parecer n.º 279/2018), pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e da Universidade Federal de São Carlos (UFScar) defendem que a nomenclatura correta para o acontecimento é desastre tecnológico, como mostraremos melhor no capítulo 2 (ZHOURI *et al.*, 2016, p. 1): “Um desastre atribuído em parte ou no todo a uma intenção humana, erro, negligência, ou envolvendo uma falha de um sistema humano, resultando em danos (ou ferimentos) significativos ou mortes”.

³ Publicado no Diário Oficial da União, o Decreto n.º 8.572, de 13 de novembro de 2015, da presidência da república considerou “desastre natural aquele decorrente do rompimento ou colapso de barragens que ocasione movimento de massa, com danos a unidades residenciais”.

⁴ Fundação Renova é uma instituição sem fins lucrativos criada pela Samarco em 2016, após a assinatura do Termo de Transação e de Ajustamento de Conduta (TTAC) com órgãos do governo, para administrar os fundos de reparação às vítimas do crime de mineração e gerir a verba oriunda das mineradoras. O texto do TTAC é jurídico, escrito pelos advogados das mineradoras, com participação do governo do estado de Minas Gerais e do Ministério Público.

⁵ Por exemplo, “O país na lama”, do Especial 40 anos da *IstoÉ* de 25 de novembro de 2016; “Depois da lama”, da *Folha de S.Paulo* de 5 de julho de 2017; “Dois anos do maior desastre ambiental do Brasil”, em *Cidades e Soluções*, da GloboNews, de 30 de outubro de 2017; “1 ano após a lama: e agora?”, do G1, em 5 de novembro de 2016; “Maior tragédia ambiental do Brasil”, de *O Globo Online*, em 17 de outubro de 2016; e “Quatro empresas e 22 pessoas são denunciadas por tragédia em Mariana”, no *Jornal Nacional* de 22 de junho de 2016.

destelhadas, a vegetação arrasada. Ao longo da semana, os rejeitos de minério desceram o curso do rio, rumo ao oceano. Esse progresso foi acompanhado de um crescimento também da cobertura jornalística da emissora. Em novembro, esta levou ao ar 172 reportagens em sete telejornais e programas, um número que representa 42% do estimado de reportagens que foram ao ar na Globo em quatro anos – o período de tempo analisado nesta pesquisa, cuja metodologia será descrita no capítulo 2.

Durante muito tempo se falou em Samarco, Mariana, lama, tragédia, barragem, vítimas, desastre ambiental, em uma narrativa repleta de imagens do caos. Enquanto espectadora, eu acompanhava a construção desse acontecimento mobilizada por uma teia de afetos canalizada em uma revolta genuína: como um desastre daquelas proporções, que perpassava a responsabilidade de tantas instâncias, pôde ocorrer? A revolta tinha a ver com a destruição do ecossistema do rio, mas também com a destruição de projetos de vida. Nas reportagens, homens e mulheres apareciam em desespero pela perda não apenas de parentes e amigos, mas do seu ambiente: a casa, a lavoura, a rua, a vila, o rio. Um rio que, para comunidades rurais que viviam da pesca ou da agricultura, ou para populações quilombolas e indígenas, representava subsistência e expressão cultural, um meio de trabalho, a viabilização do ofício aprendido, o que dava sentido à vida.

Foi então que fui tragada por uma espiral de sensações catalisadas por minhas próprias lembranças, da qual foi difícil sair. Essa relação entre o progresso, a distopia e a perda do sentido da tradição me remetia a uma frustração com minhas próprias origens e despertava profunda melancolia. Além disso, a lama em movimento, destruidora, avassaladora, personificada nas reportagens de televisão, também me remetia a outros eventos vistos pela TV, ou vividos por mim, em uma infância chuvosa na zona rural da região serrana do Rio de Janeiro, onde há lama por toda a parte, principalmente, no verão.

Cada um de nós vive sua própria tragédia – não no sentido canônico da palavra, mas no de um olhar trágico que deriva de uma categoria que, como veremos no Capítulo 2, se associa na sociedade contemporânea à relação entre ruptura da ordem, acidente, decadência do homem, redenção, imponderável e morte.

A ideia de tragédia, em narrativas de representação, é apaziguada por uma imaginação melodramática (BROOKS, 2005; RIBEIRO; SACRAMENTO, 2014). Nessa perspectiva, como discutem Ribeiro e Sacramento (2014), a estrutura narrativa do trágico na reportagem de televisão no Brasil é “pontuada pela política da piedade pelo espetáculo do sofrimento observado à distância pelos telespectadores” (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2014, p. 72). A

cultura da novela teria papel importante nesse cenário, na medida em que sua estrutura estética e cultural é capaz de influenciar a forma de contar e de pensar a notícia.

O melodrama como dispositivo retórico-chave usado na narrativa jornalística, principalmente na televisiva, elencaria vítimas, heróis e vilões, partiria em busca de responsáveis pela tragédia para mobilizar afetos em uma mediação moral de valores: um conflito apaziguado por essa lógica da piedade profundamente ligada à ideia de providência divina e redenção cristã do homem por meio da caridade, como observou Williams (2010). Esses elementos que ligam o trágico à imaginação melodramática têm função central na pesquisa e serão discutidos no capítulo 2, quando tentamos refletir sobre o que falamos quando falamos em tragédia. De qualquer maneira, referindo-me aqui ao sentido banal do termo, que admite a possibilidade de cada um imaginar a sua própria vida como uma trajetória linear e organizada, que permite momentos trágicos, posso dizer que a minha própria tragédia se associa ao mundo rural.

Em 2015, eu atravessava um período de luto em razão do assassinato do meu avô. No vilarejo em que ele viveu por 83 anos – e onde eu cresci –, a miséria nas lavouras de agricultura familiar se transformou, no transcorrer do tempo das gerações, em violência. Uma violência velada, obscura, que cercava a terra que era para o meu avô, assim como para muitos velhos⁶ que não compreendem o lado impiedoso do progresso que destrói as estruturas daquilo que já foram um dia, espaço de representação da própria vida.

Nessa época, no âmbito acadêmico, eu não estava preocupada em pensar a tragédia como uma possível construção histórica e cultural que articula sentidos no tempo. Estava perdida dentro de uma nuvem de interesses em que nada parecia ter cor. Em minha dissertação de mestrado, defendida em 2014, confessei que a pesquisa havia sido fruto de uma angústia, por meio da qual transformei meu afeto pelo arquivo e pela redação do *Jornal do Brasil* em objeto de estudo. Naquela ocasião, eu vivia uma espécie de processo de separação do jornal e não podia (nem deveria, na minha concepção) esconder a dimensão afetiva que me ligava a ele, de modo que a tornei óbvia, explícita, em uma escrita sincera a respeito dessa conexão que aproxima e ao mesmo tempo que afasta o pesquisador do seu trabalho. Para mim, não existe pesquisa sem aproximação afetiva e, a partir do momento em que coloquei o ponto-final na dissertação, essa dimensão sensível com o *Jornal do Brasil* se concluiu.

⁶ Sobre lembranças de velhos, ver: Bosi (2012).

Após um tempo imobilizada no limbo da anestesia dos sentidos, em um momento em que eu estava em uma nova etapa da minha vida profissional, trabalhando com pesquisa e memória na TV Globo, fui empurrada de volta à angústia criativa e também a um novo tema. Jornalismo televisivo, memória, temporalidade, tragédia ambiental na dinâmica da construção do acontecimento ajudaram-me a atravessar esse luto, em uma constante busca de sentido àquilo que alguns podem considerar da ordem do divino, algo externo ao homem, inexorável, um desastre, mas que no vocabulário jurídico encontra outros termos, como, por exemplo, *crime*.

O propósito, nesta pesquisa, não é pensar sobre a razão pela qual diferentes instituições não estabeleceram um consenso ao se referir ao mesmo evento, mas sim investigar se há – como e por que – a trivialização da ideia de tragédia (e, para isso, tentarei identificar que ideia de tragédia é esta) na cobertura de crimes decorrentes de mineração no Brasil, por meio da análise da cobertura da chamada “tragédia de Mariana”, em uma perspectiva mnemônica no campo da comunicação. Com base nesse evento, farei um movimento em direção ao passado e ao futuro, em uma espiral de memória⁷. Pensarei a ideia de *tragédia* para além do enquadramento que o jornalismo de televisão faz de determinados eventos. Tentarei mapear que características – discursivas e imagéticas – o termo evoca e de que maneira pode (ou não) se reforçar na repetição. Por meio de uma pesquisa que interliga os estudos de memória e história no campo da comunicação, buscarei mapear e identificar a existência de um possível repertório cultural discursivo e audiovisual identificado como trágico, constantemente ativado e ressignificado no processo de construção do acontecimento histórico na nossa sociedade.

É importante dizer que considerarei nesta pesquisa o acontecimento como uma construção histórica e social que se dá no tempo, um fenômeno volátil, sujeito a múltiplas forças, escrito, lembrado e reelaborado por diversas instituições sociais, entre elas o jornalismo (VERÓN, 2002). Um fenômeno que possui uma “vida póstuma” intimamente ligada aos mecanismos da memória cultural (ASSMANN, 2011). Segundo Tamm (2015), não existe o sentido original de um acontecimento – esse sentido não pode ser encontrado nem por historiadores nem por jornalistas, já que os acontecimentos acumulam distintas camadas de

⁷ Ao reler a tese para entregá-la à banca, notei que a metáfora da espiral (hermenêutica) fora usada por Agamben (2008) na explicação sobre a “ciência sem nome” de Aby Warburg, cuja análise da sobrevivência nas imagens no atlas mnemotécnico, que vai do fragmento ao todo e do todo ao fragmento, não é um círculo que se completa, mas “uma espiral que se expande de maneira contínua” (AGAMBEN, 2008, p. 138). O autor analisou: “Que se desenrola sobre três níveis principais: o primeiro é o da iconografia e da história da arte; o segundo é o da história da cultura; o terceiro, o mais vasto, é precisamente o da ‘ciência sem nome’, que visa a um diagnóstico do homem ocidental através de suas fantasias, a cuja configuração Warburg dedicou toda a sua vida. O círculo no qual se revelava o bom deus escondido nos detalhes não era um círculo vicioso, nem tampouco, no sentido nietzschiano, um *circulus vitiosus deus*” (AGAMBEN, 2008, p. 139).

significado em diferentes períodos. O sentido histórico nasce após o fato e permanece aberto à interpretação. O acontecimento, para o historiador francês Michel de Certeau (2001, p. 48), “não é aquilo que pode ser visto ou aquilo que se sabe sobre, mas aquilo no que ele se transforma”.

Trata-se de uma percepção que remete à discussão sobre o retorno do fato, conforme a historiografia, a partir dos anos 1970 (NORA, 1979; LEFORT; CASTORIADIS; MORIN, 2018; DOSSE, 2013; TAMM, 2015), que tenta relativizar a recusa dos historiadores ligados à Escola dos Annales ao acontecimento como possibilidade de estudo, por causa da conexão da ideia de acontecimento com a história *magistra* do século XIX – e a forma heroica como o passado das nações era narrado. Daquele período em diante, a cultura da mídia passou a disputar os domínios da história com historiadores, pautando-se em um tempo acontecimental⁸.

Essa mudança é também resultado de uma mudança de historicidade – ou de “sensibilidade do tempo” (explorada por KOSELLECK, 2006; HUYSSSEN, 2000; SARLO, 2012; HARTOG, 2013) – que as sociedades ocidentais atravessaram na segunda metade do século XX, caracterizada pela crise do futuro, em um momento em que o passado mais próximo é ruína, tempo de guerra e destruição (HUYSSSEN, 2014). Assim, segundo Huyssen (2014), o novo sentido de temporalidade é marcado por assimetrias entre passado, presente e futuro, em que a nostalgia do tempo ido é saudade de um tempo em que o futuro era possível. Nesse novo contexto, abriu-se uma nova forma de enxergar o acontecimento na historiografia.

O “renascimento do acontecimento”, de acordo com Dosse (2013), foi uma possibilidade de entender as engrenagens de passado-presente-futuro, tendo como eixo central as múltiplas temporalidades que regem o sentido de existência dos homens no presente. O autor explica que um fato para ser elevado à categoria de histórico, ou seja, se tornar um acontecimento capaz de figurar como momento de ruptura na linha do tempo social, precisa ser acrescido de significados.

Não é todo fato que automaticamente se torna memorável. No contexto de descentralização da autoridade científica e da proliferação da disputa por lugares de fala que constitui os anos 1960, não cabe apenas ao historiador dar significado aos acontecimentos. O fato *renasce* em proporções muito diferentes, mediado por outros atores; a cultura da mídia catalisa seus efeitos sociais, além de ser capaz de promovê-lo ao *status* de grande fenômeno. A mídia disputa lugar como porta-voz da verdade e é legitimada socialmente para exercer tal

⁸ Sobre as formas de construção do acontecimento na narrativa jornalística, ver Queré (2012), França (2012), Sodré (2012) e Antunes (2012).

função: agencia de forma consciente a informação, sobretudo por meio de imagens – que se constituem quase como sinônimo de realidade.

Ribeiro (1995) percebeu os meios de comunicação em seu lugar social de “historiografia do cotidiano”: eles tornam-se espaço privilegiado para se entender cultura e sociedade, na medida em que se esforçam não apenas para informar, mas também para se tornar fonte histórica do futuro. A autora observa que a “distinção entre passado-presente-futuro” é sujeita a manipulações, resultado de uma interpretação que se tem do tempo. Assim se construíram as identidades nacionais, baseadas num discurso de tradição. O que foi dava sentido ao que se é.

Em consequência disso, os meios de comunicação, nos quais se incluem os telejornais da Globo, passam a dar mais espaço – o que no contexto da televisão significa *tempo* – à cobertura de um acontecimento conforme o consideram importante tanto para o presente quanto para o futuro, assim como discuti na minha dissertação (MELO, 2014). Dessa forma, aquilo que passaria por muito tempo ao largo dos veículos informativos – no caso do Brasil, da televisão e de seus telejornais – se tornaria um fato de pouca importância no conjunto da sociedade. Ressalto que a televisão e outros meios de comunicação e informação não são responsáveis pelo resultado de uma grande narrativa sobre um acontecimento; este é construção histórica e cultural.

No momento em que a cultura da mídia entra no processo de criação e elaboração do acontecimento, reforça seu papel nos laços da memória cultural – como vêm mostrando alguns estudiosos do campo interdisciplinar de estudos de memória, a memória cultural inclui o jornalismo e acontecimentos midiáticos, além de ser moldada por essa prática (por exemplo, ZELIZER, 1998; HUYSSSEN, 2000; ERLI, 2014; ZELIZER; TENENBOIM-WEINBLATT, 2014; OLICK, 2014). Indivíduos e grupos sociais passam a se lembrar de “fatos” por meio de imagens e referências terceirizadas, testemunhados pela mídia, mas transmitidos “em tempo real”, já que a memória é fenômeno que se constrói no presente, é trabalho, pressupõe uma tensão constante entre o esquecimento e a lembrança, o que, para Bosi (2012, p. 55), é “uma imagem construída pelos materiais que estão, agora à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual”.

A televisão tem a característica de garantir a transmissão do evento em tempo real, ao mesmo tempo em que o conhecimento visual dela surge. Nesse caso, a forma como a estrutura narrativa é criada naquele momento pelas personagens ativas na cobertura pode influenciar a própria compreensão do fato, como escreveu a socióloga norte-americana Carol Gluck (2003) a respeito do 11 de setembro nos Estados Unidos. Para ela, a narrativa heroica que se construiu

na transmissão e para fora dela era sobredeterminada pelo imaginário social, mas teve grande responsabilidade da televisão, já que o público depara com o fato durante a transmissão e a narração, ao vivo⁹.

Essa ideia que relaciona o conhecimento do acontecimento e a lembrança que se tem dele aos meios de comunicação de massa, com ênfase no jornalismo televisivo, vem mudando no eixo anglo-saxão, sobretudo com o avanço das tecnologias de comunicação e a socialização na internet no mundo pós-*broadcast*. Esse universo, avesso ao diferente, tende a criar bolhas de informação e comunicação que pautam o leitor por aquilo que se acredita ser verdade, e não por uma narrativa que se assemelha a um aspecto do real (EDY, 2014): mundo evidenciado nas eleições norte-americanas de 2016, marcadas pelas *fake news*, em que a comunicação se basearia na audiência totalizante, de massa, e em um público fragmentado. A memória futura, na perspectiva de Edy (2014), está ligada a essa forma difusa de experiência do real, uma experiência que encontra outras particularidades no Brasil.

No contexto brasileiro, o jornalismo *mainstream* (principalmente o jornalismo da TV Globo) persevera como protagonista no processo social da lembrança do grupo ou do indivíduo. Por enquanto. Ao trazer à tona o passado ancorado em necessidades do presente para fundamentar a notícia – com frequência utilizando mecanismos para reforçar a ideia do “nós estivemos lá” –, o *mainstream* ativa correntes de pensamento que podem levar o grupo a lembrar.

Necessário dizer que não será aprofundada nesta tese a teoria do acontecimento, tampouco seus debates na história e na teoria do jornalismo. A dinâmica do acontecimento e seu caráter de construção social, que existe em mediações, sob tensões culturais, são mola propulsora da minha reflexão. Meu objetivo é pensar o que se nomeia como “tragédia de Mariana” em articulações de imagens e memórias.

A ideia é que, por intermédio de um mapeamento da cobertura pelo jornalismo da Globo, em um período de quatro anos, pensemos o que caracteriza, em memórias e imagens, esse evento nas tensões da memória cultural: que lembranças ele desperta, que imagens evoca; e por que, ao contrário de outros acidentes de mineração, fora alçado à categoria de tragédia?

Nesse sentido, conforme apresentarei no capítulo 1, investirei na análise das imagens captadas pelo helicóptero da Globo, no dia 5 de novembro: do alto, filma-se o movimento da lama, que destrói casas e árvores, vira carros. Essa lama, na narrativa jornalística sob análise,

⁹ Essa perspectiva não é uma novidade, mas é elucidativa. Barthes (1970), por exemplo, já havia notado essa relação entre a narração do fato e a construção de heróis ao estudar o maio de 1968, na França.

assume caráter personificado: ela destrói, mata, arrasta, caminha. Quando é depositada no fundo de rios e oceanos, a tragédia a que se refere o jornalismo parece ter terminado. O que veremos nos capítulos 1 e 2 é que a tragédia, enquanto matriz de memória, não tem início ou fim. Ela é espiral de lembranças. Evoca, em conexões de memória, outras tragédias quando irrompe na superfície do tempo e, posteriormente, é reforçada na repetição, em datas de aniversário do evento, ou mesmo em outros acontecimentos cuja lama é potencial destruidor. Assim como vem aparecendo desde as chuvas no Rio de Janeiro, em 1966, a lama e seu enquadramento trágico nas coberturas da Globo retornam em *looping*, ressignificados, até, por exemplo, a chamada tragédia de Brumadinho, em 2019. É um movimento em ondas, como veremos, que se potencializa ao longo do tempo.

Nessa análise de imagens da lama e das personagens e estruturas específicas que as acompanham ao longo das décadas, parece que deparamos com a possibilidade de perceber a existência de uma memória trágica como um tipo de memória cultural, associada a crimes socioambientais, envolvendo ou não o vazamento de poluentes. Para isso, buscarei compreender o que caracteriza uma narrativa trágica no jornalismo e como ela se constitui na edição televisiva: que ideias de tragédia estão em jogo em uma cobertura que utiliza essa semântica para caracterizar (produzir e recordar) determinado tipo de acontecimento?

Procurarei levantar essas questões no capítulo 2, ao mesmo tempo em que tentarei “seguir o caminho das imagens” (LINDEPERG, 2013), abrir-me ao sensível, expor método e pensamento como uma dinâmica inseparável. Em uma leitura crítica da ideia de tragédia ambiental/natural, que rejeita a naturalização dessa semântica, farei o possível para perceber que caminho em direção ao passado essas imagens abrem, já que concordo com a ideia de que uma palavra ou um enunciado não circulam por si sós; ambos existem articulados a um todo tecido de referências anteriores – imagens, sons e efeitos sonoros, personagens, lugares de fala e modos de discurso.

A proposta, nessa primeira parte, é nos deixar levar pelos enquadramentos das imagens do caos: a que acontecimentos somos remetidos mediante determinado modo de fazer jornalístico durante a cobertura da “tragédia de Mariana”? Nesse percurso, a ideia é expor também, por meio de um olhar de repórteres, em diálogo com a bibliografia de memória institucional da TV Globo, a forma de fazer e pensar a reportagem de televisão, que está por trás de uma maneira de enquadrar – filmar, reportar, editar – os eventos. Esse olhar de fora para dentro e de dentro para fora é importante em uma tentativa de historicizar os processos

comunicacionais que atuam no modo como os acontecimentos podem ser percebidos por jornalistas e também pelo público. Esse percurso foi, ao menos para mim, revelador. Explico.

Eu estava acostumada a estudar mídia impressa, como já contei aqui, e, portanto, meu primeiro impulso na ocasião foi relacionar o crime de mineração de Mariana a eventos lembrados como tragédias ambientais pela grande mídia, como a tragédia de Vila Socó, em Cubatão, que ocorreu em 1984, e o acidente radioativo com o cézio-137, em Goiânia, em 1987, em associação ao acidente nuclear de Chernobyl, na Ucrânia, em 1986. Acontecimentos que envolvem grande emissão de poluentes e toxinas no meio ambiente contaminam, mas contemplam apenas a semântica em sua forma discursiva. Os casos tiveram enormes impactos ambientais causados por diferentes tipos de agente tóxico, assim como o rompimento da barragem da Samarco. Mas algo estava faltando para fechar esse ciclo.

Ao debruçar sobre as reportagens da cobertura de Mariana, percebi que os rejeitos de minério não apareciam como protagonista na estrutura melodramática das notícias. A estrela apresentou-se como outro elemento: a lama personificada, que destrói, arrasta, mata. Uma lama esvaziada de toxicidade, sua destruição aparece como física, e não química. Característica fundamental explorada na parte 1, que faz com que a lama, em carga de memória, seja ligada a eventos de chuvas e deslizamentos de terra, o que reforçaria seu eterno retorno, em espiral, todos os anos no Brasil.

Um exemplo. Em maio de 2018, após certo esforço em vencer o labirinto de formalidades institucionais, consegui marcar uma entrevista com o repórter da TV Globo Ismar Madeira. Ele morava em Minas Gerais desde os anos 1990, com base em Belo Horizonte, mas preferiu que o encontro fosse no Rio de Janeiro, já que estaria na cidade para fechar uma edição do Globo Repórter. Nosso encontro aconteceu em área externa do prédio da emissora, uma forma que encontrei de diminuir a distância entre nós, imposta pelo peso do ambiente em que estávamos. O entrevistado resistiu à espontaneidade e articulou suas lembranças de maneira cristalizada, narrando quase linearmente sua versão sobre os acontecimentos e o lugar atribuído a ele nessa história, conforme ficará mais claro no capítulo 1. Mas aqui quero ressaltar um momento.

Nessa entrevista, após falar sobre sua trajetória profissional e principalmente da cobertura do rompimento da barragem da Samarco, em que fez ao menos 40 reportagens para os telejornais da Globo, de acordo com um levantamento feito para esta pesquisa. Na última pergunta que fiz a ele, sugeri que fechasse os olhos e me relatasse a imagem mais marcante, para ele, nessa cobertura, após tudo o que viu e ouviu, em mais de dois anos envolvido no caso.

Ele então me respondeu, sem hesitação: “*Foi a primeira imagem que eu vi lá em Belo Horizonte ainda, que é Bento Rodrigues tomada pela lama, a lama ainda descendo. E aqueles carros em cima dos destroços de uma casa. Essa é a imagem que fica na minha cabeça*”. Quando indiquei que a cena foi, de fato, testemunhada por ele apenas pela televisão, ele reagiu com espanto. Foi um dos indícios que me fizeram deixar de lado as associações entre o que é dito e investir no pensamento do acontecimento pelo não dito, do que está subentendido ou pressuposto de um olhar sobre as imagens de televisão – em dinâmica com seus efeitos de edição e sonorização.

Não parece à toa que entre as palavras mais faladas para se referir àquilo que devassava o meio ambiente a partir do momento do rompimento da barragem de Fundão, na cobertura do primeiro dia do acontecimento, estão: “enxurrada”, “correnteza”, “mar”, “*tsunami*” de lama. Algumas delas se repetem se avaliarmos a evolução da cobertura, em um método próprio, criado por intermédio de experimentações na plataforma de *streaming* da Globo, a Globoplay, da qual tentei retirar o *todo* da cobertura jornalística sobre o caso, mas percebi que esse *todo* é impossível, inalcançável. Por isso, farei ao longo da tese um diálogo entre a busca por uma visão geral do movimento do acontecimento – mediante o processamento de informações retiradas de uma base de dados montada manualmente ao longo dos anos, que conta com 1.168 reportagens – e uma visão do particular, em um mergulho em imagens que pretende explorar a potência do fragmento, os jogos entre lembrança e esquecimento, ficção e realidade. Os detalhes da metodologia e a explicação sobre escrita e pensamento, que se interligam, estão presentes também no capítulo 2.

Dessa forma, a ideia do tóxico, agentes químicos que extinguiram a vida no rio e, por consequência, o ecossistema ao seu redor, não aparece com força nesse processamento de informações nem na análise mnemônica das imagens. Percebi, conforme mostrarão os dois capítulos que integram a parte 1, que as imagens enquadradas pelas câmeras e editadas em uma narrativa trágica/melodramática ativavam minhas próprias lembranças relacionadas ao que estamos acostumados a chamar de desastres naturais: deslizamentos de terra, enchentes e chuvas torrenciais de verão no Brasil. São eventos lembrados por meio de imagens de televisão (que dialogam com imagens de filmes de catástrofe e ficção científica), mas também de imagens da minha infância. O que aproxima e o que afasta a lama com a qual eu e meus primos brincavam daquela que mata, destrói, afoga histórias de vida? As imagens, assim como o discurso, têm uma trajetória que merece ser pensada.

A ideia, portanto, da primeira parte desta tese, que se divide em dois capítulos, é pensar essa dita “tragédia de Mariana” em tramas da memória. Será eixo central dessa seção, também,

uma discussão sobre a categoria da ideia de tragédia no enquadramento de repetição em sua matriz de memória. Pergunto-me como poderia um termo que evoca ideias de destino ou acaso, providência divina, declínio e redenção ser usado em uma escala tão grande para descrever tal evento fatal provocado por decisões humanas.

No início dos meus estudos, cheguei a pensar que pudesse ter alguma coisa a ver com as intenções por trás das reportagens: uma vontade de provocar emoções na audiência, talvez. Mas essa operação de transformar um fato em espetáculo¹⁰, em *performance* é mais complexa do que isso. O processo de produção de notícias envolve diferentes profissionais submetidos a múltiplas tensões, desejos, objetivos, ideologias. Não é possível adivinhar suas escolhas ou intenções por trás de cada frase narrada, enquadramento de câmera, cena selecionada, mas sim perguntar a eles o que pensam quando fazem uma reportagem, que sentidos são despertados, como são movidos, como enxergam um fato e o que dizem sobre o seu trabalho, em associações de memória, durante entrevistas longas que, como mostrarei no capítulo 2, se interligam com ferramentas da história oral.

É possível fazer ainda uma análise da semântica da tragédia em seu processo de historicidade e identificar como é sua vida social, entre palavras e elementos audiovisuais, pela interpretação da cobertura televisiva do caso de Mariana e também dos relatos de jornalistas que ajudaram a escrever esse acontecimento, que está em constante transformação. Ao colocar a tragédia em perspectiva temporal, analisarei a historicidade de seu processo comunicacional.

Assim, entenderei a imagem de televisão como arquivo, em uma perspectiva que acredito ser a melhor forma de perceber a tensão entre memória e esquecimento, verdade e mentira, monumento e documento, passado, presente e futuro.

Por enquanto, posso afirmar que a semântica de *tragédia* tem um passado e um futuro, entrelaçados com a maneira como a sociedade brasileira articula e trabalha sua memória coletiva ou cultural. Como observou Erll (2014), a memória é, em primeiro lugar, uma construção discursiva e, em segundo, “um termo guarda-chuva para todos os processos de natureza biológica, mediática ou social que relacionam passado e presente (e futuro) em contextos socioculturais” (ERLL, 2014, p. 7).

¹⁰ O conceito de espetáculo, muito utilizado nos estudos da comunicação, foi criado e popularizado pelo filósofo francês Guy Debord (2003), cuja obra *A sociedade do espetáculo* foi publicada pela primeira vez em 1967. Nela, o autor desenvolve que a vida nas sociedades modernas é uma verdadeira “acumulação de espetáculos”, em que, na predominância da imagem, o que era “diretamente vivido” é substituído pela representação. O espetáculo, para ele, é “a relação social entre as pessoas, mediada por imagens”. A ideia de espetacularização é muito discutida em Muniz Sodré (2006), como destrinchamos anteriormente.

Na segunda parte desta tese, que contempla os capítulos 3 e 4, lançarei um olhar diferente à ideia do trágico tal como será trabalhada na parte 1. Em uma articulação que extrapola o pensamento teórico sobre seus conflitos éticos e morais e deixa para trás sua existência performática, materializada pelo jogo em cena da lama e por outras personagens que se apresentam, veremos como o sentido trágico existe no olhar sobre a própria vida no encontro com as ruínas de Bento Rodrigues (MG). As ruínas – monumentos de cimento e pedra por onde o mato cresce sobre e onde a poeira tóxica ainda tinge as paredes – tornam-se preenchidas, povoadas por lembranças de quem conta como era viver ali antes do “barro”, como os entrevistados costumam chamar a lama. O capítulo 3 é escrito em uma multiplicidade de vozes, por meio da articulação da lembrança de 11 entrevistados¹¹, que preenchem os vazios deixados pela violência e repensam quem foram, quem são e quem serão, entre a lembrança e o esquecimento, o silêncio e a fala.

A experiência de caminhar pelas ruínas tem, igualmente, lugar nas minhas lembranças, articuladas no capítulo por meio de anotações em caderno de campo, apoiadas também em fotografias que eu fiz no local. É um momento em que, como falou certa vez Walter Benjamin (2016) a respeito das ruínas do mundo antigo, “a história migra para o cenário da ação”.

O encontro entre entrevistador e entrevistado é por si só objeto de análise – anuncio as implicações metodológicas no capítulo 2 e demonstrarei, na prática, a maneira de pensar a cena da entrevista e os jogos de poder, memória e identidade que se apresentam. No capítulo 3, portanto, darei ênfase ao processo de trabalho da memória. É hora de tentar trazer à tona a riqueza do depoimento oral: não importa aqui apenas o que é dito, mas também a forma como se diz e os silêncios e esquecimentos que permeiam o discurso. É no ato de narrar que o indivíduo se constrói como sujeito, elabora identidades e identificações possíveis diante de si e diante do outro. Observarei como as pessoas com quem converso constroem a si mesmas ao se reconstruírem (ou desconstruírem) à sombra (ou à luz?) do território devassado: monumento, ruína, espaço de ressignificação da identidade, entre o passado e o futuro.

No último capítulo, o ato de escutar o outro é potencializado. Farei nessa seção uma edição dos depoimentos colhidos ao longo da pesquisa com um recorte específico: como narram a experiência do dia 5 de novembro? Estarão em jogo ali formas de construir a si mesmos, mas

¹¹ Cheguei a essas pessoas mediante um único contato que consegui em Mariana, por meio de conhecidos de conhecidos. Esse contato me apresentou à vizinha Rosângela, que era moradora de Bento Rodrigues e vivia em uma casa alugada, perto do centro. Rosângela levou-me para conhecer suas amigas. Em visitas longas que fiz à cidade, as quais detalho nos capítulos 2 e 3, conversei com moradores e encontrei, aos poucos, nessa interação, em um movimento de imersão na realidade deles, quem estava disposto a me contar sua história.

também de acessar passado e imaginar futuro no presente? O que consideram importante trazer à tona sobre aquele dia? Qual é a maneira de fazê-lo? Editar é tarefa tão difícil quanto escrever. Tentarei transpor a cadência, o tom, as associações feitas pelos entrevistados, de forma que transpareça a construção dessa persona unificada que lança um olhar sobre a própria vida, no momento da entrevista.

É de propósito que praticamente não exporei aquilo que eles lembram do dia 5 de novembro de 2015 em capítulos anteriores. A ideia é mostrar tudo o que está para além do evento, tudo o que a tragédia implica – são histórias de vida, a memória da família e da comunidade, as tradições culturais. A reviravolta causada pela violência do desastre tecnológico da Samarco inverte a percepção de si e cria a sensação – isso transparece nas entrevistas – de que a vida dessas pessoas está em suspenso, sempre à espera de uma reparação ou do reestabelecimento de uma ordem que não pode ser restituída.

Para além disso, pretendo traçar aqui não apenas uma metodologia de compreensão de como se forma, produz, articula uma ideia na cultura ao longo do tempo, mas também uma metodologia de estruturação e escrita de um trabalho de memória no campo da comunicação. Anuncio desde já que o tom em primeira pessoa do singular será permanente. Ele será usado como chave do trabalho em espiral de lembranças. É por meio do uso desse tom pessoal que exponho metodologia, escrita e pensamento.

Como veremos no capítulo 2, no qual exponho o método, a ciência da comunicação é campo fértil para se ousar na linguagem. Nos últimos anos, Muniz Sodré (2002; 2014; 2017) buscou fundamentar a comunicação como um campo científico próprio – mapeando suas áreas de interesse e (des)construindo as fronteiras erigidas entre estas e outros campos das ciências humanas e sociais. Nesse percurso, sugeriu a criação de um método comunicacional consolidado em seu último livro, *Pensar Nagô* (SODRÉ, 2017), que propõe essa forma de pensar a comunicação por meio do método transcultural, que é “vaivém através dos limiares do sentido”, circulatório. Ou seja, o método da escuta, da troca, da analogia de saberes para se estabelecer o comum. A comunicação transcultural, para o autor, é uma “dialogia semiótica”: “não uma filosofia de portas, e sim de pontes ou de transição para correspondências analógica, mas que abrem caminho para novos termos nas disputas de sentido” (SODRÉ, 2017, p. 26).

Em um mundo em que as relações sociais passaram a ser não apenas marcadas, mas definidas pela mídia em seu processo de convergência, a ciência da comunicação fortaleceu-se estudando primordialmente as tecnologias e técnicas de informação que fomentam essa forma virtual de vida, chamada pelo autor em outro momento de “bios midiático” (SODRÉ, 2002).

Sodré (2014) propôs-se a iniciar as bases do método comunicacional do que ele chama de ciência do comum quando fez uma leitura da tradição antropológica, observando que, com o tempo, foi “reduzindo a distância entre nós e os outros e abre-se para o estudo de nós mesmos” (SODRÉ, 2014, p. 41). Entre a aproximação com o outro na antropologia e o distanciamento imposto pelo método da sociologia, a comunicação solidifica-se criticada pela maleabilidade de seu método científico, pela liquidez de suas fronteiras.

Muniz Sodré sugere (2017), no entanto, que a força do campo está no que seus críticos consideram seu ponto fraco: a maleabilidade das fronteiras. Ao se construir como uma (inter)disciplina, uma ponte entre as ciências humanas e sociais, a comunicação permitiria a existência de um método da escuta, da troca, da analogia de saberes para se estabelecer o comum. A transculturação é uma troca, empréstimo, aproximação forte entre mim e o outro. Diz respeito ao sentir, ouvir, comunicar. Mas não necessariamente ao dizer: o pensamento às vezes não pode ser traduzido em palavras, mas em gestos, música, sons, e cabe ao pesquisador compreendê-lo em busca do saber comum.

A comunicação deveria, portanto, questionar as fronteiras que as ciências sociais deram para ela. Para realizar um estudo de comunicação conforme o método transcultural, deve-se afastar da estrutura discursiva e lógica da dominação (que pressupõe sempre um vencedor na discussão a respeito da verdade). Faz-se necessário desconstruir, aproximar, corporificar, trocar. Sobretudo ouvir. É uma ciência do sensível, baseada na construção do comum, com a qual deparamos.

Qual é, portanto, a melhor maneira de escrevê-la? Essa discussão é especialmente necessária. Cada pesquisa precisa refletir, em escrita, seu conteúdo. Por isso buscarei construir esta tese em metalinguagem: ela fala de memória e, na escrita e estrutura (a articulação dos capítulos refletirá isso), assume caráter fluido, que incorpora uma sobreposição de camadas do tempo por meio de momentos de “reconhecimento” – fazendo alusão aqui à interpretação do ato de rememorar feita por Ricoeur (2010) – que se dão no presente. Aqui, partirei de 5 de novembro de 2015 para frente e para trás. É por isso que começarei com a apresentação do caso.

Nessa apresentação, feita em uma escrita em fragmento, que vai e volta no tempo, articularei ideias de passado e futuro. Tentarei explorar a escrita como última instância de um método-pensamento da comunicação, que permite a viagem sem sair do lugar, possibilitando a produção de subjetividade pelo contato com o outro por meio do texto. O texto consiste no espaço em que se consolida o comum; é enunciação coletiva, dentro do qual falam múltiplas

vozes: as que vêm à tona pela memória dos vivos, ou dos mortos – incluindo aqui a interpretação e historicização de documentos e outras fontes, de acordo com a necessidade.

Assim, partes 1 e 2, “Imagens” e “Lembranças”, complementam-se nesta escrita mnemônica, despertada por imagens da “tragédia de Mariana” e no retorno em espectro da lama. A lama de Mariana retorna nas datas de aniversário, na dita tragédia de Brumadinho, mas trata-se, ela mesma, de um retorno de estruturas estabelecidas ao longo de décadas. Essa leitura da imagem e dos eventos por meio de uma metáfora do trabalho individual da memória e do mergulho em fragmentos de imagens, despertados por *frames* de vídeo, ou por conexões do pensamento, se interliga em uma viagem para dentro, sem sair do lugar. Na superfície, encontramos cacos, cicatrizes do passado e o prenúncio do porvir.

PARTE 1
IMAGENS

NOTA SOBRE O ACONTECIMENTO

Na tarde do dia 5 de novembro de 2015, a barragem de Fundão, administrada pela mineradora Samarco (com participação da Vale S.A. e da BHP Billiton), que ficava a 8 km do distrito de Bento Rodrigues, em Mariana, Minas Gerais, rompeu-se. Inaugurada em 2008, a barragem despejou cerca de 40 milhões de m³ de rejeitos químicos no Rio Gualaxo do Norte. A onda de lama tóxica matou 19 pessoas; destruiu os distritos de Bento Rodrigues, Camargos, Ponte do Gama, Paracatu de Baixo, Paracatu de Cima, Borbas e Campinas, pertencentes ao município de Mariana; e inundou áreas de quatro distritos de Barra Longa – Barretos, Mandioca, Gesteira e Volta da Capela. Seguiu o curso do rio causando destruição por onde passou. Desaguou no Rio Doce, seguiu em direção ao Oceano Atlântico, avançando 80 km² no mar, e afetou o Parque Nacional Marinho dos Abrolhos. No caminho, atingiu comunidades ribeirinhas do Espírito Santo.

Segundo dados levantados em pesquisa conjunta financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL E JARDIM BOTÂNICO, 2017), 300 mil pessoas foram atingidas de alguma maneira pelo *desastre tecnológico* – nomenclatura utilizada pelas pesquisas acadêmicas e pelo relatório do MPF. Entre elas, comunidades de pescadores, populações ribeirinhas, quilombolas e povos indígenas, como os krenaks, os tupiniquins e os guaranis. Cerca de 1.200 pessoas ficaram desabrigadas, 1.469 hectares de terras foram destruídos, incluindo áreas de proteção ambiental permanentes e unidades de conservação, como o Parque Estadual do Rio Doce, o Parque Estadual Sete Salões, a Floresta Nacional de Goytacazes e o Corredor da Biodiversidade Sete Salões-Aymoré.

Em 2 de março de 2016, foi assinado um Termo de Transação e de Ajustamento de Conduta (TTAC), redigido por representantes das mineradoras e de instituições públicas relacionadas ao meio ambiente, sem a participação dos atingidos. Por meio desse documento, criou-se a Fundação Renova, “de direito privado, sem fins lucrativos”, instituída pela Samarco, pela Vale e pela BHP, que se tornou responsável por “elaborar e executar todas as medidas” previstas no acordo, como a implementação de 42 programas, divididos em duas frentes: socioeconômica e ambiental. São, portanto, “diversas ações a serem executadas para o restabelecimento do meio ambiente degradado pelo EVENTO, bem como para a recuperação das condições socioeconômicas dos IMPACTADOS” (SAMARCO MINERAÇÃO S.A., 2016, p. 5).

A Renova passou a ser o intermediário entre a população e as mineradoras, representando os interesses das empresas. É da Renova a responsabilidade de fazer o repasse

de auxílio financeiro aos desabrigados ou indivíduos que foram impedidos de trabalhar em decorrência da destruição de seu meio de subsistência. Cabe à fundação também promover a recuperação ambiental das áreas destruídas e contaminadas e conduzir a construção dos reassentamentos das famílias de Bento Rodrigues, Paracatu de Baixo e Gesteira, obra prevista em acordo para ter ficado pronta em até 36 meses, ou seja, março de 2019. Até a conclusão desta tese, em maio de 2020, as famílias desterritorializadas ainda permaneciam em casas alugadas pela mineradora na cidade de Mariana ou em Barra Longa, e centenas de outras pessoas de comunidades ribeirinhas capixabas continuavam lutando para ser reconhecidas como atingidas, vítimas, ou, conforme o vocabulário jurídico, impactadas.

Em 2019, um estudo de avaliação de risco à saúde humana feito pela Ambios Engenharia e Processos LTDA (2019) em oito distritos de Mariana comprovou que a poeira levantada nos lugares em que a lama encostou estava contaminada com os metais pesados arsênio, cádmio, chumbo, cobre dissolvido, cromo, mercúrio e níquel. O estudo foi encomendado pela Renova e, meses após concluído, foi descoberto e divulgado pela Agência Pública de jornalismo investigativo e por demais veículos da imprensa brasileira. Os distritos analisados pela Ambios foram classificados como “local de perigo categoria A: perigo urgente para a saúde pública”, o que significa que a poeira ingerida, inalada ou tocada é prejudicial à saúde humana. Até aquele momento, a Samarco, a Vale e a BHP afirmavam que a lama despejada no meio ambiente era inerte. Do relatório da Ambios (2019, p. 34), consta:

Estudos contratados pela Fundação Renova assinalam que o rejeito da Mineração Samarco em Mariana é inerte. Como se comprovará mais adiante, com resultados de estudos posteriores contratados pela Fundação Renova e realizados pela própria empresa Golder, essa previsão de “inércia” dos rejeitos quanto a liberação de substâncias tóxicas, como os metais pesados, estava equivocada.

O estudo mostra que em 2016 e 2017 houve surtos de dengue e febre amarela na região, doenças não detectadas em levantamentos de saúde pública realizados em anos anteriores. Houve registro de aumento de casos de suicídio (e tentativa de suicídio) e do diagnóstico de doenças mentais, dermatológicas, gastrointestinais e respiratórias (AMBIOS ENGENHARIA E PROCESSOS LTDA, 2019, p. 74).

Esse desastre ambiental é considerado o maior do Brasil e o maior do mundo relacionado a rejeitos de mineração. Em novembro de 2016, a Justiça Federal aceitou a denúncia criminal contra 22 pessoas e quatro empresas – Samarco, Vale, BHP e VOGBR Recursos Hídricos e Geotecnia – no processo que investiga o rompimento da barragem de Fundão. Em agosto de 2017, o processo criminal foi suspenso. Em abril de 2019, o Tribunal

Regional Federal de Brasília retirou a acusação de homicídio dos investigados. Estes passaram a responder pelos crimes de inundação e crime ambiental.

Em 25 de outubro de 2019, a Samarco conseguiu licença para voltar a operar a unidade industrial de Germano, em Mariana.

1 IMAGENS DO CAOS (E DA LAMA)

Meu avô dizia: “Lá em cima tem um monstro. Se um dia esse monstro estourar, ele destrói tudo que está aqui embaixo, mata tudo. E tudo que a gente demorou séculos para construir vai embora em questão de segundos”. Mal sabia meu avô, tadinho, que 12 anos após a sua morte, a profecia se cumpriu. Tinha um monstro lá em cima mesmo, ele estava vivo (Simone Silva, 2019).

Sentada na redação do meu trabalho, vejo na televisão suspensa na parede uma imagem monumental. Eu diria uma avalanche de lama. Talvez essa expressão não tenha sido a primeira que tenha vindo à minha cabeça à época, mas hoje em dia, olhando para aquele momento, é o que penso, assim, de repente.

A câmera muda de perspectiva e capta a massa em fluxo contínuo, do alto. Era a tarde do dia 5 de novembro de 2015. O movimento mobiliza-me. Pergunto-me do que se trata, de onde vem tanta água. Ouço que diz respeito a uma barragem de mineração que se rompeu, um tipo de acontecimento com que eu não tinha nenhuma intimidade. Porém, como todo tipo de susto, ele acalma. Vou à copa, pego um café, sigo minhas tarefas, paro de pensar nisso.

Por ser jornalista, acompanho diariamente as informações nos principais veículos de comunicação de que dispomos – especialmente internet e televisão. Como eu trabalho numa emissora de TV, os aparelhos permanecem ligados durante todo o expediente. Estou sempre em contato com a cobertura de qualquer acontecimento que vira notícia. Todavia, o rompimento da barragem da Samarco naquela quinta-feira e suas consequências nos dias seguintes, de alguma maneira, me pareceram familiar.

No curso dos dias, vejo pessoas desabrigadas, com o olhar perdido, chorando a perda de suas posses, reclamando desaparecidos; figuras de autoridade dando declarações descontraídas, mobilização no governo, Dilma Rousseff sobrevoando a região de Mariana; uma discussão interminável sobre tipos de barragem de rejeitos de minérios. E muita lama escorrendo, manchando a paisagem, arrancando árvores, levando abaixo casas, movendo carros. Trata-se, como os jornais anunciam, de uma tragédia.

Eu nasci na região serrana do Rio de Janeiro, onde agressivas movimentações de lama em encostas são relativamente comuns, ocorrem todo verão. A casa dos meus avós onde eu passei a infância, por exemplo, fica em uma colina acessível apenas por uma estrada de terra esburacada que, após uma tempestade, vira um atoleiro. Frequentemente, meu avô oferecia-se para acelerar caminhões presos em valas, ou para levar em sua caminhonete moradores da região empenhados em prestar socorro a famílias isoladas, em uma zona rural onde não havia

polícia, bombeiro, Defesa Civil nem serviço de saúde. Sempre vi minha mãe deixar as férias para trabalhar pela prefeitura em áreas de risco, no auxílio a desabrigados; e ouvi minha avó rezando pelos cantos para que o barranco (ou os eucaliptos uivantes) não caísse sobre a casa dela. Talvez eu mesma rezasse secretamente por isso, mas tenho uma imagem estática na memória: minha avó olhando para a chuva pela janela de vidro da cozinha. A lama que respingava nas minhas costas quando andava de bicicleta e que eu arremessava nos tocos de árvore também era a lama que enterrava veículos, casas, famílias e histórias de vida.

Mas em que essa lama das minhas lembranças tem a ver com aquela em movimento na televisão, em novembro de 2015? Além disso, em que ela se difere? Como eventos tão distantes podem dialogar entre si e produzir essa espiral de recordações que transpõem o presente, mergulham no tempo, produzem afetos em um movimento para dentro, sem que se saia do lugar?

Imagens do real – estáticas ou em movimento – são centelhas do tempo captadas em espaços determinados. Entre quadros, desperta em cada indivíduo lembranças e afetos. Guarda em si significado oculto, notou Walter Benjamin (2006)¹. Imagens não são apenas aquilo que mostram; estão para além da superfície. São também o que deixam de fora, fragmentos que existem em sua “ficção de memória”², enigmas que produzem uma controversa certeza de realidade. As imagens jornalísticas aproximam ao mesmo tempo que afastam. São produzidas para prender o olhar. A repetição delas – aliada a outros recursos narrativos de que falaremos mais adiante – parece tornar a situação mais verdadeira, e o evento trágico, único, potente, aterrador.

O que percebo é sobretudo o reforço de estruturas culturais preexistentes, que perpassam pelo não dito. Seria, como notou Aby Warburg³ em sua “ciência sem nome”, ou antropologia das imagens, uma espécie de “retorno do recalçado”. Existe não apenas no instante da ação, mas também em reminiscências. Evoca um passado e, simultaneamente, convoca certo desejo de futuro, analisou Didi-Huberman (2013), que, ao escrever sobre história

¹ Voltaremos a esse assunto no capítulo 2.

² Quem disse isso foi Jacques Rancière (2013), ao analisar o gênero documentário, obra de ficção complexa por entrelaçar vestígios do passado na montagem, por meio da narrativa audiovisual. A imagem documental, segundo o autor, assim como a memória, é “arranjo de signos, vestígios, de monumentos” (RANCIÈRE, 2013, p. 160). Trata-se de uma obra de ficção construída para produzir verossimilhança. Retomaremos essa discussão adiante.

³ O interesse histórico-artístico de Aby Warburg em uma memória europeia de imagens e o movimento de Maurice Halbwachs sobre a memória coletiva constituíram os primeiros estudos a dar um nome ao fenômeno da “memória cultural” (chamada de “social” e “coletiva”, respectivamente) e a estudá-lo sistematicamente conforme a estrutura de teoria da cultura. Warburg (2009) observou em seu “*Mnemosine*” a readoção de imagens e símbolos de diferentes épocas e culturas, em um olhar lançado sobre pinturas renascentistas. São imagens sobreviventes, ou imagens de fantasmas (WARBURG, 2015; AGAMBEN, 2009).

da arte e do tempo da *mnemosine* de Warburg⁴, identificou aproximações entre a antropologia da imagem realizada por este e os escritos de Sigmund Freud. Didi-Huberman (2013, p. 243) propõe chamar de “sintoma” as “pulsões estruturais” que atuam umas sobre as outras nas coisas e nos símbolos. O sintoma, nessa perspectiva, deve ser compreendido como “produto de uma rede complexa, na qual se embaralham mil e um símbolos mnemônicos” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 273). A imagem pode ser lida como sintoma. Warburg só teria sido historiador das imagens ao interrogar o “inconsciente da história” e o das imagens (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 244).

De certa forma, tentamos fazer esse tipo de interpretação sensível às imagens da televisão, que nos transpõem a outros eventos e retomam experiências coletivas de violência por uma possível estética do trágico. Podem ser “hiper-imagens”, como conceituou Seligmann-Silva (2012) – superfície que possui forte carga emocional, petrifica pelo real e, em seu excesso, produz tanto lembrança quanto esquecimento (SELIGMANN-SILVA, 2000, p. 66). No fragmento, guardam-se caminhos em direção ao passado, permeado de afetos.

As imagens da televisão – sob essa interpretação, interessada em um “inconsciente da história” – são consequências de práticas de enquadramento adquiridas no curso das décadas e precisam ser consideradas no tempo e no espaço, pensadas de acordo com a sua estrutura narrativa. Entre a captação e o que vai ao ar, há escolhas, decisões, edições, tradições de práticas profissionais que se aliam a formas de contar o real.

Este capítulo propõe-se a mergulhar em algumas imagens gravadas em novembro de 2015 que teriam se tornado síntese do que o jornalismo costuma chamar de “tragédia de Mariana”. Também trabalha, como parte de um mergulho nas tramas da memória, com depoimentos de repórteres que fizeram parte da construção do acontecimento. Por meio desses fragmentos – de imagens e lembranças –, iniciamos uma viagem que, aos poucos, se articula com o questionamento a respeito da ideia de tragédia que permeia essas reportagens: do que falamos e, principalmente, do que nos lembramos quando falamos em tragédia? Que tipo de articulação de pensamento pode estar nas bases desse evento, que se torna público em mediações jornalísticas? Não se trata de fazer uma arqueologia ou genealogia da ideia do trágico no contemporâneo, ou mesmo no jornalismo brasileiro, já que tal tarefa é realizada por diversos pesquisadores em áreas distintas das ciências humanas e sociais (inclusive nos estudos

⁴ O Atlas *Mnemosine*, de Warburg, foi um “atlas mnemotécnico”, conjunto de pranchas fotográficas que “deseja sobretudo ser um inventário das pré-cunhagens de inspiração antiga que concorreram, no período renascentista, para a formação do estilo de representação da vida em movimento” (WARBURG, 2009, p. 126). Considerado o primeiro exemplo de uma história visual da arte, como apontam Bartholomeu (2009) e Agamben (2008).

de comunicação), como mostrarei, mas sim de pensar a ideia de tragédia na dimensão da memória: que imagens, enquadramentos, afetos, valores, narrativas são mobilizados na erupção de um evento socialmente aceito como trágico? Por que essa dimensão mnemônica é fundamental para uma interpretação com base no campo da comunicação?

Para começar, debruçarei nas imagens da lama – ela é nosso fio condutor. Que relações podemos estabelecer a partir desse material marrom, espesso, que escorre, destrói, se solidifica em pedras no cenário em ruínas e vira pó ao longo do tempo? A lama que desce o rio, atola pernas de repórteres e bombeiros, afoga animais, esconde corpos e mata peixes, acredito, se conecta esteticamente, em teias da memória cultural, àquela que escorre de encostas durante os temporais de verão. Nesse emaranhado de lembranças e afetos que atuam na construção contínua do acontecimento, particularidades dos eventos podem ficar embaçadas e são muitas vezes ofuscadas por valores e cenas em repetição.

Em busca de compreender o que está para além dos quadros das imagens da *tragédia*, viajei duas vezes a Mariana, no fim da pesquisa, em 2019. Descubri histórias ocultas de pessoas que aparecem de relance na televisão e que reconstruíram, em longas entrevistas realizadas em local de sua preferência, lembranças de um lugar que foi encoberto pela lama, mas hoje remanesce em forma de ruína e, portanto, de memória. Quando me vi pela primeira vez sob o sol quente e a poeira seca de Bento Rodrigues, senti novamente a conexão com os territórios preenchidos por afetos que guardo da minha infância. Ali, sobre a terra alaranjada, eu buscava referências em um repertório de experiências – elementos que figuravam em uma nuvem amorfa de memórias.

Outra coisa que hoje noto é que, enquanto caminhava com duas moradoras pelas ruas de terra, onde elas reconstruíram em palavras cenas que surgiam na lembrança, eu procurava fotografar não apenas aquilo que me despertava encanto, assombro, curiosidade, mas também lugares que havia presenciado por meio da televisão. É preciso dizer – eu conto em detalhes minha experiência na parte 2 desta tese – que o que vi ali em nada se parecia com aquilo a que assisti naquela tarde do dia 5 de novembro, na sala do meu trabalho. Eu tive dificuldades de me localizar no chão. Percebi que as cenas do acontecimento também não diziam nada para Marlene nem para Rosângela. O local reconstruído por elas era o Bento cheio de vida, que, mesmo tingido de marrom, se abria como uma janela em direção ao passado e atua, como falarei no capítulo 4, sobre a forma como elas imaginam o futuro.

“O barro”, como os moradores costumam dizer, não destruiu o vilarejo sozinho. Para as pessoas, é muito claro que ele é responsabilidade direta da Samarco (antes Samitri), que, por décadas, já vinha limitando espaços, tolhendo expressões culturais e tradições sociais,

pressionando famílias e causando destruição, até esse último golpe, do qual sequer foram avisados. Um barro que levou a foto que guardava a única lembrança que a órfã tinha da mãe, enterrou os pés de jabuticaba e as palmeiras centenárias, encobriu o piso em que o pai pisou e a filha não pisa mais, afogou o papagaio Chico, fez sumir os brinquedos da netinha, matou o amigo de infância, intoxicou a menina ainda bebê, levou embora a lavoura, a igreja, as criações, as memórias, os planos e os projetos imaginados. A imagem da lama abre-se em vários caminhos. Este aqui é um deles.

1.1 PRIMEIRAS IMAGENS DA LAMA

Às 16h49 do dia 5 de novembro de 2015, o portal UAI, do jornal *Estado de Minas*, informava que uma barragem de uma mineradora próxima à cidade de Mariana se rompera (*apud* CALDAS, 2017). A partir dali, dezenas de notícias passaram a aparecer em ritmo contínuo na internet⁵. Pouco tempo depois, na GloboNews, canal de notícias a cabo do Grupo Globo, a apresentadora Leila Sterenberg interrompeu o fluxo do jornal da emissora Edição das 18h para abrir o sinal às imagens aéreas que chegaram à sede da emissora em Minas, mostrando uma clareira no meio da mata aberta pela correnteza – tratava-se, ainda não era sabido, dos distritos de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo. Nas imagens, era possível ver destroços dos vilarejos cobertos por uma espessa camada de lama que corria sem destino determinado. Até então, esse rompimento não tinha cara. Era uma notícia escrita escondida em um *feed* ininterrupto de estímulos do dia a dia. Quando as imagens interromperam a programação da GloboNews, o acontecimento tomou forma, passou a ser narrado, especulado, ao vivo.

No Edição das 18h, a apresentadora repassava ao público informações apuradas pela redação do portal G1⁶ e chamava, por telefone, especialistas em gestão de risco para especular sobre as causas e consequências do rompimento. Essas entrevistas eram também pautadas pela informação visual: a jornalista usava elementos disponíveis na sequência de imagens transmitidas ao vivo para fazer as perguntas aos entrevistados.

⁵ O levantamento publicado no livro *Vozes e silenciamentos em Mariana: crime ou desastre ambiental?*, editado pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), indica que as notícias foram ao ar nos seguintes portais, nesta ordem: Portal UAI, do *Estado de Minas*, às 16h49; portal de *Diário do Aço*, às 17h30; portal de *O Globo*, às 18h16; portal de *O Estado de S. Paulo*, às 18h27; *Folha de S. Paulo*, às 18h31; Uol, às 18h49; e plantão da Globo, às 19h27 (CALDAS, 2017).

⁶ Portal de notícias da Globo, disponível em: <g1.globo.com>.

Às 19h27, na Globo, uma sequência dessas cenas foi editada e exibida em *flashes* no intervalo de programas. A primeira matéria sobre o caso foi ao ar no Jornal Nacional daquela noite, sendo explorada com mais tempo, mais tarde, no Jornal da Globo.

No Jornal Nacional, o apresentador William Bonner chamou uma reportagem produzida pelo repórter Ismar Madeira, de Belo Horizonte, sinalizando que “uma barragem cheia de rejeitos de mineração se rompeu” (Jornal Nacional, 2015b), cobrindo de lama o distrito de Bento Rodrigues. Informações preliminares apontavam que “uma pessoa morreu e quatro ficaram feridas, mas ainda não existe o levantamento de quantas estariam desaparecidas” (Jornal Nacional, 2015b). A reportagem de 1,5 minuto de Madeira consistiu em uma narração em *off* coberta⁷ com as imagens exclusivas – a logomarca colorida da Globo no canto inferior direito da tela indicava isso – captadas pelo helicóptero da emissora, dentro do qual o repórter não esteve. O texto narrado por Madeira foi gravado na redação e sonorizado com o barulho das hélices.

As cenas davam ênfase ao volume da lama que escorria por entre as montanhas, às casas destruídas, a um carro pendurado na parede remanescente de uma casa, a um caminhão tombado em uma encosta, a uma fila de pessoas olhando para baixo, de cima de uma colina, ao fluxo de lama escorrendo, conforme captado nos *frames* da Figura 1.

⁷ No jargão jornalístico, cobrir um *off* com imagens significa editar a sequência de imagens de um assunto específico, com som do texto lido pelo repórter.



Figura 1 – Sequência de imagens da lama exibidas no dia 5 de novembro de 2015 no Jornal Nacional e no Jornal da Globo

Fonte: adaptado de Globoplay

Terminada a matéria, Ismar Madeira apareceu ao vivo, de paletó, em cenário desfocado não identificável, em Belo Horizonte, informando que “alguns feridos estão em um hospital em Mariana. O Ministério Público Estadual disse que não havia denúncia contra a barragem e que amanhã um promotor de Justiça de meio ambiente vai ao local, com uma equipe técnica para avaliar a situação” (Jornal Nacional, 2015b). O repórter também afirmou que a polícia militar de meio ambiente havia fiscalizado a mineradora dois anos antes e que não encontrara problemas na barragem. Portanto, uma investigação precisaria ser aberta.

O *stand up*⁸ do repórter aproxima e afasta o jornalista da notícia – ele está em Minas Gerais, mas não em Mariana, fato de certa maneira disfarçado pelo cenário desfocado. Normalmente, a cena escolhida para o *link* ao vivo busca aproximar o jornalista do evento ao qual se refere – quanto mais importante e superdimensionado pelo jornalismo é o

⁸ No jargão jornalístico, *stand up* quer dizer o momento em que o repórter, ao vivo, se posta diante da câmera e interage com o âncora, arrematando informações que foram exibidas na reportagem, dando uma prévia do que pode vir a seguir e/ou sintetizando conteúdos provenientes de apuração recente. Normalmente, um *stand up* ocorre por meio do chamado *link* ao vivo, montado no que se denomina de ponto de vivo, ou seja, a operação televisiva em si, que viabiliza o *stand up*. *Stand up* é diferente de *passagem*, o momento em que o repórter também fala diretamente para a câmera, mas dentro de uma reportagem editada. A *passagem* normalmente é feita em local representativo para a matéria. Seu enquadramento revela no cenário informação e reforça a presença do repórter no local dos acontecimentos.

acontecimento, maior o empenho empregado nessa operação. Muitas vezes, o local escolhido é o possível e não o desejado – o caminhão que porta antena de envio de sinal via satélite ou micro-ondas precisa de espaço. Nessa cobertura, os *links* foram montados na maior parte das vezes no pátio da arena que recebia doativos e abrigava as pessoas atingidas nas primeiras semanas – algo que nunca fora feito em uma cobertura de acidente de mineração, mas que normalmente se faz nas coberturas de enchentes e deslizamentos de terra, principalmente nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo⁹.

Há, nesse primeiro contato com o fato, além dos elementos citados: *off*, que descreve o que se vê nas imagens aéreas; arte gráfica localizando o distrito em relação ao município de Mariana e à capital Belo Horizonte; e o informe reunindo nota oficial da Samarco, do Sindicato dos Trabalhadores de Mineração, da Defesa Civil, da Prefeitura de Mariana e do Ministério Público Estadual. Encerrado esse momento, o telejornal prossegue no que está previsto em espelho¹⁰: a matéria seguinte é sobre deslizamentos de terra em Santa Catarina, na cidade de Palhoça, onde chovia sem parar havia 50 dias. Às costas dos apresentadores, uma arte gráfica tridimensional ilustra um rio de água barrenta e chuva caindo sobre ele. Na sequência, antes da interrupção para o intervalo, a previsão do tempo para o Brasil.

No fim da edição, a apresentadora Renata Vasconcellos chama o relato do repórter Ricardo Soares, que passa por telefone informações apuradas em Paracatu de Baixo, o segundo distrito atingido pelos rejeitos de mineração. Soares integrava a equipe enviada a Mariana naquela tarde, com mais um cinegrafista, um operador de áudio e o motorista. Diz:

A nossa equipe conseguiu chegar a um vilarejo chamado Paracatu, é um distrito também de Mariana, a gente estava seguindo uma viatura da guarda municipal e esse pessoal estava avisando esses moradores dessa localidade que eles tinham que sair de casa. A gente encontrou muita gente subindo para as partes mais altas desse vilarejo, carregando mantimentos, roupas, as pessoas disseram que vão passar a madrugada, a noite no mato. Os acessos estão todos fechados (Jornal Nacional, 2015b).

Nesse momento, o áudio do repórter apresenta novos elementos que passam a integrar essa primeira fase da narrativa jornalística do acontecimento: o reforço, por meio da

⁹ Cf. Coutinho e Mata (2013).

¹⁰ Espelho é a estrutura, a espinha dorsal de um telejornal. Como a própria palavra diz, ele deve refletir o que vai ao ar. A primeira versão do espelho do Jornal Nacional, de acordo com o editor chefe William Bonner (2009; 2019), é montada logo após uma reunião de pauta da manhã. Trata-se da organização em blocos de assunto dos principais assuntos do dia comprados na reunião de pauta. É o momento em que o editor chefe (e seus subeditores) tem a visão do todo, faz a contagem do *tempo de produção* do telejornal – define-se a média de tempo de cada matéria, pensa-se como cada bloco deve ser. Mais tarde, em uma reunião de espelho, as tarefas são divididas: cada editor do telejornal fica responsável por uma ou mais matérias previstas e organiza o envio de material por repórteres e produtores. O espelho pode ser reformulado ou cair completamente dependendo dos acontecimentos da tarde, mas sempre há a intenção de organizar os blocos por temas similares.

experiência pessoal, da proximidade com a notícia; e a aparição de prováveis desabrigados carregando seus pertences – vítimas imaginadas, por meio do relato oral. Esses dois fatores, aliados às imagens previamente exibidas da lama em movimento causando destruição, começam a configurar uma cena bastante familiar para quem assiste ao telejornal. O recurso do áudio por telefone, muito usado por correspondentes internacionais até o fim dos anos 1990, também produz a sensação de imediatismo no espectador, urgência. A notícia precisa chegar, mesmo que sem imagens. Um recurso que infla o acontecimento, confere a ele a necessidade de ser acompanhado “em tempo real”, ainda que apareça nos telejornais da televisão aberta de maneira fragmentária, nos espaços determinados, entre a programação variada (novelas, filmes, comerciais etc.).

Terminada aquela ligação, Soares e equipe seguiram para Mariana, onde um ponto de vivo¹¹ fora montado em frente a uma arena na cidade, para onde os sobreviventes estavam sendo levados e donativos eram enviados em ritmo contínuo. Quanto aos sobreviventes, chegavam aos poucos. Muitos passariam a noite no meio do mato, esperando resgate. O ponto de vivo estava pronto para a entrada do repórter no Jornal da Globo, que ia ao ar às 23h50 daquela noite, tendo como principal assunto as “barragens se rompem e deixam casas soterradas pela lama em Mariana (MG)”¹² (Jornal da Globo, 2015a). Uma conversa entre Soares e o âncora William Waack abre o telejornal. O repórter informa que um “homem teve uma parada cardíaca no local da tragédia” (Jornal da Globo, 2015a). Além disso, situa com certo protagonismo a cena da caridade:

O hospital de Mariana recebeu quatro feridos e uma pessoa que já chegou sem vida. Um homem que teve uma parada cardíaca lá no local da *tragédia*. [...] É para cá que a defesa civil deve trazer os desabrigados e aqui também que foi montado um supermutirão de voluntários. Eles estão separando aqui as doações que chegam todo o instante: são roupas, mantimentos, colchões, esse pessoal deve passar a noite inteirinha trabalhando, porque tem muita gente precisando. A *tragédia* foi na tarde dessa quinta-feira. Vamos ver na reportagem como aconteceu (Jornal da Globo, 2015a, grifos meus).

Depois, uma reportagem de 1,5 minuto entra no ar, exibindo a sequência de imagens captadas mais cedo. A matéria começa com um texto em *off*, também sob o som das hélices do helicóptero, que é coberto de imagens editadas em cortes secos a cada 3 segundos. Vemos as mesmas casas destelhadas entre copas e troncos de árvores, um automóvel prateado pendurado sobre uma parede enlameada, outros cobertos de lama, destroços arrastados pela correnteza,

¹¹ Ponto onde é montado *link*. Trata-se da operação por meio da qual se grava e transmite o *stand up* do repórter.

¹² Título da reportagem na Globoplay.

um caminhão tombado em um penhasco, uma enxurrada de lama escorrendo pela montanha. A todo momento é possível observar o curso de água barrenta. A cena é aproximada pelo *zoom* da câmera. Ouve-se:

A montanha de lama desabou e saiu arrastando tudo pela frente, até atingir o vilarejo de Bento Rodrigues. Fica numa região bem mais baixa do que a mineradora. O distrito de Bento Rodrigues ficou praticamente coberto. Um carro foi parar em cima do que restou das paredes de uma casa. Vários outros carros também foram levados pela correnteza de lama. O distrito fica numa região montanhosa, a 25 km da cidade histórica de Mariana. Tem 600 moradores e pouco mais de 200 casas. Só a parte alta do vilarejo não foi atingida. A barragem de rejeitos que se rompeu é a barragem de Fundão, da Mineradora Samarco (Jornal da Globo, 2015a).

A sequência de cenas apresenta a quem não viu (ou reitera mais uma vez a quem já tomou conhecimento do assunto) a magnitude do problema. É importante esse olhar do plano geral, do alto, para o particular (aproximado pelo *zoom* óptico). De certa forma, é uma metáfora do discurso generalista do jornalismo *hardnews*, que expõe um caso específico como tentativa de expressar o todo inexistente, ou mostra o que se capta do todo e, como um *zoom*, destaca pequenos detalhes. Como se nesse movimento de extremos fosse possível dar conta da realidade. Se tomarmos os enquadramentos do carro sobre o muro, tão enfatizado no texto do repórter, reparamos que a câmera ágil gira em torno do veículo, afasta e aproxima, no ritmo nervoso impresso pela edição.

De qualquer maneira, é a própria ideia de realidade jornalística que se mostra frágil nesse tipo de abordagem, que não é particular de um meio, mas característico da prática profissional. Percebemos na reportagem citada que a câmera, de cima, paira, observa de longe, passa essa ideia de que mostra grandiosidade. Para cada frase narrada pelo repórter, um fragmento de imagem em movimento mostra, como ilustração, o que se diz¹³. O que se diz relata o que se mostra, já que o texto do repórter foi escrito depois da filmagem, da qual ele não participou. Foi editada provavelmente por um editor de texto, o profissional responsável por fechar a matéria, por dar sentido à narrativa.

Temos, nesse primeiro momento da notícia, informação com ênfase nas consequências de um evento que desestabiliza a ordem das coisas, criando a ideia de que a vida que existia antes dele era harmônica e estável. O modo como a notícia é apresentada prende o interesse do

¹³ No manual de edição de texto para telejornalismo escrito por Vera Íris Paternostro (2006), as imagens gravadas e posteriormente selecionadas para reportagens de televisão devem ser “boas, fortes, contundentes”; o que se mostra “envolve, domina, nos conduz e se eterniza na memória” (PATERNOSTRO, 2006, p. 73). Para a jornalista, que fez carreira como editora e, depois, como executiva na Globo, “o ritmo às vezes agressivo e voraz, das transmissões jornalísticas” (PATERNOSTRO, 2006, p. 73) também marca a edição do texto e vídeo para televisão. A imagem indica o caminho da narrativa na ilha de edição.

público por meio de imagens impactantes de um acontecimento cujos detalhes ainda não se sabem.

Ainda durante a edição do Jornal da Globo, Waack interage com um mapa que ilustra a região atingida pela “enxurrada de lama” da Samarco (Jornal da Globo, 2015a). Trata-se da “localização de onde esta *tragédia* ocorreu” (Jornal da Globo, 2015a, grifo meu), ele diz. Portanto, já nesse primeiro momento, percebe-se que a tragédia tem início e fim, estoura, assenta e se move. É apresentado em seguida um “vídeo amador”, captado por câmera de celular, “que teria sido feito por um homem que trabalha perto das barragens” (Jornal da Globo, 2015a), comenta o âncora. Nele, a câmera, trêmula dentro de um caminhão, mostra uma onda de lama que se aproxima. Ouvem-se gritos de um dos passageiros – ele grita em desespero pedindo que o motorista acelere, retorne e vá embora. Posteriormente, essa gravação seria incorporada à sequência de cenas filmadas do helicóptero para caracterizar (e lembrar) aquilo que se chama de *tragédia*¹⁴. Essa gravação reforça no acontecimento o caráter de urgência por meio do olhar da testemunha. É a câmera trêmula na mão que presencia o estouro da barragem em tempo real, e os gritos de pânico passam a sensação de quem escapou da morte por pouco. É um olhar em fuga e confuso, revela outro ângulo da onda de lama, fragmentário, produzindo suspense: será que essas pessoas vão sobreviver?

No fim da edição do telejornal, o repórter Soares retorna ao vivo no telão e faz alusão novamente à “tragédia” (Jornal da Globo, 2015a), dessa vez conectando a expressão a um sentimento de medo e desespero, que reforça, em alguma medida, o olhar nervoso do grupo que acelerava na direção contrária à onda de lama. Sua aparição ao vivo é intercalada com imagens de moradores pobres, deixando suas casas no distrito de Paracatu de Baixo. Logo, pela primeira vez, aquele relato imaginado por quem ouviu a narração do repórter por telefone mais cedo no Jornal Nacional ganha corpo.

Uma mulher negra segura o colchão e parece perdida na estrada de terra. Um homem, também negro e visivelmente doente, é carregado nos braços por outros dois. Outra mulher, negra, descalça, leva consigo a bolsa e um casaco. O repórter comenta: “Depois que a notícia da tragédia ocorreu, o medo se espalhou no início da noite” (Jornal da Globo, 2015a). Não há sonora¹⁵ de entrevistas com as pessoas do entorno – estas só terão espaço e tempo no dia seguinte, pela manhã, nos telejornais Hora Um e Bom Dia Brasil, tópico explorado mais para

¹⁴ Por exemplo, nas reportagens exibidas no Fantástico do dia 8 de novembro de 2015 (Fantástico, 2015a), que amarram a narrativa da semana; no Globo Repórter, em 27 de outubro de 2017, próximo ao aniversário de dois anos do evento; e no Jornal Nacional, no dia 4 de novembro de 2017.

¹⁵ Sonora, no jargão jornalístico, quer dizer trecho de entrevista.

frente. O ginásio iluminado, seco, seguro, onde pilhas de roupas são separadas por voluntários, apresenta uma fagulha de esperança e redenção por meio da caridade.

O contraste marcado sobretudo pela presença/ausência da lama no entorno pode passar a ideia de que se trata de coisas opostas, mas o que parece é que o susto causado pela tragédia precisa ser apaziguado imediatamente com cenas e mensagens de restabelecimento de uma ordem que a princípio foi perdida¹⁶. Essa tensão/descompressão, como veremos, não é exceção dessa cobertura; representa a temporalidade própria que rege a televisão. A socióloga norte-americana Mary Ann Doane (2001) definiu uma vez que a televisão, ao se organizar ao redor do evento, tem a catástrofe como limite do discurso. A catástrofe, para ela, é o ato final da tragédia, é reviravolta, uma descontinuidade em um tempo firmado diariamente pela televisão como linear e contínuo. A catástrofe

é aquilo que diz com o que ela rompe – é previsível, esperada, a presença é crucial para a operação televisiva. É por isso que condensa todos os atributos e aspirações do noticiário normal da televisão – imediatismo, urgência, presença, descontinuidade, instantaneidade e esquecibilidade (DOANE, 2001, p. 282).

A catástrofe televisiva, ou o evento narrado como tragédia, portanto, é o susto capaz de chocar e, em seguida, apaziguar as emoções de quem a assiste. Uma vez narrado, o acontecimento “trágico” pode ser “esquecido”. O tempo da televisão não permite o intervalo necessário à elaboração da circunstância vivida; ele se atropela, segue adiante. É por isso que notar a repetição, fazendo essa leitura da imagem como retorno do recalcado, nos leva a perceber, pelo “sintoma” que irrompe a superfície do presente, a manifestação pela ação de fantasmas de outras épocas. O tempo da televisão é espelhado nele mesmo. Pretende dar conta do real, não permite o silêncio, é o tempo das sensações (SODRÉ, 2006). Mas, paralelamente, acaba sendo também o tempo da memória. Por isso, parece contraditória essa relação de rememoração e esquecimento, mas o fenômeno remete a uma dinâmica complexa entre lembrar e esquecer. Não necessariamente aquilo que foi forçado ao esquecimento é eliminado da memória; pode permanecer latente e retornar em ação de repetição no futuro, em momentos de “reconhecimento”, como veremos no capítulo 2.

O conjunto de elementos citados nesse primeiro dia de cobertura cria, em imagem e memória, a base da estrutura narrativa desse acontecimento, que, como uma onda, reverbera

¹⁶ Sovik (2009) observa que, ao mesmo tempo em que a mídia permite o susto criado no encontro da cultura dominante com o Outro, desconhecido, assustador, também é o veículo capaz de apaziguá-lo. Esse apaziguamento é realizado por meio de uma narrativa de aproximação, humanização e banalização do sofrimento alheio, para que agencie afetos e amenize a dor e o medo causado pelo contato de susto anterior. Abordarei esse tema no próximo capítulo.

por mais quatro anos na imprensa, se transforma, se repete, renasce. Essas tramas de sentidos, lembranças e afetos parecem alimentar o campo de significados que possibilita que a palavra *tragédia* seja dita – algumas vezes já nesse primeiro dia – sem que se saiba, por exemplo, se houve mortos e feridos. A princípio, a única notícia de morte era de um homem que teve um ataque cardíaco no hospital, porém, diante de tanta destruição, outras mortes são presumidas. Como veremos adiante, não é qualquer morte que configura uma tragédia na cena social. A morte (ou as mortes) que permeia a ideia de tragédia no jornalismo precisa estar conectada a outros elementos. O que catalisaria essa semântica desde o início?

Os enquadramentos da lama e os lugares ocupados por ela em cena podem trazer algumas respostas. Filmada de cima ou do chão, a lama é espessa, viscosa; sua cor marrom é intensa. Ela integra o cenário das passagens dos repórteres e, de vez em quando, ao endurecer, aparece nas mãos dos jornalistas, que se curvam para tocá-la no curso dos dias. Nesses momentos, a câmera alta¹⁷ do cinegrafista enquadra o narrador agachado, próximo ao solo. A impressão é de que o gesto de segurar a terra entre os dedos aproxima o repórter do acontecimento, o integra ao cenário e liga, nesse movimento, o espectador à materialidade da notícia. É a lama a qual se faz referência (visual e discursivamente) na hora de materializar no fragmento temporal o evento passado. Mesmo quando está em segundo plano, ela tem papel de destaque nas histórias – figura muitas vezes como vilã da estrutura narrativa melodramática da notícia. Paralelamente à lama, há outros símbolos, como o carro prateado sobre o muro da casa destruída; as pessoas negras desterritorializadas carregando seus pertences, com lugar de fala predeterminado; o choro escondido pelas mãos levadas ao rosto de quem sofre; o lugar do repórter na cena da tragédia; a pilha de doativos; e a ideia de caridade.

Escolhemos para explorar neste capítulo algumas das imagens-símbolo do acontecimento para que possamos pensá-las em uma espécie de antropologia da cena jornalística, num mergulho em direção ao passado por intermédio de vestígios de memória.

¹⁷ Ou *plongée*.

1.2 A LAMA VISTA DO ALTO

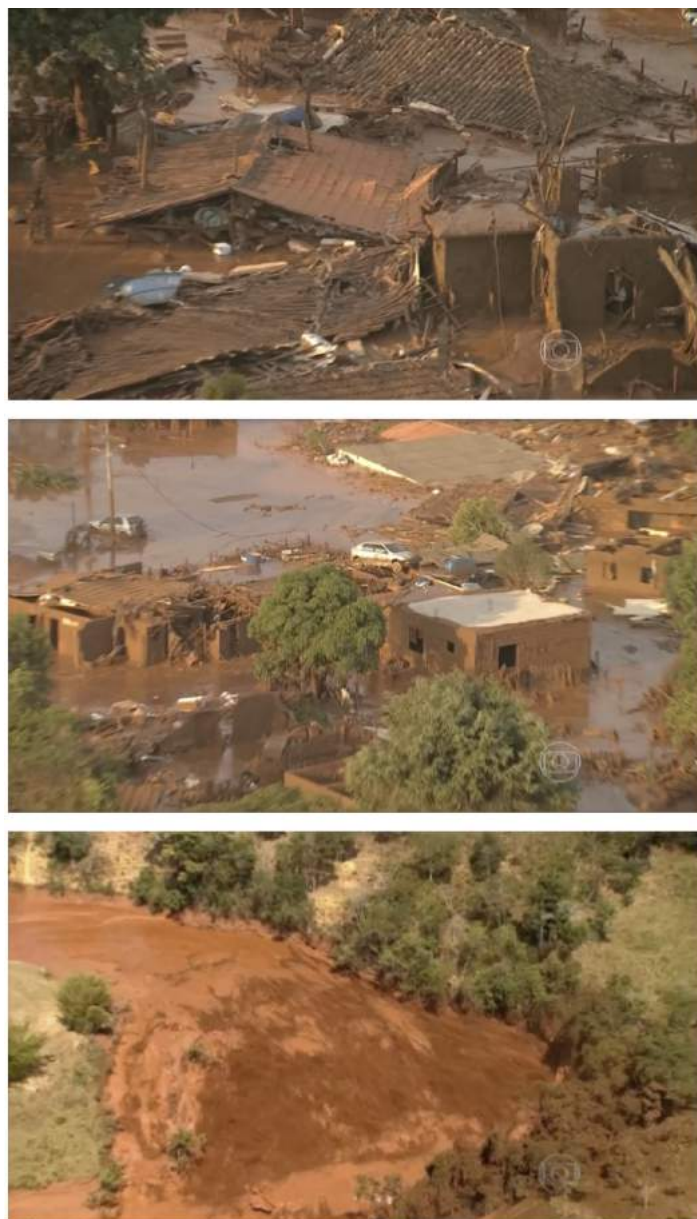


Figura 2 – Sequência de imagens também do primeiro dia de cobertura, em 5 de novembro de 2015
Fonte: Jornal Nacional (2015b)

Três imagens repetidas dezenas de vezes em um mês de cobertura jornalística integram uma sequência que sintetiza um acontecimento. O evento parece não existir fora delas. Em comum entre os quadros, o olhar de cima, a lama em movimento. As cenas levam-nos a habitar outros tempos e espaços. São monumentais do momento em que são gravadas, ao momento em que retornarão, no futuro, como arquivo. Monumentos da história.

A lama em movimento é um gigante que arrasa a terra com fúria, em um ângulo e em um *timing* que aproxima a realidade da ficção (quase científica). Susan Sontag (2020) discutiu

em um texto muito interessante a relação entre filmes de ficção científica e a catástrofe, nos anos 1960, e observa que esse gênero até então “diz respeito à estética da destruição, com as belezas peculiares que se podem encontrar nos tumultos e devastações. É nas imagens de destruição que reside o cerne de um bom filme de ficção científica [FC]” (SONTAG, 2020, p. 270).

Chama a atenção a existência de uma tendência da cultura *pop* norte-americana, espalhada pelo Ocidente no pós-guerra, de se esperar imagens monumentais de destruição como elementos essenciais ao desenvolvimento desse tipo de filme. Como veremos, a estrutura narrativa televisiva dialoga com o *storytelling* norte-americano, que insere a morte no cotidiano, conforme uma “imaginação melodramática” (BROOKS, 1995). A lama é cada vez mais personificada na narrativa jornalística: arrasta, mata, prejudica, destrói, caminha, inunda, aproxima-se, atravessa, impede. O monstro filmado move-se, agarra-se em tudo o que está ao alcance, mistura em sua onda humanos, animais, árvores, pedaços de construção.

Diante dessa correnteza imparável, o homem é minúsculo, impotente. A força da natureza consiste em algo quase sobrenatural. Como poderia alguém lutar contra um fenômeno que assume forma de “enxurrada”, “correnteza”, “mar”, “*tsunami*”, “avalanche”? Esse fenômeno parece algo maior, da ordem do divino, do sagrado. É um ímpeto de destruição e morte, que, mesmo quando assenta (endurece e o mato cresce por cima), retorna no discurso sobre a tragédia – é ela que se busca tocar, se aproximar de, identificar anos depois, quando repórteres querem lembrar o que ela foi capaz de fazer. Aí já se trata de um gigante adormecido sob o mato, que só circula na superfície em formato de poeira (tóxica). Nesse caso, não parece tão aterrorizante assim. Seria a metáfora da vida assentando-se nessa realidade compartilhada pelos meios de comunicação? É o que parece.

Importante notar que a lama em movimento na imagem e no discurso é esvaziada dos significados de toxicidade. Sua violência aplicada no caminho é física, e não química. É essa a conotação do movimento enquadrado. São muitas as reportagens que abordam o assunto da contaminação, o evento foi classificado como o maior desastre ambiental do Brasil, mas, no que diz respeito às cargas mnemônicas presentes nas imagens, estas nos carregam não a acontecimentos cujo vilão invisível contaminava, adoecia a população. Na lama da Samarco, repórteres caminham, bombeiros arrastam-se. A toxina é invisível, figura apenas no discurso, e não nas imagens.

A destruição mostrada por essa sequência de imagens que destaco (Figura 2), no momento em que vai ao ar, causa choque, atrai o olhar para a grandiosidade do evento. O enquadramento do alto, ao tentar abarcar o todo, fazer um panorama, esconde as

particularidades, silencia vozes, não capta o detalhe. A decisão de capturar as cenas do helicóptero, naquele instante, é principalmente técnica: não havia possibilidade de chegar à área atingida por terra, já que toda a vila estava inundada. Mas trata-se também de uma escolha estética que se tornou tradicional em coberturas de casos de deslizamento de terra e enchentes, ao longo de décadas, na Globo e em outras emissoras de televisão. Mostra o poder da tecnologia jornalística ao passar ao público a magnitude do problema. Incorpora, inconscientemente, um paradoxo na imagem: embora sejam fragmentos de realidade, reduzem a elas o acontecimento. É, portanto, totalizante e reducionista.

Assim, generaliza e distancia. Parece um olho que vê de fora, a voz que busca reproduzir os pilares básicos do jornalismo. Ressoa ali um imaginário associado a ideais de imparcialidade, objetividade, busca pela verdade. É um olhar de esguelha, prisma de *voyeur* – um estranho que capta a cena de longe, sem pedir permissão. O helicóptero, como a sequência mostra, chega ali de repente e a edição imprime um ritmo de ação: aproxima-se rapidamente por um vale de lama aberto no meio da mata (sua sombra é refletida no chão), circula no céu sem nuvens, à procura de flagrantes. O *zoom* da câmera, que afasta e aproxima, acelerado ainda mais pelos cortes secos da edição, cria expectativa: do que se trata essa destruição? O olhar de cima intermedeia (e interfere) a forma como quem está de fora apreende a realidade. Essa apreensão é permeada de outros fatores, como a narração do repórter, as falas de apresentadores e comentaristas, e despertam sensações variadas em quem a assiste – angústia, preocupação, medo, alívio (por não se tratar da própria vida). O enquadramento de cima lança-nos por meio de lembranças a pontos móveis do passado. Isso difere-se em cada um, porém há algo em comum, compartilhado. Essa nuvem de sentidos integra a memória cultural de um grupo.

Importante ressaltar que memória cultural é um conceito desenvolvido por historiadores na segunda metade do século XX com base na interpretação da ideia de “memória coletiva” de Maurice Halbwachs, tendo na obra de Aleida Assmann (2011) uma das principais chaves de leitura e interpretação. Trata-se, na visão da autora, de um sistema de valores, artefatos, instituições e práticas que retém o passado para o presente e o futuro. O conceito não apenas envolve o projeto de “transmissão de conhecimento, mas também inclui a emergência e elaboração de distintas identidades, porque pessoas não apenas vivem como indivíduos no universo, mas se definem e são definidos por sua afiliação a vários grupos culturais e tradições” (ASSMANN, 2011, p. 80).

A memória cultural é profundamente mediada pela cultura da mídia. Já “memória coletiva” consiste em um conceito tecido por Halbwachs, na década de 1920, em diálogo com a sociologia durkheimiana: qualquer recordação de uma série de lembranças que se refere ao

mundo exterior é explicada pelas leis da percepção coletiva. “Elas se produzem em nossas relações com os diversos ambientes, cada um tomando em separado, e em seu conjunto” (HALBWACHS, 2012, p. 69). Ou seja, o homem é um ser social e mesmo a mais individual das lembranças se articula com quadros sociais de diferentes origens. Essas ideias estarão em discussão na parte 2 desta tese.

*

“*Nossos olhos não conseguiam parar de ver aquela lama*”, descreveu Ismar Madeira (2018), sentado ao meu lado em um banco na área externa da TV Globo no Rio de Janeiro. A entrevista ocorreu em maio de 2018 e tinha como ênfase a trajetória profissional do repórter, com especial interesse em sua participação na cobertura do rompimento da barragem da Samarco. À primeira vista, Ismar pareceu-me um pouco desconfortável, senti que media demais as palavras – o suficiente para me despertar estranheza¹⁸. Naquela época, ele era repórter em Minas Gerais havia 22 anos. Antes, trabalhara para a Globo cobrindo política em Brasília e teve também uma passagem pelo esporte. Tornara-se o principal repórter da emissora em Belo Horizonte para o Jornal Nacional. Portanto, em um evento como aquele, preparou matérias desde o primeiro dia. Na entrevista ele me contou sobre a experiência naquele 5 de novembro. Estava na rua, cobrindo outro assunto para o jornal local. Quando retornou à redação, viu do que se tratava o rompimento da barragem. O evento mostrava-se, àquele momento, diferente dos outros acidentes de mineração de que ele tomara conhecimento. Viu as imagens pelos televisores do circuito interno da redação, recebidas ao vivo pelo sinal do helicóptero. Ele conta:

Até eu chegar à redação, eram umas seis e meia. Me disseram o que estava acontecendo, era grave, e o helicóptero tinha ido e feito imagens. [...] Começamos todos na redação a ver aquelas imagens marcantes. Foram as primeiras que o Brasil viu, a Globo foi a primeira a mostrar essas imagens que nos impressionaram, nos chocaram. Parecia realmente um tsunami. A gente olhava aquelas imagens, um vilarejo totalmente destruído. Carro em cima do que sobrou das casas, animais boiando, foi uma imagem impressionante. Olhando em volta, era incrível, todas as TVs estavam ligadas, todo mundo foi colocando no canal da geração e já começamos a trabalhar imediatamente apurando informações (MADEIRA, 2018).

Sua fala, ao descrever esse momento, assemelha-se aos textos lidos por ele nas narrações em *off* das reportagens. É um discurso coerente, estruturado. No ato de lembrar, o

¹⁸ Entrevisto há dez anos jornalistas em projetos diferentes de memória institucional, como o Memória Globo e o Memória do Jornalismo Brasileiro, projeto do Grupo de Pesquisa Mídia, Memória e Temporalidades.

sujeito seleciona, esquece, recalca, atribui significados a representações de passado construídas de acordo com o contexto em que está inserido.

Costumo sempre pensar sobre a forma como as pessoas com quem converso se situam na entrevista, já que cada uma, ao narrar a própria vida, assume um lugar diante de si e diante dos outros. O passado lembrado e as identidades construídas no ato da fala estão sob influência da dinâmica estabelecida no momento em que se trabalha a memória, e a memória é fluida e inconstante, constituída de duas forças complementares: a lembrança e o esquecimento (FREUD, 1997b). Essa relação compõe-se de elementos como unidade física, continuidade no tempo e sentimento de coerência de uma pessoa ou de um grupo. Ninguém escapa de construir uma autoimagem sem basear-se numa negociação entre si e o outro (POLLAK, 1992, p. 5). Nesse caso, a respeito da fala estruturada e da construção de uma imagem de si diante de mim, naquele cenário, Ismar Madeira escolheu manter-se repórter de vídeo. Em dois anos, conta, fez mais de 60 reportagens sobre o rompimento da barragem da Samarco. Relata que a maioria foi sobre o “*período de investigação*”, difícil, “*porque o acesso às informações era muito restrito*”.

O jornalista esteve inúmeras vezes em Mariana, Bento Rodrigues, Paracatu de Baixo, seguiu por duas vezes o curso do Rio Doce até a divisa com o Espírito Santo para fazer reportagens, como um bloco inteiro do Globo Repórter “Caminho da lama”, exibido em 27 de outubro de 2017. Perguntei sobre sua experiência de trabalho no lugar do acontecimento, sobre sensações, sentimentos. Ao ler a transcrição da entrevista, noto que suas frases são familiares, parecem ser lembranças de um discurso dito muitas vezes sobre a experiência.

Por meio da língua, apreendemos a realidade, e pela linguagem o homem se constitui enquanto sujeito (BENVENISTE, 1997). É mais fácil lembrar algo que já tenha sido verbalizado do que algo que não passou por esse campo¹⁹. Por intermédio da narrativa, elementos do passado são fixados no instante do presente. Após narrada, a experiência é lembrada mediante a evocação de sua própria narrativa. Na linguagem as lembranças se cristalizam.

É por isso que se torna difícil deslocar de um lugar determinado um indivíduo acostumado a contar muitas vezes a mesma história. A lembrança cristalizada na narrativa tende a tornar-se símbolo da própria lembrança (BENJAMIN, 2012; ASSMANN, 2011). Quando conhecemos um acontecimento de que não participamos, fazemo-lo por meio da apreensão da narrativa construída em torno dele. Os signos linguísticos “funcionam como

¹⁹ A base da psicanálise está na ideia de que é necessário colocar em palavras os acontecimentos violentos para que possamos dar sentido a eles no presente e, só assim, ressignificá-los.

nomes, com os quais objetos e situações podem ser evocados novamente. Pela língua, recordações individuais são estabelecidas e socializadas” (ASSMANN, 2011, p. 269).

Por ter escrito, reescrito, editado, revisto, atualizado o texto sobre aquele caso, revendo imagens dezenas de vezes, Madeira parece rememorar o já dito daquela experiência, sem esforço. Ele me conta que, no dia 8 de novembro, foi ao local da “*tragédia*” pela primeira vez e descreve com certos detalhes o vivido, ainda que me pareça (eu assisti às reportagens inúmeras vezes) um retrato perfeito do que foi filmado e editado para ir ao ar. Parece-me um paradoxo: a sua experiência em campo lá naquele dia 8 é motivada pelo trabalho, e seu olhar sobre a cena é filtrado pela pauta, além de tudo o que possa estar atuando sobre ele naquele momento. O jornalista age sob pressão do tempo de fechar a matéria, precisa dar conta da informação que apreende, ou seja, necessita extrair da passagem rápida por um lugar uma experiência discursiva do que o rodeia. No futuro, quando se lembra daquela experiência, como não se lembrar por meio daquilo que narrou, escreveu, editou? Ou do que viu repetidas vezes filmado?

Essa experiência e sua posterior rememoração não as tornam menos valiosas ou espontâneas. Mostram-nos um ponto de vista particular sobre o acontecimento e permitem-nos compreender a reflexão do repórter sobre seu trabalho em campo. Assim como ele costuma fazer no texto para a televisão, descreve sua experiência da destruição de Bento Rodrigues, Paracatu, Ponte do Gama fazendo uso de expressões que buscam aproximar a realidade que ele experimentou de sensações, imagens, expectativas que ele imagina de quem o escuta (ali, na entrevista, eu). Em sua fala, a lama, vista do chão, no nível do olhar, tem consistência, cheiro: “*Quando você pisava nela, parecia uma areia movediça. Ela aparentava suportar o peso de uma pessoa, mas quando você pisava, você afundava e ela te abraçava com o peso do rejeito de minério e você ficava preso ali na verdade, como se fosse um concreto*”. Ele fala dos perigos que representava caminhar sobre o terreno movediço, do alerta dos bombeiros e da Defesa Civil, diz que a área, mesmo vista de longe, fora do cordão de isolamento, “*já era muito impactante*”. Nesse momento, por exemplo, tenta imprimir importância ao seu papel, mesmo que distante. Conseguia perceber a gravidade do que se passava.



Figura 3 – Repórter Ismar Madeira em Bento Rodrigues (MG)

Fonte: Bom Dia Brasil (2015b)

Madeira (2018) conta como costuma fazer seu trabalho, o que espera encontrar em uma cena como aquela, reforçando que está aberto à surpresa. Não busca as fontes para encaixar em um roteiro, porque *“jornalismo não é dramaturgia”*, porém, pela sua experiência de reportagem, ele sabe que vai encontrar *“uma área destruída, vamos tentar ouvir uma pessoa que esteja no local, uma testemunha ou alguém que tenha sido afetado. A gente imagina o que pode encontrar, mas não dá pra dizer ‘a reportagem vai ficar assim’”*. Interessa-nos essa imaginação da destruição da experiência vivida e do testemunho experimentado por imagens de outros eventos. Ainda que não haja intenção de seguir um roteiro, a cobertura de eventos que destroem, arrastam, soterram prevê uma maneira inconsciente de olhá-los.

O objetivo do jornalista de televisão no local de uma cobertura de destruição, quando há outras equipes da mesma empresa preparando material para entrar nos mesmos telejornais, é, como Madeira conta: *“Mostrar algo novo, com um olhar que avançasse em informação para o telespectador”*. O tempo todo menciona, nesses termos, *“imagens”*.

Uma dessas imagens é a de uma senhora de 91 anos que não queria deixar a casa no distrito de Ponte do Gama, mesmo com tudo destruído no entorno. Madeira acompanhou o trabalho de funcionários da Defesa Civil que a convenceram a sair dali: *“O que me impressionou foi aquela senhora vir, ela não queria realmente sair de lá, e atrás alguém trazendo uma gaiola com uma galinha. Era o único animal que tinha sobrevivido do sítio dela”*. Falaremos na parte 2 deste texto sobre a relação das pessoas da roça com seus animais. Os animais perdidos, os que foram salvos. É um retrato, como o repórter diz, *“da pessoa deixando para trás uma casa, uma história”* e, mais que isso, memórias, afetos, o sentido de toda uma vida projetada naquele território e agarrada, em um laço apertado, ao animal que conseguiu ou não salvar.

O jornalista descreve, nas entrelinhas, as etapas da cobertura do evento: a apuração e busca de informações sobre o que ocorreu (o rompimento, quando foi, quem estava no local, quem morreu, o que provocou de imediato e no longo prazo); o trabalho de autoridades, como o corpo de bombeiros, que normalmente estabelece o limite até onde os jornalistas podem ir e fornecem informações a respeito do andamento das buscas por sobreviventes ou corpos; o acompanhamento da situação dos desabrigados – para onde são levados, o que será feito deles, terão amparo? –; a busca por culpados, que se baseia na cobertura das investigações policiais e judiciais; e o caminho da lama – para onde ela vai, por onde passou, que estragos provocou.

Aqui é importante notar que, uma vez assentada a lama, ou seja, uma vez que ela já não mancha mais as águas, permanece como espectro no discurso e na memória dos jornalistas. Ismar Madeira (2018), por exemplo, conta que na reportagem para o Globo Repórter, em 2017, fez um voo de helicóptero pelos primeiros 100 km de destruição causada pelo rompimento da barragem da Samarco. Ele queria buscar nessa memória, estruturada em linguagem jornalística, indícios da lama adormecida sob vegetação rasteira, numa ideia de contrapor o cenário ao de dois anos antes, à procura de pequenas diferenças, mas de, sobretudo, similaridades. É a lama o que seu olhar busca, a cicatriz da destruição. Ele conta:

De helicóptero a gente vê do alto como está hoje, e o incrível é que a gente vai olhando pra área e não dá mais pra ver a lama como se via há dois anos atrás. Claro, ela foi tomada por um verde que até foi plantado pela Samarco ou pela [Fundação] Renova, como uma estratégia para evitar o carreamento de lama e rejeito da água dos rios lá. Diminuiu um pouco o impacto, mas a lama continua lá. É preciso ter conhecimento pra saber que a área está degradada apesar de ter um verde ali, que não é uma planta nativa, é capim que foi plantado. Isso é o que a gente consegue ver do alto como está a situação hoje (MADEIRA, 2018).

A câmera, do alto, é explorada em outros enquadramentos, como o momento em que o repórter grava uma passagem ao lado de uma coluna gigante de concreto que sustenta uma ponte. A câmera em um *drone* se afasta, mostra que o jornalista, sobre pedras de lama seca no leito de um rio morto, é minúsculo diante da parede de poeira cuja marca marrom está muitos metros acima de sua cabeça.

Em entrevista, ele conta que as passagens gravadas para esse Globo Repórter foram planejadas. Queria-se filmar em lugares em que “*a presença do repórter pode ajudar na informação*”. Naquele caso, pretendia-se mostrar como a lama havia passado em nível muito alto, usando o tamanho do repórter como marcação, em uma régua invisível. “*Se a gente está no local, a gente tem que mostrar, sentir, ter as nossas impressões também, mas é importante que a nossa presença ajude a mostrar algo que a gente está vendo*”, complementa.

Esse aspecto, de um ponto de vista externo ao evento que mostra tudo, que capta a destruição, retorna no fim da entrevista. Perguntei a Ismar, por último, qual era, quando ele fechava os olhos, depois de tudo o que viu e ouviu, a primeira imagem que lhe vinha à cabeça no momento em que pensava sobre a experiência. Após uma breve pausa para reflexão, ele responde: “*A primeira imagem que eu vi lá em Belo Horizonte, que é Bento Rodrigues tomada pela lama, a lama ainda descendo. E aquele carro em cima dos destroços de uma casa. Essa é a imagem que fica na minha cabeça*”. Após uma pausa, indiquei que a cena foi, de fato, testemunhada por ele pela televisão. Ele reagiu com espanto. Foi breve. Despedimo-nos.

Pensei sobre o que podia significar essa força da imagem televisiva como determinante na rememoração de experiências de acontecimentos experimentados coletivamente, ainda que a pessoa tenha alguma relação com o local do evento. Ismar Madeira esteve ali por diversas vezes, experimentou aquela realidade à sua maneira. Então, por que a imagem que vem primeiro à sua mente – ou ao menos a que ele me diz ter lembrado – é a das casas sendo arrastadas pela lama, vistas do alto do helicóptero? Isso tem relação com o que falamos a respeito da lembrança por meio da linguagem, do signo, que se reforça na repetição.

Faço um teste e decido pensar eu mesma, de repente, no Bento. Reparo que o que me vem à cabeça é a lembrança de uma fotografia que eu mesma fiz, a imagem congelada do que restou da casa de seu Filomeno, para a qual olhei muitas horas e que hoje me faz deslocar no tempo e no espaço. Primeiro, para aquele momento solitário, quando eu, deitada no chão, tentava enquadrar a ruína no reflexo do espelho d’água. Nesse lugar imaginado, vejo por meio do visor da câmera as nuvens pesadas que anunciavam chuva, sinto o calor que pesava o ar nos pulmões, o cheiro da terra úmida e o frio da lama batida contra uma das faces do meu rosto. Terminei de escrever essa frase e percebo que não coloquei o rosto no chão (eu sempre estive preocupada em não me contaminar). A sensação talvez diga respeito a alguma aproximação sem temores do barranco úmido na encosta da casa da minha avó. Memória é organização do passado permeada de ficção, fantasia, imaginação.

Se uma única imagem, captada muito próxima do chão, é capaz de me transportar a uma espiral de recordações, dentro da qual perco a direção, para onde podemos ir quando lembramos aquelas cenas da lama enquadradas do alto?



Figura 4 – Casa do seu Filomeno, em Bento Rodrigues (MG), em 20 de outubro de 2019
Fonte: primária

*

É possível testemunhar e lembrar por meio de imagens televisivas; muitos estudos feitos nas últimas décadas nos mostram isso (*cf.* BARBOSA, 2004; ZELIZER, 1992; 2008; 2010; ERLI, 2014). Fotografias, vídeos, anotações etc. são apoio da memória, espaços de recordação (ASSMANN, 2011). Para entender como lembramos, precisamos compreender como, primeiramente, apreendemos a realidade por intermédio das lembranças, no momento presente. O jornalismo é construção social de uma realidade específica, mas mostra-se como reflexo do real; ao fazê-lo, esconde refrações e distorções (SODRÉ, 2012). É pelo enquadramento dos fatos realizado pelo jornalismo que construímos, em um jogo dialético, ideias sobre acontecimentos, que se transformam no curso do tempo, principalmente quando são relembrados. O jornalismo não está sozinho no jogo de forças que resulta na maneira como as sociedades lembram, mas tem papel de destaque: a memória cultural inclui o jornalismo e

eventos jornalísticos, além de ser moldada por essas atividades (NORA, 1979; ZELIZER, 1992; RIBEIRO, 1995; ERLI, 2014; OLICK, 2014).

O jornalismo pauta a agenda da sociedade ao dizer o que é importante e o que não é e antecipa-se em dizer o que é histórico. Portanto, atua de forma efetiva na conformação de memórias individuais e coletivas, criando um fenômeno de “assistir com” e de “lembrar através” de imagens os acontecimentos (RIBEIRO, 1995; BARBOSA, 2013; 2016). Na cena brasileira, em que poucos grupos detêm a hegemonia dos meios de comunicação, os grandes veículos têm capacidade de influenciar como acontecimentos são narrados e, posteriormente, lembrados ou esquecidos. Fazem isso por meio da reprodução de padrões estéticos e narrativos que influenciam como conhecemos e ressignificamos os acontecimentos.

Muitas vezes, o jornalismo agencia conscientemente o passado. Na televisão, uma das maneiras mais corriqueiras é o uso de material de arquivo nas reportagens para relembrar um acontecimento como ele *de fato foi*. Os aspectos destacados nos *frames* que vão ao ar são movidos por interesses do presente. Servem muitas vezes para conectar a notícia com eventos considerados importantes no curso da história, tornando a cobertura atual. Isso confere importância tanto ao evento que se narra pela primeira vez quando àquele que retorna remodelado. Além disso, o uso da imagem de arquivo também ocorre para explicar uma situação atual que pareça nebulosa. Seu uso é educativo, exemplar (RIBEIRO, 1995; EDY, 1999; SCHUDSON, 2014).

Para Lindeperg (2013), é necessário restituir a iniciativa às imagens de arquivo, “prestando atenção aos sinais instáveis de que elas são depositárias” (LINDEPERG, 2013, p. 10). As coberturas de televisão, nessa perspectiva, parecem usar a imagem de arquivo como prova irrefutável do passado, o que cria um mecanismo de legitimação do próprio discurso de verdade. O método de Lindeperg (2013) consiste em ver os detalhes, aproximar-se da imagem, o que abre caminho para “uma história do sensível”. Essa prática estará em discussão no próximo capítulo, quando falarei sobre usos comemorativos do passado, mas preciso adiantar aqui um exemplo que reforça o argumento a respeito dos caminhos mnemônicos despertados por um conjunto de imagens.

No segundo dia da cobertura do rompimento da barragem da Samarco, 6 de novembro de 2015, uma reportagem de Ismar Madeira no Jornal Nacional (2015c) lembrou outros acidentes de mineração no estado de Minas Gerais. Foram mencionados, em poucos segundos: o rompimento da mina de Fernandinho, em Itabirito, em 1986; o da barragem da Mineração Rio Verde, em Nova Lima, em 2001; o rompimento da barragem da Mineradora Rio Pomba

Cataguases, em Mirai e Muriaé, em 2006; e, por último, outro rompimento em Itabirito, em 2014, dessa vez causado pela Herculano Mineração.



Figura 5 – *Frames* de vídeo: rompimentos de barragens em Itabirito (1986), Nova Lima (2001), Mirai e Muriaé (2006), Itabirito novamente (2014) e Mariana (2015), em Minas Gerais
 Fonte: adaptado de Jornal Nacional (2015c)

O conteúdo dessa reportagem que fez uso de material de arquivo eram as possíveis causas do rompimento da barragem da Samarco, diante da informação de que a Fundação Estadual do Meio Ambiente de Minas Gerais havia recomendado reforma em um dos reservatórios de rejeitos do complexo de Germano. A matéria ouviu as autoridades envolvidas e exibiu longos trechos de uma coletiva de imprensa com representantes da mineradora, que diziam ter havido abalos sísmicos no local e enfatizavam que não havia produtos químicos prejudiciais à saúde nem ao ser humano na lama, considerada inerte. A sequência de imagens de eventos antigos foi exibida depois de um trecho de entrevista com o governador de Minas Gerais gravada pouco depois de ele ter sobrevoado a região e aparece em uma articulação consciente de repetição: “Os acidentes com barragens de mineradoras se repetem há anos em Minas” (Jornal Nacional, 2015c), narra o repórter. Este enumera cada caso e, no fim, ao exibir um dos enquadramentos da devastação da destruição causada pela barragem da Samarco, diz que “a diferença é que a barragem da Samarco havia passado por fiscalizações recentes” (Jornal Nacional, 2015c).

A evocação dessas imagens de arquivo é quase protocolar. Reforça que esse tipo de acidente tem alguma tradição no estado e não o problematiza; parece algo banal. O uso do material de arquivo parece se assemelhar ao que Edy (1999) uma vez notou: sob objetivo de contextualizar o fato do presente, ou despertar afetos por meio da exibição de cenas fortes (ou até reencenadas), a reportagem parte do princípio duplo de recuperar o que de fato aconteceu, por mostrar cenas “reais”, e, assim, explicar o presente como ele “realmente é”. Essa forma de contar histórias pode afetar, segundo a autora, a maneira como pensamos criticamente o nosso passado, ou se apenas decidimos aceitá-lo como algo “do jeito que era” (EDY, 1999, p. 173).

Apesar de o Brasil ter a história marcada pela atividade de extração de minérios, em ciclos diversos, não estamos acostumados a ver acidentes, ou outro tipo de problema que ocorre nos limites territoriais das mineradoras, ganhar notoriedade nos noticiários nacionais²⁰. Os eventos citados na reportagem de Madeira mostram que esses acidentes foram de fato notícia um dia; estão filmados, registrados. Todavia, os fatos citados não receberam o mesmo destaque do que o evento de Mariana.

Um exemplo disso é que, em levantamento que fiz sobre a “tragédia de Mariana”, cuja metodologia será apresentada no próximo capítulo, localizei 469 matérias que foram ao ar em diferentes telejornais da Globo em quatro anos de cobertura, o que equivale à média de 24,7 horas de material jornalístico sobre o tema. Só no primeiro mês, ou seja, até o dia 5 de dezembro de 2015, registrei reportagens todos os dias em telejornais e/ou programas jornalísticos da rede, algo que não é comum. Na segunda semana de cobertura, o que ocorreu em Mariana já era identificado como “um dos maiores desastres ambientais do mundo”²¹, ou mesmo o “maior desastre de mineração do mundo”, ao contrário dos eventos anteriores mencionados.

Busquei a cobertura do rompimento da barragem da Herculano Mineração, em 2014, na plataforma de *streaming* Globoplay. Encontrei alguns resultados: duas matérias no Jornal Nacional, de 10 e 11 de setembro do mesmo ano, mostram, em 2 minutos e 22 segundos, somadas, que houve o rompimento de uma barragem em Itabirito que causou duas mortes, abriu um buraco no chão e arrastou duas retroescavadeiras. A primeira matéria tem o *off* coberto de imagens filmadas por helicóptero. Também são ouvidas autoridades, há ênfase em uma água barrenta que corre em um rio e a dúvida sobre o risco de contaminação, mas há algo na plasticidade das imagens, na densidade da lama e em sua força de destruição que destoa do

²⁰ Entre 1986 e 2014, a Fundação Estadual do Meio Ambiente de Minas Gerais registrou sete casos de rompimento de barragens de rejeitos só no estado mineiro (WANDERLEY *et al.*, 2016).

²¹ Miriam Leitão, em comentário no Bom Dia Brasil de 16 de novembro de 2015.

caso da Samarco: o caráter monumental da destruição. Falta a lama monstruosa em “enxurrada” ou “*tsunami*” encobrindo as casas, arrancando a natureza, produzindo o choro dos moradores.

Quando o rompimento da barragem afeta funcionários da mineração, revira as retroscavadeiras, parece que o problema fica circunscrito à empresa, às autoridades locais; não se trata de um evento “trágico”, mas um “desastre” ou “acidente”. Exploraremos essas categorias no próximo capítulo.

Talvez esses elementos – aliados ao número de mortos, ao alcance da contaminação – diferenciem o esforço de cobertura empreendido entre um e outro caso. Por esforço de cobertura, eu compreendo o número de equipes envolvidas na operação, o tempo disponível nos telejornais, a quantidade e o teor das matérias, em análise mais para frente. Aqui, no entanto, vale uma lembrança que toca nesse assunto do esforço de cobertura a que me refiro.

Realizei, em outubro de 2018 e novembro de 2019, duas entrevistas com Cristina Serra, repórter que cobriu ao longo de dois anos o caso pelo Fantástico e escreveu um livro-reportagem referência sobre o assunto, *tragédia em Mariana* (2018). No primeiro encontro, Cristina estava prestes a lançar a obra e tinha sido recentemente desligada da Globo, onde trabalhou por mais de 20 anos. Seu depoimento, estruturado, organizado, é muito marcado pelo conteúdo apurado no livro, é lembrança também do texto, mas – importante dizer – do texto de uma especialista. Não parece com a lembrança do texto feito para TV. Noto uma descrição precisa de datas, fatos, nomes, personagens, ações judiciais, referências a entrevistas e documentos. A conversa ocorreu na sala do grupo de pesquisa do qual faço parte, o Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação (Nepcom), no *campus* da UFRJ, e passou por toda sua carreira, hoje dedicada ao jornalismo ambiental.

Nessa primeira entrevista, que durou cerca de três horas, a aparência da pessoa com quem eu conversava ali era muito próxima da repórter de vídeo: os cabelos castanhos escovados, roupa impecável, acessórios dourados, muito simpática. Na conversa que tivemos um ano depois, em um café em Copacabana, no Rio de Janeiro, parecia-me outra pessoa. A doçura era a mesma, no entanto o cabelo, ajeitado dentro de uma bandana, e a blusa, de malha e manga curta, marcavam um lugar de fala diferente. Ela era agora jornalista independente que cobre meio ambiente, característica ressaltada também na entrevista – mais solta, crítica, que tece outro olhar sobre o acontecimento e sobre sua participação enquanto repórter no decorrer dos eventos lembrados (e daqueles esquecidos).

Na primeira entrevista, a pergunta inicial que fiz a Cristina, como faço a todos a respeito do dia do rompimento da barragem, era sobre onde ela estava e como soube daquela notícia. A jornalista conta-me que se lembrava de ter chegado em casa à noite, após um dia de trabalho,

e ter visto o colega Ricardo Soares entrando ao vivo em um ginásio em Mariana, no Jornal da Globo, dia 5 de novembro de 2015. Ela relata que, ao ver a cena dos donativos, pensou que haveria muitos mortos. Seu desejo imediato era participar daquela cobertura, mas precisava terminar de fechar uma matéria que preparava para o Fantástico da semana, sobre racismo. Diz:

Eu nem sabia o que era uma barragem, mas ele falando de lama, de mineração, eu pensei que seria uma coisa muito grande. [...] Na terça-feira seguinte, que é o dia de reunião de pauta do Fantástico, foi um debate muito grande sobre o que a gente tinha visto até então daquele desastre. Porque até então estava tudo nas mãos da equipe da Globo Minas. Geralmente, nessas tragédias grandes, a Globo desloca repórteres para fazer a cobertura, mas até naquele momento, quase seis dias depois, não tinha ido ninguém. E é uma cobertura gigante. Então o Fantástico falou: “Vamos mandar a nossa equipe, porque a Globo Minas já está muito sobrecarregada. A gente precisa fazer alguma coisa diferente, grande. Esse desastre já é de consequências gigantescas”. Já se questionava até onde a lama chegaria. [...] Já se sabia que ela havia chegado em alguns rios e a poluição ambiental seria grande. Eu entrei no grupo que foi pra lá, foram outros repórteres também, sendo que a minha parte foi justamente não a tragédia humanitária, mas a ambiental (SERRA, 2018).

Cristina foi uma das repórteres dedicadas a acompanhar o trajeto da lama e investigar a destruição do meio ambiente. Portanto, existem na lógica dessa cobertura – e isso se reflete nas reportagens não só da Globo, mas da grande imprensa em geral – dois aspectos fortes, correlatos, mas anunciados como diferentes: o humano e o ambiental. A tragédia, na lembrança da repórter e no que observamos no curso dos dias, é a torrente de lama que tira vidas, deixa famílias desabrigadas, desperta o ímpeto da caridade, materializado naquele ginásio de donativos. Mas há outra consequência, a ambiental.

Assim, para fechar a reflexão a respeito das imagens de arquivo, desastres de mineração compartilham um olhar estético, mas não narrativo. Há uma aproximação consciente entre os desastres de mineração, por meio do enquadramento do alto e da escolha, na edição, de grandes áreas alagadas ou soterradas. Mas, por não haver o mesmo esforço de cobertura – e o retorno ao fato em lembranças posteriores –, caminhamos aqui em um sentido contrário, ou seja, aquele que busca os elementos da ordem do não dito presentes na estética e na narrativa do caso. Não falo aqui apenas do sentido das expressões, como mostramos, mas além. Daquele que abrange a semântica da tragédia, que diz respeito a uma teia de ideias, significados, lembranças e esquecimentos arraigada ao que é dito, para nomear eventos do cotidiano.

A tragédia encontra repertório de palavras e imagens em uma possível memória coletiva ou cultural, que pode ser ativada por quadros específicos (nesse caso) feitos pelo jornalismo televisivo. Texto e imagem atuam de forma interligada, abrem caminhos fluidos, permeados de afetos, contudo há ainda outros elementos importantes que integram essa semântica na cobertura da “tragédia de Mariana”.

1.3 O TRAJETO DA LAMA

Retomando a ordem cronológica do evento narrado, do dia 6 de novembro de 2015 em diante, as reportagens adicionam outros elementos à história protagonizada pela lama. Como o número de matérias no primeiro mês da cobertura é alto por dia, há certo espaço para explorar algumas frentes. Uma delas diz respeito à busca por culpados e pelas causas do rompimento da barragem da Samarco. Porta-vozes da mineradora são ouvidos em entrevistas coletivas, assim como especialistas em barragens de rejeitos, representantes de órgãos de meio ambiente e autoridades do governo e do Ministério Público. São as fontes oficiais que predominam nas entrevistas.

Valores a serem desembolsados, congelados, destinados, repassados pela Samarco e pelas administradoras Vale e BHP figuram nas reportagens. Paralelamente, também há muito material sobre o trabalho de resgate *heroico* dos bombeiros e a procura por desaparecidos – tornam-se comuns enunciados como “bombeiros encontram o corpo de mais uma vítima” (Fantástico, 2015b) e “sobe o número de mortes na enxurrada de lama” (Jornal Nacional, 2015f). Os bombeiros arrastam-se em grupo pelo chão movediço, fazem buracos, conduzem cães farejadores, embrenham-se no mato e nos escombros de casas, escolas, igrejas, organizam o fluxo de pessoas, o espaço aéreo, pedem silêncio, em busca de vozes de sobreviventes.

*

O que os jornalistas chamam de “drama humano” é outra face que se mostra. Enquanto no primeiro dia as pessoas não tinham voz – apareciam pequenas nas imagens de helicóptero ou no fundo da passagem dos repórteres –, do segundo dia em diante elas passam a ganhar mais espaço. Primeiramente, em forma de microrrelatos colhidos pelos repórteres que buscam refazer a cronologia do rompimento da barragem. Depois, para dar cara às histórias da destruição: pessoas estão à procura de familiares, perderam os pertences; são desabrigados que não têm mais nada. Relatam em poucos segundos o que conseguem dizer no momento, escondem o rosto, choram, murmuram, expressam no olhar, nos gestos e na fala sofrimento.

Mencionamos no tópico anterior que já no primeiro relato por telefone do repórter Ricardo Soares ao Jornal Nacional, no dia 5 de novembro, imaginávamos pessoas segurando pertences. Essas pessoas ganham face nos telejornais do dia seguinte, quando um dos principais assuntos é a busca por sobreviventes. Uma delas é esta senhora da Figura 6A, sem nome e visivelmente em choque, que diz em uma sonora de 5 segundos, na matéria de Soares exibida

no Hora Um, por volta de 5 da manhã: “Fui lá pegar remédio, a coberta e subi” (Hora Um, 2015). À essa altura, o repórter ainda estava no meio do mato, onde passou a noite com a equipe; o material deve ter sido gerado remotamente para chegar a tempo do jornal da manhã.



Figura 6 – Duas mulheres salvam pertences em Paracatu, MG
Fonte: adaptado de Hora Um (2015) e Bom Dia Brasil (2015a)

No Bom Dia Brasil que entrou no ar às 8h30, havia mais material apurado por Soares, com relatos de moradores. Uma senhora carregando um colchão e um travesseiro aparece pela primeira vez (Figura 6B). Ela está sozinha, caminha no escuro, deixa para trás sua casa. O nome dela é Zélia Batista e ela relata ao repórter, com os olhos arregalados, também aparentando estado de choque, que “todo mundo subindo para cima, pra um lugar mais alto, porque aqui é baixo, a água vai tomar conta de tudo, vai invadir tudo” (Bom Dia Brasil, 2015a).

Essa imagem da Figura 6B, relatada pelo repórter no *audiotape* e editada em reportagem no Bom Dia Brasil, figura também nas lembranças que Soares tem daquela noite. Em entrevista realizada no dia 4 de novembro de 2019, em um café em Mariana, o repórter fala sobre sua chegada a Paracatu: a equipe, quando se aproximava de Mariana, decidiu seguir um carro da guarda municipal que andava na rodovia em alta velocidade. Achava que estaria indo para Bento Rodrigues, mas a viatura tomou outro rumo, com o objetivo de avisar os moradores dos outros distritos que a lama destruiria suas casas. Essa é uma história que pode ser lida no capítulo 4, mas destaco aqui o trecho em que a senhora carregando o colchão aparece:

Até que eles pararam num lugar, num lugarejo e saíram do carro correndo. Eu vi que tinha gente com colchão na mão, travesseiro. E os caras falando: “Sai, tem que sair, tem que sair”. E eu fui perguntar o que que estava acontecendo, que lugar era aquele. Ele falou: “A gente está em Paracatu de Baixo. E a lama vai chegar daqui a pouco aqui. Vocês têm que ir embora daqui agora. [...] Segue o carro da gente”. E as pessoas que estavam na entradinha já de Paracatu subiram atrás das casas, foram pro morro. Com colchão na mão, travesseiro. Já tinha um pouco de gente lá em cima. E a gente foi atrás do carro da guarda. [...] Aquele momento que você tem ali de conversar com um e com outro, fazer uma entrevista com um e com outro, é uma coisa caótica, porque a pessoa está desesperada (SOARES, 2019).

Para o jornalista, existe “*uma boa carga de improviso*” em coberturas que identifica como tragédia. Essa denominação aplica-se tanto à cobertura de desastres de mineração quanto à de enchentes e deslizamentos de terra, sobre a qual falávamos na entrevista quando ele naturalmente trocou o assunto para o trabalho realizado em 2015. Ele me conta que, antes de ir para Belo Horizonte, trabalhava na antiga TV Serra+Mar, afiliada da Globo em Petrópolis (RJ), e lembra que a primeira vez em que uma matéria sua entrou no Jornal Nacional – feito considerado memorável para a maioria dos repórteres de vídeo da Globo e afiliadas – foi em uma cobertura de deslizamentos de terra ocorridos no bairro do Quitandinha, em Petrópolis, na véspera de Natal no fim dos anos 1990. Ele diz: “*Não passava carro, nem nada. E não tinha como sobrevoar naquela chuva. [...] A gente não conseguia nem acessar os lugares, porque a lama, se você pisasse, ia até a cintura*”.

Eu me lembro vagamente dessa véspera de Natal chuvosa no fim da década de 1990, que causou destruição e morte na região onde eu morava. Recordo um diálogo com a minha mãe, entre os baldes que amorteciam algumas goteiras na sala de televisão da casa dos meus avós, na hora do Jornal Nacional. Perguntei a ela, preocupada, se a chuva não haveria de molhar os presentes do Papai Noel, ao que ela respondeu que provavelmente não, que eu não devia ficar aflita, alguma coisa haveria de ser entregue. Ela apostava em um anel que eu pedira, já que cabia perfeitamente no bolso dele. Eu me dei por satisfeita e caprichei ainda mais nos desenhos para enfeitar o ambiente antes de ir dormir.

A lama da Samarco, diferentemente da de Petrópolis, Ricardo Soares conheceu primeiramente pelo som. Era noite quando o repórter, no meio do mato, em Paracatu ouviu o quebrar das árvores e “*um barulho muito forte, como se você estivesse na beira do mar, com onda batendo. Só que você não enxergava, porque não tinha luz elétrica*”. Por volta das 5 da manhã, quando retroscavadeiras da Defesa Civil começavam a abrir espaço na floresta próxima a Bento Rodrigues, para onde a equipe do jornalista se deslocara na madrugada, viu a lama pela primeira vez: “*Você vê aquela paisagem muito impactante, [...] triste e ao mesmo tempo aterradora. A gente fica sem explicação, a gente se sente muito impotente*”. Depois de fazer imagens da região e de entrevistar o governador que sobrevoara a região, Soares e a equipe decidiram “*seguir o trajeto da lama*”, começando pelo fluxo do Rio Gualaxo do Norte e, em seguida, o do Rio Doce.

Se houvesse um fio condutor nos primeiros 20 dias da cobertura, seria o caminho da lama. Até desaguar no mar, tudo o que ela tocava ou tocaria era notícia. Nos telejornais da manhã, dava-se a previsão de onde a lama iria passar naquele dia e, à noite, havia informações sobre como fora o seu trajeto, que tipo de destruição causou, quantas pessoas haviam sido afetadas por ela: “Lama que vazou em Minas já percorreu quase 500 quilômetros” (Jornal Nacional, 2015e); “lama das barragens rompidas em MG se aproxima do [Espírito Santo] ES e pode afetar abastecimento” (Bom Dia Brasil, 2015c); “cidades de MG e ES no caminho da lama que vazou de mineradora sofrem com falta d’água” (Bom Dia Brasil, 2015c); “cidades capixabas se preparam para chegada da lama” (Jornal Hoje, 2015f); “chegada de lama ao ES interrompe abastecimento de água em Colatina” (Jornal Hoje, 2015h); “Samarco tem prazo de 24 h para evitar que lama chegue ao oceano” (Jornal Nacional, 2015i); “lama da barragem que se rompeu em Mariana deixa Rio Doce marrom até foz, no Espírito Santo” (Fantástico, 2015c); “lama que chegou ao mar do Espírito Santo atinge área de proteção para desova de tartaruga” (Jornal Hoje, 2015j).

Esse caminho da lama produz ansiedade. Como já dito, ela se configura na narrativa como uma vilã imparável. A Justiça obriga a Samarco a conter seu avanço, mas é tudo em vão, nada surte efeito. Parece até algo justificável, já que se trata de uma *força da natureza* que embola dentro dela tudo o que suga.

Nesse caminho descontrolado, peixes mortos são filmados de barriga para cima, boca aberta, preenchendo as margens devastadas do Rio Doce. Aparecem também nas mãos de pescadores, que lamentam, choram, não se conformam. É a partir dali que se começa a se falar em contaminação – por meio da poeira no ar de Barra Longa, pelos elementos químicos que mataram rios e mediante o sistema de captação de água de cidades do leste do estado de Minas. A questão ambiental torna-se elemento forte no conteúdo das reportagens e, com o passar dos meses, quando parece não haver mais o que explorar do “drama humano”, é preponderante.

O repórter Ricardo Soares acredita existir um aspecto temático bem delimitado em cada fase desse percurso da lama. Ele faz sínteses narrativas, reduz em símbolos as fases da cobertura. Em entrevista, conta:

Cada lugar tinha [...] um foco diferente. Em Mariana foi muito a tragédia humana. Aquela questão de vidas que se perderam, de gente sem casa, gente que veio pra cidade morar em apartamento, gente que morou na roça a vida inteira... Em Barra Longa também teve muito isso, o impacto nas moradias, gente com enxada na mão e vizinho ajudando vizinho, tentando recuperar o que fosse possível. [...] Ao longo do rio, essa questão do impacto sobre a fonte de sustento das pessoas, pescadores, ribeirinhos, gente que dependia do rio para beber água, por exemplo. Foi o caos, foi o caos. Uma tragédia humana arrepiante (SOARES, 2019).

Como falado, essa busca pela novidade, por mostrar algo diferente do que já foi ao ar em uma cobertura de fôlego, em que há muitas equipes debruçando-se e escrevendo sobre o acontecimento, explorando-o, exaurindo-o, pode interferir na maneira de lembrar a experiência do passado. Soares também tem a fala um pouco marcada pelo texto jornalístico, mas aqui gostaria de ressaltar o caráter organizador de seu discurso. Há uma tendência de explicar, sintetizar a experiência do que viu (nos dias da cobertura, mas também naquilo que sabe posteriormente, no ato da entrevista), como um relato oficial do que ocorreu, diferentemente da entrevista que fiz com os moradores, as quais possuem caráter de fragmento. Estes evidenciam, conforme mostraremos na parte 2, a experiência única da dor, da perda, da saudade.

Soares seguiu com sua equipe o caminho da lama até a divisa com o Espírito Santo. Foi praticamente com a roupa do corpo, como ele conta, ficou sem dormir por três dias seguidos permeando um pouco das histórias relatadas. Eu pergunto sobre o processo de preparar as matérias nesse percurso, e ele explica que foi baseando-se no *feeling* de reportagem, que, percebo, é um modo de fazer inconsciente apressado pelo tempo do relógio, sob “*a pressão para escrever*”. Diante de “*muito drama para você contar, como escolher?*”. A resposta vem da empatia:

A gente procurava carregar tinta nos depoimentos, deixar as pessoas desabafarem, porque eu percebia que acabou virando uma função da gente também. Escutar as pessoas. Porque muitas vezes elas chamavam a gente, não era para dar entrevista, ela queria desabafar. E virou um pouco isso, de ouvir, emprestar o ombro, apesar da correria²² (SOARES, 2019).

O caminho da lama, na lembrança do repórter, é permeado por imagens marcantes, como a primeira que lhe vem à memória quando pensa nesse caso, ao ser questionado por mim: a do “*paliteiro de troncos de árvores retidas na represa da hidrelétrica de Candonga*”. Ali, naquela cena, o repórter diz ter decidido gravar uma passagem: “*O impacto visual era muito grande*”. A represa, com as comportas fechadas por um tempo, impediu que a lama atingisse de imediato o Rio Doce. Assim como terra se acumulara ali, também ficaram retidos restos de árvores e construções, corpos de pessoas, tudo o que a força da água arrastou desde Bento Rodrigues. Na superfície, troncos de árvores boiavam.

Outra imagem que Soares (2019) considera muito marcante é a de “*seu Zezinho Pescador*”, personagem de matéria exibida no Jornal Hoje do dia 19 de novembro (Jornal Hoje, 2015i). Na matéria, seu Zezinho, morador de Resplendor (MG), ao suspender para a câmera

²² Esse trecho também é citado no último capítulo. Precisei repeti-lo lá para que a história fizesse sentido.

um peixe morto que valeria 40 reais, atesta: o rio morreu. E não precisa ter estudado para saber disso, enuncia o repórter na ocasião. Na entrevista a mim, anos depois, Soares descreve, emocionado, a lembrança que tem de seu Zezinho:

Um homem embrutecido pela atividade dele, o pescador, aquele cara que é um sujeito que aguenta tranco, né, da vida. Chorar na beira do rio ao ver aquela mortandade de peixe, uma coisa que ele não, que ele não tinha imaginado que pudesse acontecer e que... Talvez viesse na cabeça dele naquele momento uma grande dúvida, né? Do que viria depois [emociona-se] (SOARES, 2019).

Outro caminho da lama é percorrido por Cristina Serra pelo Fantástico (2015b), como mencionado anteriormente. Estavam na pauta da repórter para a edição exibida em 15 de novembro os estragos ambientais na bacia do Rio Doce. O cenário é parecido com aquele mostrado por Ricardo Soares: há o rio de água turva, os peixes acumulados nas margens, mortos, de barriga para cima, o olhar sofrido do pescador que não acredita ter perdido a fonte do sustento da família e o sentido da vida. A jornalista explorou isso na primeira semana de apuração. Seu caminho, como descreve, começa em Paracatu de Baixo e termina em Governador Valadares (MG), pontuado por locais escolhidos pela equipe onde o curso da estrada beira a margem do rio. Em uma das passagens, a repórter é pequena diante de um bambuzal cuja mancha de lama é mais do que o triplo de sua altura. Na viagem que segue, o rio de água grossa está em evidência, bem como personagens que o cercam, como um pescador chamado Deco, que leva repórter e cinegrafista para passear de barco. Especialistas explicam que o oxigênio na água é insuficiente para que exista qualquer tipo de vida ali. Em Governador Valadares, a maior cidade do Rio Doce, explora-se o problema com o abastecimento de água, interrompido após a passagem de lama. Cristina Serra (2018) conta:

Quando eu entrei na cobertura, eu estava vendo pela televisão, mas nada te prepara para o que foi aquilo ali. Quando você chega e vê de perto, você fala: “Caramba”. A televisão, por melhor que ela mostre, estar lá e ver aquilo ali é muito impactante até hoje, porque as ruínas estão lá, tem a lama seca que virou poeira, as ruínas de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo vão ser cobertas pela vegetação. E, daqui há alguns anos, ninguém vai ver aquilo ali, é o que eu acredito que vá acontecer. Se alguém for lá procurar ver o testemunho daquele desastre, ele vai estar camuflado. Até porque a [Fundação] Renova plantou sementes ali, segundo ela, para segurar a lama e não escorrer para os rios, mas o que seria o certo? Não seria tirar a lama? Por que você não faz um memorial ali? Para que ele fique como um testemunho da estupidez humana. Porque a história da barragem que eu conto no livro é uma sucessão de decisões erradas das pessoas responsáveis pela empresa. Eu não estou dizendo que elas agiram de má-fé. Elas erraram. O erro pode ser de má-fé ou não. Eu não entro nesse mérito. Mas você lê a história da barragem e vê que foram tomadas decisões empresariais e de engenharia erradas e isso tudo resultou naquele desastre. Como o Ministério Público estadual propôs, aquilo devia ficar num memorial, mas não vai ficar. Eu fui várias vezes, e cada vez que eu vou tem mais mato escondendo mais as ruínas. É muito chocante ver que a memória física do desastre vai desaparecer.

No fim do trecho destacado, a repórter demonstra preocupação memorialística com o lugar, expressa pelo desejo da preservação das ruínas para que o caso seja lembrado e, se possível, não volte a se repetir. Depois, acrescenta que, ainda que essa preservação não ocorra por meio de ações de memória no espaço, a história ao menos se tornará conhecida por relatos sobre ela, como pelo livro que escreveu.

Existe ali uma reflexão sobre a memória do local, atrelada a um reforço do próprio trabalho, uma tentativa também de se inserir como personagem na teia mnemônica do acontecimento.

*

Quando a lama chega ao mar, as notícias passam a dar ênfase às medidas judiciais, às investigações do Ministério Público e às ações (emergenciais e financeiras) que a mineradora Samarco precisa tomar para amparar as populações atingidas e recuperar o Vale do Rio Doce, além das determinações de governos estadual e federal sobre o caso. Paralelamente, há um alerta geral sobre novos possíveis rompimentos, justificado pelo fato de Minas Gerais ser um estado com 470 barragens de mineração, das quais 43 em estado de alerta²³.

Tem início, meio e fim a falsa ideia de volta à normalidade, simbolizada pelo momento em que a lama se deposita no fundo de rios e oceanos.

Trata-se de uma semântica construída aos poucos que, como já dito, me soa familiar. No início, a lama chega, personifica a destruição, é metáfora da tragédia, impede a aproximação dos jornalistas, que a observam pelas beiradas – ou de cima, pelos lados, do meio do mato, no cerco formado pela população. Depois, quando se cobre o *caminho da lama*, só existe ela, que se torna monumental, domina tudo, até mesmo a memória que achamos que temos. Quando ela seca, tudo vira uma espécie de espectro da lama – ela é compacta e quase invisível sob a vegetação, mas vem à tona no formato de micropartículas de poeira, um brilho que ilumina a pele, o cabelo, as roupas, os pulmões. Ainda que em repouso, essa lama retorna às reportagens nas datas redondas de aniversário. Ou sob imagens de arquivo, ou sob lembranças, busca-se sempre fazer referência a ela, no discurso ou no cenário. A lama, agora transformada em espectro, evidencia sua presença, petrificando tudo em uma presença silenciosa, fantasmagórica.

²³ Conteúdo de reportagens exibidas nos dias 16 (Bom Dia Brasil) e 17 de novembro de 2015 (Jornal Hoje e Jornal Nacional).

A televisão mostra aos poucos esse movimento e também constrói cenas particulares dessa personagem que desencadeia a narrativa e tinge a memória. Por mais que em alguns anos se reelabore o conteúdo do que foi aquele acontecimento, muda-se a ênfase a respeito de culpados, vítimas, vilões e heróis, é a imagem da lama em movimento, personificada, que retornará como síntese. Além disso, ela retornará muitas vezes em outras ocasiões não mais como a lama de Mariana ou da Samarco, mas como a lama de outros eventos que irromperão a ordem normal das coisas e ganharão destaque no noticiário. Como o que ocorreu em Brumadinho, em 2019. O espectro retorna, em estrutura de repetição, na cobertura de outro evento – seja ele desastre de mineração, seja temporal de verão –, e haverá a impressão de já tê-lo visto anteriormente.

De certa forma, essa lama mítica, destruidora, catastrófica é como uma onda que aparece de tempos em tempos. Destrói, causa alarde, impacto, mata gente, desterritorializa o pobre, que permanece para sempre à espera de reparação, contamina, promove o caos e, ao mesmo tempo, a calma em quem doa alimentos e roupas e sente que, depois, tudo vai ficar bem. Como a maré, a ordem das coisas retorna à calma, e tudo parece que se ajusta.

2 A TRAGÉDIA SE REPETE

Meu pai contava a lenda que os antepassados falavam: no dia em que cair a última palmeira, o Bento vai acabar. Desde que eu me entendo por gente, tinha três palmeiras. Primeiro, caiu a do lado esquerdo, depois caiu a do lado direito, por último a do meio. Passou oito anos e o Bento acabou.
(Mauro, 2019).

Grande parte da pesquisa que tem como objeto produtos de meios de comunicação no Brasil tem caráter fragmentário. Isso se deve também à própria natureza material dos nossos documentos. Cabe ao pesquisador, entendo, abraçar essa característica e não ocultá-la em uma frágil pretensão de totalidade. Aprendi isso tentando contemplar o todo, e não o fragmento e, por isso, precisei mudar toda a minha forma de trabalhar. Trago aqui, num primeiro momento, algumas considerações que acredito serem importantes para a tese e talvez para o campo. É necessário expor meus caminhos para que o leitor entenda como obtive alguns resultados e também para mostrar como funciona o raciocínio. Este capítulo é, confesso, uma aposta. Inicialmente, há a tentativa de mostrar como método, escrita e pensamento se articulam do início ao fim em uma pesquisa acadêmica.

Na sequência, abordaremos a *tragédia* – enquadramento específico que o jornalismo faz de alguns eventos – na sua dimensão de repetição em dois movimentos: para frente, por meio da análise das coberturas em comemorações, e no retorno do evento durante a cobertura da chamada tragédia em Brumadinho, em janeiro de 2019; e para trás, fazendo alusão a outros eventos que são acionados pela dimensão da reminiscência das imagens, cujo espectro em movimento de retorno é a lama. São eventos relacionados a enchentes e deslizamentos de terra, em decorrência de chuvas tropicais, desde 1966. Esse movimento para frente e para trás no tempo carrega marcas de minhas próprias lembranças (apoiadas ou não em imagens) e enquadramentos sobre os assuntos.

Esta é uma pesquisa que explora a potência do fragmento, aposta na leitura de histórias por meio dos cacos do tempo¹. O capítulo é escrito em tramas de palavras, imagens e lembranças, organizadas em um fluxo narrativo que prevê explicar também o método.

¹ No início do século XX, historiadores passaram a questionar o *status quo* da história. A ciência positivista, fortalecida no século XIX com a criação dos Estados nacionais, era imbuída de uma visão de busca pela verdade em um passado objetivo, apontava certezas para o futuro sob a égide do progresso e escrevia a história dos vencedores, pretendendo-se ser total. Walter Benjamin dedicou muitos escritos à crítica dessa visão sobre o passado. Marc Bloch e Lucien Febvre discutiram o assunto em um movimento historiográfico inovador, a Escola dos Annales, mas que na época ainda apostava no fragmento como reconstrução de um todo, o que se transformou nos anos 1960, com a discussão sobre verdade nas ciências humanas e sociais, quando houve a ascensão da memória e da micro-história, defendendo a necessidade política de se escrever a história dos vencidos. Muitas

2.1 INTERLÚDIO: O MÉTODO E O PENSAMENTO

Como começar? No início, minhas motivações eram compreender por que determinados eventos criminosos, consequência de negligência e/ou outro tipo de ação humana, como o rompimento da barragem da Samarco, em Mariana, eram nomeados como *tragédia*, *acidente* ou *desastre* pelo jornalismo televisivo. O fato de essas palavras serem constantemente usadas e aparecerem no vocabulário de jornalistas e entrevistados no espaço da televisão parecia significar que havia um consenso coletivo, cultural, sobre o uso das expressões no âmbito social. Por que não despertavam estranheza? Pareciam estar ligadas a uma maneira não apenas de narrar discursivamente um tipo de evento, mas também de imaginá-lo, em ligações da ordem da memória.

Em um primeiro impulso, propus-me a mapear o caminho das palavras em títulos e subtítulos de reportagens e tive a sensação de que *tragédia* era a palavra mais utilizada para reforçar determinado enquadramento do evento no curso dos dias. Uma impressão que, como descreverei, se comprovou em levantamento empírico realizado ao longo dos anos que leva em consideração uma base com 1.178 reportagens. Processando, refinando e sintetizando essa base em gráfico, notei que, de fato, a cobertura do rompimento pelo jornalismo da Globo tem em *tragédia* sua principal forma de referência, como mostra o Gráfico 1, que levou em consideração títulos e subtítulos das reportagens mapeadas.

correntes historiográficas se dedicam a pensar em como fazer isso, questionando não apenas a visão sobre a verdade e o tempo, mas a relação com os documentos, fontes orais e o próprio envolvimento do pesquisador diante de seu objeto. Nasceram, nesse contexto, os estudos de memória, catalisados pelo testemunho de vítimas das grandes catástrofes que calaram, durante um tempo, o mundo ocidental (*cf.*, por exemplo, LE GOFF, 1982; KOSELLECK, 2006; BENJAMIN, 2012; HARTOG, 2013).

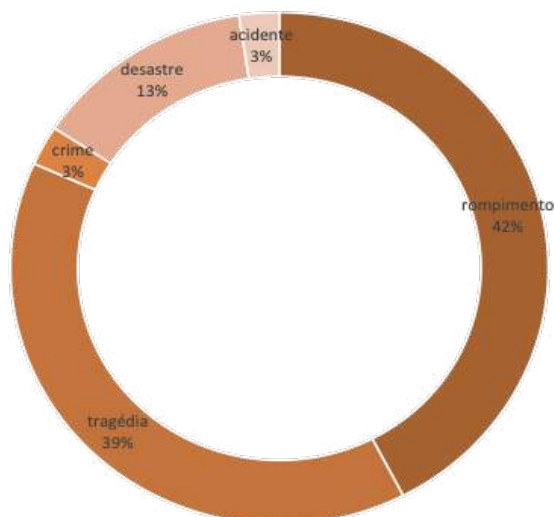


Gráfico 1 – Principais palavras usadas em títulos e subtítulos de reportagens para denominar o evento, entre 5 de novembro de 2015 e 5 de novembro de 2019, na Globoplay
Fonte: primária

O que significa tragédia? Que afetos essa palavra desperta e de que maneira ela serve de matriz de memória para um tipo de enquadramento específico que o jornalismo faz de determinados eventos? *Tragédia* – a ideia, o conceito e a aplicação, em discussão no fim do capítulo – associa-se na sociedade contemporânea à relação entre ruptura da ordem, acidente, decadência do homem, redenção, o imponderável e a morte, em uma imaginação melodramática (BROOKS, 1995; WILLIAMS, 2010; RIBEIRO; SACRAMENTO, 2014; 2017). O enquadramento de *tragédia* e seu uso, que se fortalece na repetição, são centrais neste trabalho. Mostrarei aqui o caminho da pesquisa, antes de entrar em tal análise.

*

Minha relação com a área de história da mídia impressa me levou naturalmente a um caminho que reflete sobre a temporalidade e a historicidade dos processos comunicativos, permeado pela visão de que um enunciado precisa ser desconstruído para ser compreendido. Não precisamos necessariamente voltar às suas origens, mas pensá-lo como um devir e tratá-lo “no jogo de sua instância”, entre o já dito e o jamais dito, entre o que diz e o que se silencia (FOUCAULT, 1972, p. 31). Em diálogo com uma arqueologia do saber, o enunciado abriria “para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória” (FOUCAULT, 1972, p. 31) e, como todo acontecimento, estaria aberto à repetição.

Dois elementos, ao pensar dessa forma, chamavam a atenção.

Em primeiro lugar, tem-se essa ideia de que há uma nuvem de conexões da ordem da memória por trás de um enunciado, um título, ao se nomear um evento cotidiano. Quando um repórter fala em *tragédia* diante de um estádio que recolhe donativos e essa expressão não nos causa espanto, está ligada a um campo semântico inconsciente que naturaliza tal conexão entre a palavra e as coisas. Para investigar esse primeiro ponto, eu queria saber em que circunstância a palavra fora dita, tentando enxergar o que estava em cena, quais eram os jogos discursivos, o que era dito e o que não era dito, o que possibilitavam o surgimento e a proliferação da palavra – e da ideia que ela carrega.

Fato é que, diferentemente de analisar uma cobertura em um jornal impresso específico, como eu tinha costume antes, não se pode ter em mãos, em uma edição matutina, por exemplo, o todo da cobertura televisiva. Em razão de uma falta de política pública que garanta o livre acesso ao material televisivo – discutido adiante –, não se pode ter certeza de que aquilo a que se tem acesso corresponde à totalidade do que foi ao ar em uma emissora de televisão². A reportagem de televisão tem também outra materialidade, sua superfície é temporal – a reportagem é montada em um intervalo de tempo.

Outra característica que fora preciso levar em conta para começar a pesquisa é que o jornalismo televisivo tem como duas de suas funções primordiais o ao vivo e a ilusão, como discutirei, de que se pode acompanhar o acontecimento enquanto ele ocorre, ainda que dentro de uma grade estruturada de programação, com brechas abertas por pressões internas e jogos de poder e de interesses (comerciais, editoriais) que nos escapam. Por essa razão, eu achava sem sentido escolher um telejornal ou um programa jornalístico específico para acompanhar a construção da ideia da “tragédia de Mariana”, já que meu foco não era um formato, mas a construção do acontecimento e a dinâmica de forças que atuam sobre o fato.

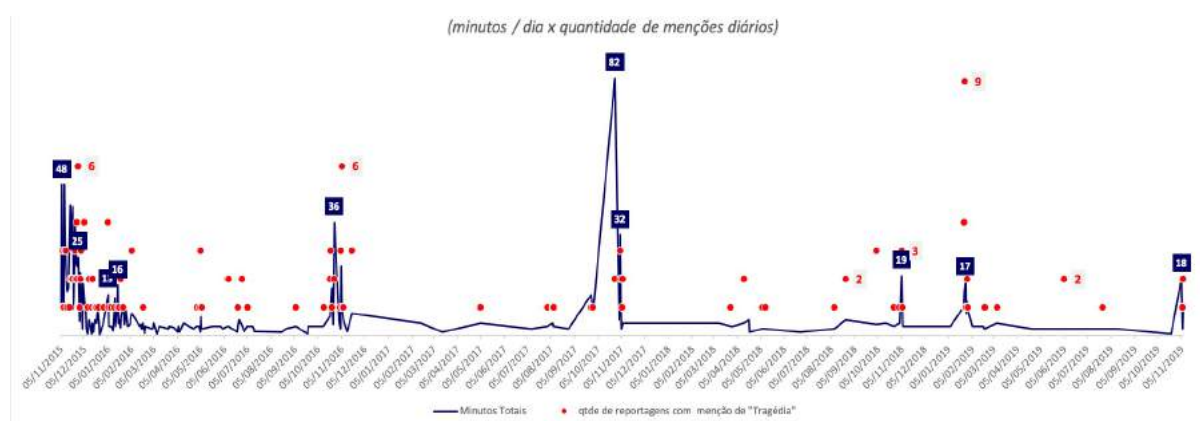
Um exemplo que explica melhor essa escolha: a barragem da Samarco em Mariana se rompeu no fim da tarde do dia 5 de novembro. O *flash* que entrou na programação da Globo fora apresentado da bancada do Jornal Nacional, por causa de uma estrutura de trabalho interna que intercala as equipes de plantão entre Rio de Janeiro e São Paulo. Naquele horário, qualquer notícia urgente que irrompesse o cotidiano e fosse interessante, na visão da direção, para todo o país seria anunciada dali, diferentemente do que ocorreu em Brumadinho, em 25 de janeiro de 2019, por exemplo – a primeira notícia do rompimento da barragem da Vale chegou no fim da edição do Jornal Hoje, apresentado em São Paulo, por volta de 2 horas da tarde. Naquele

² O aparelho televisor em casa, em que não se pode voltar, de fluxo contínuo, ou, como é o caso da pesquisa, na internet, em plataforma de *streaming*.

dia, a apresentadora Sandra Annenberg permaneceu na bancada enquanto a programação normal do canal seguiu. Quando alguma notícia era considerada importante para abrir a grade da programação, a jornalista anunciava-a em plantões. Houve, naquela tarde, segundo meu levantamento, cinco entradas ao vivo de Annenberg e quatro de Renata Vasconcellos, na bancada do Jornal Nacional, até o horário das 20h30, quando o telejornal começa³.

Dessa forma, passei a acreditar que seria necessário acompanhar esse movimento do acontecimento no tempo para frente, como ele evolui ao longo de quatro anos, mas também para trás, ou seja, que tipo de retorno ao passado é feito e como.

Olhar para frente, por um ponto delimitado – 5 de novembro de 2015 –, e enxergar o que dali em diante se movimenta é laborioso, falho, mas possível. Pode-se tentar extrair de uma cobertura seu movimento temporal – duro, rígido, descontextualizado – ao processar quantidade de reportagens, periodicidade e tempo das matérias em uma cobertura. Se se pensasse em captar em imagem esse movimento, ele poderia ser semelhante à do Gráfico 2.



programas⁴. Depois, retorna com força em datas comemorativas, ou seja, datas redondas, principalmente perto dos aniversários de um e dois anos.

O mesmo ocorre para a menção da palavra *tragédia* em títulos e subtítulos de reportagens indexadas na plataforma de *streaming* Globoplay. Em um olhar aproximado no primeiro mês, vemos que a menção em tragédia aumenta no decorrer dos dias. No Gráfico 2, dei ênfase ao tempo dedicado ao assunto na programação, mas percebi que isso gera uma interpretação ambígua, porque um programa como o Globo Repórter, que tem em média 40 minutos de produção, eleva demais o pico da curva e gera distorção.

Por isso, podemos visualizar essa cobertura em outra escala, levando em consideração a quantidade de reportagens, uma maneira mais fiel, já que mostra melhor os dias em que não houve cobertura (Gráfico 3).

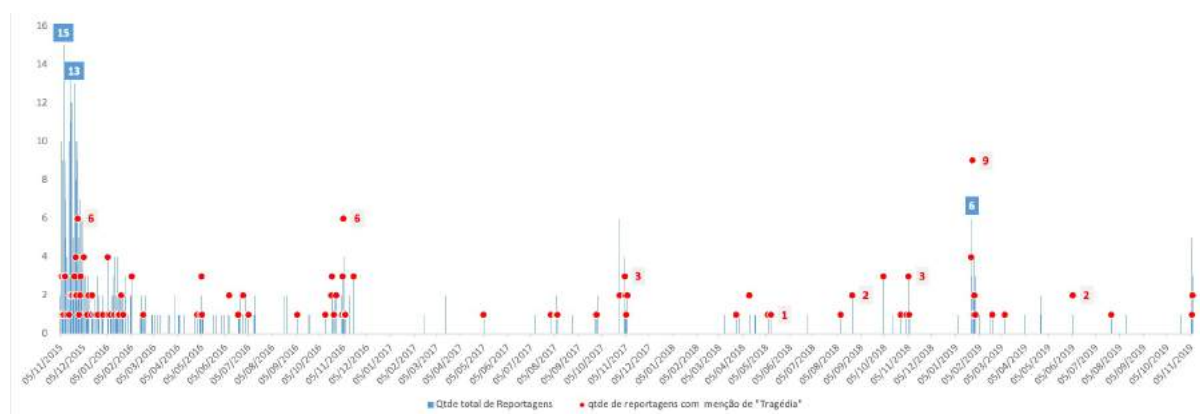


Gráfico 3 – Quantidade de reportagens sobre o assunto intercalada com a menção de *tragédia* em títulos e subtítulos ao longo de quatro anos

Fonte: primária

No Gráfico 3, vemos a quantidade de reportagens e não o tempo dedicado a cada assunto. Ainda assim, o pico nas datas comemorativas está presente.

É um ponto de partida para nos perguntarmos o porquê desse comportamento e também tentarmos compreender que elementos se repetem nessas ondas que sobem em crista nas datas redondas. Se olharmos de perto, encontramos outro fenômeno em pico, em data não comemorativa: janeiro e fevereiro de 2019, quando houve o rompimento da barragem em Brumadinho. Um acontecimento, portanto, joga nova luz sobre o outro. Existe um retorno do

⁴ Programas jornalísticos, como Globo Repórter e Fantástico, dedicam mais tempo aos assuntos. Um Globo Repórter de 30 minutos de duração, por exemplo, cria essa deformação acentuada em outubro de 2017. Por isso, tem-se a necessidade de olhar o gráfico de outra maneira.

fato, um novo enquadramento⁵ do acontecimento, que já desconfiávamos ocorrer antes de visualizar, dessa maneira, a pesquisa. Mas, para além do pico em número de reportagens ou mesmo em tempo de exibição em janeiro e fevereiro de 2019, vale notar o aumento considerável da menção em *tragédia*, levando em conta títulos e subtítulos das reportagens. Existe muito a ser considerado para usar os dados e uma síntese visual deles extraída de perguntas que eu fiz – portanto, podemos falar que se trata aqui de um enquadramento da pesquisa da cobertura desse acontecimento – e que já foi coberto a princípio pelo trabalho jornalístico no calor do momento e, depois, reunido e arquivado numa plataforma digital.

Antes de voltarmos a explorar os dados, existe outra consideração. Um segundo elemento despertado nesse diálogo superficial com a arqueologia do saber – sobre pensar o enunciado como um devir, citado no início do capítulo – é o caráter de repetição muito forte, quando falamos na tensão entre lembrar e esquecer. Em primeiro lugar, faz-se preciso ter em conta que repetição é uma condição presente no jornalismo como um todo, mas de maneira especial em televisão: imagens de um evento se repetem constantemente – em um dia de cobertura, se for um evento que mobilize a estrutura jornalística como os citados aqui, usa-se a mesma imagem diversas vezes em todos os telejornais, na internet, bem como *frames* ou réplicas dela em mídia impressa. Tal como as imagens, repetem-se sentidos, valores, informação, enunciados tanto na sustentação de uma cobertura ao vivo quanto ao longo do tempo, em matérias comemorativas, ancoradas em efemérides, em que o caráter do retorno é ainda mais acentuado.

No âmbito das articulações da memória cultural, repetição pode começar a ser compreendida conforme um conceito desenvolvido no pensamento da clínica da psicanálise por Freud, a respeito do caráter crônico da memória em um nível exclusivamente individual. O uso do pensamento sobre a memória do indivíduo em Freud nas ciências humanas e sociais é válido como uma espécie de metáfora, que nos permite fazer associações de ideias. Destaco três textos principais em que o psicanalista coloca em debate a centralidade da memória no aparelho psíquico do sujeito: “Recordar, repetir, elaborar” (FREUD, 1997b); “Lembranças encobridoras” (FREUD, 1997a); e “Nota sobre o bloco mágico” (FREUD, 2011). Neles se

⁵ O conceito de enquadramento é vastamente utilizado nos estudos de análise do discurso e fundamenta-se sobretudo na ideia de que os meios de comunicação dão sentido, interpretam, analisam os fatos por determinado viés, *frame*, enquadramento. Enquadrar consiste em “selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e torná-los mais evidentes em um texto, promovendo uma definição de problema em específico, uma interpretação causal, avaliação moral e/ou recomendação de tratamento pelo item descrito” (ETMAN, 1993, p. 193). Para nós, nos estudos de memória, enquadramento adquire outros contornos, que têm a ver com a forma de selecionar elementos, entre lembrança e esquecimento, e atribuir sentido ao passado por meio da perspectiva do presente, de onde também se projeta um futuro, com base nos estudos de Michael Pollak (1989). Enquadramento tem a ver com a forma específica de organização dos vestígios, que é sempre relacional, processual e dinâmica.

evidencia o caráter organizador, seletivo, inconsciente da memória, permeado pela tensão entre a lembrança e o esquecimento, notando que há a não linearidade nos processos mnemônicos.

Esses processos teriam caráter interpessoal. A pessoa lembra-se de alguma coisa, por meio do presente em que está inserida, em direção ao Outro. A lembrança pode ser consciente, narrada, do campo da elaboração, no qual o sujeito refaz os caminhos em direção ao passado e seleciona o que conta ou não (no contexto da clínica psicanalítica), ou inconscientemente (quando a lembrança permanece latente), quando perpassa pelo não dito, aparece por meio de ação, ou seja, repetição. Nesse caso, a repetição (manifesta em ação, sintoma) ocupa lugar onde as palavras faltam, onde não há elaboração da vivência traumática.

Esse tipo de evento doloroso deixa uma marca no inconsciente do sujeito, que, assim como uma marcação em um bloco mágico⁶, persiste, não desaparece, por mais que diga que não se lembra de nada. O trauma em Freud é aquilo que escapa ao discurso, à assimilação. O trauma torna-se na duração, na impossibilidade de dizê-lo. O evento traumático, portanto, não é esquecido, mas encoberto por uma rede de outras lembranças (é recalçado). A experiência dolorosa não elaborada retorna no futuro por meio de ação (repetição, sintoma), em instantes de reconhecimento. O caminho em direção ao passado é feito, então, de forma inconsciente.

Na interpretação de Didi-Huberman (2013, p. 283),

aquilo que o sujeito não se lembra – o recalçado – repete-se na experiência como sintoma, como que sob impacto de um mesmo processo de impressão: os traços mnemônicos e suas facilitações, os restos infantis, e suas inscrições no bloco de notas mágico da memória inconsciente, tudo isso poderá doravante reunir-se num modelo específico da memória inconsciente.

O autor, ao ler o trabalho da “ciência sem nome” (das imagens, denominada por Agamben, 2009) em Aby Warburg e aproximá-lo da ideia de repetição no pensamento sobre a memória em Freud, indica que ambos compartilham a ideia da leitura da imagem pelo sintoma, porque ela é reminiscência. A memória inconsciente ativada pela imagem no presente só é compreensível pela leitura desse sintoma, um ponto de ação na superfície do tempo.

De certa maneira, a leitura da cobertura em gráfico pode captar um olhar pela perspectiva da superfície, que vislumbra os pontos de retorno ao acontecimento, em uma reorganização narrativa de evento passado.

O trabalho organizador da memória extrapola o nível individual da consciência humana e cabe também a instituições; tem relação com jogos de poder (*cf.* TODOROV, 2000;

⁶ Superfície de cera que tem uma camada de papel por cima, na qual se dá a inscrição que, se forte o suficiente, deixa uma marca quase invisível no que está por baixo. Portanto, ela só é vista sob determinada luz.

POLLAK, 1989; 1992; ASSMANN, 2011). São as instituições, nas quais a cultura da mídia e sobretudo o jornalismo têm papel importante, que atuam como selecionadoras dos eventos memoráveis na superfície da cultura – o que aparece e o que é deixado de lado, ainda que os próprios eventos se abram para o imaginado. Dependendo de como a memória no âmbito da cultura é enquadrada, pode ser marcada pelo silêncio, pelo esquecimento forçado e pelo ressentimento, como mostrou Pollak (1989): o não dito pode ser o esquecido e o silenciado, mas também o subentendido ou o pressuposto. De qualquer modo, tal como na memória individual, o que não é elaborado – e é reprimido, encoberto – pode retornar sob o formato de repetição.

Minha questão, portanto, é pensar como essa dinâmica pode ser apreendida mediante elementos centrais na cobertura de eventos tidos como trágicos, que flutuam nas tramas da memória cultural. A pesquisa abre-se em duas formas de pensar a repetição no âmbito das memórias cultural e individual. Aparece no retorno inconsciente de imagens, símbolos, valores e enquadramentos em coberturas sobre assuntos trágicos, que, por mais que na ordem do discurso apontem para um diálogo com temas específicos, na ordem das imagens nos remetem a eventos que têm no retorno do movimento destruidor da lama seu principal significado. Aparece também no retorno do acontecimento em datas comemorativas, redondas, nos aniversários da dita tragédia – trata-se de uma repetição consciente que novamente lida com valores que perpassam pelos afetos e pelo não dito, ou seja, a repetição da experiência vivida, a elaboração do trauma, no âmbito da memória individual, quando trabalhamos as entrevistas com pessoas que perderam suas casas e rememoram sua história. Histórias erguidas sobre ruínas. É por isso que a pesquisa se divide em duas partes, “Imagens” e “Lembranças”, ainda que as instâncias não existam uma sem a outra.

Tratando especificamente da reflexão sobre a cobertura em que eu jogava luz, percebi que era necessário um deslocamento ao analisar essas conexões entre as palavras, a memória e as coisas, já que a cobertura de televisão pressupõe uma dinâmica audiovisual. O caso aqui é pensar a imagem jornalística televisiva como um documento da história, que retém monumentalidade (uma herança do passado que foi enquadrada diversas vezes ao longo dos anos). Documento é montagem “consciente ou inconsciente da história, da época, da sociedade que o produziu, mas também de épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado também pelo silêncio” (LE GOFF, 1982, p. 116). As imagens, enquanto documento, servem de apoio à memória, permitem que indiretamente se possa falar de experiências passadas dolorosas, por exemplo, que orbitam em torno do não dito (LEANDRO, 2018). Abrem-se em inúmeras possibilidades.

Essa analogia entre história, memória, imagem e montagem aparece de outra maneira na crítica de Walter Benjamin ao historicismo positivista, expressa em Benjamin (2006), quando indica a possibilidade de aplicação do conceito de montagem à história – o historiador apreenderia o passado em imagens e, ao escrevê-lo, poderia colar os fragmentos narrativos lado a lado, como fotogramas de um filme. Nas palavras de Benjamin (2006, p. 6), essa tarefa consiste em

erguer as grandes construções a partir de elementos minúsculos, recortados com clareza e precisão. E, mesmo, descobrir na análise do pequeno momento individual, o cristal do acontecimento total. Aprender a construção da história como tal. Na estrutura do comentário. Resíduos da história.

Ao organizar esse mosaico de (imagem) pensamentos sobre fragmentos do passado⁷, seria possível pensar nas verdades escondidas no detalhe, as relações entre passado-presente-futuro, que se encontram em um lampejo, dialética na imobilidade (BENJAMIN, 2006, p. 5).

Deveríamos, nesse sentido, nos esforçar em capturar esse vislumbre do tempo que as imagens da história podem nos mostrar. Parece possível aproximar essa forma de pensar o tempo da maneira de compreender cenas filmadas do real – o próprio Benjamin, como avalia Seligmann-Silva (2016a, p. 390):

Nunca foi “apenas” um pensador e filósofo do tempo: ele era também um teórico das imagens – e da dimensão espacial das mesmas. [...] Antes, Benjamin estava preocupado em estabelecer, ou na verdade, em desvendar o elemento espacial que envolve e detém o tempo. A sua reflexão sobre História valoriza a sua interrupção pontual – determinada num aqui e agora: privilegia a cesura no tempo: o verso/volta, a dança em zigue-zague e não a prosa linear. O tempo para ele não é vazio, mas sim, poroso – matérico.

As imagens são documento, monumento, verdade, mentira, dito e não dito. Conjunto de tensões cristalizadas, uma sobreposição de sentidos (e cristalizações) de tempo. Na interpretação de Seligmann-Silva (2016a) sobre a relação da imagem dialética com “a memória involuntária da humanidade redimida” em Benjamin, seria impossível reencontrar o passado plenamente – este apresenta-se como lembranças, raios, em momentos de choque no presente e, por se tratar de rompantes, não pode ser escrito de forma coesa, organizada nem contínua⁸. A imagem do passado congelaria o instante do espaço: é tudo, mas, ao mesmo tempo, não o é.

⁷ Na visão de Benjamin (2012), o tempo ido é um amontoado de ruínas, destroços do tempo, como mostrarei na parte 2.

⁸ No capítulo 1 fizemos referência aos estudos históricos que problematizaram na segunda metade do século XX a impossibilidade de acessar o passado tal como ele foi, como o próprio Le Goff (1982). Na parte 2 retomarei essa ideia; ela aparece bastante no pensamento de Lowenthal (2010).

“O agora que está na base do conhecimento da história estrutura, para Benjamin, o reconhecimento de uma imagem do passado que, na verdade, é uma ‘imagem da memória’” (SELIGMANN-SILVA, 2016a, p. 399). Caberia ao historiador, conforme essa crítica ao historicismo positivista, “apanhar essas imagens nos momentos em que elas se oferecem” (SELIGMANN-SILVA, 2016a, p. 399), como um trabalho de escavação da memória, que pode se dar no espaço – ou no tempo – sempre partindo do presente, no qual tais imagens se sobrepõem.

A reflexão sobre a imagem jornalística em televisão assumindo essa tensão impressa no “cristal do acontecimento” se faz essencial. A reportagem é um discurso organizado sobre o passado, e as imagens de um acontecimento, editadas (ou seja, enfileiradas, montadas) em um tempo acelerado sem espaço para o silêncio, também são usadas para ilustrar (denotar, demonstrar, provar, articular) aquilo que de fato foi, em uma visão do que é notícia e do que é jornalismo.

A cultura da mídia (e dentro dela, organizações de grande ou pequeno porte, vozes dissonantes ou hegemônicas) disputa há um tempo com historiadores o lugar legitimado de escrever presente e passado e usa as imagens como provas da verdade que se pretende narrar. Ribeiro (1995; 2006) apontou essa dinâmica em dois trabalhos fundamentais que discutem os valores dos usos do passado pelo jornalismo televisivo e nos jornais impressos no movimento das reformas gráficas e de conteúdo implementadas nos anos 1950 e 60. Para além disso, as imagens funcionam como portais que nos deslocam no tempo, conectando-se a outras imagens, afetos. O jornalismo contém, em sua monumentalidade, fragmentos do real, que possuem “o poder de concretizar a falsa realização de utopias, que leva de roldão o passado, as culpas, as responsabilidades” (SELIGMANN-SILVA, 2016a, p. 84). Toda imagem é um fragmento de tempo captado no espaço.

O tempo voraz da televisão é o tempo das sensações (SODRÉ, 2006). Na ilha de edição, em que editores de vídeo e de texto se reúnem para tecer a trama narrativa da notícia trágica, contra o compasso do relógio, que espreme a tarefa entre o presente e o *deadline*, selecionam, cortam, encadeiam ideias com base em repertórios discursivos (estéticos, ideológicos, culturais). Há também as pressões editoriais e um repertório de práticas profissionais que remetem a uma forma de fazer estabelecida ao longo dos anos na própria instituição. Existe uma memória institucional que também atua sobre essas práticas do dia a dia.

Lindeperg (2013, p. 11) percebeu que a escolha das imagens na montagem cinematográfica e a sua edição em campo e contracampo “lançam luz sobre sua dupla estratégia de polimento e re-enquadramento do evento”. Ou seja, o evento é narrado, construído,

enquadrado. A imagem, nessa perspectiva, tem um jogo duplo, e a sobreposição de temporalidades em imagem de televisão evoca a necessidade de voltar no tempo. Se para Le Goff (1982) o monumento é “herança do passado”, permeado por relações de poder, a sequência de imagens do evento, quando editada em cortes secos e retomada no futuro como arquivo, retorna em caráter também monumental. Já que imprime *status* de verdade à realidade passada, é usada no argumento jornalístico como prova irrefutável da realidade.

Ao ler a imagem jornalística em sua historicidade, no intervalo, no choque, verificamos que ela se abre à memória, nessa viagem para dentro sem sair do lugar.

Adiantei no início que a reflexão sobre a potência do fragmento entrou em contradição com minha própria tendência de abraçar o todo. Eu achava que, para investigar o comportamento da ideia de tragédia num acontecimento, eu precisava saber de tudo o que foi noticiado na Globo a respeito do caso – o que foi dito, como foi dito, quais foram as fases da construção em tempo real do acontecimento. E os gráficos ilustram essa megalomania. De certo modo, existem estudos de jornalismo que se dedicam a pensar a construção narrativa do acontecimento, com ênfase no discurso e na estrutura da notícia de eventos trágicos ou da ordem dos desastres naturais/ambientais⁹, mas não vejo tanta ênfase em pensar o acontecimento pelo recorte do potencial de reminiscência da imagem, tampouco discussão, mesmo nessa tendência de analisar fases da cobertura e o que é dito nas reportagens, acerca da metodologia da pesquisa em acervos digitais, que é a maneira como acessamos o passado.

O movimento de cartografia da cobertura, que tentei traduzir por meio de gráficos, é demasiadamente laborioso. Envolve listar todas as reportagens, limpar a base de dados, cortar títulos repetidos e depois pensar a melhor forma de traduzi-los em gráfico – atividade que demorou no mínimo dois anos para ser concluída. Com auxílio de assistentes de pesquisa, elaboramos 22 gráficos de naturezas diversas, obedecendo a questões despertadas no momento. Muitos deles deram errado, pois produziam distorções. Esse pensamento constante de aperfeiçoar a visualização da informação provida pelos documentos suscita questões, diversas delas abordadas aqui. Ainda assim, depois de tudo isso, apenas a análise das informações e sua transposição à síntese visual não dão conta da questão central da pesquisa, que são os jogos da memória em múltiplas dimensões, que se materializam no espectro, no retorno do não dito, em elementos da cobertura jornalística.

⁹ Cf., por exemplo, Coutinho e Mata (2013), Amaral e Ascencio (2016), Calero e Cabral (2017), Valencio (2019) e Amaral (2019). Mais especificamente sobre uma análise da estrutura narrativa da cobertura do “caso da Samarco” no Jornal Nacional, ver Carvalho (2018) e Varela (2018).

Como a reaparição da lama em eventos trágicos – cuja ação humana normalmente é amenizada diante da força da natureza – é sistemática, o uso dos dados aponta, no entanto, caminhos que podemos seguir, paralelamente à ideia de imersão nos fragmentos de reminiscência. Cria-se assim uma possibilidade também de reflexão sobre como temos acesso à mídia jornalística na internet.

Primeiramente, porque a natureza de nossos documentos é por si só transitória, efêmera – a mídia impressa ou gravada em filme, fita ou disco óptico tem prazo de validade, precisa ser transposta para outra base para que dure mais, embora ainda permaneça frágil, requerendo cuidados especiais. Essa transposição exige investimento financeiro e os custos seguem em fluxo contínuo – a mídia tem de ser catalogada, arquivada e preservada. No futuro, quando manuseada, deve passar novamente por manutenção. É um trabalho constante que, na falta de políticas públicas que garantam a instituições públicas a obrigação de salvaguardar a totalidade do material que vai ao ar (no caso de rádio e televisão), isso fica a critério da iniciativa privada, que pode, ou não, autorizar a consulta do material, bem como decidir a maneira como essa consulta será feita¹⁰.

A indexação dos materiais nesses arquivos privados responde, portanto, a uma lógica própria criada para atender aos usos internos e comerciais da própria empresa¹¹. O que porventura vem a público e está disponível ao pesquisador responde, portanto, a limitações impostas pela tecnologia investida pelas empresas na transposição, organização e disposição

¹⁰ Não há uma política pública que regulamente o arquivamento de mídia de rádio e televisão, assim como existe a Lei do Depósito Legal de publicação seriada da Biblioteca Nacional, que força a salvaguarda de um exemplar de todo tipo de publicação em território nacional, desde 1922 (livros, jornais, revistas), o que deixa o acesso a critério das empresas. Itânia Gomes (2014) recuperou essa história das leis de regulamentação do patrimônio artístico e cultural ao problematizar o “constrangimento histórico para a construção de uma política pública de conservação e acesso ao arquivo de televisão” no país. Para além disso, mesmo os acervos de periódicos precisam se valer de técnicas de transposição de mídia para consulta do público, já que elas são perecíveis. Primeiramente, fazíamos a pesquisa em rolos de microfilme, que possuem o prazo de 15 anos de validade até azedar – isso se não fossem danificados antes desse tempo pelo uso. Em 2011, foi lançada a Hemeroteca Digital, que garantiu conforto ao pesquisador ao poder consultar o acervo de sua casa, a qualquer hora. Há também arquivos livres para pesquisa dos acervos dos jornais *O Globo*, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* e da revista *Veja*, todos lançados na mesma época. Outros pesquisadores no Brasil estudam o problema de acesso aos arquivos televisivos no Brasil (GOMES, 2014; BRASIL; FRAZÃO, 2012).

¹¹ Falei longamente sobre esse processo na dissertação de mestrado, sobre o Departamento de Pesquisa do *Jornal do Brasil* (MELO, 2014).

dessas mídias no ambiente digital¹². Essa é uma informação a ser considerada quando nos lançamos sobre esse tipo de material¹³.

*

As questões despertadas pela pesquisa em base de dados digitais devem ser transpostas em texto. Até porque, sempre que uma reportagem aparece aqui, é preciso que se saiba como cheguei até ela.

Nos últimos quatro anos, formei uma base de dados com matérias extraídas da plataforma de *streaming* da Globo, a Globoplay. A base de dados lista 1.178 itens, em um intervalo de quatro anos: de 5 de novembro de 2015 a 5 de novembro de 2019. As reportagens dizem respeito à cobertura do rompimento da barragem em Mariana, e, depois que houve um desastre parecido em Brumadinho, em 2019, passei a mapear também esse caso. Nesse momento, é importante ressaltar, reacendeu-se o debate sobre desastres de mineração e revisitou-se a situação em Mariana – como se falou na imprensa da época: “a tragédia se repete”. Dessa forma, passei a pensar a pesquisa como dividida em três tipologias temporais: o presente: a cobertura imediata do dia do rompimento da barragem, dia 5 de novembro de 2015; o futuro: o que vem dali para frente, nessa onda de elaborações sobre aquele momento, elaborações por meio de reportagem televisiva, mas também de entrevistas coletadas no contexto pós-lama; o passado: o que existe dali para trás que é acionado em tramas de memória durante a cobertura, tanto consciente quanto inconscientemente.

¹² Falo aqui especificamente sobre o arquivo da Globo, apesar de saber que, de maneira diferente, algumas questões perpassam pela consulta *online* de jornais e revistas impressos. A forma como acessamos documentos digitalizados e disponíveis em plataformas como o Acervo O Globo, o Acervo Folha e a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional também está sujeita à tecnologia empenhada pelas instituições para extrair texto de imagem digitalizada, por meio de reconhecimento óptico de caracteres (*optical character recognition* – OCR). Esse tipo de tecnologia impõe-nos outras limitações que também inviabilizam a busca do todo ou de tudo, já que, uma vez que uma página esteja borrada, ou com péssima qualidade de impressão, a ferramenta não identificará as palavras impressas ali corretamente.

¹³ Desde os anos 1960, as grandes empresas de comunicação passaram a manter arquivos vivos para usos diversos. Começando pelo arquivo do *Jornal do Brasil*, a prática ganhou maiores investimentos na década de 1970 (o Centro de Documentação – Cedoc – da TV Globo, por exemplo, foi criado em 1973), juntamente com uma nova forma de compreender a importância da salvaguarda desses documentos. As instituições passaram a notar que suas notícias não só registravam a seu modo a história do tempo presente e serviam de documento para consultas futuras, como também reforçavam posteriormente a importância da marca na cena de acontecimentos passados. Relembrar que jornais, revistas e equipes de televisão testemunharam e relataram a história em determinado momento se tornou importante para a memória das instituições (RIBEIRO, 1995; MELO, 2014). A mídia arquivada pode ser reutilizada no futuro para inúmeros fins e, também, ser comercializada. Há, portanto, valor comercial no arquivamento da informação. Para compreender o funcionamento do Cedoc da Globo, ver: G1 (2012).

A seguir, mostro duas tentativas de apreender esse movimento de fluxo temporal de ambas as coberturas, que novamente evidenciam a repetição e o retorno do acontecimento em datas específicas, do dia 5 de novembro em diante. Trago aqui escalas diferentes. Em uma, fica em evidência a discrepância do tempo dedicado a Brumadinho com relação ao tempo dedicado à cobertura em Mariana, em 2015 (Gráfico 4). Em outra, visualizamos melhor o fluxo em 2015, ao dar maior ênfase à base do gráfico (Gráfico 5), numa tentativa de aproximação dos números menores, mas temos como resultado uma distorção nas cristas, o que reforça, mais uma vez, como podemos ter resultados diferentes tentando compreender nossa própria base de dados. Esse exercício é um caminho novo de possibilidades que também requer testes e tentativas para se pensar na melhor forma de enxergar esse percurso da cobertura. Existem múltiplas formas de ler e representar essas informações.

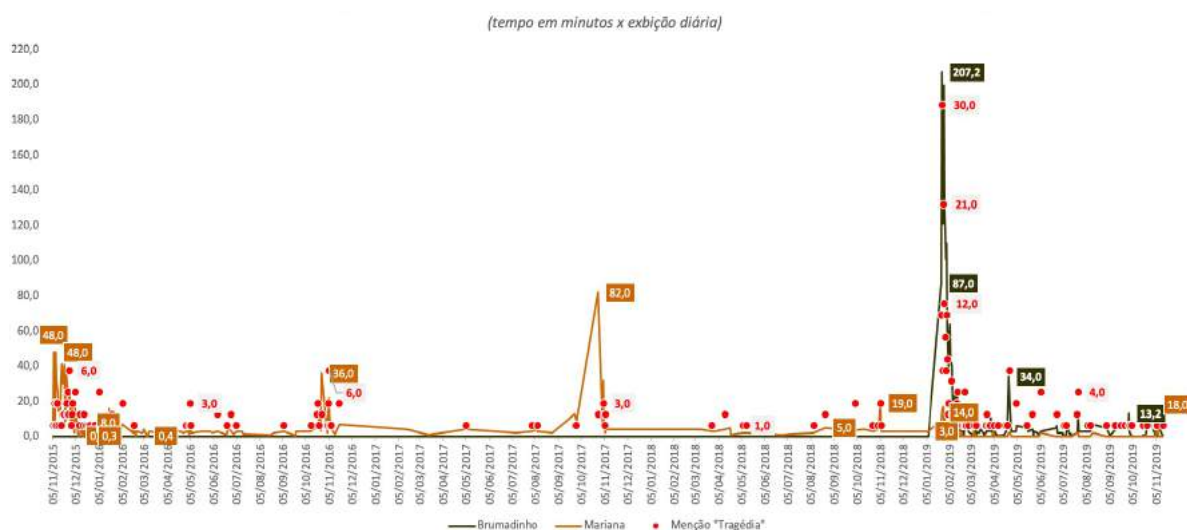


Gráfico 4 – Comparação entre as horas de reportagem das coberturas da “tragédia de Mariana” e da tragédia de Brumadinho, de 5 de novembro de 2015 a 5 de novembro de 2019. Em rosa, oscilação do aparecimento da palavra *tragédia* em títulos e subtítulos

Fonte: primária

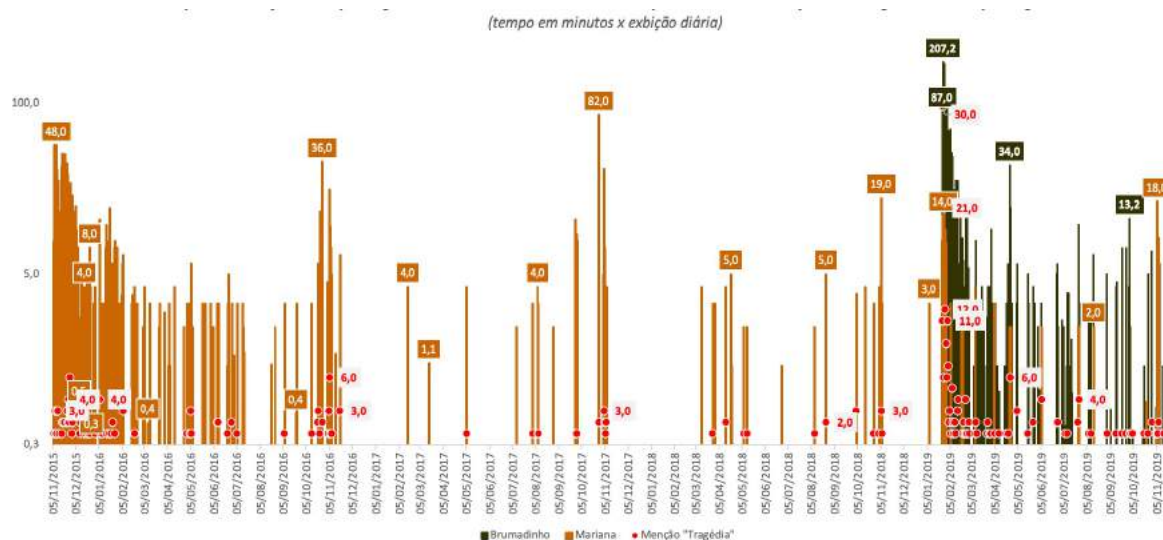


Gráfico 5 – Horas de cobertura da “tragédia de Mariana” + tragédia de Brumadinho + menção de *tragédia*. Há distorção no topo, que aproxima os ápices das coberturas 82 minutos × 207,2 minutos
Fonte: primária

O mapa criado para captar esse *presente* e esse *futuro* da cobertura era uma tentativa de abraçar a nuvem turva, imaterial que constitui o acontecimento, em constante transformação. Hoje, percebo que cheguei a um número aproximado de reportagens que foram ao ar, e não ao número real. Mesmo seguindo uma série de critérios que criei e que descreverei em breve, sempre que navego novamente na plataforma, haja vista novos referenciais, acabo encontrando uma matéria que escapou. Ainda assim, olhando o Gráfico 5, é possível perceber um fluxo da cobertura, com ápices nas datas de aniversário, que retorna com força quando há o rompimento da barragem do Córrego do Feijão, em Brumadinho, uma cobertura monumental que comparativamente mobilizou maior atenção da imprensa e também potencializou a ideia de tragédia em níveis não vistos antes. São indicativos que nos movem a olhar mais de perto as circunstâncias em que se dá a repetição, o retorno do fato nas cristas. Ao olhar para os gráficos, vemos a ascensão da menção de *tragédia* em títulos e subtítulos de reportagens indexadas na primeira semana de cobertura do caso de Brumadinho. Cada ponto corresponde a um dia de cobertura, apesar de na base do gráfico vermos a evolução de tempo nos dias 5 de cada mês.

A Globoplay é um alento ao pesquisador de mídia televisiva, acostumado a não ter uma biblioteca ou arquivo público aberto em que possa fazer um trabalho de pesquisa livre. Desde 2015, a plataforma de *streaming* disponibiliza para quem a assina todos os programas que vão ao ar na Globo – e desde 2018 programas inéditos, pensados para serem consumidos

inteiramente nesse ambiente digital¹⁴. Os programas seguem uma classificação de entretenimento, esporte, variedades e jornalismo – é possível ter acesso à íntegra dos telejornais e aos trechos das reportagens individualmente –, e são gerados *links* de cada reportagem, que podem ser consultados em momento posterior. A plataforma não é feita para pesquisadores. Portanto, não conseguimos refinar a busca por categorias; ela simplesmente traz todos os resultados, misturando o gênero dos produtos, sem obedecer à ordem cronológica – cada plataforma de *streaming* tem seu próprio algoritmo, com funcionamento confidencial. Cabe a nós estabelecer uma lógica de trabalho conforme as limitações do arquivo e não acreditar que o que vemos no resultado de busca corresponde à realidade do que foi ao ar.

Para estabelecer uma estrutura de pesquisa, elaborei algumas regras: navegar por todos os telejornais de rede da TV Globo em todos os dias do primeiro mês da cobertura e, portanto, listar todas as reportagens que foram ao ar no período; navegar pelos mesmos telejornais nas datas redondas de aniversário: um, dois, três e seis meses e um, dois, três e quatro anos; realizar busca livre na própria plataforma por “Samarco”, “Tragédia+Mariana” e “Mariana”.

Os resultados na busca livre eram diversos; a plataforma mistura telejornais locais, programas de entretenimento e os telejornais de rede em ordem aleatória – não elenca por data, por exemplo, o que exige refinamento posterior de limpeza na base de dados do Excel.

O passo 1 da busca gerou uma lista base a partir da qual um segundo trabalho de refinamento foi necessário, seguindo a ordem: retornar a todas as reportagens encontradas e checar se havia na mesma edição do telejornal ou programa outras matérias ou notas cobertas sobre o assunto; checar um dia antes e um dia depois da edição específica para avaliar se havia outras reportagens sobre o caso. Nesse retorno, portanto, para cada matéria encontrada, um guarda-chuva novo abria-se, o que podia levar a caminhar por outros itens, seguindo a mesma lógica.

Para catalogar em uma planilha o material, pensei em seguir as informações disponíveis na plataforma: data, nome do telejornal, título da matéria, subtítulo e tempo de exibição. É preciso considerar, após assistir ao material, que: os títulos indexados não correspondem às cabeças das matérias que foram ao ar; são sínteses feitas depois, por quem sobe o material na internet, assim como o subtítulo. O tempo em minutos gerado pela plataforma também não corresponde ao tempo exato da reportagem; ele abrange a cabeça lida pelos apresentadores, a matéria e o possível fechamento – se há entrada ao vivo do repórter e conversa com os

¹⁴ A Globoplay pretende, a médio prazo, se tornar um *hub* de conteúdo focado no mercado brasileiro, de acordo com o então diretor da plataforma, João Mesquita, em apresentação na Rio2C, evento de criatividade e inovação que ocorreu no Rio de Janeiro, em abril de 2019 (SACCHITIELLO, 2019).

apresentadores, nota coberta com resposta das partes citadas, ou até mesmo um comentário feito em estúdio, tudo isso entra no tempo da reportagem indexada na Globoplay. A Figura 7 ilustra como as informações são disponibilizadas no *display* da plataforma e como aparecem na base de dados¹⁵.



Figura 7 – Display Globoplay × linha de tabela da base de dados

Fonte: disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/4590775/>>. Acesso em: 18 nov. 2019

Feito isso, deparei com a base refinada e passei a me perguntar: o que é possível visualizar com base em uma representação do comportamento da ideia de tragédia ao longo dos anos dessa cobertura? Onde estariam esses picos e quando eles seriam? Que outras palavras são usadas para descrever o acontecimento em títulos e subtítulos? Haja vista esses questionamentos, cheguei aos Gráficos 6 e 7, que oferecem outros indicativos interessantes sobre a evolução da semântica do acontecimento.



Gráfico 6 – Aparição de menção à tragédia em títulos e subtítulos das reportagens contidas na base de dados, levando em consideração as coberturas de Mariana e Brumadinho juntas

Fonte: primária

¹⁵ No Anexo A, reproduzo páginas das minhas tabelas de pesquisa.

Essas respostas sobre o caminho da palavra, como venho dizendo, são até simples de serem respondidas se fizermos um passeio pela base de dados observando apenas a aparição da menção à tragédia ao longo das coberturas, no intervalo de tempo a que jogamos luz. Fiz também um segundo teste, levando em consideração palavras-chave de maior utilização na indexação das reportagens como alusão ao evento: *desastre*, *rompimento*, *acidente*. Quis, por fora, apesar de não ser utilizada como sinônimo dessas outras, observar também o comportamento da palavra *lama* e os momentos em que ela ganha força. Cheguei, portanto, ao Gráfico 7.

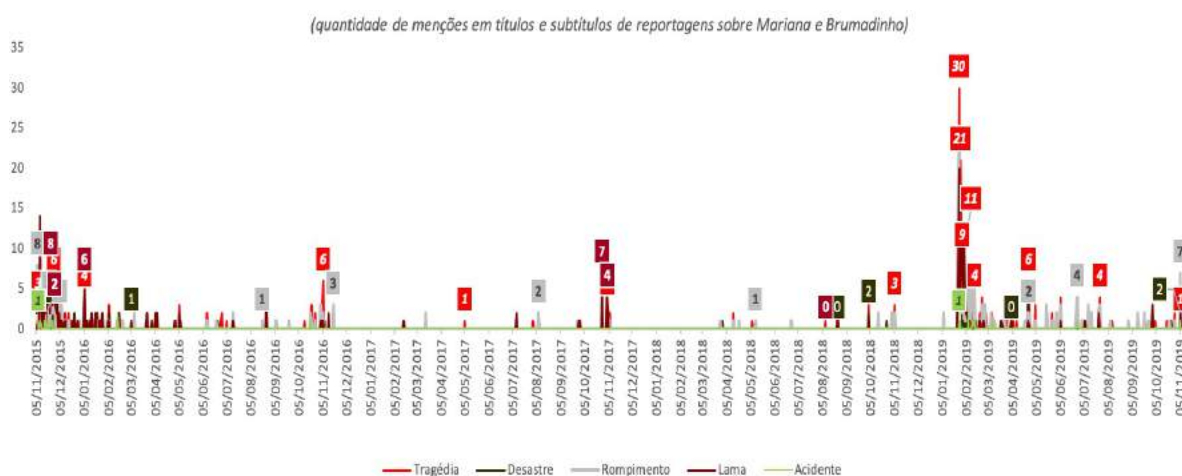


Gráfico 7 – Caminho das palavras *tragédia*, *desastre*, *rompimento*, *lama* e *acidente* em títulos e subtítulos, de 5 de novembro de 2015 a 5 de novembro de 2019

Fonte: primária

No Gráfico 7, *tragédia* e *rompimento* atuam em alternância para nomear o evento que, durante a eclosão por repetição, tem predominância em ser chamado de *tragédia*. *Acidente* e *desastre* não são muito usados, ao contrário de *lama*, que figura durante todo o trajeto, ainda que de forma menor. O olhar na superfície serve como ponto de partida.

Vamos além, pelas teias do tempo. Ao nos aproximarmos do detalhe, somos jogados ao passado em conexões imaginadas, por meio das portas abertas pela temporalidade múltipla apreendida na tragédia congelada em alguns *frames*. Como escrevi no último parágrafo do capítulo anterior, a lama da Samarco é espectro. Da mesma maneira que retorna como fantasma na cobertura televisiva de Brumadinho, em 2019, ela é sombra de eventos de outras épocas. Portanto, temos aqui duas dimensões, para frente e para trás.

Como pensar o que está para trás? As reportagens precisam ser contextualizadas, pensadas em sua relação com a cultura, a instituição, as práticas profissionais; é necessário historicizá-las. A base de dados não desaparece na pesquisa a partir desse momento. Sempre que tenho de entrar em contato com o tema, recorro a ela, mas, para acessar eventos anteriores a 5 de novembro de 2015, faço-o por intermédio de caminhos da lembrança engrenada no presente, seja por meio de relatos orais e das memórias narradas por mim e pelos entrevistados, seja por meio de imagens mediadas em trabalhos de organização do passado – como o *site* do Memória Globo, que disponibiliza reportagens antigas sobre alguns assuntos. Só podemos interpretá-las por relances, em articulações de memória entre o presente e o passado, tendo ideias de futuro em vista, a partir de um momento de reconhecimento no presente.

Está aqui, creio, o momento em que o método se torna também pensamento¹⁶. É maneira de interpretar e agir, já que a metodologia baseada em fragmento expõe a potência da memória e exige uma escrita igualmente fragmentária.

Expor as tramas da memória cultural e das lembranças individuais é uma maneira de estudar comunicação. A cultura da mídia está no centro do fluxo de compreender e lembrar a realidade. As imagens a que temos acesso em uma cobertura de televisão, por exemplo, guardam histórias, causam impacto, despertam afetos, nos transpõem a outros lugares e outras épocas. Dessa forma, passei a utilizar a base de dados como recurso da memória – uma metáfora dessa tensão entre lembrar e esquecer. O que lembramos e, portanto, trazemos à tona da cobertura é a singularidade. Evocamos reportagens, imagens, momentos despertados no presente, por outras reportagens, por relatos orais colhidos em entrevistas, ou pelas nossas próprias lembranças – que podem ser ou não apoiadas por imagens – imagens de televisão, ou fotografias que fiz durante minhas visitas a Bento Rodrigues. As imagens, portanto, atuam como síntese da trama de memórias. Realizam uma conexão entre o que eu vi, o que eu lembro, a memória dos entrevistados e o leitor. Lembro-me também pelas imagens.

*

¹⁶ No campo da antropologia urbana, Janice Caiafa (2007) escreveu sobre a aproximação entre método e pensamento na pesquisa etnográfica. A etnografia, para a autora, é “método-pensamento”, está aberta à “profusão das impressões e informações que espocam nos encontros de campo” (CAIAFA, 2007, p. 139) e leva em consideração que o etnógrafo “também produz, ele mesmo, matéria de pesquisa, o que constitui mais uma faceta irregular desse método-pensamento” (CAIAFA, 2007, p. 139). Nesta tese, não faço uso do conceito etnográfico de método-pensamento para tecer uma forma de escrever e pensar a entrevista no campo da comunicação, no entanto considero essa aproximação com a autora, principalmente no que diz respeito a se abrir ao sensível e ao imprevisível na pesquisa de campo – o método é uma forma de olhar, ouvir, sentir o mundo que cerca a pesquisa e pesquisador e isso influencia a forma de escrever em polifonia na área da comunicação.

Quanto às entrevistas, existe neste trabalho um diálogo muito forte com as metodologias da história oral, sobretudo no que diz respeito às entrevistas de história de vida, em um cruzamento com história oral temática, método pelo qual traços específicos da história do entrevistado são levantados em conjunto. Essa abordagem intercalada permite que o entrevistado tenha certa liberdade para fazer associações livres de ideias, mas sem que o entrevistador perca o controle do fluxo, conduzindo o entrevistado à determinada sucessão de fatos que quer ouvir¹⁷.

Trabalho de duas maneiras: nas entrevistas com jornalistas, aproximo-me da história oral desenvolvida nos estudos de jornalismo, como propõe Ribeiro (2015); e nas entrevistas com moradores dos distritos atingidos pela lama da Samarco, eu me distancio um pouco dessa abordagem. Em ambos os casos, faço roteiros que são fruto de pesquisa histórica, que busca cruzar marcos em trajetórias individuais com pontos importantes da memória do grupo. As perguntas são as mais abertas possíveis, engrenadas em ordem cronológica, da infância ao momento presente.

Mas, por ser jornalista, a forma de abordar os entrevistados – criar relação de proximidade e confiança ao longo dos dias – dialoga com o jornalismo¹⁸, o que torna a ferramenta (e o posterior uso que faço dela) comunicacional, um diálogo entre saberes.

Para entrevistar jornalistas, escolho os profissionais que tenham relevância à pesquisa: não entrevistei qualquer repórter, mas sim os que mais participaram da cobertura da “tragédia de Mariana” pela Globo. Trata-se de um recorte bem fechado. Para entrevistar moradores, a dinâmica é outra. Em uma imersão no local, onde estabeleço relação com uma única pessoa por intermédio de conhecidos, coloco-me à disposição de quem queira falar. É uma prática que demanda tempo, paciência, empatia. As vítimas da Samarco em Mariana não gostam mais de dar entrevista para quem quer que seja. No início, eram repórteres ao longo do percurso, diversos pesquisadores e, mais recentemente, funcionários da Fundação Renova, que colhem informações, por meio de entrevistas, para fazer uma matriz de danos e quantificar/precificar perdas materiais e imateriais dessas pessoas. Paralelamente, a vida segue da mesma forma. Não há nada bom em dar entrevista, foi o que ouvi. Conversei com muitas pessoas até chegar aos entrevistados que conheceremos na parte 2. Deixei claro meus propósitos e só fomos adiante com quem de fato se sentia confortável para contar sua história. Alguns usavam a entrevista

¹⁷ Sobre metodologia de história oral, especialmente a respeito do método de entrevista de história de vida, ver: Alberti (2017), Ferreira e Amado (2012), Meihy (2010), Ribeiro (2015) e Joutard (2007).

¹⁸ As diferenças entre entrevista jornalística e entrevista de história oral são exploradas por Rouchou (2003), Arfuch (2010a) e Ribeiro (2015).

como uma forma terapêutica, precisavam de escuta. Outros, como veremos, tinham um propósito determinado: denunciar a situação para o mundo (o caso das mulheres engajadas na luta social), ou escrever sua história e a história da família na eternidade. Entraremos em detalhes sobre isso na parte 2.

O caso é que, para a entrevista dar certo, eu não podia levar um roteiro nem inserir uma barreira de papel entre mim e essas pessoas. Não queria que, mais uma vez, se sentissem inquiridas. Memorizei o máximo dos pontos mais importantes e passei a conduzir as entrevistas em um ritmo que reage ao tempo de cada uma, criando uma dinâmica própria. Entrevista consiste em “uma construção dialógica” (ARFUCH, 2010b), por onde a narrativa biográfica pode se constituir como um “terceiro tempo”, entre a história e a ficção. É a narrativa que faz a vida.

A comunicação constitui uma ciência interdisciplinar que permite a escuta e a troca (SODRÉ, 2014). É como um entrelugar entre história, antropologia, sociologia marcado pela escuta e pela troca, o que permite que a entrevista ganhe papel de destaque nas metodologias que usam a lembrança narrada do outro como uma via de acesso ao passado que, assim como o documento escrito, guarda verdades e mentiras, o ficcional e o real, está sujeita a múltiplas forças. É por isso – não foi por acaso – que a cena da entrevista é sempre considerada nesta pesquisa. As perguntas, as interferências, o local onde ela ocorre atuam na maneira como o sujeito no presente trabalha a memória. E, por isso, também é enunciada.

Entrevista aqui é central, integra o método do comum, que se abre ao sensível e investe nas relações da memória. Assim, fazemos uma leitura em tramas da memória do acontecimento em seu processo de transformação.

*

O ponto de vista do alto e aquilo que ele enquadra, trabalhado no primeiro capítulo, está diretamente relacionado à forma como o jornalismo (e, em consequência, a televisão) cobre sistematicamente os problemas decorrentes de chuvas torrenciais, enchentes e deslizamentos em encostas e, desde 2015, desastres de mineração. A lama destruidora em movimento, o que ela destrói e quem trabalha para conter seu avanço retornam, como mostrei no capítulo 1, em movimento de repetição, sejam em datas redondas (aniversários), sejam em outro evento que, da mesma forma como veio, revira, causa destruição e morte e se vai. Quando passa, a crise persiste, mas há a ilusão de que as coisas voltaram em harmonia para o mesmo lugar. À espera da próxima catástrofe.

Ao olhar de cima, que enquadra a lama, incorporarei outros elementos em um percurso que se articula em tramas da memória cultural.

2.2 REPETIÇÃO NA COMEMORAÇÃO

Cruzes de madeira sujas de poeira, fincadas no capim, filmadas de baixo para cima, abrem os braços e olham para o céu. A imagem plástica e sensível comprimida em *time-lapse* foi trabalhada em filtro sépia e engrenada pela música “Peixe vivo”. Ela abre o Globo Repórter Caminho da Lama, exibido em 27 de outubro de 2017. “A minh’alma chorou tanto”, um rio tingido de lama parece seguir seu curso; “que de pranto está vazia”. A imagem aérea de Bento Rodrigues em ruínas, úmido, sob o lamaçal, passa em um movimento da esquerda para a direita que, como o rio, corre devagar. “Desde que aqui fiquei”, uma bandeira do Brasil manchada de marrom tremelica com o vento em uma janela danificada, e sofás, roupas, tijolos, armários, filmados do chão, acumulam-se no interior de uma casa cuja marca reta de lama é vista na altura da porta, “Sem a tua companhia”, um telhado afundado na lama seca, o carro prateado sobre o muro de uma casa. Duas correntes de ferro penduradas no mármore do pelourinho pairam na praça central da cidade de Mariana, reconhecível apenas por quem esteve lá, mas que denotam uma cidade mineira – como tantas – pelas construções coloniais que existem ao fundo e pelas marcas da escravidão nos espaços públicos.

O apresentador Sérgio Chapelin dá boa-noite e explica diretamente ao espectador: “Você, que sempre viaja com a gente em viagens deslumbrantes, hoje nos acompanha na mais difícil jornada. Vamos percorrer o caminho da lama que dois anos atrás explodiu nas montanhas de Minas, destruiu dois distritos e alcançou o litoral” (Globo Repórter, 2017). Nessa síntese do acontecimento feita dois anos depois do rompimento da barragem, o telão do fundo do cenário mostra outras imagens aéreas da lama, como a correnteza passando embaixo de uma ponte, a igreja de Paracatu de Baixo, que resistiu parcialmente como uma ilha em meio ao alagamento do entorno. “Vidas perdidas, natureza contaminada, mais de 500 km de Brasil, devastados. Brasileiros que perderam tudo recomeçam do nada. Só restou a eles a luta por justiça. Mostramos tudo isso para que o nosso país nunca mais seja atingido por uma tragédia como essa” (Globo Repórter, 2017).

Temos nessa *cabeça* elementos audiovisuais importantes. Explicitamente, pelo que é dito pelo apresentador, há a demarcação do evento como uma tragédia, definida como um momento do passado: ela estourou, destruiu, moveu-se, terminou. A tragédia, parece implícito, teve início, meio e fim, destruiu vidas e o meio ambiente, mas ainda pode ser vista em seus

restos no presente. É a lama que repousa nas superfícies e que ainda tinge construções, porém também está na vida de quem quer recomeçar. Está nessas pessoas, algumas delas expostas no telão, a força de heróis do cotidiano – seus dramas individuais, como os de Sandra, dona de um bar em Bento Rodrigues que faz coxinha de galinha, são exemplares: pessoas trabalhadoras, honestas, que lutam (elas mesmas) por justiça. Está nas decisões delas, e em como se comportam dois anos depois, o próprio destino.

O tempo (nesse caso, o do calendário) que transcorre em dias e anos é impresso na edição lenta e cadenciada, por meio da qual é possível ouvir silêncios – os intervalos do que é dito são mais esparsos, há algum lugar para o barulhinho da água, o som do mato quebrando sob os pés do repórter que caminha no descampado. Percebe-se pelos elementos em cena, no entanto, que problemas e circunstâncias permanecem.

É sobre essas âncoras de persistência no espaço que o jornalismo inicia o retorno ao evento, torna a pauta atual. O caminho da lama é uma dessas âncoras, a principal: o intervalo geográfico na bacia do Rio Doce está ali para ser seguido e comparado – antes e depois. Na edição do programa, buscam-se passos que foram feitos por repórteres dois anos antes, toca-se em pontos do trajeto que já foram tocados. A cor envelhecida do filtro sépia, aliado a outros efeitos, como o rio correndo, a música acústica triste, os movimentos de câmera da esquerda para direita, os lugares vazios, destruídos, ruínas, reitera esse movimento temporal que avança, mas retorna. Problemas, dramas, dificuldades, tal como a lama, permanecem nesse retorno. A tragédia passou, porém suas marcas permanecem no terreno como cicatrizes. O mato que cobre a poeira é evidência disso, como mostrou a cena que abre o programa. É preciso voltar a falar daquela tragédia, como justifica Chapelin, para que outra como tal não se repita.

Um mês antes, o Bom Dia Brasil também exibiu uma série de reportagens que se propunha a percorrer o caminho da lama¹⁹. Apesar de não ter ido ao ar exatamente em novembro, o marcador temporal “há quase dois anos” é usado nas chamadas para se referir à “tragédia”. A equipe do repórter Chico Regueira desceu o Rio Doce desde a nascente, em Ressaquinha, até a foz. Na série, produzida pela marca Globo Natureza, o tempo impresso na edição é diferente, dilatado; a reportagem tem ritmo mais lento e não faz uso de trilha sonora. O silêncio permeia os espaços vazios em cena, entre as falas de moradores, que aparecem ora em *off*, ora diante das câmeras. Às vezes, o som é cortado pelo canto dos pássaros, ou pela respiração dos jornalistas. Não há narração do repórter. O fio condutor são trechos do que os entrevistados dizem. A voz do jornalista só aparece em perguntas, ou em conversa diretamente

¹⁹ Entre 26 e 29 de setembro de 2017 (Bom Dia Brasil, 2017a; 2017b; 2017c; 2017d).

com o entrevistado. As entrevistas são gravadas por uma câmera distante, que aproxima de longe, na altura do olhar. O cinegrafista às vezes segue o repórter e é apresentado aos entrevistados. Na primeira matéria, seu Agostinho, que retorna a Paracatu de Baixo para “matar saudade” ou, em suas palavras, “fazer uma vistoria”, fala sobre as árvores que ele plantou – o pé de ameixa, de banana, de amora, de pêssego, de limão. Reclama que, na cidade, se paga uma fortuna pelas frutas que ali ele tinha de graça.

O que seu Agostinho diz dialoga com o que eu ouvi nas entrevistas que realizei em Mariana. Lembro que em uma das vezes que fui à casa de Marlene, cuja história é central na parte 2, ela preparava nosso almoço e me dizia que não conseguia se adaptar a essa coisa de “*alface na geladeira*”, já que “*antes*”, se ela precisasse de uma verdura, colhia na horta, não tinha desperdício, nada estragava. Lembro-me também de todos os pés de fruta, um a um, que Marquinhos enumerava, plantou, viu crescer e hoje amarga sua desapareição. Isso sem falar no pé de jabuticaba na casa do pai de Mauro, onde ele brincava quando criança e que, sob a copa da árvore, ouvia as histórias de sua avó. Hoje, ao olhar para as fotografias que fiz nas visitas a Bento, vejo com tristeza os esqueletos de madeira seca, árvores sem folhas sobre a terra alaranjada, em uma solidão silenciosa. Procuo pelas referências lembradas pelos entrevistados, mas as únicas que sou capaz de identificar são as da minha própria infância.

O vazio deixado pela destruição é povoado pelas lembranças. Ao entrar em contato com essa sobreposição de espaço e tempo, sou preenchida por afetos que me ligam a uma única imagem da memória, quando em uma tarde de domingo observo meu avô no quintal da casa dele, olhando para cima, para o pé de jabuticaba que ele havia plantado 50 anos antes. Ele reclama, em tom de brincadeira, que a jabuticabeira era igual à vida dele: já fora grande e linda e agora estava seca. Morrendo. Não posso confiar nas minhas lembranças. Sei que uma frase como essas é bem mais provável de ter sido dita pela minha avó, ou inventada pela minha imaginação. Procuo um meio de prová-la, de apoiar minha lembrança em algo mais sólido, fixo, uma foto. Mas não a encontro. Ela não existe. O que encontro é outra imagem, captada bem ao pé da jabuticabeira, ainda que ela não apareça ali (Figura 8).



Figura 8 – Meu avô e eu, ao lado da jabuticabeira, ambos presentes em ausência, em 1991
Fonte: primária

*

Nessa matéria, Chico Regueira entrevista Sidnei, com quem conversei dois anos depois, em minha segunda visita a Mariana. Sentado em um degrau na área externa da casa alugada, Sidnei fala para o repórter sobre a liberdade perdida, destaca a diferença que é viver na cidade, com relação à roça. Diz que é jovem, que podia estar trabalhando, mas naquele momento não tem emprego. Enquanto eles conversam, a câmera passeia pelos cômodos da casa asséptica, sem planta, sem bicho, sem vizinho. Essas três características são as que eu percebo hoje, quando olho essa imagem, porque me marcaram quando estive nessa casa, primeiramente conversando com a esposa de Sidnei, Rosângela, depois com ele mesmo.

Em conversa comigo, em setembro de 2019, Chico Regueira diz que a equipe resolveu optar por essa forma de contar as histórias para não assustar as pessoas com a câmera muito próxima. Os espaços destruídos filmados de perto, ou mesmo por *drones*, são preenchidos por vozes das personagens ou som ambiente.

Esse tipo de linguagem, que se aproxima do cinema, não é comum na reportagem televisiva, como estamos mostrando. Na atividade jornalística, em uma redação de televisão, o tempo é aquele contra o qual se luta ao fechar uma reportagem para um telejornal; é o espaço no *script*, é onde a narrativa precisa se encaixar. Na televisão, essa montagem dá-se no tempo. A narrativa é impressa na sequência temporal audiovisual, que, até pouco tempo atrás, não podia ser revista. A montagem televisiva (edição) tem como base a ideia de poupar tempo, ser ágil, voraz, proporcionar o máximo de estímulos no mínimo de segundos. Há pouco lugar para o silêncio, apesar de ele se fazer sentir por meio do que é deixado de fora, ou pelo não dito impresso na imagem.

Tarkovski (2010) uma vez notou que a arte da montagem é a arte de esculpir o tempo e que o fluxo do tempo em um filme se dá apesar da montagem e não por causa dela. Diz ele que o tempo se torna perceptível quando se sente algo para além da imagem: “Aquilo que vemos no quadro não se esgota em sua configuração visual, mas é um indício de alguma coisa que se estende para além do quadro, para o infinito: um indício de vida. Como o infinito da imagem. Sempre há mais em um filme do que aquilo que se vê” (TARKOVSKI, 2010, p. 139). A bibliografia que discute o tempo nas imagens cinematográficas é extensa; há um consenso de que aquilo que é filmado denota e conota – aponta para dentro e para fora do quadro, produz bifurcações temporais, ou seja, abre-se para o passado a partir do presente, como um fio de cabelo de ponta dupla (DELEUZE, 2018).

O intervalo seria o momento entre as coberturas, em que se constroem a memória, o tempo do retorno e o tempo da repetição. É no intervalo que se atribuem sentidos ao passado, mediante estímulos do presente.

Diferentemente do cinema-arte, que, em condições ideais para Tarkovski (2010, p. 139) “deve ser livre para selecionar e combinar eventos extraídos de um bloco de tempo”, o jornalismo de televisão atua sob determinados códigos e, por usar fragmentos do tempo passado (já que captura o real entre quadros), faz o passado presente em 1,5 minuto. Há o tempo do acontecimento, de captação, de documentação, de decupagem, da montagem, da reportagem, o tempo experimentado por quem assiste – que pode ser deslocado para outros lugares. E, depois no futuro, a dimensão temporal de quem olha para o passado, principalmente quando certas imagens são reutilizadas como imagens de arquivo.

Naquela série de reportagens comemorativas do Bom Dia Brasil²⁰, na qual o tempo parecia ser mais arrastado, transparecendo o movimento lento do deslocamento no interior, o

²⁰ Ver: Bom Dia Brasil (2017a; 2017b; 2017c; 2017d).

espaço vazio e o silêncio permitem mais reflexão no intervalo. Os sentidos mobilizados no momento de assistir ao material, se investigados, transpõem a outros lugares.

As informações de síntese e o uso de imagens de arquivo engrenado para lembrar os acontecimentos foram feitos fora do espaço da reportagem, no estúdio, pela apresentadora Ana Luíza Guimarães, durante a leitura da cabeça das reportagens, como a edição do dia 26 de setembro. O filtro colorido esmaecido, tal como no Globo Repórter, também aparece nas imagens que surgem no telão do cenário, em tom alaranjado. Articula-se como uma espécie de névoa da lembrança que marca a imagem do passado e recupera por tais efeitos e pelo retorno do fato enquadrado a identidade visual do evento.

Na Figura 9, o recurso da comparação do cenário em momentos distintos mostra Bento Rodrigues antes da lama, imediatamente depois dela, e muito distante, em 2017, captada pela reportagem do Globo Natureza²¹. Importante notar a diferença do olhar, o contraste entre a visão da destruição do alto e do outro trabalho, feito do chão, câmera na mão, olhar aproximado daquilo que se quer contar.



Figura 9 – *Frame* Bom Dia Brasil, de 26 de setembro de 2017
Fonte: Bom Dia Brasil (2017a)

Esse olhar sobre o passado presente na chamada da matéria em estúdio é a dinâmica predominante nas reportagens de comemoração. Usei esses dois exemplos, feitos no ano de 2017, por dialogarem entre si nesse percurso do caminho da lama. Um caminho de trás para frente, que parte em busca do espectro: a lama em forma de poeira, debaixo do mato ou colada

²¹ Globo Natureza é uma espécie de selo de produção da Globo para desenvolvimento de reportagens ligadas ao meio ambiente. O diretor do Globo Natureza é o mesmo do Globo Rural.

no assoalho das casas, no fundo dos rios, que ainda prejudica o abastecimento de água e ameaça a saúde da população que depende do Rio Doce para sobreviver.

*

O jornalismo é uma instituição que se pauta também pela comemoração (RIBEIRO, 1995; EDY, 1999; MATHEUS, 2011). Aniversários de morte, nascimento, efemérides estruturam a função jornalística de marcar o tempo, dar sentido (contextualizar, analisar, explicar) aos fatos do dia a dia, controlar o compasso social no calendário, indicar, por intermédio da descrição do passado, caminhos futuros. Nesse retorno intencional do passado, o acontecimento é constantemente reescrito pelos meios que o agenciam. Nessa reescrita, lê-se o passado com os olhos do presente; o que já foi recebe significados interessantes para o momento. Esse trabalho perpassa pela atividade básica de jornalistas em vender uma pauta; se não há assunto novo, se não há nada a mais a ser dito que interesse ao editor, aos repórteres, nem, na visão deles, ao público, não existe matéria.

Em datas redondas, o acontecimento trágico, catastrófico, desordenador do fluxo contínuo do tempo apreendido na televisão faz aniversário. Vemos que é nas datas redondas – um, dois, seis meses, um, dois anos – que o acontecimento retorna e reforça a ideia de tragédia. A tragédia fortalece-se na repetição.

Mas o que se lembra nesses casos de aniversário e qual é a forma que o acontecimento assume nessas horas? Muitos pesquisadores em jornalismo se dedicaram a pensar esse tema dos usos do passado em datas comemorativas, desde sobretudo os anos 1990. Normalmente, o que se nota é que, quando se aproxima o aniversário desses eventos violentos, a imprensa inicia um processo de lembrar por meio de um ritual narrativo, usando o passado para reforçar a atualidade do presente, diante de uma ideia de futuro (SCHUDSON, 1992; ZELIZER, 1992; RIBEIRO, 1995; EDY, 1999; MELO, 2014).

O jornalismo de televisão costuma construir a realidade por meio de uma estrutura na qual se destacam personagens como heróis, sobreviventes, vítimas, vilões (BROOKS, 1995; BENNETT, 2012; VAZ; RONY, 2011), conforme será mostrado no fim deste capítulo. Quando há uma data comemorativa, não é diferente. Uma fração daquele passado, uma vez captada, retorna retrabalhada – diante de tensões que atuam sobre o presente. Jornalistas e jornalismo, no momento em que lembram o que já passou, transformam a lembrança em seu processo de resignificação.

Como notamos no capítulo 1, quando transposta na linguagem, a experiência é lembrada pelo que foi dito. Quando retorna, o passado vem reenquadrado, ressignificado, permeado de símbolos, imagens, mitos. Em geral, tratando-se de casos como o rompimento da barragem da Samarco, apesar de se procurar atualizar em que pé está o desenrolar judicial de uma possível reparação, há também a preocupação de oferecer ao espectador um horizonte de esperança e redenção ainda de forma mais forte do que da primeira vez.

Existe a preocupação de se dizer o quão grandioso, destruidor, acachapante o evento foi no passado. Quantas mortes causou, quanto sofrimento infringiu sobre as vítimas. Esses valores reforçam a importância de se falar novamente sobre o tempo ido, no retorno. Tais referências, ao caráter único e destruidor daquilo que se lembra, são potencializadas por recursos audiovisuais e narrativos que pretendem causar, no presente, comoção, afetos. É comum voltar às vítimas do passado, relembrar com imagens fortes cenas em que perderam tudo. Revivemos com elas a dor daquele momento e, engrenados pelo arco narrativo da história de superação, temos essa angústia apaziguada ao notar que elas estão reconstruindo suas vidas, recomeçando.

Edy (1999) reparou que existem três formas básicas de lidar conscientemente com o passado no jornalismo diário: comemoração, analogia histórica e contexto histórico. Ao analisar a cobertura de jornais impressos sobre os *riots* em Los Angeles em 1992, a autora indica que imagens do passado são evocadas diariamente pelo jornalismo televisivo como prova de um passado absoluto – *foi assim*. Com o objetivo de contextualizar o fato do presente, ou despertar afetos por meio da exibição de cenas fortes (ou até reencenadas), a reportagem parte do princípio duplo de que: recupera o que de fato aconteceu, por mostrar cenas reais; e, portanto, explica o presente como ele é. Nesse tipo de história, o jornalismo faz conexões pobres com o presente, apressa-se em dar ênfase a apenas o que ocorreu, despertando sentidos, mas evidenciando que aquilo já passou.

Na reportagem exibida na edição do Globo Repórter que abre este tópico, o repórter Ismar Madeira volta a encontrar uma pessoa que figurou em suas matérias dois anos antes. Ele caminha até a nova casa de Sandra, dona de um bar conhecido em Bento Rodrigues, bate palmas no portão, entra na casa. Na sala, a mulher mostra um cartaz com a foto ampliada de dentro do seu bar, reforçando que é a única que lhe restou (Globo Repórter, 2017).

Lembro que, em 2019, quando fui levada a conhecer o pequeno estabelecimento que Sandra abriu em um bairro pobre de Mariana, esse mesmo cartaz estava pendurado na parede, ao lado da vitrine em que expunha diversos tipos de salgado, entre eles, coxinhas. É uma imagem de dentro para fora do bar, mostra o piso original, de pedra-sabão, motivo de orgulho, que ela faz questão de enfatizar ao descrever o lugar a mim. Fala também do teto de madeira,

que, aos poucos, recuperava. Ela queria deixar o ambiente rústico. Nos poucos minutos em que conversamos, Sandra indicou que havia posto muito esforço nas reformas constantes daquele bar, cuja porta aberta na imagem mostrava um pedaço da praça e da igreja de Bento Rodrigues, antes da lama.

Na matéria em que ela aparece, o tom é de alguém que recomeça a vida, trabalha duro. O repórter passa rapidamente pela imagem que ela segura, segue adiante, pergunta pelas coxinhas, se senta à mesa e prova uma delas, diz que está deliciosa. Em segundos, muda de assunto, acompanha o percurso da lama, sua pauta. A edição acelerada apenas indica uma possibilidade de fala que interessa a Sandra – a manutenção da memória daquele lugar materializada na foto ampliada. Para Sandra, aquilo, o acontecimento, não passou.



Figura 10 – Placa fincada pela família de Sandra diante das ruínas do seu bar
Fonte: primária

*

O acontecimento existe em sua transformação, em sua vida póstuma²². Acontecimento é construção que se dá no tempo, existe enquanto é narrado, na continuidade. O jornalismo normalmente enxerga o acontecimento em uma única dimensão temporal, a de ruptura, em que

²² Sobre o retorno do fato e a teoria do acontecimento nos estudos históricos, ver: Nora (1979), Verón (2002), Dosse (2013), Hartog (2013), Tamm (2015) e Assmann (2015). A respeito da problematização da construção do acontecimento nos estudos de jornalismo no Brasil, há ampla discussão, *cf.*, por exemplo: Antunes (2007; 2008), Sodré (2012), França e Lopes (2017).

se apressa, por meio de técnicas de transmissão ao vivo, hiperprodução de real, a reforçar a atualidade da notícia, produzida por meio de práticas profissionais aceleradas, que não permitem o intervalo (ZELIZER, 1992; ANTUNES, 2007; SODRÉ, 2012). É, como dissemos, um tempo de sensações, ou, como indica Doane (2001), o tempo da catástrofe. Ainda que o jornalismo se apresse por determinar o início e o fim de um evento, ele expande-se e fragmenta-se, articula-se em linguagem e imagens em um possível repertório da (ou de algumas) memória(s) cultural(is).

Nas datas redondas, que marcam o aniversário de um fato, a produção de reportagens sobre o assunto aumenta. O acontecimento renasce; ele existe na repetição.

Schudson (2014), em diálogo com Edy, reitera que se pautar por aniversários de nascimento e morte, datas redondas que relembram acontecimento passado é uma das formas que o jornalismo molda, ressignifica e reitera a memória cultural. Outra maneira é a face não comemorativa do jornalismo, manifesta na atividade diária de escrever, filmar e editar o real em uma estrutura narrativa específica, marcada pela simplificação de uma sequência de fatos, pela criação de personagens bem demarcadas em um arco narrativo feito em cima de heróis, vítimas, vilões. Foi isso que notou Bennett (2012) no início dos anos 1980 ao estudar a lógica da televisão norte-americana: a notícia tem caráter fragmentar, é dramatizada, personalizada e preocupada com a desordem da autoridade. A forma de engrenar passado e futuro nessa construção narrativa, portanto, obedece a essa lógica.

A tarefa corriqueira de fazer uso de noções simplificadas de passado, presente e futuro se daria, para Schudson (2014), de três formas: quando o passado é utilizado para intensificar o valor-notícia de um caso, mostrando que o evento é raro e sem precedentes, o que chama atenção para a cobertura em si, provocando susto; quando se usa o passado para explicar o presente, se recorre a acontecimentos fundadores, que ao serem ativados dão sentido ao que se noticia e podem servir para antever o futuro; e quando as notícias comentam diretamente sobre comportamentos humanos (em geral, matérias sobre pessoas públicas, importantes à sociedade) que são eles mesmos usos não comemorativos do passado, quando têm relação temporal forte, de continuidade, causa e consequência. Ou seja, a própria tendência em indicar causas e consequências é uma forma de engrenar o passado e o futuro no presente social.

Cito esses estudos como ponto de partida para pensar a ideia de repetição de que lançamos mão ao longo da tese. Caminhamos aqui em dois sentidos: exploramos a função não comemorativa do jornalismo na memória cultural, ao narrar os acontecimentos do dia a dia e contribuir para a formação de um repertório semântico constituído de palavras, imagem e sons; mas também consideramos esta outra característica, a comemorativa, unicamente sob o aspecto

da repetição. A repetição existe tanto na cobertura diária do assunto quente – contar, recontar e contar mais uma vez o acontecido, reforçando uma versão do que foi, para aquele veículo, o fato; quanto nas datas comemorativas da dita tragédia, momento em que a ideia de tragédia se reforça e se consolida – isso pode ser observado pelo aumento do uso da palavra para descrever o acontecimento e também pelo aumento da quantidade de reportagens sobre o assunto, como ficou evidente nos gráficos exibidos.

Em diálogo novamente com a base de dados, transposta nos primeiros gráficos mostrados, precisamos seguir em direção ao segundo pico de repetição, janeiro e fevereiro de 2019. Parece que o assunto foi mais uma vez catalisado. A lama volta com força total e os enquadramentos, os sentidos e as ideias que ela carrega também. Falemos sobre esse caso.

2.2.2 Brumadinho: uma tragédia anunciada

Os dois picos mais altos de reportagens sobre o rompimento da barragem em Mariana, de acordo com os gráficos 2, 3 e 4, que apreendem o que se passa na superfície da cobertura do acontecimento, ocorreram: o primeiro no segundo semestre de 2017, próximo à efeméride de “dois anos da tragédia”, como costuma aparecer no texto dos repórteres; e o segundo no início de 2019, por causa de outro rompimento de barragem de mineração. A tragédia é novamente catalisada, bem como o conjunto de valores que ela carrega.

A primeira informação sobre o rompimento da barragem da Vale no Córrego do Feijão chegou de repente. Era dia 25 de janeiro de 2019, às 13h20. No fim da edição do Jornal Hoje, a apresentadora Sandra Annenberg anuncia que a redação recebera um vídeo de um bombeiro dizendo que uma barragem da Vale na região se romperia. O vídeo trêmulo, exibido pelo telejornal, mostra uma clareira aberta pela lama. Em *off*, o bombeiro diz que “a barragem acabou de estourar e acabou com tudo. [...] Restaurante, todo mundo que estava almoçando, acabou com tudo” (Jornal Hoje, 2019a). Em nota lida na bancada, a Vale avisava que não se pronunciaria e que o impacto se restringia à “área de operação”. Outro vídeo é exibido: em uma câmera fixa em um ponto alto, no topo de uma colina, pode-se ver poeira levantada em um vale. Pelo que os apresentadores dizem, moradores teriam dito que a lama atingiu a cidade de Brumadinho.

Foram oito boletins em entradas em plantão naquela tarde. No primeiro deles, exibido às 14h21, a apresentadora comenta que as imagens do helicóptero da Globo mostram “a lama completamente espalhada” (Boletim, 2019a). Não havia ainda confirmação de mortos e feridos, mas “as imagens impressionam muito” (Boletim, 2019a). O enquadramento do helicóptero

mostra a lama em pequeno fluxo no chão: abriu uma clareira, é espessa e também destruidora. Há, no entanto, um elemento novo em cena: o helicóptero vermelho do Corpo de Bombeiros. Essa cobertura foi muito marcada pelo trabalho de resgate desses homens, considerados heróis nacionais pela imprensa.

Adiante, em boletim às 14h30, casas destelhadas, um carro virado em meio aos destroços, arrastado, nas palavras da apresentadora, por uma “enxurrada de lama” (Boletim, 2019b). Nos *flashes* seguintes da programação, vídeos enviados por moradores que mostravam a lama grossa cortando estradas e entrando em casas interrompe a programação da televisão aberta. As novas informações anunciadas na bancada são sempre acompanhadas de imagens de ângulos diferentes mostrando o movimento da lama. Naquela tarde, os boletins em *flashes* da bancada do Jornal Hoje e, depois, do Jornal Nacional, repetem as cenas, apresentam novos enquadramentos. O posicionamento da presidência da república é lido, em nota, que, ao anunciar medidas a serem tomadas, atestou: “A maior preocupação nesse momento é atender às principais vítimas dessa grave tragédia” (Boletim, 2019d).

No Jornal Nacional daquela noite, há uma primeira síntese do evento. Em cinco reportagens, abordam-se: “Rompimento de barragem de rejeitos de minério provoca desastre em Brumadinho”, “prefeito de Brumadinho diz que equipes de resgate encontraram sete corpos”, “governo anuncia criação de gabinetes de crise para reunir informações sobre desastre”, “Corpo de Bombeiros diz que 182 pessoas foram resgatadas em Brumadinho” e, finalmente, “tragédia em Brumadinho acontece três anos depois do desastre ambiental em Mariana”²³.

Não cabe aqui refazer uma interpretação dessa cobertura. Nosso foco é sobretudo a ideia de repetição, de retorno da “tragédia de Mariana” por meio de associações conscientes e inconscientes realizadas pelo jornalismo da Globo. Na cabeça da primeira matéria sobre a tragédia em Brumadinho, a apresentadora Renata Vasconcellos lê uma nota aproximando os dois eventos. Atrás dela, importante perceber, uma arte gráfica em três dimensões se move lentamente no fundo do cenário. Trata-se de uma superfície irregular, arrasada por uma enxurrada que corre marrom no centro; nas margens, casas e entulhos. O texto:

Uma enxurrada de lama fez o Brasil inteiro lembrar hoje a tragédia ambiental e humana registrada há pouco mais de 38 meses em Minas Gerais. De novo, em Minas Gerais. De novo, pelo rompimento de uma barragem de rejeitos de mineração da Vale, que acabou provocando transbordamento de outras duas barragens. São os eventos dramáticos dessa sexta-feira, que você acompanha a partir de agora (Jornal Nacional, 2019a).

²³ Ver: Jornal Nacional (2019a; 2019b; 2019c; 2019d; 2019e).

A tragédia retorna com força, enuncia-se a sua repetição com ênfase (“de novo”), acentua-se o caráter dramático.

A reportagem que apresenta o assunto é, tal como três anos antes, de Ricardo Soares, que aparece em uma passagem tendo ao fundo o rio marrom, cheio de entulhos. Há uma mescla entre imagens do alto e do chão, gravadas por cinegrafistas profissionais e amadores. O primeiro elemento para que o jornalista chama atenção, nesse primeiro choque, é a destruição de um pontilhão da ferrovia – a lama passou ali com tamanha força que levou os pilares de sustentação e tudo o que estava em cima. Em *off*, mais adiante na matéria, o repórter descreve as imagens gravadas pelo helicóptero como “impressionantes” e que parecem “a repetição de uma cena de 2015, em Mariana, com o rompimento da barragem de Fundão, da Samarco” (Jornal Nacional, 2019a). Mas o repórter assegura que “essa lama tem uma consistência diferente daquela que a gente viu lá na barragem de Mariana. Ela parece que tem menos teor de água e nesse ponto aqui está mais estabilizada. Mas lá no meio a gente vê que ainda tem um rio de lama descendo. Olha lá” (Jornal Nacional, 2019a). Selecionei alguns *frames* das primeiras imagens dessa cobertura, que frisam o movimento da lama (Figura 11).



Figura 11 – Sequência de *frames*: cenas da cobertura do rompimento da barragem da Vale em Brumadinho (MG), em 2019

Fonte: adaptado de Jornal Nacional (2019a)

Esse diálogo entre os dois eventos aparece muito fortemente na lembrança do repórter Ricardo Soares, que inicia, durante nossa entrevista, em novembro de 2019, um processo de rememoração do que passou em Brumadinho ao falar do acompanhamento do caso de Mariana.

Eu pergunto se ele acha que houve mais ênfase em se acompanhar assuntos relacionados à mineração após 2015. Ele me diz:

É, até pela demanda. Porque o legislativo, por exemplo, começou a se envolver em estudos de leis que pudessem aumentar o rigor na aprovação de projetos de mineração. E a cada assunto desse que aparecia, a gente acabava voltando a Mariana. E daqui a pouco vem Brumadinho, quer dizer... Quando a gente achou que nunca mais fosse ver nada parecido com o que a gente viu em Mariana, vem uma coisa tão devastadora, né? Com Brumadinho. E aí aquele drama humano muito maior ainda... (SOARES, 2019).

Soares conta que, tal como em 2015, ele fez parte da primeira equipe de reportagem a chegar ao local. Deram sorte, ele destaca, porque o trajeto que escolheram era o único que não havia sido bloqueado pela lama. Nessa história narrada meses depois, o jornalista compara suas presença nos dois eventos, ainda que por meio das diferenças (ele chega a confundir, no trecho a seguir, o nome do Rio Paraopeba, que corria em Brumadinho, com Paracatu, o nome do primeiro distrito em que pisou ao descer do carro, na cobertura de 2015). Chama atenção novamente a referência constante à lama: o movimento, a textura, o cheiro, o barulho, o que ela causa.

Brumadinho aconteceu meio-dia e 28, e eu pegando no serviço 1 da tarde. [...] A gente foi também a primeira equipe que conseguiu chegar lá. E assim que eu cheguei num ponto, naquele Cachoeira... Como é que chama, gente? Não-sei-o-qué-da-Cachoeira. A gente chegou muito perto do... Do local onde a lama tava passando ainda pra descer no Paracatu. A primeira imagem, na verdade... Do Paraopeba [corrige-se]. A primeira imagem [de] que me lembro e que me mais me chocou foi de chegar num ponto que eu sabia que tava o Rio Paraopeba e estava tudo seco. Eu falei: “o que que é isso?”. Deu uma confusão, mesmo, geográfica na minha cabeça. Porque eu sabia que ali era o Rio Paraopeba, mas estava seco. Cheio de terra. De terra seca. Muito mais alto do que a gente estava acostumado a ver. Eu falei: “Não é porque o rio secou, é porque ele foi preenchido com alguma coisa”. Começamos a perguntar e o cara falou: “Não, aqui é o rio Paraopeba”. “Mas o que é essa terra que tá aí?” Ele falou assim: “É a lama que desceu da barragem”. Mas a lama não é uma coisa... [pausa para refletir].

[A entrevistadora diz] *Viscosa.*

Né? Ai o cara: “Não, é porque ela revolveu a terra e ela empurrou terra pra esse ponto aqui e bloqueou o rio”. E aquilo foi uma visão... Eu falei: “Como é que uma atividade como essa é capaz de fazer isso com algo que é tão vivo como um rio, que não para nunca. E aquela lama conseguiu fazer isso” (SOARES, 2019).

Tal como eu fizera em momento anterior da entrevista, quando Soares se recordava da cobertura em Mariana, perguntei que imagem teria sido mais marcante de sua experiência em Brumadinho. Ele respondeu que era a imagem de uma mulher coberta de lama, salva por conhecidos, que jogaram para ela uma corda. Uma imagem vista também pela televisão, que evidenciava, conforme as suas palavras, “a fragilidade da gente” em eventos “tão catastróficos”.

Na televisão, a aproximação entre os dois acontecimentos também é constante nessa primeira fase da cobertura. Um exemplo é uma reportagem exibida no Jornal Nacional daquele dia de 6 minutos de duração dedicada a relembrar o que ocorrera com a barragem da Samarco²⁴. Indexada na Globoplay, a matéria tem como título “Tragédia em Brumadinho acontece três anos depois do desastre ambiental em Mariana” (Jornal Nacional, 2019c). Na cabeça, a apresentadora chama a atenção para o fato de que o presidente da Vale avaliara, naquela tarde, que a “tragédia humana” seria maior em Brumadinho; “há três anos e dois meses, em Mariana, 19 pessoas morreram” (Jornal Nacional, 2019c).

Separam-se nessa reportagem os dois eventos no tempo e no espaço – em dias e quilômetros. Nas imagens, que retornam em edição acelerada, há novamente o enquadramento das casas destruídas em Bento Rodrigues, manchadas pela lama úmida alaranjada, o carro prateado em cima de um muro, a cachoeira de lama descendo uma encosta, a lama passando veloz sob uma ponte, a mancha escura no mar de Linhares, no Espírito Santo. É uma síntese do que se considera ter sido a tragédia: ela existiu enquanto durou a passagem da lama, de Bento Rodrigues ao oceano. Quando se assentou, terminou. Parece um caso acabado, demarcado, fácil de ser recuperado em sua totalidade por meio das imagens do real que atestam a veracidade de sua existência. O acontecimento, portanto, é comprimido em uma linha cronológica traduzida em representação. As imagens de arquivo são sempre puxadas nas reportagens – ora com adição de efeitos especiais que caracterizam *flashback*, ora com a redação da palavra *arquivo* sobre a marca-d’água da TV Globo, no canto inferior direito da tela – em caráter de ilustração.

A “tragédia de Mariana”, por meio dessa análise do futuro, é identificada como a avalanche de lama tóxica que destruiu três povoados, arrancando pelo caminho árvores, telhados, movendo pessoas, animais, carros: “Um ano após a tragédia”, “a tragédia que ocorreu em Mariana no dia 5 de novembro de 2015”, “a tragédia que completa dois anos amanhã”. Existem um ponto inicial e um final, simbolismo, mitos, personagens. É o mesmo quando ela é retomada de Brumadinho.

Nesse primeiro momento, percebe-se que a cobertura do caso de rompimento de barragem em Brumadinho, seja pelas diferenças, seja pelas semelhanças, se realiza com base

²⁴ Poderia citar aqui inúmeras reportagens que dizem respeito à comparação entre os dois eventos, mas escolhi dar ênfase ao primeiro dia de cobertura e, portanto, a essa primeira reportagem.

na comparação com o rompimento de barragem ocorrido em Mariana. Naquele 25 de janeiro, o evento não irrompe sozinho; ele traz cargas dizíveis, evidenciáveis de memória, que realçam sua importância, para além de suas particularidades. Compara-se desde o primeiro dia a escala: 50 milhões \times 12 milhões de m³ de rejeito de minério de ferro; 19 \times 256 mortos (e até hoje, 16 desaparecidos na lama da Vale); o sistema de construção de barragem, alteamento a montante; a dimensão da “destruição ambiental” e do “drama humano”; o caminho da lama, em extensão 800 \times 90 km; Rio Doce \times Rio Paraopeba. A comparação é feita não apenas pelo jornalismo, como também por autoridades, principalmente das empresas mineradoras. O presidente da Vale na época, Fábio Schvartsman, ao afirmar que se tratava de tragédia humana maior do que a de Mariana e menor no que dizia respeito ao dano ambiental, torna essas duas ordens, humana e ambiental, comparáveis e, portanto, dispostas em posições que podem ser lidas como opostas²⁵.

Ao criar uma narrativa pelo contraste, as nuances são silenciadas. Se em Brumadinho a tragédia ambiental não foi tão grave, logo, as consequências das toxinas na natureza e na vida das pessoas são encobertas pela ênfase que se dá ao resgate de sobreviventes e à identificação de mortos, o chamado “drama humano”. Por sua vez, a contrapartida também se assemelha: o drama humano de quem perdeu tudo em Bento Rodrigues é posto à prova, já que não foi tão grave assim.

É o que ocorre ao se criar comparações aparentes, contrastantes, em situações diferentes.

Na Figura 12 organizo em duas linhas alguns *frames* das primeiras imagens captadas do helicóptero da Globo em Mariana e em Brumadinho. Talvez, se não fossem identificadas, não saberíamos dizer a qual evento pertencem. Vemos o rio/a enxurrada/a correnteza/o *tsunami* de lama, em um retorno monumental. Temos as casas destelhadas; o carro revirado foi suspenso, repousa em superfície à qual não pertence. Filmadas, as cenas são novamente cristalizadas, guardam sentidos, afetos, lembranças de outros eventos, que, assim como estes, inverteram a ordem das coisas, afogaram histórias de vida. A lama é mais uma vez personificada. Nessa sequência, há a captação ágil, acelerada das imagens pela lente no helicóptero, que se aproxima da catástrofe como em um filme de ficção científica. Nesse momento da tragédia, a morte é presumida pela decadência das edificações construídas pelo homem. O contraste entre força \times fraqueza, homem \times natureza, ordem \times caos é evidente. Criam-se ali outra vez as bases para que se fale em tragédia, como veremos.

²⁵ O pronunciamento pode ser visto em matéria no Jornal Hoje (2019b) de 26 de janeiro de 2019.



Figura 12 – Sequência de *frames*. Na linha de cima, imagens do helicóptero da TV Globo em Mariana (MG), em 2015. Na linha de baixo, imagens da cobertura em Brumadinho (MG), em 2019
 Fonte: adaptado de Globoplay

Em coberturas como essas, aquilo que não é comparável, as histórias individuais, retorna de forma similar (em padrões estéticos e narrativos que estamos acostumados a ver). Nessas histórias, muito exploradas em programas jornalísticos com maior tempo, como o Fantástico, ou o Globo Repórter, há a vítima em sofrimento, a mão que esconde a lágrima escorrendo pelo rosto; o homem que trabalha para limpar a sujeira de dentro de casa e resgatar seus pertences; ou mesmo o sujeito herói imerso em sua história de superação, que pode ser ora salvo pelo próprio esforço (o que o torna herói de sua trajetória), ora pela bravura de um desconhecido (bombeiro, ou transeunte que o encontrou em situação de perigo). Nesses últimos casos, o esforço individual diante da força sobrenatural arrasadora é exaltado, e a ideia de que a situação é ruim, dolorosa, caótica também é imediatamente aplacada pela promessa de que tudo vai ficar bem, com possibilidade de um final feliz.

Esse final é assegurado, em um primeiro momento, pela ação coletiva, pela força da caridade, das doações de todo o país. Vemos se repetir nessas cenas, de ginásios lotados de pilhas de doativos, o contraste entre os voluntários – a maioria mulheres brancas que se apressam em dobrar, separar, organizar roupas, brinquedos e outros itens – e os desabrigados, pessoas (na maior parte das vezes) negras, de olhar perdido, que estão em posição de espera, aguardando. Vemos também outra cena comum: a imagem da criança negra, pobre, que segura um brinquedo que foi doado. Em contraste, há brinquedos abandonados, sujos de lama, destruídos em meio a escombros, nas reportagens feitas nos locais por onde a lama passou.

Simbolizam-se assim a perda da inocência, a infância arrasada, cuja felicidade não pode ser restabelecida com uma nova boneca ou um urso de pelúcia.

A força da tragédia é catalisada principalmente pelo retorno violento dessa lama a que se busca enquadrar e se referir. A potência também se evidencia pelo tamanho (em número de entradas ao vivo, reportagens, repórteres especiais deslocados de Rio de Janeiro e São Paulo para Minas Gerais) dessa cobertura; há muitas entradas ao vivo de repórteres ao longo de semanas. Enquanto havia trabalho de bombeiros em resgate na região, havia equipe de reportagem. O número de mortes estimadas, cerca de 300, fazia com que se acompanhasse o passo a passo do resgate. Essa tragédia, ao contrário da outra, não caminha com a lama, no espaço, mas sim no tempo, com a contagem das vítimas.

Por meio do Gráfico 8, vemos que a curva das coberturas de Brumadinho e Mariana é diferente em escala. O comportamento é similar – a ênfase no intervalo dos 11 primeiros meses –, porém a quantidade de informação e trabalho é muito superior. Faz-se importante ressaltar que em 2019 a Globo vinha adotando há algum tempo uma postura mais flexível quanto à abertura da grade para entrada de jornalismo ao vivo. Eventos como a “tragédia” com o avião da Chapecoense, em 2016, a greve dos caminhoneiros, em 2018, e as chuvas torrenciais no Rio de Janeiro, em abril de 2019, são exemplos de eventos que ocuparam horas da programação em transmissões ao vivo. Portanto, a “tragédia de Brumadinho” foi monumental não apenas pelo número de mortes ou pela proximidade do que ocorreu em Mariana, mas também porque existia a tendência da emissora de conferir maior peso ao jornalismo ao vivo em sua grade.

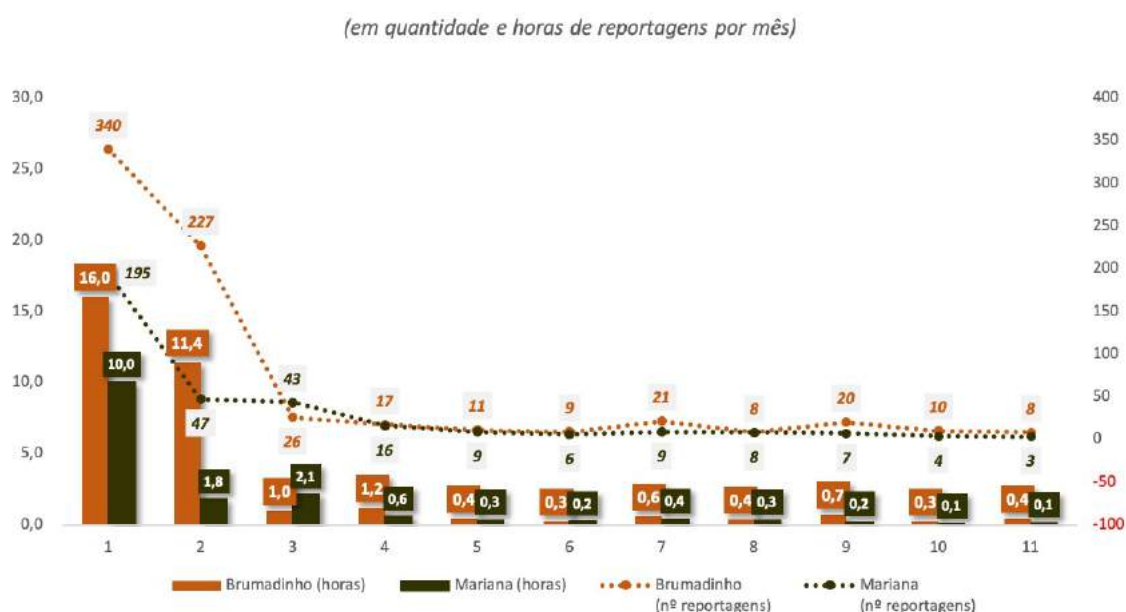


Gráfico 8 – Comparativo entre tempo de cobertura e número de reportagens nos 11 primeiros meses de cada caso. Ou seja, de novembro de 2015 a setembro de 2016 (Mariana) e de janeiro a novembro de 2019 (Brumadinho)
Fonte: primária

No Gráfico 8, eu tentei captar a diferença do esforço de cobertura em ambos os casos nos 11 primeiros meses de cada um. A razão da escolha desse número (11), que parece aleatório, é porque minha pesquisa parou em 5 de novembro de 2019, quando a “tragédia de Mariana” completou quatro anos. Não havia mais tempo para seguir no monitoramento das coberturas, um trabalho que tende ao infinito. Gostaria de destacar, no entanto, com relação ao Gráfico 8, que, assim como os outros, o comportamento da cobertura ao longo dos primeiros meses é similar. O que destoa, todavia, é a escala. Houve maior ênfase, esforço, produção de informação sobre Brumadinho do que acerca de Mariana. Atribuo isso aos fatores destacados anteriormente: maior mobilidade da grade da Globo em 2019, maior número de mortos, a ideia de que é um evento que se repete e, por causa da repetição, há a catalisação do acontecimento.

*

Nos dias que se seguem, há cobrança do jornalismo por mudanças, tanto no que diz respeito à legislação federal sobre fiscalização e construção de barragens de mineração quanto por resoluções que devem ser implementadas pela Vale e pelas outras mineradoras no Brasil. Essa ênfase só não é maior do que a dada ao trabalho de resgate, que se estende por semanas. Sempre que um novo corpo é encontrado, o evento retorna, em uma explosão de imagens da lama e do protagonismo dos bombeiros em cena, à superfície do presente.

Nessa cobertura, um fator foi determinante: a Globo conseguiu imagens de câmeras de segurança da Vale que revelavam o *momento exato* do rompimento da barragem²⁶. Mostrado em câmera lenta, por diversas vezes, o movimento de destruição encobria caminhões em movimento, um trem, pessoas. Ali, o momento da morte não é mais imaginado; é filmado. O sofrimento, nesse caso, é presumido. A angústia diante da morte iminente está presente na sequência, sem som ambiente, que mostra o gigante caminhando lentamente. Trata-se do momento filmado que, em outros eventos, como em Mariana, se tenta alcançar e aproximar. Esse intervalo de tempo exato que denota a ruptura da ordem das coisas, quando tudo é revirado e invertido, o cristal do acontecimento trágico, foi em Brumadinho materializado. É quando o temor imaginado se concretiza no real. Essa sequência, exposta nos *frames* da Figura 13,

²⁶ A imagem, captada por câmera de segurança da Vale, entrou ao vivo em boletim, no horário de plantão do Jornal Hoje, às 14h58 de 1.º de fevereiro de 2019 (Jornal Hoje, 2019c). À tarde, outro ângulo do rompimento foi conseguido com exclusividade, exibido em Boletim (2019j).

retorna inúmeras vezes como síntese do acontecimento nas reportagens²⁷, mas, na memória, dá corpo a outras tantas avalanches de lama.

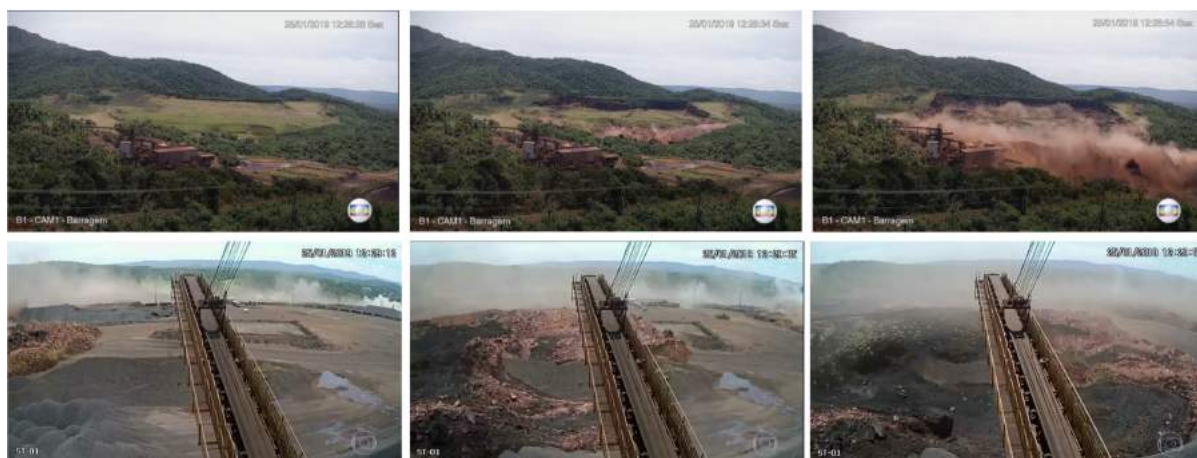


Figura 13 – Sequência de *frames*. Imagens da câmera de monitoramento da mineradora Vale S.A. exibidas no dia 1.º de fevereiro de 2019

Fonte: adaptado de Boletim (2019j)

A respeito dessas imagens, elas figuram na minha lembrança. Assisti a elas também com assombro, naquele 1.º de fevereiro, com um pouco de pavor, preciso dizer, torcendo para que aquelas pessoas – motoristas do trem, dos caminhões –, se salvassem, apesar de saber que sua morte era certa. Havia, de alguma maneira, ao assistir novamente a essa repetição constante, tanto nos boletins, quanto nos telejornais, a esperança remota de que o desfecho pudesse ser diferente.

Na conversa com Ricardo Soares (2019), ele falou que aquela imagem vai com ele “*para o caixão*”. Trata-se de algo que acha que nunca vai se esquecer. O jornalista contou que o homem que estava no centro do vídeo do rompimento da barragem (aproximado em *zoom* em reportagem que foi ao ar na mesma noite no Jornal Nacional e no Jornal da Globo) foi o único a sobreviver, “*surfou numa placa de grama por cerca de um quilômetro e meio e parou lá embaixo. Teve fratura na bacia*”. Momentos como esse, para o repórter, demonstram “*a fragilidade da gente diante de eventos tão catastróficos*”. Para ele, esse sobrevivente é alguém que “*a mão de Deus foi lá e buscou*”.

Nesse caso, faz-se importante notar que a morte fortalece, catapulta a tragédia, está sempre em associação com o trágico (LEAL; ANTUNES; VAZ, 2011), mas é, como veremos, dramatizada no cotidiano. A morte, segundo os autores, nessas narrativas jornalísticas, é presumida e também uma demanda requerida pelo próprio público – o meu fascínio diante do

²⁷ É destaque, por exemplo, na retrospectiva que a TV Globo exibe anualmente, na última sexta-feira de dezembro.

desfecho da cena é um exemplo disso. A morte presumida desperta, de forma dramatizada, interesse, seduz, atrai o olhar, a curiosidade em relação ao fim da própria vida. Trata-se de uma sedução em vertigem, que aproxima e afasta. No jornalismo, argumentam os autores, a morte trágica é explorada sempre para falar sobre outro assunto – uma circunstância política ou social, uma conjuntura.

Fato é que, ao abordar outros temas por meio da denúncia da morte no caso de Brumadinho, ou Mariana, o que permanece é a ideia da lama como vilã dessa narrativa dramática²⁸. É a lama que desfere o golpe final e, enquanto ser amorfo, gigante, um volume de terra e água, força da natureza, é imparável, arranca do solo o que estiver a seu alcance. O potencial de destruição existe sempre em sua presença. O que se subentende mediante o seu movimento devastador é a decadência, o declínio do homem. O homem não tem chance, a não ser que por meio de interferência divina. Cabe ao homem, aos heróis do cotidiano (os bombeiros, o homem normal que se arrisca pelo outro), salvar o que conseguem – pessoas, animais, bens materiais, registros da própria história. A salvação que resta aos excepcionais, aos que lutam para se reerguer nas adversidades, sobretudo pelo esforço e pelo trabalho. É ali que reside a possibilidade de redenção ou renascimento.

Essa carga de associação de memória potente na tragédia se interliga na memória cultural com a cobertura de intempéries que assolam o cotidiano e despertam interesse da imprensa brasileira há décadas. Esse caminho inconsciente em direção ao passado que esvazia a lama personificada de cargas simbólicas de toxina e reforça nela sua carga dramática e física de potencial destruidor, mostraremos, vem das encostas, das enchentes, dos estragos causados por consequência das chuvas tropicais, como tentei mostrar na Figura 14.

²⁸ Os conceitos de *tragédia* e *drama* serão problematizados no fim do capítulo.



Figura 14 – Sequência de *frames* da correnteza de lama revira carros desde 1966: enchentes de 1966, chuvas no sul do Brasil em 1986, chuvas em Santa Catarina em 2008 e tragédia na região serrana em 2011
 Fonte: adaptado de Memória Globo

2.3 AS TRAMAS DA MEMÓRIA

O Brasil é um país tropical e todos os anos é assolado por intempéries. Chuvas e enchentes confundem-se com a história da formação das grandes cidades brasileiras e, desde que há registros, também permeiam as narrativas jornalísticas. Almeida (2014), em artigo publicado no dossiê Enchentes Urbanas da *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, indica que a primeira inundação no Rio de Janeiro de que se tem registro ocorreu em 1613. Sabe-se que houve temporais com vítimas fatais na cidade também em 1711 e 1756. Desde então, inundações e chuvas torrenciais figuram em cartas, relatos, processos oficiais e, a partir do século XIX, nas páginas de jornais do Brasil. A cidade, que deveria ser acolhedora, transforma-se em perigo iminente.

No século XIX, mostra a autora, era comum se pensar que chuvas fracas eram benéficas à cidade, por serem vistas como instrumento de limpeza urbana, e que as consequências de

chuvas torrenciais estariam acima dos homens, cujo destino pertencia ao divino. Portanto, vinha do céu tanto a solução para o problema sanitário – a sujeira nas ruas, a falta de saneamento e os males resultantes da ocupação urbana – quanto a causa de destruições furiosas.

Onde os moradores depositavam as suas esperanças? A que instâncias era possível recorrer? Sempre era possível pedir ajuda à providência divina. E também havia atividades de filantropia para socorrer os atingidos. Ao longo do século, no entanto, foram ganhando espaço as concepções de que deviam ser exigidos dos poderes públicos os esforços de recuperação da cidade, e de socorro às vítimas (ALMEIDA, 2014, p. 125).

Outros estudos sobre desastres urbanos²⁹ indicam que existe uma mudança na percepção das catástrofes e seus efeitos ao longo do tempo e que é consenso que tais eventos “têm consequências bastante diversas, de acordo com a vulnerabilidade das populações instaladas nestes ambientes. E não atingem a todos os moradores com a mesma intensidade” (ALMEIDA, 2014, p. 120).

A relação entre chuvas, enxurradas de lama e enchentes no noticiário televisivo também é de longa data. Desde o fim dos anos 1960, quando a televisão começou a se tornar principal fonte de entretenimento e informação no país com a criação e expansão da TV Globo, a preocupação com o poder de destruição da natureza em um país com histórico de falta de investimento³⁰ à prevenção de destruição consequente de fenômenos naturais se reflete na programação. Não é possível acessar o acervo da TV Globo e recuperar de maneira integral tudo o que se produziu sobre o assunto pelas razões já explicitadas, mas podemos considerar como relevantes eventos institucionalmente importantes que retornam com frequência em usos comemorativos do jornalismo³¹.

Em 1966, antes de completar um ano de inauguração, a TV Globo interrompeu a programação para cobrir as consequências das chuvas de verão que inundaram o Rio de Janeiro, deixando 200 mortos e 50 mil desabrigados. Naquela época, as imagens, em preto e branco, gravadas do chão mostram destroços, casas destelhadas, pessoas carregando nas costas seus colchões, ruas alagadas, árvores caídas, escavadeiras trabalhando, correnteza de lama.

²⁹ Cf. Abreu (1997), Brandão (2013) e Maia (2012).

³⁰ Os estudos históricos a que nos referimos também mostram que antes do século XX não se via como responsabilidade do Estado prevenir a destruição causada por chuvas ou atuar para a remediação dela. A partir do século XX, não se admite mais que prefeitos digam que nada podem fazer para impedir as consequências dos alagamentos na capital da república e obras de escoamento de água começaram a ser incluídas em projetos urbanísticos, como o Plano Agache (SEDREZ; MAIA, 2014, p. 184).

³¹ Uso aqui livros produzidos pela Globo e também o *site* de memória institucional, Memória Globo.

As enchentes de 1966 são um marco memorável tanto para a cidade³² quanto para a história institucional da TV Globo. A cobertura cresceu em sua ressignificação na vida póstuma – foi lembrada inúmeras vezes pela emissora nas décadas seguintes e é considerada uma das primeiras coberturas jornalísticas de impacto³³, que imprimiu um modo de fazer (gravar, montar, enquadrar e narrar) que teve certa continuidade ao longo dos anos.

Essa ideia de que a cobertura foi importante se firma ao longo do tempo, já que permeia o discurso de jornalistas e executivos que trabalharam na empresa na época como uma espécie de mito fundador da vocação jornalística da emissora, inaugurada havia um ano. No livro comemorativo de 35 anos do Jornal Nacional, a enchente de 1966 é destacada como a primeira grande cobertura realizada pela TV Globo:

Em janeiro de 1966, logo depois de Walter Clark ter assumido a direção-geral da TV Globo, o Rio de Janeiro sofreu uma das piores enchentes da sua história. Cinco dias de temporal resultaram em mais de 100 mortos e 20 mil desabrigados. As equipes da Globo foram para as ruas portando câmeras Auricom e captando imagens da tragédia e da dor dos cariocas. Motoqueiros levavam para a emissora os filmes, que imediatamente eram revelados e exibidos. A chuva forte arreventou as tubulações que drenavam as águas do Rio dos Macacos, que transbordou destruindo várias casas perto da TV Globo, no Jardim Botânico. Walter Clark não perdeu tempo: posicionou duas câmeras diante da emissora e, dali, Hilton Gomes passou a comentar os fatos ao vivo (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 19).

Como aparece no trecho, o mito envolve em uma capa de heroísmo funcionários e a própria empresa, que, mesmo jovem e com poucos recursos, foi capaz de dar conta de transmitir o acontecimento enquanto este transcorria. Também no livro do Jornal Nacional, um trecho do depoimento de Armando Nogueira, que se tornaria diretor de jornalismo pouco depois da enchente, em uma entrevista concedida em 2000, descreve:

No Jardim Botânico tinha uma queda d'água que passou a ser imagem-símbolo da enchente. A câmera que Walter Clark mandou instalar na Rua Von Martius, apontada para a queda, ficava ligada dia e noite. Era como a imagem-padrão da Globo. Eu trabalhava na TV Rio, mas nossa referência se ia continuar chovendo era a cachoeira da TV Globo (*apud* MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 19).

Foi após o jornalista Armando Nogueira assumir o jornalismo da Globo, em setembro de 1966, que a emissora começou a ampliar o departamento de jornalismo, a contratar

³² Sedrez e Maia (2014) mostram que, apesar de não ter sido grande em níveis pluviométricos, a chuva que caiu no Rio de Janeiro em 1966 figura na memória de moradores, amparada pela ênfase dada pela imprensa da época, como “a enchente do século”, “o ano que os morros desceram, os desabrigados foram abrigados no Maracanãzinho e foi criada a Cidade de Deus” (SEDREZ; MAIA, 2014, p. 184).

³³ Uma delas foi a comemoração de 50 anos de jornalismo da Globo, exibida no Jornal Nacional, na semana do dia 20 de abril de 2015 (Jornal Nacional, 2015a).

profissionais mais qualificados e a investir em equipamentos, para tornar a emissora mais noticiosa. Definir 1966 como um marco é importante não apenas para a história da empresa, mas para a trajetória profissional do próprio jornalista. Na época, “existia certo preconceito contra a televisão, considerada muito superficial, mais um veículo de entretenimento que de informação” (*apud* MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.18).

Com essa cobertura, a Globo começou a disputar os primeiros lugares na audiência da cidade, concorrendo com a TV Tupi e com a Excelsior. Portanto, essa tentativa institucional – tanto por meio das lembranças do jornalista décadas depois quanto do reforço delas em livro e no *site* de memória institucional – projeta no passado da emissora uma ligação forte com o compromisso do jornalismo com a cidade e com os cidadãos desde os tempos mais remotos. Isso porque naquele momento a Globo lançou uma campanha social para arrecadar doações para as vítimas – a emissora transformou-se em uma central de recolhimento de doativos. Armando Nogueira observa: “Foi ali que o Walter Clark criou uma identificação da TV Globo com a cidade do Rio de Janeiro. Foi nesse episódio dramático e sobretudo nessa acuidade de transformar uma imagem em um ícone de uma desgraça” (*apud* MEMÓRIA GLOBO, 2004).

A síntese que Nogueira faz por meio de uma imagem que lembra ter visto na época que foi ao ar cria, em seu ponto de vista, um quadro perfeito da desgraça que acometeu a cidade. Não temos como assistir à cobertura tal como foi feita na época; o fato de ela figurar como marco fundador no discurso desse profissional que comandou o jornalismo da Globo durante 24 anos é por si só relevante. O sentido do acontecimento e da importância que ele teve para a história da empresa é dado ao longo do tempo. Na tentativa de alçar Nogueira ao exemplo de onde tudo começou, o retorno dele pode ser detectado não apenas no discurso de quem lembra, mas em práticas que marcam uma maneira de fazer e pensar a notícia, os fatos, a realidade. Como vimos, o passado, acionado pela lembrança, sempre sofre transformações. A ideia de ter havido uma imagem-ícone da desgraça, por exemplo, é construída *a posteriori* em um tempo em que estamos acostumados a ver cenas que traduzem, sintetizam, simbolizam um acontecimento e fazem com que o fato, na memória cultural, não exista fora dela.

Não encontrei essa imagem da cachoeira do Jardim Botânico; ela hoje figura apenas na memória. É espectro, presença na ausência, existe apenas quando imaginada. Estão disponíveis, no entanto, outras imagens daquela cobertura. Em 26 de fevereiro de 1988, após fortes chuvas que ocorreram no Rio de Janeiro, o Globo Repórter recuperou as imagens das enchentes de 1966, numa tentativa de aproximação entre os dois eventos.

Temos acesso a pequenos trechos desse programa no *site* do Memória Globo. Nos trechos, as imagens de 1966 são narradas em *off* por Sérgio Chapelin mais de 20 anos depois.

Ele narra, portanto, aspectos que há interesse em serem destacados, ao olhar para o passado. Chapelin enfatiza que moradores da Rocinha se recusaram a sair de suas casas condenadas e, por isso, foram forçados pelas autoridades. E demarca: “Numa coisa, a catástrofe de 1966 foi igual à de agora, o impressionante movimento de solidariedade no Rio e em todo o país. A TV Globo, então com um ano de existência e o jornal *O Globo* estavam à frente da campanha que ajudou as vítimas da enchente” (*apud* MEMÓRIA GLOBO, 2004).

Há aqui a tendência de aproximar o passado do presente em um uso exemplar, tal como falei no tópico anterior. A seguir, na Figura 15, selecionei alguns *frames* de vídeo que, ao serem pensados na relação, em reminiscência, se ligam a outros tantos eventos que pontuarei adiante.



Figura 15 – Sequência de *frames* da cobertura das enchentes de 1966, na cidade do Rio de Janeiro
Fonte: adaptado de Memória Globo (2004)

O que vemos na Figura 15, para além da narração de Chapelin, é o movimento rápido, furioso da água, carros submersos, pessoas trabalhando para salvar seus pertences e tirar lama de dentro das casas, na favela da Rocinha e em Santa Teresa. O corte da enxurrada em uma encosta também está presente, assim como destroços de construção, partes de árvores. Vemos também, do alto, o trabalho de funcionários dos bombeiros ou da Defesa Civil, que usam

retroescavadeiras para retirar pedregulhos que rolaram sobre a Avenida Niemeyer. As imagens das pilhas de donativos filmadas do alto ou do chão mostram também voluntários – a maioria mulheres brancas – separando itens em pilhas de roupas. As pessoas atingidas – as vítimas, nas quais recai também a condição de culpa, já que se recusam a deixar suas casas – passam ao largo. Nessa representação específica, não há lugar de fala. Nesse lugar periférico, normalmente, transportam-se objetos pessoais, colchões, ou se trabalha no conserto das casas, como já apontamos. Os bombeiros organizam o fluxo do trânsito engarrafado, orientam. O volume de água e a lama que preenche as casas têm lugar de destaque.

É importante notar os movimentos da câmera e as ideias que eles carregam. As imagens seguem o fluxo da água e tendem a acompanhar o percurso de cima para baixo. Mesmo naquele momento, quando a emissora não tinha tecnologia para enviar uma equipe em um helicóptero para capturar imagens do céu, podemos ver esse esforço de filmar cenas de cima, quando o cinegrafista projeta o corpo e a lente em direção aos estragos em uma estrada provocados por deslizamentos de terra (a última fila de *frames* denota esse esforço).

Em 1983, as chuvas e a abertura de uma barragem de água nos três estados do sul do Brasil promoveram outra tragédia. O termo até aparece no texto de repórteres e apresentadores do Jornal Nacional, em reportagens veiculadas entre os dias 7 e 12 de julho daquele ano, também disponíveis no *site* do Memória Globo. Interessante aqui é perceber, por meio de um material um pouco mais vasto (já que é possível assistir a reportagens inteiras, e não apenas a fragmentos de cena intercalados com entrevistas gravadas posteriormente, como é o caso das enchentes de 1966), um modo de olhar a notícia firmado na repetição. Cenas de áreas alagadas pela enchente são mostradas do alto, do helicóptero; a apuração dá ênfase à destruição de estradas, bairros, escolas, casas; o deslizamento de encostas leva caminhões; o repórter, em passagem em uma ponte sobre o rio barrento, ou diante de uma pilha de donativos, também chama a atenção para a gravidade da situação, alertando que famílias estão passando necessidade e precisam de donativos. No *site* institucional, diz-se que a Globo apoiou as campanhas de doação de donativos e promoveu uma partida beneficente de futebol entre times do sul. Uma mulher, negra, na fila para receber alimentos, aparece em poucos segundos em entrevista e diz que não há mais o que comer em sua casa.

Esse modo de reportar pode ser visto em muitos outros casos. Destaco aqui, seguindo a ideia de lançar um olhar sobre os casos considerados relevantes à memória institucional da Globo, as enchentes no estado de Santa Catarina, em 2008, que ocorreram em uma nova era de jornalismo da emissora, na qual se tornara comum outro tipo de recurso jornalístico: o deslocamento de âncoras de telejornais para o centro dos acontecimentos. Esse movimento

começou no início dos anos 2000, quando a apresentadora Fátima Bernardes deixou a bancada do Jornal Nacional³⁴ para apresentá-lo dos Estados Unidos, na reta final da corrida eleitoral norte-americana, da qual saiu vitorioso George W. Bush. No livro sobre o modo de fazer do Jornal Nacional, William Bonner (2009, p. 187) explica os pormenores dessa cobertura e avalia: “[Jornal Nacional] JN estava lá simplesmente porque tinha que estar. [...] E isso fica evidente quando a análise de conteúdo do Jornal Nacional se dá com uso de um filtro eficiente: a história do nosso tempo. Vale, de novo, aquela pergunta: daqui a meio século, ao vasculhar nossos arquivos, o que será que um historiador estará procurando na edição de hoje?”.

Em seu texto, existe a naturalização do encadeamento dos fatos na narrativa jornalística, como se fossem dados, e não construídos, e a visão sobre o que é um fato histórico aparece aqui como algo dado, e não um valor (RIBEIRO, 1995). Abri esses parênteses aqui para indicar que se criou nos anos 2000 uma prática nos programas jornalísticos da Globo, depois reproduzida por outras emissoras, de deslocar o cenário do telejornal quando a notícia parece ser histórica aos olhos dos próprios jornalistas. “Caráter histórico” é considerado “critério primário” de noticiabilidade conforme as regras editoriais do Jornal Nacional, ao lado de: a abrangência, a gravidade das implicações, o peso do contexto, a importância do todo (BONNER, 2019, p. 50-51).

Em 2007, o acidente com um avião da TAM no aeroporto de Congonhas, em São Paulo, levou pela primeira vez o âncora do Jornal Nacional a transmitir uma edição dedicada a uma tragédia de fora da bancada. Em 2008, choveu durante dois meses em Santa Catarina: enchentes, deslizamentos de terra e mortes tornaram-se assuntos noticiados nos telejornais locais e também nos de rede. Quando o número de pessoas mortas se aproximava de 100 e o de pessoas atingidas passava de um milhão, Bonner viajou a Blumenau e apresentou o telejornal da região durante dois dias. “Foi essa tragédia que nos trouxe a Santa Catarina. É uma forma de expressar o respeito do Jornal Nacional pelas vítimas” (Jornal Nacional, 2008), disse para a câmera o jornalista na noite do dia 27 de novembro, tendo ao fundo a Ponte de Ferro, cartão-postal da cidade. Em seguida, chamou uma reportagem feita por ele, de um voo de helicóptero pela região, repleta de inundações.

Chama atenção nessa e em outras coberturas similares a captação do rasgo aberto em encostas, após desmoronamentos, deslizamentos de terra. Vemos, nesses casos, do alto, a uma

³⁴ Uso como exemplo o Jornal Nacional, porque, além de ser o telejornal mais importante da Globo e o maior em audiência e abrangência há décadas no Brasil, é um produto que dispõe de muitas análises, estudos e publicações a respeito. Há, sim, um problema de acesso à informação e muito sobre a história do telejornal foi escrito nas últimas décadas. Além disso, é no Jornal Nacional que se podem observar os valores e os princípios editoriais do jornalismo da emissora.

distância segura, a força da natureza em um rompante de destruição. Trago na Figura 16 outro mapa que aproxima pelas similaridades do olhar, do ponto de vista lançado sobre a situação, coberturas diferentes, cujas particularidades se borram ao serem aproximadas umas das outras.

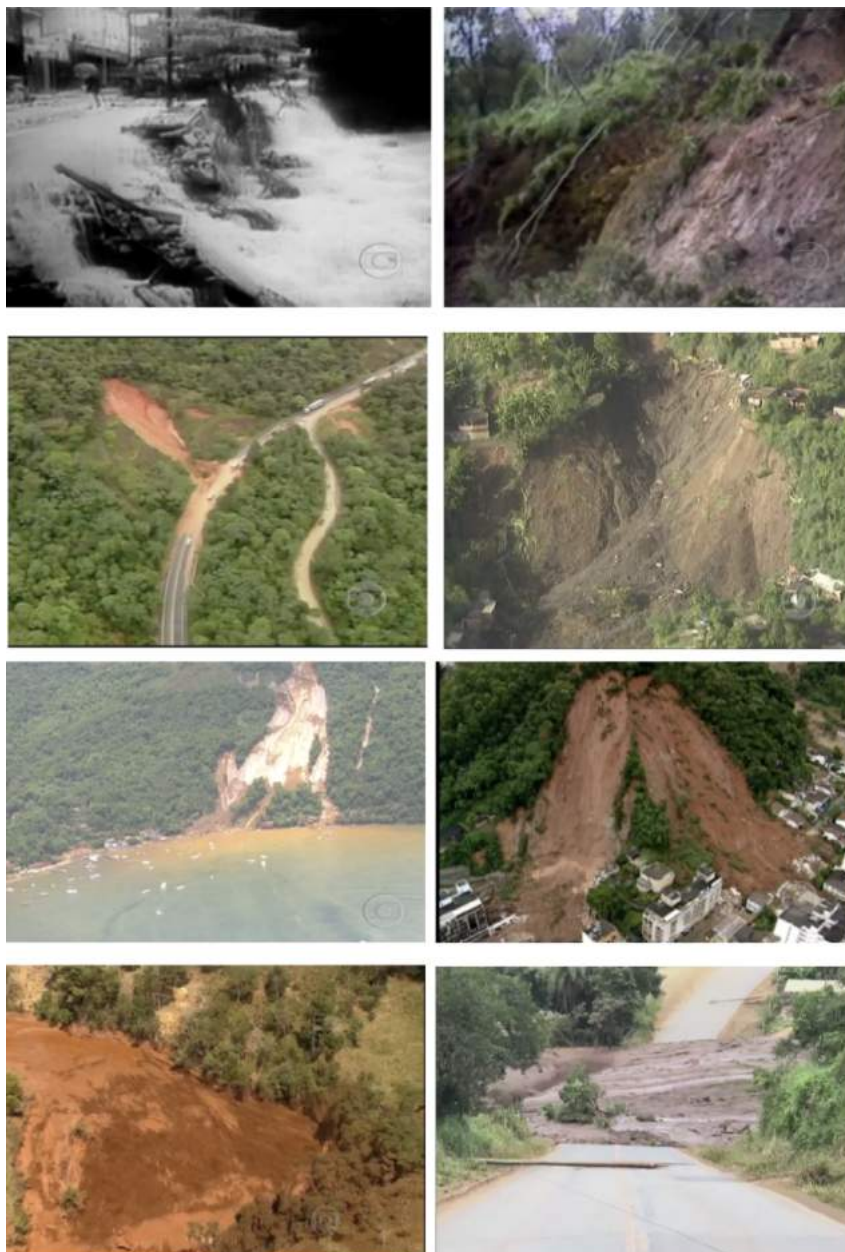


Figura 16 – Sequência de *frames*: enxurrada de lama. Enchentes no Rio de Janeiro (RJ), em 1966; chuvas na Região Sul, em 1983; enchentes em Santa Catarina, em 2008; deslizamento no Morro do Bumba (RJ), em 2010; chuvas em Angra dos Reis (RJ), em 2011; chuvas na região serrana do Rio de Janeiro, em 2011; rompimento da barragem em Mariana (MG), em 2015; e rompimento da barragem em Brumadinho (MG), em 2019
Fonte: adaptado de Memória Globo e Globoplay

Nos anos seguintes, outras coberturas de enchentes e deslizamentos de terra ocuparam muito espaço nos telejornais de rede da Globo, como as chuvas na região serrana do Rio de Janeiro, em 2010; o deslizamento que devastou a comunidade do Morro do Bumba, na cidade

de Niterói (RJ), também em 2010; e os deslizamentos de terra em Angra dos Reis (RJ), em 2011. Existem estudos diferentes no Brasil que examinam a estrutura narrativa jornalística de coberturas de desastres naturais/ambientais, com ênfase nesses casos (COUTINHO; MATA, 2013; AMARAL; ASCENCIO, 2016; ASCENCIO; CALERO; CORRAL, 2017; VALENCIO, 2019; AMARAL, 2019). Nessas análises, é feita uma observação das fases da cobertura do desastre, com foco no que é narrado. Fontes e personagens envolvidas, lugar ocupado pelo repórter e a abordagem dos veículos nesses momentos imediatamente durante e após a eclosão do evento são aspectos bem documentados.

Amaral (2015; 2019), por exemplo, por meio da metodologia de análise do discurso de tradição francesa, interpreta um conjunto de reportagens randomicamente escolhidas de revistas semanais como a *Veja* sobre chuvas de verão na Região Sudeste e revela que existem formas específicas de composição do acontecimento em uma narrativa de desastre que normalmente apontam as causas para forças externas ao homem (e não para o comportamento humano), ou seja, um embate entre o homem e a natureza em fúria. Nesse padrão narrativo (cujo cerne é a estrutura textual jornalística), a natureza é personificada, há ênfase na superação individual do problema por vítimas personalizadas que ora são mostradas como culpadas (e se passa a mensagem de que foram avisadas de que o pior iria acontecer), ora como inocentes (a ideia de que todos nós podemos ser atingidos sobre aquele mal); um desfecho que aponta para a solidariedade. No início da cobertura, há predominância da imagem sobre a análise – que retorna várias vezes, apresentando certa dimensão terapêutica na repetição (AMARAL, 2019, p. 3). Tem-se também a tendência à espetacularização, presença de uma “emocionalidade informativa” e diz-se que, em geral, as coberturas sobre desastres ambientais privilegiam ouvir instituições e não pessoas comuns e tratam mais de problemas políticos do que de vulnerabilidades sociais.

Quando o assunto é cobertura televisiva, há outros elementos importantes que integram a narrativa do acontecimento, como a presença do repórter na cena da notícia. Segundo Coutinho e Mata (2013), nas coberturas da tragédia no Morro do Bumba e das chuvas na região serrana, o deslocamento de repórteres famosos para a cena da destruição faz com que estes se coloquem como testemunha ocular dos acontecimentos, seja numa postura de defesa dos cidadãos, seja como fiscalizadores das ocorrências. Repórteres e apresentadores teriam lugares de fala demarcados em uma narrativa dramática da notícia que prevê a divisão entre mocinhos e vilões. No caso do Morro do Bumba, em Niterói, Fátima Bernardes apresentou o programa em um cenário especial montado na laje de uma das casas no pé do morro. A ideia era

aproximar o telespectador do fato, mas também de colocar o próprio meio como central na tessitura da mensagem.

Valencio (2019), ao coletar no Google algumas reportagens de *sites* de notícia, percebe que existe uma “ótica da imprensa” que dá ênfase às personagens das matérias – geralmente em tom acusatório, na lógica de que as vítimas não deveriam estar ali a princípio –, em vez de dar ênfase a “relações mais complexas” dos desastres, característica que evidenciaria a tendência do jornalismo em simplificar a realidade (VALENCIO, 2019, p. 58).

Em geral, os estudos de jornalismo (de televisão, impresso ou da internet) que discutem grandes coberturas de desastres, catástrofes, tragédias enfocam, como mostrei, a exploração da estrutura narrativa das reportagens com base nos sentidos despertados pelo texto – lido ou escrito. Há uma separação quase natural entre texto e imagem e redução do material visual a apoio ou menção. Barbie Zelizer (2010), ao escrever sobre as imagens da iminência da morte publicadas em periódicos norte-americanos, acredita que essa prevalência da análise do texto sobre a imagem se deva a um fenômeno que espelha um modo de fazer a notícia nas redações tradicionalmente comandado por profissionais de texto. O jornalismo, ela diz,

amplamente visto como um projeto da modernidade, é presumido como guiado pelas palavras. Embora as imagens se relacionem com eles de maneira variada – reforçando, complementando, negando e afirmando o que eles estipulam – as palavras continuam sendo pistas autorizadas do jornalismo (ZELIZER, 2010, p. 3).

Os estudos de jornalismo, portanto, originalmente ligados à metodologia de análise do discurso, tendem a dialogar com essa característica, na opinião da autora.

Todavia, o caso é que jornalismo de televisão se faz com base em imagem. A imagem guia o texto do repórter, sustenta ou não uma pauta, catalisa a cobertura de um acontecimento. As narrativas do acontecimento transformam-no em grande, importante, trágico, abrem-se ao passado e ao futuro, tentam cristalizar uma versão da história nas tramas da memória cultural. A imagem produz afetos, abre-se para a rememoração, liga o enunciado a eventos passados e vai muito além do que é dito. De certa forma, o uso de imagens de arquivos de acidentes de mineração tentando criar uma conexão entre a “tragédia de Mariana” a outros rompimentos de barragem em Minas Gerais caminhou na direção da edição da estrutura narrativa – apontando para as semelhanças entre os eventos mostrados – e nos revelou caminhos do não dito, inconscientes, que ligam o evento, por meio da lama, às tragédias de enchentes e deslizamentos de terra.

2.4 DO QUE EU FALO QUANDO FALO EM TRAGÉDIA

Os desastres tidos como naturais normalmente recebem, no curso dos dias, o nome de *tragédia*. Um enunciado que também diz respeito a outros tipos de evento, como um incêndio que mata dezenas de jovens em uma boate, a queda de um avião, um acidente de automóvel que mata um músico conhecido. Em comum, há a fatalidade, mas, se investigarmos o comportamento da palavra na sociedade contemporânea, vemos que o campo semântico ativado por ela – que, como estamos apontando vai além de palavras, envolvendo imagens e memórias – se relaciona à ruptura da ordem, ao acidente, à decadência do homem, à redenção, ao imponderável e à providência divina, à morte. Trata-se de uma estrutura narrativa que tem origem canônica e uma trajetória no tempo. É *performance*. Parece ser realizada por meio de personagens, entre as quais estão o herói e o seu inverso, o vilão. Dramatizada, a ideia de tragédia no contemporâneo tende a simplificar a complexidade de histórias e circunstâncias sociais.

No jornalismo, veremos que o sentido trágico é apaziguado pela imaginação melodramática, que permeia a estrutura das reportagens principalmente de televisão. *Tragédia*, portanto, não é apenas uma palavra. Consiste em uma construção semântica que articula ideias, lembranças e afetos no tempo. É problema da filosofia, da crítica teatral, do jornalismo, da sociologia, da teoria literária (BROOKS, 1995; MACHADO, 2006; NIETZSCHE, 2007; STEINER, 2006; WILLIAMS, 2010; EAGLETON, 2013; BENJAMIN, 2016; SZONDI, 2004). É necessário refletir sobre sua multiplicidade de significados para compreender que valores estão implícitos quando falamos em *tragédia* de mineração e *tragédia* de chuvas e deslizamentos de terra. O que as aproxima? Que tipo de enquadramento do evento é realizado pelo uso da palavra e das ideias que carrega?

*

Terry Eagleton (2013, p. 23), em sua obra política sobre a ideia do trágico no Ocidente, afirma que tragédia no uso corrente pode significar sofrimento, algo muito triste. Envolve valor e pode ser pungente, atemorizante, assustador, causar espanto, atordoar. Tragédia na modernidade para ele é “uma continuação da filosofia por outros meios” (EAGLETON, 2013, p. 13). Em uma perspectiva tecida na área da história da cultura, Raymond Williams (2010) afirma que a experiência trágica atrai crenças e tensões fundamentais de determinadas épocas, colocando em discussão perspectivas metafísicas, morais e científicas sobre a condição

humana: “Tragédia não é meramente morte e sofrimento e com certeza não é acidente. Tampouco, de modo simples, qualquer reação à morte ou ao sofrimento. Ela é, antes, um tipo específico de acontecimento e de reação que são genuinamente trágicos e que a longa tradição incorpora” (WILLIAMS, 2010, p. 31).

Na visão canônica, a tragédia enquanto arte dramática é realizada por meio do herói trágico. Tanto a palavra quanto a atividade performática da tragédia têm origem na Grécia Antiga. Na *Poética* de Aristóteles (2008), define-se tragédia como ficção e arte que não depende, de modo algum, apenas de seu herói; o cerne da tragédia está na estrutura narrativa da obra e nos fatos contados. Tragédia, nesse sentido, tem limite temporal, cadência determinada, é a imitação não de homens, mas de ações da vida, da felicidade, da infelicidade. A tragédia representa os homens melhor daquilo que são na realidade – porque isso já seria função da comédia. É pela ação do homem que se alcança a infelicidade ou a felicidade. A tragédia suscita compaixão, e o terror tem o intuito de obter “a purgação dessas emoções”. A tragédia existe independentemente da encenação dos atores e da representação; é ação (drama), e a alma da tragédia, diz Aristóteles (2008), é a fábula. Sendo assim, o patético é definido pelo filósofo como “uma ação que provoca a morte ou sofrimento, como a das mortes em cena, das dores agudas, dos ferimentos e outros casos análogos” (ARISTÓTELES, 2008, p. 17). A fábula, expressa por intermédio da ação, faz com que a personagem transite do infortúnio à felicidade ou vice-versa. Logo, a morte e o sofrimento são necessários à arte da tragédia. Devem despertar temor e compaixão.

Na tragédia clássica, deve-se representar o arco do homem comum, que, por erro, é levado ao infortúnio. As personagens da fábula devem ser coerentes e complexas – o herói é admirável, mas ao mesmo tempo erra por ignorância e comete uma atrocidade, da qual precisa se arrepender. É por meio desse erro que nasce a compaixão no público. As fábulas da tragédia são compostas de espírito dramático, porém nem todas têm final infeliz. Há a catástrofe, mas também evocam o belo, a alegria em quem assiste a elas (após a catástrofe, na arte trágica, há o coro)³⁵.

Sobre a ideia de tragédia, há certo consenso no debate moderno de que a tragédia clássica, dotada de tais características, só existiu dessa forma na Antiguidade, embora o dispositivo trágico sobreviva. Houve no Renascimento (WILLIAMS, 2010; EAGLETON, 2013) a tentativa de se estabelecer sentido de tradição e continuidade à tragédia com práticas artísticas clássicas, mas, ao serem retomadas, já dispunham de elementos distintos – outra

³⁵ Sobre o conceito de catástrofe, ver também Pomian (1977).

relação com a morte, o divino, o sofrimento, a decadência. Benjamin (2016) reparou que o sentido de tradição do drama trágico alemão no século XVII buscava referências na crítica do Renascimento, e não da Antiguidade – a única semelhança entre a estrutura do trágico nos dois períodos era a presença do herói régio: “A função do drama trágico é a de fortalecer a virtude dos seus espectadores” (BENJAMIN, 2016, p. 55), e, nessa *performance*, a piedade (compaixão) “devia ser entendida apenas como impulso ativo para aliviar os sofrimentos e as angústias do outro, e não como um colapso patológico à vista de um destino terrível” (BENJAMIN, 2016, p. 55). Ou seja, como misericórdia.

O sentido da tragédia clássica, para George Steiner (2006) está no encurtamento da vida do herói, na exposição do homem à criminalidade e no capricho do inumano (a fúria do destino, do divino), na queda da cidade. A desgraça na tragédia clássica pode ou não originar a graça, e está aí a principal diferença entre ela e a tragédia moderna, nessa concepção. Para o autor, o mundo moderno é pós-trágico, não há lugar para o sentido trágico, e as estruturas que o fundamentam são a antítese da tragédia. Williams (2010, p. 189), por sua vez, tem uma visão diferente. Acredita que as estruturas que sustentam o mundo moderno são essencialmente trágicas e, por isso, não existe “morte da tragédia”, porque é ideia em constante transformação.

A tradição trágica evocada na modernidade prevê a tragédia construída ao redor de valores como providência divina, sofrimento, dignidade, declínio, redenção e morte. Houve, no curso do tempo, a abstração da necessidade universal do trágico com a interiorização da vontade e dos conflitos morais. Na ideia canônica, como vimos, a ordem seria recriada da desordem – e o ideal, o belo, na *Poética* de Aristóteles (2008), é que essa ação seja decorrente de erro da personagem que representa o homem comum. A morte seria necessária, inevitável, porém suportável.

Havia a ideia de que a vida continua, começando e terminando na morte. Quando tomamos a tragédia pelo herói, restringimo-nos ao indivíduo. A vida que persiste tem como princípio formador a morte; foi, na verdade, em certo sentido, criada por ela. Mas, em uma cultura limitada à experiência individual, não há mais o que dizer, quando um homem morre, a não ser o fato de que outros também irão morrer. A tragédia pode ser assim generalizada não como reação à morte, mas como o fato, nu e cru, de que ela é irreparável (WILLIAMS, 2010, p. 81).

No sentido canônico, a catástrofe é o último ato da tragédia, resultado irremediável, consequência das ações e dos acontecimentos, o único desfecho possível. O desfecho da tragédia como catástrofe. O homem não comete o erro que leva à catástrofe porque quis; a ação é aquela feita por ignorância, um ato involuntário cuja gravidade só é descoberta por aquele que o cometeu, posteriormente. A culpa atribuída ao herói na tragédia é construção posterior.

Houve, a partir do século XVIII, vinculação da tragédia à crise ética, ao desenvolvimento humano.

*

Existe sentido trágico nos eventos nomeados como tragédia no cotidiano contemporâneo, mas esse sentido é assimilado e representado conforme estruturas narrativas específicas das sociedades. A cada instituição, cabe um modo de representação.

Seguindo a interpretação de Williams (2010), na modernidade, quando há morte e sofrimento em um acontecimento, necessariamente somos expostos a uma dimensão trágica – sobretudo à do irreparável e à da dramatização do mal em formas específicas (suportáveis) e não absolutas (vingança, ambição, orgulho, frieza, luxúria, inveja, desobediência ou rebeldia). As reações a essa dimensão podem variar: indiferença, justificativa, dor, alívio, regozijo. Há, decerto, separação entre a ideia de tragédia e a de acidente e sofrimento. Para o autor, essa separação é a ação de separar o controle ético e a ação humana da nossa compreensão da vida política e social. Logo, a separação entre tragédia e acidente consiste em decisão política. A diferença é feita perante alguma lei ou ordem que caracterize determinados eventos como acidentais, ou seja, confere significado, importância. Essa distinção baseia-se na tradição de que algumas mortes e/ou sofrimentos importariam mais do que outros para se tornarem tragédia. Em sua leitura das estruturas, Williams (2010) diz que, durante um tempo, a diferença foi delineada pela classe social: pobres e escravos tinham mortes acidentais, e não trágicas, mas, com o tempo, a tragédia estendeu-se à vida comum.

É preciso fazer um breve comentário aqui a respeito da distinção, até 2015, entre acidentes de mineração e a tragédia em Mariana ou Brumadinho. Quando as consequências do acidente extrapolam as fronteiras geográficas da área de mineração, ou seja, quando não mais se referem à área de operação (como tentou minimizar o presidente da Vale no primeiro informe sobre o rompimento da barragem em Brumadinho), o evento torna-se tragédia. As mortes de funcionários dentro dos limites das mineradoras são consideradas acidentais. Acidentes de trabalho. Quando o evento irrompe com força bruta, em onda de lama, e atinge *vítimas inocentes*, deixando desabrigados, ele é trágico. Uma calamidade. Uma nomenclatura que claramente despolitiza o acontecimento.

Eagleton (2013) constatou que, a partir do século XVI, a tragédia no sentido figurativo, isto é, metafórico, para explicar eventos do cotidiano, passou a ser usada. A tragédia do dia a dia – o desastre em uma mina, um grave acidente de carro, uma chacina – é uma metáfora

artística. E é aí que começa o conflito com os teóricos da morte da tragédia, que afirmam recorrentemente não ser possível transpor esse sentido canônico ao cotidiano, porque só estaria na arte a “inevitabilidade gratificante que falta à vida” (EAGLETON, 2013, p. 41). Essa discussão não cabe aqui, no entanto é interessante notar que existe a assimilação da tragédia (arte dramática) à tragédia cotidiana (eventos do dia a dia que incorporam os sentidos que enumeramos). Isso se deve à ideia de que *tragédia* pode ser experiência do real – dimensão com a qual entraremos em contato na parte 2 desta tese.

No decorrer do tempo, a ideia de tragédia ganhou vida própria, principalmente quando esse sentido passou a ser assimilado por uma “imaginação melodramática” (BROOKS, 1995) nos meios de comunicação, aproximando-se muitas vezes da ideia de catástrofe ou desastre. Guardemos aqui em mente, por ora, esta bifurcação: a possibilidade da tragédia como experiência do real e a tragédia no acontecimento midiático. Antes de prosseguir, vale nota a observação de Eagleton (2013, p. 44):

É irônica essa discrepância entre tragédia como arte e tragédia como vida, pois boa parte das principais obras de arte trágica comporta-se exatamente como se a tragédia fosse, de fato, uma questão de experiência do real, em vez de um fenômeno puramente estético. Como ocorre com qualquer arte ou linguagem, existe em ambas as visões de tragédia essa imanência que aponta para além delas. A desconstrução da arte e da vida é conhecida como arte. Se, na maior parte das vezes, a teoria do trágico insiste em uma versão de tragédia, a prática do trágico tende a ilustrar outra versão.

Para o autor, tragédia “envolve-se com o embate acalorado das conjunturas históricas, mas, visto que há aspectos do sofrimento que estão também arraigados em nosso ser genérico, ela também presta atenção a esses fatos mais naturais, mais materiais da natureza humana” (EAGLETON, 2013, p. 16). Tais fenômenos são amor, envelhecimento, doenças, o medo da própria morte, o sofrimento pela morte dos outros, a brevidade da existência humana. O autor ainda observa que a tragédia tem um final infeliz implícito, no entanto nem sempre é assim. Eagleton (2013) retoma a ideia de Williams de que tragédia consiste em “uma série de experiências, convenções e instituições” para dizer que essa definição não explica por que “usamos o mesmo termo para Medeia e Macbeth, para o assassinio de um adolescente e um desastre em uma mina” (EAGLETON, 2013, p. 26). Para ele, a ideia parece ser construída por uma combinação de traços sobrepostos que evocam ideia de morte e sofrimento, porém não é tão simples assim.

Para Aristóteles e para a maioria dos outros críticos, a morte de um vilão não seria trágica, ao passo que para certa linha da filosofia existencialista, a morte é, como tal, trágica, independentemente da sua causa, forma, tema ou efeito. Mesmo assim,

tragédia normativa ou moral trai com frequência certo subtexto sensacionalista, uma aura de violência ou exotismo, de sensações suavemente intensificadas e prazeres eróticos velados, o que liga com relutância à sua irmã melodramática (EAGLETON, 2013, p. 33).

Se tragédia no uso corrente denomina acontecimento violento que irrompe o cotidiano e desestabiliza o curso da vida, associado à morte, ao sofrimento e ao divino – aquilo que é incontrollável, que não é da ordem do humano –, nossas tragédias podem ser chacinas e outros crimes hediondos, incêndios, acidentes aéreos, atentados terroristas, crimes socioambientais, fenômenos da natureza que causam destruição. *Tragédia*, no sentido corrente e contemporâneo, envolve uma experiência trágica e ativa estruturas de sentimento específicas da cultura em que está inserida – estruturas estas que são canalizadas na trajetória de declínio do herói, na luta contra o mal e na possibilidade de redenção por meio do sofrimento e do divino, da caridade. Há na tragédia caráter de fatalidade, da inevitabilidade, determinante em dar à tragédia um caráter disruptivo, a que se busca apaziguar no jornalismo contemporâneo. Trata-se de uma sublimação trágica na qual o terror passa por uma catarse em vez de por politização.



Figura 17 – Sequência de *frames*: a força da natureza × a força do divino nas coberturas das chuvas na região serrana do Rio de Janeiro, em 2011, e na “tragédia de Mariana” (MG), em 2015

Fonte: adaptado de Globoplay

A ideia de tragédia mediada pelo jornalismo televisivo no contexto da América Latina e no Brasil adquire significados específicos. Ana Paula Goulart Ribeiro e Igor Sacramento (2014; 2017) observam que, como na modernidade o trágico assumiu outros contornos, apesar de existir como experiência e forma artística, ele é apaziguado pela “imaginação melodramática”³⁶. Ao realizar um estudo sobre como os programas jornalísticos da Globo

³⁶ O conceito de imaginação melodramática foi cunhado por Brooks (1995) e quer dizer um modo de excesso nas narrativas culturais do contemporâneo. O melodrama, nesse sentido, é caracterizado pela sentimentalização, moralização e individualização do trágico – uma forma de revelar o universo moral de uma era pós-sagrada, a era em que vivemos.

Jornal Nacional e Fantástico percebiam/construíam o sofrimento alheio pelo lugar do testemunho em reportagens sobre a tragédia no Morro do Bumba e a tragédia da Boate Kiss, os autores veem um diálogo próximo entre as categorias estética e cultural do trágico e do melodramático no “espaço moral” da televisão.

A imaginação melodramática teria eclipsado “a tragédia como poética e contribuiu para o desenvolvimento do trágico segundo formas melodramáticas” (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2014, p. 57). Ao narrar essa categoria de acontecimento, a cultura da mídia mobilizaria afetos e convidaria o espectador a integrar a “construção de uma cadeia lógica de responsabilização” (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2014, p. 70). O jornalismo, nesse sentido, buscaria os culpados pelo evento e irromperia o fluxo do cotidiano, traduzindo “o afeto no discurso para realizar uma resposta ao trauma e suscitar uma resposta afetiva que moraliza a ação futura do público” (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2014, p. 70).

O que me chama atenção é que a tragédia, no jornalismo televisivo, talvez em razão da sua estrutura melodramática, frequentemente aponta para um final feliz, ligado ao renascimento e à esperança. Esse sentido está na ideia moderna de tragédia, quando mesmo após a morte do herói em função da desgraça causada por seus próprios atos há o reestabelecimento da vida, não por meio dele, mas pelos acontecimentos que o rodeiam. Quando a ideia de tragédia passa a ser ligada diretamente ao arco e à trajetória do herói no mundo contemporâneo, o desfecho da história está apenas no desfecho da personagem. Em um tempo em que precisamos afastar a ideia da nossa própria morte e em que a tragédia não é mais suportada, o melodramático age, simplifica as sensações, causa espanto, indignação, mas oferece como resposta a calma e a promessa de que a vida daquelas pessoas vai voltar ao normal. Não existe espaço para pensar que o normal, o ponto de partida, ao contrário do que se imagina nos momentos de catástrofe, era uma realidade de crise, em que problemas conjunturais que o jornalismo diário não alcança estavam presentes.

Cito aqui um exemplo de reportagem que demonstra a articulação de alguns desses valores. Em edição do Fantástico exibida no dia 8 de novembro de 2015, duas reportagens foram ao ar sobre o caso: uma acerca do trabalho de resgate das vítimas, cujas personagens principais eram bombeiros em atuação em Bento Rodrigues; e outra cuja pauta era a marca que a tragédia deixaria na vida das pessoas, o chamado *drama humano*. Nesse tipo de reportagem, é possível ver de forma clara o enquadramento do evento nessa tensão entre o trágico e o melodramático, cujos conflitos despertados pela narrativa em arco, que apresenta destruição, morte e sofrimento, oferece um desfecho de redenção. A ponte para esse renascimento humano

após a experiência de dor é constituída pelo ato de caridade, uma representação dos valores éticos e morais de base cristã.

A reportagem é conduzida por música melancólica e abre com imagens das ruas de Mariana. A narração em *off* diz que a cidade “está triste, quase 600 desabrigados dos distritos atingidos pela lama” (Fantástico, 2015a) estavam em hotéis e pousadas na região. Há cenas de pessoas chorando e abraçando-se. Sem saber identificar ainda as causas do “acidente”, especula-se sobre possíveis tremores de terra que teriam provocado a ruptura da barragem, que liberou uma onda de água e rejeitos. A arte gráfica projeta uma simulação do rompimento, que é intercalada com cenas filmadas do helicóptero e do chão, por cinegrafista amador, com câmera trêmula na mão, onde se ouve: “Matou todo mundo, velho. Nossa senhora!” (Fantástico, 2015a). A lama assume seu papel personificado: caminha, destrói. Após ilustrado o trajeto da enxurrada, há exposição de dramas por meio de resumo do papel das vítimas na história do caos causado pela lama.

Maria do Carmo, negra, aparece abraçada à filha, criança. Ela tem olhar fixo no chão, a câmera aproxima-se. A narração explica que ela morava no distrito de Paracatu. Em três segundos, a mulher responde que não há “nada” onde era sua casa. A filha, também cabisbaixa, responde que está “triste” e chora ao concordar com a jornalista dizendo que “família” é mais importante do que a “casa”. A música acena para uma passagem mais amena que vem quando uma família grande, “que permanece unida”, escapou sem nenhum ferimento – à exceção do pai, que está no hospital. São uma mulher, dona Nívea, também negra, e os dez filhos. Olhar para baixo, caminham em fila indiana em direção a uma casa emprestada pelo dono de um hotel. Ninguém olha para a câmera, mal suspendem o rosto para encarar a repórter (Fantástico, 2015a).

Quem tem espaço em entrevista é uma empresária, Elizete, emocionada, que fez uma doação. Ela diz: “Eu fico falando para ela que, aos poucos, tudo vai chegando ao normal, a situação vai voltando ao normal. Mas vai dar tudo certo” (Fantástico, 2015a). Na sequência, as crianças aparecem brincando dentro da casa – uma casa colonial, piso de madeira, espaçosa, sem móveis, só colchões, sacos de roupas, pilhas de brinquedos. “A solidariedade já encheu de presentes as crianças” (Fantástico, 2015a), diz a repórter. Bonecas, um velocípede. “Um lugar para dona Nívea recomeçar a vida” (Fantástico, 2015a), finaliza, com a mulher sentada no chão. Na sequência, imagem do pôr do sol do alto do helicóptero, captada dias antes. Um giro em 180°, um pouco mais lento do que o impresso nas reportagens de *hardnews*, mostra a lama despejada pela Samarco reluzindo entre as montanhas. É a mensagem de que, assim como se sugere com a trajetória de dona Nívea, tudo vai ficar bem.

Bennett (2012), ao escrever sobre a “política da ilusão”, a respeito da tendência fragmentária das narrativas televisivas norte-americanas e da tendência de construí-las em forma de drama, nota que o jornalismo televisivo enquadra suas histórias sem muitas nuances, dramatiza narrativas cheias de conflitos personalizados com emoções exageradas (o que constitui o melodrama), e não mostra realidades complexas. A dramatização, o autor alerta, não é sempre uma coisa ruim; pode ajudar a engajar o público com as grandes forças da história, ciência, política e relações humanas. O problema reside no fato de a dramatização ser usada como modo de dar ênfase às emoções e aos conflitos que estão na superfície de um acontecimento, cujas causas endêmicas acabam perdidas em meio aos afetos. A situação, por exemplo, das condições de vida de dona Nívea antes da dita tragédia não estão em pauta. O desejo é que ela retorne ao seu lugar de pertencimento, a um momento em que tudo parecia normal, ainda que esse normal fosse uma situação-limite, de crise, conflitos sociais e econômicos. O melodrama excita os ânimos, causa empatia, comoção, revolta, raiva, personaliza a notícia. É uma estrutura narrativa feita em cima de contrastes, na qual o que é endêmico na sociedade passa novamente despercebido.

Cria-se, portanto, nessas narrativas melodramáticas da tragédia que tem como vilã a lama destruidora um jogo de personagens a reboque. Há o pobre, geralmente negro, que sofre, assume o papel duplo de vítima ou culpado. Ele também pode ser aproximado da figura do herói, quando arrisca a própria vida para salvar outra pessoa, mas essa aproximação é passageira. Embora o herói normalmente exista na figura do bombeiro, ou, em outra escala, da pessoa que faz uma grande doação de tempo, bens, ou dinheiro para as vítimas (a qual em geral tem espaço de fala, podendo ser representada pela figura da mulher branca, religiosa, bondosa, articuladora). A audiência mobilizada nessa *performance* do trágico faz suas doações, que são recebidas e distribuídas, cumprem seu papel, podem seguir em frente. Essa dinâmica é evidenciada na Figura 18.



Figura 18 – Sequência de *frames*: imagens de caridade em 1966, 1986, 2008, 2011 e 2015 das coberturas citadas ao longo do capítulo

Fonte: adaptado de Memória Globo e Globoplay

Existe também o cenário da tragédia, da destruição, que equivale o peso da destruição ao peso do divino. É comum, nessas tramas narrativas audiovisuais, em meio aos escombros, repórteres e cinegrafistas captarem imagens de santas ou igrejas que resistiram, simbolizando a fé cristã, a presença do divino, ou, como descreveu o repórter, a “mão de Deus” (Fantástico, 2015a). Nessas imagens, tem-se o desnível entre os símbolos da divindade e da caridade, com a representação do pobre, negro, sofredor, sempre em lugar de fala inferiorizado, menor. Eles escondem o rosto, olham para baixo, precisam ser salvos ou punidos. São imagens de reminiscência.

A tragédia no jornalismo assume, portanto, uma forma de enquadramento de determinados eventos. Essa forma, estruturada em um jogo narrativo do melodrama, é repleta de cargas mnemônicas. Ainda que seja inerente ao jornalismo e à dinâmica televisiva, de modo geral, apaziguar seus choques causados pelos acontecimentos disruptivos e pela proximidade

da morte, a carga do trágico (do olhar sobre a realidade, nos termos postos por Eagleton, 2013) não encontra apaziguamento total. Vimos que a palavra *tragédia* é matriz mnemônica, e o que escapa à tendência de contê-la retorna na repetição. Na parte 2 deste trabalho, a experiência do trágico, esse olhar lançado em direção à realidade que escapa ao termo *tragédia*, retorna para além da moralização do melodrama; está nas personagens.

Antes de ouvirmos essas vozes, faz-se necessário ouvir o silêncio.

2.5 OUVIR O SILÊNCIO: O NEGRO QUE SOFRE

Curvado, um homem negro ergue a enxada na altura da cintura. Em um movimento brusco, forte, determinado, corta o ar e finca o instrumento na terra. Nos pés, um par de galochas sujas, a calça enrolada até as canelas. Ele maneja a ferramenta com a destreza de quem tem familiaridade com a atividade, abre um buraco. As mãos, firmes no cabo de madeira, arrastam para trás um volume de lama de dentro para fora. De dentro da própria casa. A câmera volta para o repórter, que explica que os moradores estão correndo para limpar as casas, porque a tendência da lama, passados alguns dias desde que a tragédia irrompeu em suas vidas, é endurecer, virar “uma espécie de reboco” (Jornal Nacional, 2015f). Outros moradores aparecem em um trabalho incessante de limpeza, reconstrução, para salvar móveis e eletrodomésticos que ainda podem ter serventia. Na mesma reportagem, seu Antônio, velho, negro, sem camisa, aparece deitado em uma cama na varanda de uma casa, cercado de móveis, e diz: “Eu pedi à dona, aqui, pra mim trazer um bocadinho das minhas coisas que eu recuperei, e estou aqui, sabe?” (Jornal Nacional, 2015f). À própria sorte.

Descrevo aqui a cena de uma reportagem exibida no Jornal Nacional, no dia 10 de novembro de 2015, mas poderia ser muitas outras. Trocando as galochas pelos pés descalços, a enxada pela pá, ou pela foice, a busca por móveis pela busca por parentes ou vizinhos, quantos outros eventos cabem aqui, sem que a descrição se torne fora do lugar? Por que não causa estranhamento assistir mais uma vez a pessoas negras desterritorializadas, em sofrimento, cujo espaço da dor é preenchido pelo trabalho não remunerado? Em vez de lamentarem as perdas e aguardarem em segurança reparação, as pessoas estão em ação, trabalhando, buscando um recomeço. Sujam-se de lama, nesse caso tóxica. Adoecem. Existem nas imagens, reminiscências, vestígios. Precisamos enunciá-los.



Figura 19 – Sequência de *frames*: coberturas da “tragédia de Mariana” (MG), em 2015; enchentes no Rio de Janeiro, em 1966; chuvas na região serrana (RJ), em 2011; e deslizamentos no Morro do Bumba (RJ), em 2010
Fonte: adaptado de Memória Globo e Globoplay

Analisar a potência do fragmento por intermédio da imagem é escutar o que é dito nas entrelinhas. Em meio à profusão de estímulos de uma cobertura construída sob a sensação de ao vivo, situações historicamente construídas são reafirmadas pelo não dito. No jogo da representação, que não cabe apenas à televisão, mas é algo que remonta aos tempos mais remotos da história do Brasil, vozes, gestos, sofrimentos e histórias de vida são silenciados.

Falamos no tópico anterior sobre o caráter da vítima da tragédia brasileira, que existe no limiar entre a culpa e a pena. Identificamos três tipologias de sofrimento, três representações dominantes ligadas à imagem do negro que sofre nas narrativas televisivas por causa desses tipos de acontecimento: o que chora; o que trabalha; o que tem o corpo flagelado. No início da cobertura, quando o jornalista tenta saber o que ocorreu, busca testemunhas. Quer tirar das entrevistas o “microrrelato biográfico” (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2014), que é espremido

entre as imagens do caos, entre a profusão de estímulos, as personagens aparecem de relance. Elas choram, falam por cerca de 5 segundos. Em um segundo momento, essas pessoas são empurradas pelo ritmo acelerado da vida, são donas do próprio destino, em um contexto em que pouco se faz por elas, em direção à própria salvação pelo trabalho duro. Elas cavam, limpam, recuperam objetos perdidos e, se nada restar, ao menos precisam agradecer por ainda estarem vivas.

É o negro dentro da ideia de reconstrução. Por último, em reportagens com maior tempo, há a exploração da trajetória do herói individual. Trata-se da dramatização da vida cotidiana, que habita no limiar da vítima sofredora e da vítima trabalhadora – é por meio do drama individual que a esperança aponta no fim do túnel para a promessa do retorno à normalidade. A vítima trabalhadora, como discuti anteriormente, pode ser heroica, mas ainda é digna de pena.

Quando no lugar de vítimas sofredoras e vítimas trabalhadoras, o espaço ocupado por essas pessoas em uma narrativa de contrastes é o lado mais fraco. O negro desterritorializado, expropriado do direito de estar em sua terra, leva a mão ao rosto, em um gesto de desespero e também de vergonha. Ele esconde as lágrimas, também esconde os dentes, esconde-se da câmera, olha para o chão. O negro flagelado geralmente aparece em sofrimento físico, coberto de poeira, escombros, lama. Seu corpo é machucado, precisa ser amparado, socorrido, mas encontra apoio apenas entre seus pares.

Este tópico sobre o negro que sofre sela esta parte da tese. Apresenta-se como ponto de partida para que haja inversão dos lugares de fala, na próxima seção em diante. Por isso, minha análise é curta, passageira, usa algumas imagens que apontam para tantas outras fotografadas, pintadas, desenhadas, imaginadas em outras épocas. São da ordem do não dito, do silenciado, do oprimido. Retornam com força à superfície dos eventos, em ondas de repetição.

2.5.1 O negro que chora



Figura 20 – Sequência de *frames*: pessoas choram diante da possibilidade da perda de familiares, histórias ou lugares, em Santa Catarina, em 2008, na região serrana do Rio de Janeiro, em 2011, no Morro do Bumba (RJ), em 2010, e em Mariana (MG), em 2015
Fonte: adaptado de Memória Globo e Globoplay

Uma mulher negra, sem nome revelado, bolsa à tiracolo, leva a mão ao rosto, esconde a lágrima. Respira apressada, a voz é trêmula: “O pessoal lá de cima não consegue sair” (Jornal Nacional, 2011). Ela estava em Petrópolis, região serrana do Rio de Janeiro, foi interceptada, de repente, pelo repórter, enquanto voltava de uma tentativa frustrada de ir à casa da sobrinha, como aparece na Figura 20. Outro homem, na porta de um hospital, também sem nome, se desespera, diz que está há dois dias ajudando nas buscas, sua mulher foi retirada debaixo dos escombros após o deslizamento do Morro do Bumba (Jornal da Globo, 2010). Outro homem, sem nome, de relance, esconde o choro da vida afogada nas enchentes em Blumenau, em 2008³⁷. Em Mariana, no dia 5 de novembro (Bom Dia Brasil, 2015a), uma mulher, sem nome, chora, aperta o rosto com as mãos. Olhar perdido fixo no chão, ela diz, quando o microfone se aproxima: “A pessoa sair 4 horas da manhã para trabalhar igual ele, uma hora dessa, nenhuma notícia. Está lá um menino de 5 anos perguntando: cadê meu pai? E nada, nem a gente sabe como confortar ele, é triste demais” (Bom Dia Brasil, 2015a). O choro dessa mulher ocupa 23 segundos da reportagem e representa o choro de outras pessoas que estão no entorno do ginásio de Mariana, à espera de notícia. Acho interessante destacar mais uma vez a ideia do trabalho. O marido acorda cedo todos os dias, trabalha, não volta para casa – a ideia de que ele não

³⁷ Vídeo com matérias da cobertura disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/enchentes-em-santa-catarina/>>. Acesso em: maio 2020.

merece ser castigado. O trabalho normalmente é um escudo, confere importância, dignidade, seriedade àquele que o realiza de forma honesta. Nos casos citados, esse escudo invisível não parece ter protegido essas pessoas dos eventos violentos da desigualdade.

A forma como o negro, pobre, aparece nas reportagens, os espaços que ele ocupa e a maneira como suas falas são engrenadas são importantes de ser notados, ainda que não sejam o foco deste trabalho. O testemunho costuma ser uma categoria relevante em narrativas jornalísticas (em geral, mas aqui falamos de) televisivas³⁸.

Para Seligmann-Silva (2016d, p. 47), o conceito de testemunho “desloca o ‘real’ para uma área de sombra: testemunha-se, via de regra, algo de excepcional e que exige um relato. Esse relato não é só jornalístico, reportagem, mas é marcado também pelo elemento singular do real”. Encontra-se aí a figura do sobrevivente. A linguagem, para o autor, é traço de ausência. Tenta dar sentido a um fato, acontecimento que jamais será reproduzido tal como foi. É por meio da testemunha e da narração que o fato se torna conhecido. Seligmann-Silva (2016d) lembra que o trauma para Freud é o que não pode ser assimilado no momento em que ocorre. Posteriormente, pela linguagem, o indivíduo tenta dar limites a essa forma amorfa, não fala dele, mas sim a respeito dele.

O testemunho coloca-se desde o início sob o signo da sua simultânea necessidade e impossibilidade. Testemunha-se um excesso de realidade e o próprio testemunho enquanto narração testemunha uma falta: a cisão entre a linguagem e o evento, a impossibilidade de recobrir o vivido (o real) com o verbal (SELIGMANN-SILVA, 2016d, p. 46).

O testemunho acionado pelo jornalismo normalmente não é esse de que fala o autor. O jornalismo dirige-se ao tempo ido com o auxílio de entrevistas coletadas próximo aos acontecimentos, no intuito de retirar da experiência do outro uma versão sobre o vivido de forma objetiva, sem carga simbólica. Depois, estrutura seu discurso com auxílio de outros elementos, aos quais também se atribui valor de verdade no presente social.

Ribeiro e Sacramento (2014) chamam o testemunho engrenado na narrativa jornalística de fragmentos biográficos, microrrelatos de vida, como já apontamos. Esses fragmentos servem para questionar e também reforçar a objetividade da narrativa jornalística. Os autores ressaltam que “a testemunha fornece um raciocínio para a presença jornalística (um propósito mais nobre do que a busca de classificações) e moraliza a incapacidade de agir diretamente

³⁸ Sabemos que testemunho é um conceito complexo que envolve vasta bibliografia desde a literatura, passando pela psicanálise, pelos estudos históricos e da memória até chegar à ideia de testemunho na narrativa jornalística, como traça Casadei (2010). Para outras interpretações, ver: Nestrovski e Seligmann-Silva (2000), Sarlo (2012), Seligmann-Silva (2016a) e Gagnebin (2016; 2018).

para aliviar o sofrimento que está sendo mostrado” (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2014, p. 77). Na narrativa do acontecimento trágico, o testemunho expõe o sofrimento alheio e permite, nessa concepção, a identificação de responsáveis por ele na estrutura narrativa. Ao introduzir esses fragmentos, o jornalismo “reafirma um compromisso moral com o sofrimento” (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2014, p. 77).

Mas que sofrimento é esse que pode ser representado? De que maneira ele aparece nas reportagens de televisão quando falamos em tragédias que envolvem rompimento de mineração e também deslizamentos de terra?

Teríamos, portanto, nas reportagens, ou nas imagens, já que estou me referindo a elas, personagens principais e secundárias das notícias. Sampaio, Fontes e Ferracioli (2017, p. 55) analisaram nos enquadramentos da “tragédia de Mariana” que o jornalismo tenderia, em sua ação cotidiana, a privilegiar fontes oficiais e “poderosas”, em suas palavras, em detrimento de atores comuns, ainda que em casos de catástrofes essas pessoas comuns tendam a aumentar sua participação nos noticiários.

Ao olhar as imagens, pensar no intervalo da notícia, vemos que a vítima da tragédia tende a ocupar um lugar específico, que prevê a exacerbação do sofrimento do indivíduo, partindo do pressuposto de que perderam tudo, mas que podem lutar para reconstruir suas vidas mediante o trabalho individual, com o auxílio da caridade.

É importante também notar nessas reportagens o enquadramento imposto à pessoa que sofre e como se instaura a controversa ideia de escuta do outro no jornalismo televisivo; além disso, perceber o lugar de fala que o povo ocupa e que sentidos a banalização e a espetacularização do sofrimento em situações de catástrofes naturais contribuem para silenciar (no vocabulário da psicanálise, recalcar) determinadas lutas de poder e violência. Todos esses elementos colaboram para a construção, nas palavras do semiólogo Eliseo Verón (2002, p. 195), de “imagens que permanecerão na memória e assegurarão a homogeneização do imaginário social”. Assim, as imagens articulam-se na conformação do repertório semântico e estético da narrativa da tragédia, configurando-se na referência a outras imagens, em articulações de memória.

*

É preciso dizer que um acontecimento como o rompimento da barragem da Samarco, em Mariana, ou da Vale, em Brumadinho, deixa evidente situações de crise causada por situação desigual de acesso a recursos naturais, de trabalho, de renda, preexistentes. As áreas

mais afetadas pelos chamados desastres tecnológicos são geralmente regiões sob tensão, pobres, desassistidas. É uma situação que caracteriza os distritos de Bento Rodrigues e Gesteira, por exemplo, que havia anos estavam sujeitos às ações da Samarco e da Vale, que imprimiam aos moradores mudanças constantes em seu modo de vida – a extinção completa dos distritos, como estudos divulgados pela imprensa na época mostraram, era prevista pelo cálculo da análise de risco obrigatória em obras de grande porte que podem ocasionar desastres ou acidentes³⁹. Estudos que se dedicam a pensar os desastres tecnológicos no Brasil os definem como:

Os desastres são acontecimentos coletivos trágicos nos quais há perdas e danos súbitos e involuntários que desorganizam, de forma multidimensional e severa, as rotinas de vida (por vezes, o modo de vida) de uma dada coletividade. Isso implica a integração da situação em si, a crise social aguda, e o processo no qual a situação é produzida, isto é, a crise social crônica. Elementos explicativos da “crise aguda” precisam ser buscados numa dimensão histórica mais ampla. No caso brasileiro, remetem ao processo de vulnerabilização social que obstruiu recursos das vozes daqueles que estão em persistente fragilização ao passo que desresponsabiliza os sujeitos geradores dessas descompensações sociais (ZHOURI *et al.*, 2016).

Nessa concepção, desastres tecnológicos são eventos atribuídos à intenção humana, seja por erro, seja por negligência, seja por falha de um sistema, que causa sofrimento e morte. Os autores listam como exemplo de desastres tecnológicos os atentados terroristas de 11 de setembro de 2011, nos Estados Unidos; o vazamento no navio petroleiro Exxon Valdez, em 1985, na costa do Alasca, Estados Unidos; o desastre de Chernobyl, na Ucrânia. Tais eventos, ao serem construídos na narrativa jornalística, adquirem significado social. Na maioria das vezes, são intitulados também de tragédia, desastre e acidente.

Cristina Serra (2018) evidenciou que, durante a redação do TTAC do caso da Samarco, em 2016, a nomeação do caso em termos jurídicos foi uma preocupação por parte de representantes da mineradora, que defendiam uma nomenclatura que isentasse de responsabilidade as empresas:

As empresas exigiam uma linguagem que não tivesse qualquer tipo de implicação penal. Não podia ser usado nem desastre nem acidente, por exemplo. “Precisava de uma palavra neutra, não dava para entrar no mérito. Chegou-se a evento”, contou Luiz Henrique Pavan. Pelo mesmo motivo, o texto do acordo não usa nem vítimas nem atingidos, mas impactados; não usa estragos ou danos, mas consequências. “Moralmente poderia ser relevante usar certas palavras. Mas tínhamos que pensar de maneira pragmática. O acordo era um contrato”, avaliou Pavan (SERRA, 2018, p. 256).

³⁹ Cristina Serra (2018) destrincha em minúcias o relatório do cálculo do risco que consta do processo do Ministério Público contra a Samarco.

Além disso, no crime socioambiental da Samarco, cerca de 80% da população diretamente afetada pela lama tóxica era negra (POEMAS, 2015). Segundo o estudo interdisciplinar, a característica repete-se em escala maior – normalmente, as pessoas que são vítimas de desastres tecnológicos no Brasil são pardas, negras, indígenas. É essa a composição das populações que moram em áreas próximas a grandes indústrias e a empresas que atuam na extração de minério, principalmente em Minas Gerais. Tal característica é visual e não discursiva. Existe um silenciamento sistemático com relação a isso interligado com as dinâmicas da cultura⁴⁰.

Na esteira dos estudos culturais pós-coloniais que concebem países como o Brasil como sociedades pós-diáspora⁴¹, é possível notar que a violência permeia as relações sociais no campo e na cidade e produz vítimas fatais que são desproporcionalmente negras. A cor da violência é invisível no discurso público, sobretudo no dos meios de comunicação.

Do ponto de vista da nossa análise, a impressão é que a imagem do negro no espetáculo da notícia se constrói num duplo de vítima/culpado de tragédias vistas como naturais ou ambientais – deslizamentos de terra e enchentes, vazamentos e despejos de produtos químicos na natureza pela indústria pesada. Na trama narrativa, esses sujeitos ocupam um lugar de fala predeterminado em histórias que mobilizam afetos ao banalizar o sofrimento do outro e prometer esperanças de um desfecho feliz.

Os estudos do grupo Poemas (2015) indicam que o que ocorreu em consequência do estouro da barragem da Samarco fora uma violência prevista pelo “cálculo do risco”⁴². A empresa intensificou nos últimos anos a extração de minério de ferro, apesar da redução de investimento em segurança do trabalho. O rompimento seria resultado de um efeito sistêmico de crise no modelo de mineração adotado no Brasil decorrente do declínio do ciclo das *commodities* minerais, de 2012 em diante, com a queda da importação por parte da China: para

⁴⁰ Dialogamos com a definição de cultura em Stuart Hall (2000), como um território de disputas, uma produção, ou uma questão de tornar-se. Para o autor, as disputas que definem a globalização não devem ser interpretadas conforme uma oposição binária que guiou a ciência desde o século XIX – tradição × modernidade, resistência × imperialismo –, mas sim de acordo com uma perspectiva de tradução e hibridização que permite enxergar a sobreposição de tradições e temporalidades em um mesmo território.

⁴¹ Cf., por exemplo: Hall (2000), Gilroy (2001), Sovik (2009) e Mbembe (2011).

⁴² Em uma visão sociológica, Ulrich Beck (2013) diz que o conhecimento do risco é estratégico para a política. Os meios de comunicação estão na ponta de um sistema que forja o conhecimento (ciência e pesquisa) ao disseminá-lo (da maneira que o convém). A mídia (principalmente a jornalística) alçaria o risco à categoria do real e o imporia por meio de estratégias discursivas de convencimento – na mesma medida em que é capaz de transformar um fato ordinário em acontecimento. Sem a ciência da probabilidade, a comunicação e sua capacidade de atuar no político, o risco não existe. Beck (2013) demonstrou que o perigo e a insegurança não fizeram parte do cotidiano de sociedades pré-modernas: o risco é um conceito tipicamente moderno, que pressupõe decisões do homem e um futuro construído por ele. Para o autor, a antecipação simbólica do risco (as mais diferentes catástrofes, sejam elas ambientais, sejam econômicas) gera uma pressão para agir no presente – força que pode se tornar política e transformar o mundo.

manter o lucro dos investidores, o setor intensificou a produção nas minas (no caso da Samarco, o aumento foi de 37%), diminuindo o investimento em segurança do trabalho e engenharia e driblando a fiscalização, com conivência do poder político (que, como fica claro na pesquisa, recebeu em nome dos principais partidos doações para campanhas eleitorais)⁴³.

Os mesmos estudos interdisciplinares relacionam os crimes de mineração, especialmente o da Samarco, com situação de racismo ambiental⁴⁴, já que há intensificação do risco em comunidades predominantemente negras que vivem e trabalham próximas a áreas de exploração mineral. Para Wanderley (2015), os indícios de racismo ambiental são silenciados desde os estudos de impacto ambiental anteriores à construção de indústrias de exploração natural, sob forma de despolitizar o debate da vulnerabilidade de determinados grupos étnicos na avaliação de risco nas sociedades capitalistas.

Nas sociedades periféricas outrora denominadas de subdesenvolvidas, o controle dos corpos dá-se por meio do que Stuart Hall (2003), na discussão sobre cultura de acordo com a visão antropológica de estudos culturais, chama de “sistema móvel de diferenças”, a construção do eu dentro do Outro, que se aplica às categorias de raça e gênero. É a lógica da assimilação, tradução, hibridização que esconde as lutas diárias de subordinação e docilização dos sujeitos.

Vemos no discurso político e midiático – voltando a falar de jornalismo e televisão – a naturalização de deslocamentos de populações vulneráveis, majoritariamente negras. Fala-se muito em remoções por decisão política ou econômica, tanto no meio urbano – remoção de comunidades para a realização de empreendimentos público-privados, ou por impactos advindos de desastres *naturais* – quanto no rural – populações quilombolas e aldeias indígenas, por exemplo, sendo expulsas pela pecuária ou indústria madeireira. No caso de Mariana, o aterramento dos povoados de Bento Rodrigues, Paracatu de Baixo e Gesteira e a promessa da construção de uma comunidade similar em outra localidade parecem a reprise de um filme a que já assistimos⁴⁵.

Essa tradição política e cultural de opressão às populações negras e marginalizadas, definida em uma corrente de estudos chamados de pós-colonial como necropolítica (MBEMBE, 2011), de alguma maneira se reflete nas narrativas jornalísticas que dão ênfase à cobertura do evento disruptivo que causa caos, inverte a ordem das coisas, mata, deixa um

⁴³ Essa situação também fica evidente no relatório técnico de Bowker e Chambers (2016).

⁴⁴ Sobre o conceito, ver Moutinho-da-Costa (2006).

⁴⁵ Um exemplo é o que ocorreu no Morro do Bumba, em Niterói, que desabou após fortes chuvas que caíram sobre a região metropolitana do Rio de Janeiro, em 2010. A comunidade fora construída sobre um aterro sanitário, em terreno instável, e seu desabamento era iminente: 48 pessoas morreram. Dez anos depois, as mil pessoas atingidas pelo deslizamento ainda não possuem moradia própria, vivem sob a mesma promessa dos afetados imediatos pela lama da Samarco.

rastró de destruição. Ao fazê-lo, a cultura da mídia acaba silenciando as tensões preexistentes, que são situações endêmicas, de longa data. Há – nessa narrativa de contrastes, interessada também em explorar por meio do melodrama tragédias individuais ou coletivas – banalização do sofrimento do outro e a naturalização de um não lugar ao qual o negro parece sempre pertencer. Constrói-se um lugar-comum para o qual populações em condição de vulnerabilidade, principalmente minorias étnicas, podem ser realocadas, expulsas, retiradas de seus lugares de pertencimento – já que os lugares ocupados por elas ou são ilegais e não lhes pertence *a priori*, ou há uma razão de força maior (um desastre, um projeto político ou empresarial, em geral associado à racionalidade econômica e tecnológica) que deve mover barreiras, tradições, sentidos de pertencimento, sem que esse movimento de expulsão seja questionado publicamente. As lutas de resistência não são bem-vindas, mas sim silenciadas.

*

Vimos que o silêncio também é memória. Pollak (1989) observa, por meio de entrevistas com sobreviventes de campos de concentração na França, que os silêncios que permeavam as memórias de algozes ou sobreviventes advinham da possibilidade de culpa ligada a uma lembrança comprometedora. O mesmo ocorria a franceses ou alemães não judeus que outrora foram considerados simpatizantes do nazismo. O autor ressalta que, tal como na psique humana, o silêncio e a não elaboração do fato traumático podem levar ao ressentimento coletivo, uma vez que a memória tende a evocar sentimentos de pertencimento, estando atrelada à formação de identidade. Por isso, esta se forma no presente, ativada por aquilo que se quer ser.

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado deseja passar e impor (POLLAK, 1989, p. 8).

Quando o silêncio dos sujeitos oprimidos é rompido e atinge o nível social, pode ser reivindicado e contestado, sendo, portanto, no vocabulário caro à psicanálise, elaborado em forma de políticas públicas de correção a possíveis injustiças e à posterior incorporação da reparação no discurso oficial, a ser passado às próximas gerações por meio da educação. Opta-se por não apagar ou encobrir um evento doloroso vivido, e percebe-se, por um processo coletivo e demorado, que a passagem do tempo não traz necessariamente o apaziguamento de traumas passados. Se não elaborada, a lembrança traumática é recalçada e volta à tona em

forma de “amargura, ressentimento e ódio dos dominados, que se exprimem então com os gritos da contraviolência” (POLLAK, 1989, p. 9).

A profusão de estímulos e as narrativas incessantes das coberturas ao vivo de televisão, em seu ritmo acelerado, e a tentativa de falar sobre tudo acabam produzindo uma falsa ideia de exaustão de um assunto. Há, como vimos e como venho evidenciando, aspectos que são silenciados⁴⁶. A reminiscência das imagens aponta para diferentes caminhos em direção a pontos distintos do passado. Remete-nos a tempos remotos, em que a violência contra o negro que sofre, que trabalha, que está à deriva jamais fora elaborada, reparada socialmente nem, por conseguinte, superada. A aparente resignação que se atrela à imagem do oprimido esconde a força do não dito, as cores da violência.

Em uma reportagem interativa do Jornal Nacional publicada na página do telejornal da internet (em diálogo com o que foi exibido na televisão no dia 5 de novembro de 2016), no dia em que o crime de Mariana completou um ano, em 2016, ilustra-se um pouco desse paradoxo do não dito em uma narrativa que pretende dizer, ver e ouvir tudo. “A tragédia em 360°” foi feita com uma câmera que possibilita a visão em 360° do percurso do repórter (Jornal Nacional, 2015j). Na página, o repórter justifica que seria a melhor maneira de fazer com que o espectador tenha a “real dimensão da tragédia”: vídeos interativos permitem que o internauta caminhe com o repórter pela rua principal de Bento Rodrigues, veja os destroços, pause, olhe mais de perto uma geladeira quebrada em meio à lama, no canto direito da rua, ou vire a câmera para o céu e veja o dia nublado. A música inquietante, a narração pausada em tom fúnebre: parece um cenário de guerra, ele observa. Mas o que não vemos quando a hiper-realidade nos assegura que vemos tudo? As vozes dissonantes, as perdas imateriais, a falta de esperança e de perspectiva para populações que, novamente, são forçadas à diáspora.

Um dos principais pontos de silenciamento construídos pelo excesso de informação, no caso de crimes socioambientais, está relacionado à percepção do risco, à ideia de que esse tipo de tragédia pode alcançar a todos, e não de forma maior nem quase exclusiva a populações negras e pobres. O jornalismo de massa, no espetáculo de sensações, alardeia o terror de modo que seu público consiga sentir, em alguma medida, a dor do Outro, passar pelo susto inicial causado pelo confronto com a violência vivida alhures. O jornalismo logo apazigua esse desconforto por estímulos provenientes do seu próprio espetáculo. Depois do jornal, vem a novela.

⁴⁶ Cf. Melo (2017).

O problema é que a realidade das populações carentes, negras, submetidas à violência diária não encontra apaziguamento nos mesmos termos. Essas populações podem desfrutar o prazer proporcionado por essa dinâmica do espetáculo, mas a violência que sofrem na pele é mais uma vez silenciada, recalcada e pode retornar futuramente em outra configuração. Ódio? Ressentimento? A contraviolência produz um eterno retorno à situação de não pertencimento, sofrimento, diáspora. É uma espiral.

*

Encerro aqui este capítulo, que pretendeu mostrar as repetições contidas nas narrativas do telejornalismo sobre o que eles denominam de tragédia, além de também apresentar o fragmento de personagens que, apesar de aparecerem em cena, não possuem voz nem, sobretudo, rosto. São fragmentos de pessoas, relances. Mas o seu aparecimento – ainda que fugidio – indica que existem histórias por trás das narrativas aceleradas do tempo cíclico da catástrofe de que a televisão é constituída. Essas histórias merecem ser recontadas.

A seguir, um pequeno mapa (ou mosaico) das reminiscências contidas no retorno da tragédia em imagem. E memória.



Figura 21 – Sequência de *frames*: eventos de 1966, 1983, 2008, 2010, 2011, 2015 e 2019 embaralhados
Fonte: adaptado de Memória Globo e Globoplay

PARTE 2
LEMBRANÇAS

NOTA SOBRE UMA ESPIRAL DE LEMBRANÇAS

Caminhar pelas ruas de lama seca de Bento Rodrigues inverteu completamente o que eu achava que era minha pesquisa até então. Os esqueletos de cimento tingidos de marrom, o canto dos pássaros que reverbera no descampado, os espaços vazios preenchidos por lembranças, de certa forma, me fizeram enxergar outra face do acontecimento. Uma face repleta de sons, cheiros, afetos. Aqui, o trágico existe no olhar sobre a própria vida materializado no encontro com as ruínas. Esse encontro mobiliza emoções em uma espiral de lembranças despertadas na contemplação. É quando os escombros são acrescidos de significados e, de repente, não são apenas construção destruída, mas aquele momento em que a história se desloca para dentro do cenário, como observou Benjamin (2016).

Estive no Bento três vezes. Nunca mais fui a mesma. Na primeira visita, conheci o lugar conduzida por duas moradoras que me contavam histórias de antes, durante e depois da lama. Entrar em contato com o espaço por meio delas, definitivamente, me fez adotar outra postura diante do que eu vinha estudando. Nas viagens seguintes, senti na paisagem a presença de algo oculto, fantasma de histórias contadas, determinante para guiar minhas novas experiências. E também a minha escrita.

Os capítulos que seguem são consequência dessa transformação.



Figura 22 – Outro ângulo da casa de seu Filomeno
Fonte: primária

3 NÃO HÁ TRAGÉDIA, RUÍNAS

*É engraçado que aqui embaixo acabou, mas você olha lá em cima as montanhas são as mesmas.
[...] Dá saudade do tempo que a gente estava aqui
(Marlene, 2019b).*

A respeito de caminhar sobre a lama seca e contemplar as ruínas.

Lugares e territórios têm importância fundamental para a construção da memória cultural: corporificam a continuidade no tempo e dão cenário às lembranças no espaço, validam a recordação e transcendem os indivíduos, afirma Aleida Assmann (2011). Pode haver no solo (e na relação de determinados grupos com o território) capital simbólico. Em seu *Espaços de recordação*, a egiptóloga trata da variedade das funções da memória e mostra-nos que locais são um dos *meios* de memória, assim como a escrita, a imagem, o corpo, os vestígios. Os lugares ligados à lembrança individual ou coletiva não necessariamente têm apoio no tempo cronológico; são móveis, fluidos, mas aparentam na rememoração ser firmes, imutáveis (ASSMANN, 2011).

Maurice Halbwachs chamou a atenção em outra época ao fato de lugares serem espaços coletivos de lembrança e esquecimento: “É justamente a imagem do espaço que, em função de sua estabilidade, nos dá ilusão de não mudar pelo tempo afora e encontrar o passado no presente” (HALBWACHS, 2012, p. 189).

O espaço configurou-se como problema central da memória do grupo nas três obras fundamentais do autor. Em *Quadros sociais da memória*, por exemplo, Halbwachs (2004) já indicava que espaços físicos são quadros sociais capazes de desencadear lembranças interpretadas não apenas de acordo com uma lógica social passada, mas também reativadas e remodeladas segundo o contexto com o qual o indivíduo dialoga no presente. É a rua em que morava quando criança, ou a escola em que estudou, onde o indivíduo passou bons e maus momentos. Quando o sujeito revisita em outra época da vida esses espaços, outrora ricos em detalhes na memória, ele percebe as transformações não só impostas pelas intempéries ao longo dos anos, mas também as adquiridas no curso da vida. Na mesma obra, Halbwachs (2004) consolida a ideia de que a lógica de percepção que ajuda o grupo a compreender o mundo exterior é geográfica, topográfica, física. Os lugares, assim como as coisas, os objetos, oferecem ao sujeito imagem de estabilidade e permanência. É uma projeção feita do presente, que pode passar a sensação de que os lugares resistem às oscilações de humor, às mudanças

individuais. Eles parecem palpáveis, âncoras de identidade e das mudanças impressas pelo passar do tempo¹.

Espaços, bem como a lembrança que se tem deles, também estão sujeitos à decadência, destruição. Portanto, ruínas dizem respeito também à memória.

Memória, espaço, decadência e ruínas estão arraigados desde a anedota fundadora da mnemotécnica antiga, estudada por Frances Yates (2007). Narrada por Cícero, a história conta que o poeta Simónides, único sobrevivente do desabamento de um telhado durante um banquete, teria auxiliado no reconhecimento dos corpos das vítimas ao fazer uso de técnica de memória capaz de recuperar (relembrar, recordar) onde cada pessoa estava sentada. O estado de destruição dos corpos não permitia outro tipo de reconhecimento. A mnemotécnica, portanto, se trataria de um esforço artificial de atrelar a lembrança ao espaço, pressupondo que a imagem do passado é fidedigna e não está sujeita a transformações. Consistia em uma técnica de “imprimir lugares e imagens na memória”, uma arquitetura imaginada, segundo Yates (2007), que tentava preservar a lembrança de uma construção real. Com o advento da imprensa e de outras tecnologias de suporte de memória, a arte desapareceu.

Seligmann-Silva (2016a) reitera que a memória, desde a Antiguidade, está conectada não apenas à ideia de espaço, mas também à de catástrofe, morte, desabamento. O desmoronamento liga-se, segundo o autor, à ideia de ruínas, conforme a etimologia da palavra em latim (*cadere*, cair): “O desmoronamento apaga a vida, as construções, mas também está na origem das ruínas – e de cicatrizes. A arte da memória, assim como a literatura do testemunho, é uma arte da leitura das cicatrizes” (SELIGMANN-SILVA, 2016a, p. 56).

A escrita da memória, então, consiste em uma escrita da escuta do outro, da leitura das fissuras. É por meio da interpretação dessas imperfeições na superfície (que escondem um passado dolorido abafado na ferida) que nos deixamos partir. Conhecer as histórias de Bento Rodrigues é uma viagem feita a partir das fissuras do presente – a certa distância, a ranhura confunde-se com a paisagem, mas, ao olhar de perto se desdobra em um universo narrado. Podemos embarcar para esse “país estrangeiro” de que se trata o passado por inúmeras vias.

¹ Em “A topografia lendária dos evangelhos em Terra Santa”, um estudo da estrutura espacial do Novo Testamento, em *On collective memory*, Halbwachs (1992) examina o papel de peregrinos e outros viajantes (como historiadores, religiosos etc.) na mudança da topografia da Terra Santa. Ali, o autor argumenta que aspirações, interesses e crenças de grupos em suas épocas são capazes de moldar visões sobre o passado, que incluem a relação com determinadas regiões e espaços sagrados. A conexão com lugares e o estabelecimento de determinados sentidos de tradição e identidade (e afetos) são construções marcadas por interesses diversos, que enquadram lembranças, dão significado histórico ao solo. O solo pode ou não conter resquícios, vestígios materiais da outra época, e esses vestígios, como ruínas ou mesmo a paisagem, podem significar para alguns grupos prova de verdades eternas e sagradas. O que Halbwachs (1992) mostra é que são projeções. Ou seja, cristãos cultuaram espaços diferentes relacionados à vida de Jesus em épocas distintas da história ocidental.

A partir de agora, conheceremos histórias por meio de pessoas que as contam (que se dizem destruídas, incompletas; o corpo é a própria fissura que se abre para o passado durante a entrevista); e a imagem dos próprios lugares que guardam na paisagem indícios, vestígios, sinais.

Nas sociedades modernas, o progresso agiu sobre os espaços, dilacerou a relação entre o homem arcaico e os locais de tradição, da geração, da família. Como veremos adiante conforme o pensamento de Bosi (2012) e Huyssen (2000; 2014), transformações violentas no espaço são capazes de suspender âncoras de identidade e estabilidade, deixando o sujeito que lembra à deriva. Elas mudam a percepção de si no presente e no passado. Reconfiguram lembranças. Locais são espaços de recordação, estando eles imaculados, conservados pela tradição no vínculo entre o homem, a terra, a casa, a arca; ou mesmo destruídos e descaracterizados pelo avanço sem limites da lógica do risco, das máquinas do progresso.

Nesta tese, as batalhas da memória travadas por meio da relação do indivíduo com o território destruído são fundamentais. O retorno às ruínas e a elaboração de histórias por onde tentam reconstruir o espaço perdido levam os sujeitos a repensar identidades de si e do grupo, criar imagens, objetos, lugares que ancoram na memória a ideia do que foram, do que são e do que queriam ser, para que enfim possam reconstruir o desejo de tornar-se, criar imagens de futuro.

Aqui, os lugares da infância, a casa dos pais e dos avós, as ruas dos jogos, a terra do plantio e da criação, a cerca baixa que separa e aproxima o vizinho, o solo sagrado da igreja, o palco das festas, a escuridão que esconde lendas, as montanhas que dão saudade, o chão onde seria erguido um novo cômodo ou a terra em que os avós pisaram e as crianças não pisam mais permeiam o discurso de 12 indivíduos que lembram. São pessoas que aceitaram contar para mim parte de sua própria história, sob diferentes pontos de vista e objetivos pessoais. De minha parte, as entrevistas fundamentam a ideia de que é impossível estudar a construção do acontecimento em uma perspectiva mnemônica, em camadas, multifacetada, sem pensar no olhar individual desses sujeitos sobre seu presente, seu passado e seu futuro. Por trás da representação de heróis, vítimas e culpados que vimos nos capítulos anteriores, estão aqui pessoas comuns. Pessoas que lembram.

Essa tarefa, acredito, não pode ser empreendida sem considerar os “espaços de recordação” – a imagem desses espaços na memória ou a ruína de onde são catalisadas novas lembranças. Destruído, o lugar cria novas referências, afetos, disputas. As ruínas proporcionam uma reviravolta na construção das histórias de vida, que são, ao serem narradas, fragmentos da memória, migalhas. Existem na narrativa de quem eu ouvi um antes e um depois do

rompimento da barragem. Antes e depois “do dia que o Bento acabou”, como me disseram incontáveis vezes em conversas e entrevistas. A catástrofe, aquela que perfura, revira e segue², inverteu camadas do tempo, desestabilizou a ordem das coisas, suspendeu o sentimento de continuidade, produziu cacos. Restos de lembrança que tomam forma no discurso, reconstruindo identidades. Mostrarei alguns deles: trechos de entrevista misturam-se com notas do caderno de campo, produzindo, dessa forma, uma narrativa entrecortada, que vai e vem, mistura passado e presente, primeira e terceira pessoa. São lembranças trançadas em palavras com base na minha experiência no lugar destruído. Aqui, passado e futuro interligam-se no presente, uma forma de colocar em prática a ideia de escrever a pesquisa em história e memória fundamentada no campo da comunicação. Há a articulação de um tempo próprio à narrativa que a faz ser de comunicação.

Coloco em prática, portanto, um desejo antigo, que considero ser uma das contribuições maiores desta tese: o desenvolvimento de uma escrita ensaística que materializa o movimento e as tensões da memória. Pensar a forma é algo que provoca profundo desconforto. Muitas vezes, tentei desistir, mas fui instigada a seguir adiante e a ver o texto para além do papel. O texto é imagem, voz, ritmo, empurra-nos para uma espiral de lembranças e confunde sentidos do tempo.



Figura 23 – A natureza que cresce sobre a terra contaminada
Fonte: primária

² Nas palavras de Seligmann-Silva (2000, p. 8), “a catástrofe é por definição um evento que provoca um trauma, outra palavra grega, que quer dizer ferimento. Trauma deriva de uma raiz indo-europeia com dois sentidos: friccionar, triturar, perfurar; mas também suplantar, passar através. Nesta contradição – uma coisa que tritura, perfura, mas que, ao mesmo tempo, é o que nos faz suplantá-la, já se revela mais uma vez, o paradoxo da experiência catastrófica, que por isso mesmo não se deixa apanhar por formas simples de narrativa”.

3.1. RUÍNAS

Bento Rodrigues parece-me uma cidade fantasma. Quatro anos após ser devassado pela lama de rejeitos de minério de ferro, o lugar conserva as marcas da passagem do tempo, em camadas. Minha primeira visita ocorreu em outubro de 2019 e foi guiada por Rosângela e Marlene, moradoras do distrito. Dois dias antes, eu havia feito com elas entrevistas em profundidade. Falamos sobre a vida de antes e de agora, construímos uma relação de confiança, e elas se ofereceram para me levar lá. É por meio da narrativa delas no ambiente destruído que crio a primeira impressão daquele espaço: um entre lugar que retém vestígios daquilo que um dia foi e evidencia o que o “Novo Bento” (o reassentamento) jamais será. Nem uma coisa, nem outra. Erguida sobre ruínas, a sensação descrita por alguns moradores de que a vida está em suspenso veste cada tijolo das construções que remanescem.

Para chegar ao distrito, pegamos uma estrada de terra. São 50 minutos tendo como paisagem a floresta de mata atlântica, montanhas de formação geológica diversa, muita poeira, não chove há tempos, choveria no fim daquele dia. Marlene dirige, Rosângela vai ao seu lado, eu atrás, conversamos. Entrar e sair de Bento é atividade regulada por cancelas; guardas da Samarco perguntam para onde vai e o que vai fazer. Só é autorizado passar quem está com morador. Transposto o *checkpoint*, cruzamos um dique que inundou a parte mais baixa do distrito, onde havia restos de 50 casas construídas à margem da Estrada Real. Virando a curva na Pedrona³, chegamos à chamada parte alta, onde o barro não tocou. Ali há esqueletos de cimento.

Elas me explicam que quando houve a evacuação da área, em 2015, foram proibidas de retornar a ela por alguns dias. Havia a possibilidade de um novo rompimento – o da barragem de Germano, ainda maior do que a de Fundão. Enquanto moradores permaneciam em hotéis, dividindo com a família um único quarto e um banheiro, vestindo-se com roupas de doação, pessoas de distritos vizinhos saqueavam as casas que permaneciam intactas. Os ladrões chegaram lá dirigindo caminhões e caminhonetes, levaram telhas, janelas, portas, eletrodomésticos, material de acabamento e revestimento. Não sobrou uma pia, uma torneira. Tudo roubado. Quando, enfim, foi autorizado o retorno daqueles que viviam o luto da vida

³ Formação rochosa pontiaguda que protagoniza o discurso mítico dos moradores – seria a pedra que teria barrado a onda de lama e impedido que houvesse impacto mais forte em Bento Rodrigues. A Pedrona figura nas narrativas também das crianças, ideia de que teria partido da própria natureza a salvação do território, e não de pessoas ou de instituições.

afogada na lama, só havia restos. Há, de um lado, ruínas de cimento e, de outro, ruínas de cimento e lama.

Marlene para o carro na parte alta, em frente à casa da irmã, entramos. Ela me mostra onde ficavam a churrasqueira, a sala. Subimos os degraus da escada para o segundo andar. Há quartos, onde morcegos dormem e carrapatos nos aguardam despertos. Achamos melhor voltar pelas mesmas pegadas. Marlene e Rosângela me gritam da horta. Enquanto eu tiro fotos, ando pelo mato, elas me mostram os pés de banana, e Marlene me oferece uma nectarina. Insiste, eu aceito. Azeda, desisto. Elas riem de mim, acham que eu sou fresca.

Os buracos nas paredes se abrem como olhos de uma caveira, por onde sai mato e circulam pequenos animais: calangos, morcegos, cobras, mosquitos. Os esqueletos repetem-se de forma mais sombria na parte baixa, onde duas cores predominam. O marrom escuro do barro contaminado, que se amontoa no chão, tinge as paredes das ruínas e se dissipa no ar – a poeira tóxica endurece o cabelo, gruda na pele suada, entra pelo nariz. E o verde da flora cresce selvagem sobre a lama. Alguma vegetação foi plantada pela Samarco para conter o avanço dos rejeitos, disseram eles; ou para encobrir o rastro do crime, afirmam alguns moradores. Há grama e pragas, como mamonas, além de pés de fruta mirrados nos quintais e dentro das casas destelhadas. Alguns cavalos andam soltos. Os donos não quiseram mantê-los na fazenda alugada pela mineradora e tocaram-nos para lá. Comem a vegetação rasteira e, de alguma maneira, impedem que o mato domine a paisagem por completo e encubra os rastros da destruição.

Maritacas verdes passam voando, o som ao redor é composto do canto livre dos pássaros, do silêncio profundo da terra não habitada e do motor da caminhonete da Samarco que faz ronda, verificando o que fazemos. O Bento Rodrigues que aparece de forma idealizada na memória dos entrevistados era um lugar sossegado, tranquilo, de casas grandes e direitas, de telha colonial, como me descreve Rosângela durante a caminhada. Não há lugar como aquele. Sob a sombra do guarda-chuva, ela me indica onde morava cada pessoa.

Vejo Marlene adiante, percebo que ela expressa postura diferente da de Rosângela. Há três meses sem pisar lá, revive o dia do rompimento, mistura as histórias da fuga veloz, a agonia de ver no retrovisor do carro a lama implacável com atividades que costumava fazer antes da lama, como caminhada com as amigas. As ruínas têm múltiplas funções de recordação. Anoto minha opção de ter colocado o microfone de lapela nela: tive a impressão, desde o início da viagem, de que Marlene estava com mais vontade de *lembrar*. Rosângela queria conversar, passear, mas Marlene estava comprometida a mostrar os espaços para mim, reviver experiências, recriar histórias do passado e do presente. Ela queria que eu soubesse como era

morar ali e entendesse a magnitude da destruição. Conduz minhas fotos: quer que eu fotografe as ruínas da igreja, a placa que colocaram diante dela, que eu pegue o poste caído, a lama que divide a pintura da parede, a praça coberta de terra, a casa da Rosângela.



Figura 24 – Casa grande e direita, de telha colonial
Fonte: primária

*

Em entrevista gravada dois dias antes na sala da casa onde mora, em Mariana, Marlene (2019a) me contou que é nascida e criada no Bento. Sua mãe, Maria, de 83 anos, que escutava a conversa, teve os nove filhos lá. Desde pequena, Marlene ajudava os pais nas tarefas da roça, tinha apreço especial por plantar. Sentia até mesmo a necessidade de colocar a mão na terra, ver as plantas crescerem. Em uma época da vida, depois de se casar, mudou-se para Mariana, onde teve vários ofícios “*fichada*” (de carteira assinada), como o de auxiliar de serviços gerais em uma escola. Foi onde conheceu seu segundo marido, Zezinho. Quando ambos se aposentaram, decidiram morar perto de dona Maria, no Bento, para levar uma vida mais tranquila. Zezinho, que era muito divertido, brincalhão e gostava de uma cerveja, era apaixonado pela roça, pelos animais do campo, por todo tipo de criação. Construíram 15 anos de vida ali, visitavam frequentemente a irmã Maria, em outra roça no distrito de Ponte do Gama, posteriormente também atravessado pela lama.

Em nossa conversa, Marlene (2019a) me disse que ficou esquecida depois da morte de Zezinho, “*meu bebezão*”, três meses antes. Não se lembrava mais de nada, me falou; era como se não estivesse ali. A entrevista fora arranjada no dia anterior, quando conheci as seis senhoras da cooperativa de geleia biquinho – a fábrica fica em um bairro pobre de Mariana, em local alugado pela Fundação Renova, empresa que representa a Samarco, a Vale e a BHP nos processos de reparação. Marlene, Rosângela e Geralda aceitaram conversar comigo, tornaram-se minhas primeiras interlocutoras. Cheguei à casa de Marlene por volta de 2 da tarde. Ela morava ali havia apenas uma semana; conseguira que a Renova a retirasse do antigo local, que ficava em um morro inclinado – local de difícil mobilidade para a mãe, que tem baixa visão. Era a casa, alugada, onde também seu marido passara os últimos dias de vida. A mudança de espaço seria bem-vinda.

Assim que entrei, fui convidada a me sentar em um dos dois sofás forrados da sala. Reparei que não havia objetos de recordação ou decoração, a exceção de um vaso com arranjo de antúrios de plástico sobre um aparador com aspecto novo. Marlene se mostrou desconfortável e me pediu desculpa pelas falhas da memória que estariam por vir. Pediu para que a mãe participasse, achava que assim ela iria se animar um pouco. Sentaram-se as duas, Marlene alisava sem parar o braço do sofá. A entrevista começou e ela em todos os momentos buscava confirmação das informações com a mãe, que olhava para a parede, para Marlene e enfim, de soslaio, para mim. As confirmações sobre o passado me pareceram também um ato de deferência, tentativa de respeitar a sabedoria da mãe, que, para ela, havia de saber mais sobre a infância nos anos 1960 do que ela, que era criança. Anoto que Marlene queria muito narrar, mas não qualquer história, e sim a história correta da família. Ao perceber isso, tento não fazer perguntas que exijam respostas muito precisas, porém, sempre que acha que o que quero são os fatos, desculpa-se:

Tem três meses que meu marido faleceu, né? Então você sabe quando você vive só em função de doença? O resto só foi... Quer dizer, fui esquecendo tudo, hoje eu não consigo lembrar muito bem das coisas. Porque foi essa tragédia do Bento. E ele foi só piorando, piorando, né? Estava tranquilo, ele estava recuperando, mas aí foi piorando, nossa! Aí, como se diz? Eu tinha que cuidar dia e noite. Por último ele ficou de fevereiro... Até junho, né? No hospital. Eu ficava direto, às vezes liberava as meninas pra elas ficarem de 2 às 7. Só o horário que eu trocava era o tempo para eu vir em casa, tomar um banho e voltar. Eu fui desligando, desligando e vivendo em função dele, né? Hoje tudo que me pergunta, tô fora! Não sei nada mais (MARLENE, 2019a).

Terminada a entrevista, passo algumas horas tomando café na cozinha com a família, onde nossa relação muda completamente. Anoto: Marlene se lembrou de outras coisas, insistiu para me levar dirigindo até Bento dois dias depois, acompanhada de Rosângela, porque minha

ideia de ir de táxi parecia estapafúrdia. Imagina o dinheiro que eu ia gastar? Riram-se todas. Ao me sentar à mesa, fico impressionada com a quantidade de jogos de panela expostos sobre os armários. Vários tamanhos e cores. Admiro-me: Nossa, quanta panela! “*Isso não é nada, olha aqui*”, ela mostra atrás da porta uma estante de ferro quase até o teto, preenchida de formas de todos os tamanhos e formatos. Marlene sempre gostou de fazer sobremesas, principalmente bolos, arte pela qual se tornou conhecida em Bento. Bolos decorados para festas de aniversário e outras datas comemorativas, como Natal e Nossa Senhora das Mercês. Lamenta não poder me mostrar fotos, porque o celular onde armazenava seu trabalho ficou perdido na lama. Lembrou o bolo que fez para o aniversário de 80 anos da mãe, pergunto o recheio, não sabe mais, mas tem certeza de que a decoração era com flores brancas e azuis. Hoje em dia Marlene perdeu a vontade de fazer bolo, não vê sentido, acha que gasta dinheiro à toa, não tem inspiração. Só lhe restam lembranças e as panelas e formas, que compra compulsivamente.

*

No carro, indo para o Bento, vejo que Marlene se lembra de coisas a cada curva. Por isso, não tenho dúvidas de que ela se tornaria nossa guia. De passos apressados, sob o sol escaldante e a poeira seca que levanta como névoa, ela mantém o olhar fixo nas montanhas, nos vestígios. Diante do ferro que um dia sustentou o telhado de uma casa agora tomada pelo mato, ela afirma: “*A gente era feliz aqui*”. Seguimos pela rua onde havia a fábrica de geleia – era onde o grupo trabalhava desde 2006. Entramos nas ruínas, querem me mostrar onde era cada coisa (elas consideram a fábrica atual lugar apertado e quente, querem fazer a comparação). Vemos cômodo por cômodo: os banheiros, sem vaso, sem pia, a cozinha dilapidada. Olho para cima, vejo o céu. Destelhada, a fábrica é hospedagem da fauna e da flora. Elas pedem para ter cuidado com cobra. A cada galho que encosto, assusto-me, elas riem. Em uma das plantas que cresceu sobre o piso, dezenas de lagartas. As mulheres mostram onde ficavam os fogões, onde preparavam a salmoura da pimenta, a janela que dava para o escritório, que tinha um computador novinho. Tudo roubado.

Seguimos o passeio por essa rua mais alta, de onde podemos ver as ruínas marcadas pela lama, abaixo. Há uma divisa explícita entre os esqueletos de cimento e os destroços tingidos de marrom. É dali que Marlene, que insiste não se lembrar de nada, me chama, narra, aponta, observa. Suas lembranças daquele dia 5 de novembro atropelam os passos, surgem na evolução das ruas, são reveladas pelos restos de casas, árvores, arbustos, postes tombados,

cercas arrancadas. Mistura antes, durante, depois, revive o dia da lama, repete a vivência, repete mais uma vez, sente saudade.

*

No dia, a lama veio de lá. Foi lá em cima, destruiu tudo. Quando ela chegou no fundo do quintal das casas da gente, ela já tinha destruído aqui. E lá, um monte de carro subindo, para ir para Santa Rita. Nós corremos, nós ficamos ali. Destruiu tudo. E a gente subindo, porque aqui é assim: tem uma entrada e uma saída. Só. Você entrou lá, você sai aqui. Mas então lá embaixo [aponta para a saída inundada] o barro já estava vindo, né. Ai nós subimos aqui, correndo. O pessoal começou a correr. Eram umas 16 horas, umas 600 pessoas. Quando sentamos ali, os outros falaram assim: “Nossa, morreu muita gente, tem gente dentro do... na lama”. Cé acha que eu tinha coragem de ir lá ver? De jeito nenhum. Porque a lama, você via ela. Se tinha uma pessoa ali, morria, porque não tinha como a gente tirar. Os meninos ainda conseguiram tirar Priscila, Anabela. [...] Nós passamos nessa rua aqui, subimos e fomos parar lá no alto. Um carro atrás do outro, a lama ia atrás. Aqui estava tranquilo. Se a gente soubesse que a lama não ia subir, não precisava nem de eu, por exemplo, tirar Zé do carro, levar ele para o meio do mato. Fui puxando ele, porque ele tinha sofrido derrame. Não precisava. E ele chorando, coitado... [pausa]. Eu acho engraçado: os outros têm mania de falar “pessoal do Bento não tinha casa. Eram uns barracõezinhos”. Nossas casas não eram ruins, não. E falam que o pessoal aqui no Bento tinha uns barracõezinhos de qualquer jeito, de telha de amianto. Não existia[m] essas casas aqui no Bento de telha de amianto, não. Essa casa aqui [aponta], número 90, era de Marli, a mãe dela tava lá embaixo, lá no cascalho. Ela conseguiu sair não, foi embora no barro. Ainda bem que tinha essa parte aqui [aponta para a colina de onde viemos]. Mas a gente não sabia nem para onde ia correr, porque a lama estava vindo de lá e a gente subindo aqui tava indo quase de encontro dela. Nós tentamos ir para Santa Rita, só que tem um correguinho, e a água acompanha muito o córrego, ela subiu, ela veio lá de baixo. Veio subindo nesse correguinho e destruiu tudo ali. Aquela parte daquele bambu até aquele toco de uma árvore era nosso terreno. A parte de baixo ali era da gente, era nossa. Mas o ônibus [estava] na frente, e o pessoal subindo. Quando chegou aqui, o ônibus parou. E aquela fila de carro. Barro, muito barro. O ônibus estava cheio de gente daqui e de Mariana. Quando ele parou ali [aponta para a curva] e a lama estava vindo, o pessoal foi entrando, foi entrando. E essa parte aqui de baixo, acabou tudo, veio de baixo e foi lá em cima destruindo tudo, até que encheu aqui e deu tempo de a gente sair. Olha lá para você ver: tem marca de lama, então ela veio enchendo aqui. Quando chegou ali na frente, ela parou. Mas nós ficamos desesperados, porque para onde a gente iria? Se lá já não tinha como a gente ir, para baixo não tinha? Começaram a entrar os carros aqui e a gente saiu igual doido. Essa casa ali era da minha tia. Aqui era o ponto do ônibus. A lama veio só até aqui, casa do meu tio. Quando chegou aqui, ficou o carro parado, porque não tinha para onde a gente ir. Ai eu chamei a menina. O pessoal [os ladrões] só não levou essas janelas de basculante. Para você ver que veio até aqui o barro. Foi o tempo de a gente sair e isso aqui... Você só via água. Aonde ela encheu, para você ver, é alto. Olha para você ver o tanto de barro que veio. Ela encheu de ela transbordar aqui, olha, vim para cá, você entendeu? Mas foi muito barro, né?
 [Rosângela aproxima-se e diz: “Eu tô falando aqui que aquele dia para nós foi o pior dia, parece que foi o fim do mundo, né, Marlene?”].
 Nossa mãe...

*

É sabido que existe, para além da cronologia, a topografia da história, bem como a da memória. São os caminhos em direção ao passado reconstruídos pelos vestígios no caminhar no espaço. Lugares podem ser texto, em que se lê um conteúdo previamente conhecido, imagina-se. Situei anteriormente que o espaço tem centralidade no pensamento sobre a

memória coletiva, conforme Halbwachs (2012): lugares conservam a memória de um grupo, trazem para si a estabilidade do tempo, diante da efemeridade da conservação dos corpos dos indivíduos. Lugares, no entanto, são também móveis, estão sob pressão do tempo, da tecnologia, de intempéries; sua materialidade é ilusória. Os espaços rurais onde vivem pequenas comunidades estão submetidos às pressões de aceleração do tempo no mundo em rede, mas conservam conexões (arcaicas) do homem com a terra, a tradição por meio da ligação com o solo ao longo das gerações. Nesses territórios, as mudanças no espaço são mais lentas, passam uma ideia maior de estabilidade a quem vive ao redor. Essa ideia de estabilidade também é ilusória e, de certa forma, serve como âncora à transformação do indivíduo no curso da vida.

Ainda assim, esses espaços e edificações podem ser destruídos: paulatinamente, com o passar dos séculos, sob ação da natureza; ou de repente, quando são devassados por evento desestabilizador. Minas Gerais é um estado cuja história se constrói com o garimpo de ouro, diamante e, mais adiante, ferro, como falamos nos capítulos anteriores. Em vales de pedra, gigantes da mineração que têm a Vale como principal acionista devastam, destroem, extraem, transportam. Pequenas cidades e vilas ao redor dos enormes empreendimentos também criam uma rede de vínculos econômicos, de trabalho, políticos e culturais atravessada por esses agentes. A vida das pessoas que moram em zonas rurais próximas de mineradoras está sempre sob risco.

O desastre tecnológico evidencia uma situação de crise existente há gerações nesses territórios, em que residem pessoas que se acostumam com o rio em que não se podem banhar, porque deixa a pele brilhosa, com a poeira branca ou cinza que voa sobre as casas em temporada de seca, com as doenças respiratórias, com o deslizamento de terra causado por pressão de empilhamento irregular a seco de rejeito que leva a vida do amigo de infância, com a casa de pau a pique da avó que veio abaixo pelo peso dos caminhões que devassa as pequenas estradas de terra, com a enchente que inunda toda uma vila, com o monstro que mora lá em cima e que, “se um dia estourar, ele destrói tudo que está aqui embaixo, ele mata tudo”. De uma hora para outra, o ambiente rural pode ser dilacerado. Há no território ambiguidade de estabilidade e risco, continuidade e interrupção, tradição e progresso. Tornam-se ruínas.

Ruínas são, a princípio, esqueletos, restos, resíduos do passado. São presença na ausência, evocam a ideia de velhice, morte, decadência. Esculpidas pelas décadas ou por ação violenta do homem, conservam indícios de um tempo que pode ser vislumbrado por quem se posta diante delas e guardam consigo lembranças ou conteúdo previamente adquirido. Olhar para ruínas e interpretá-las em ato reflexivo é atividade realizada há séculos, por pensadores de

diferentes áreas do saber. Nosso recorte diz respeito à relação entre ruínas e memória. Ruínas como forma de acesso ao passado.

Essas edificações de outras épocas que remanescem no espaço, parcialmente destruídas, são rastros em pedra cujos significado e valor mudaram ao longo do tempo. A atribuição de valor histórico e de aspecto positivo a esse tipo de fragmento de construção no Ocidente se iniciou no século XVI. Assmann (2011) explora a ideia da peregrinação para terras sagradas para explicar o desejo nutrido pelos sábios da Renascença de lembrar mediante a leitura dos vestígios na paisagem – há a reinterpretação das ruínas de templos antigos nesse período. Projetaram-se ali, sobre a paisagem, espaços de memória. Por isso, haveria uma recordação superposta. As ruínas “codificam tanto o esquecimento quanto a recordação” (ASSMANN, 2011, p. 331). O cultivo de ruínas em descompasso com a cultura e o saber cria monumentos de esquecimento, espaços de histórias e tradições culturais que vivem na memória narrada. A ruína é presença na ausência; trata-se da sobreposição da vida anterior que não existe mais, mas que pode ser evocada e revivida por intermédio de marcos espaciais, da contemplação das montanhas, do olhar sobre os esqueletos de cimento e pedra. É também ausência na presença: a ausência do mundo tal como era conhecido e o nascimento de um novo lugar.

A reflexão sobre ruínas em Benjamin (2016) extrapola o destruído e diz respeito ao próprio conceito de história: ruína é, para o autor, destruição plena de significados, é produção de presença. Por meio dela, há o deslocamento do progresso para a decadência no sentido histórico. No seu ponto de vista, é por meio da ruína que se evidencia o caráter transitório de presente e passado e, portanto, o caráter transitório da própria vida. É por ela que a história se desloca para dentro do cenário: coloca-nos de frente para o colapso do progresso, desestabiliza a eternidade da natureza e do tempo. Indica que algo que um dia foi majestoso e pomposo hoje se faz presente por restos. É só assim que se percebem as camadas do tempo, é só por meio da decadência que “o acontecer histórico contrai-se e entra no teatro” (BENJAMIN, 2016, p. 191).

Ruína também é forma, nessa perspectiva. Na escrita, as ruínas do pensamento são fragmentos, cacos. Em “Teses sobre o conceito de história”, Benjamin (2012) lembra que aquilo para o que o historiador olha é necessariamente “uma pilha de ruínas”. Há no passado cacos. É por isso que o anjo da história, de asas abertas, é impedido de retornar: a tempestade que sopra do futuro o empurra para frente, não consegue acordar os mortos: “Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele volta as costas, enquanto o amontoado de ruínas diante dele cresce até o céu. É essa tempestade que chamamos de progresso” (BENJAMIN, 2012, p. 246).

Essa ideia de ruína é chave para se refletir sobre a escrita do passado e é por isso que tento aqui incorporar o fragmento na narrativa, quebrar certa visão totalizante sobre o assunto analisado, pensar na fragilidade do olhar do pesquisador em direção ao passado. O passado são restos. Ao recontá-lo, estamos diante de um quebra-cabeça de peças faltantes.

Ao escrever acerca das ruínas arquitetônicas, Georg Simmel (1988) destaca seu caráter sedutor, que se deve à destruição aparente feita pelo homem e pela natureza. O humano e o natural fundem-se no destino comum da ruína; sua beleza é trágica. Construção e paisagem que antes destoavam se transformam nas mesmas cores, criadas pelas intempéries. A ruína das cidades para Simmel (1988) evoca paz e tranquilidade, o que se deve a seu caráter de passado. Simboliza a vida que um dia habitou ali: “A ruína cria a forma presente de uma vida passada, não segundo seus conteúdos ou restos, mas segundo seu passado como tal” (SIMMEL, 1988, p. 7). Olhar para ruínas pode acalmar.

Quando caminhava com Marlene pelas ruas de Bento Rodrigues, interrompemos o ritmo diante de uma placa de alerta reluzente, que contrasta com a destruição ao redor. “Rota de fuga”, dizia. Uma placa fincada em um monte de terra. Marlene critica, com delicadeza, o disparate que representa o aviso artificial, colocado ali após o barro. Depois de breve revolta, contempla a paisagem, olha para o horizonte, sussurra com os olhos marejados e um sorriso no canto da boca: “*É engraçado que aqui embaixo acabou, mas você olha lá em cima, as montanhas são as mesmas*”. Pergunto como ela se sente. “*Dá saudade, né... Do tempo que a gente estava aqui*”. O silêncio na contemplação a seguir nos afasta e nos aproxima. Penso posteriormente que há algo na frase dela que fala sobre a irreversibilidade do tempo. Talvez seja o olhar sobre o lugar destruído, que encontra apenas as montanhas e cria certo desconforto, ao mesmo tempo que acalma.



Figura 25 – As montanhas que dão saudade. Fundo do bar de Sandra, praça de Bento Rodrigues (MG)
Fonte: primária

David Lowenthal (2010) também refletiu sobre o assunto ao escrever acerca da apreciação da estética da velhice no Ocidente ao longo dos séculos. O historiador norte-americano tinha como ponto de partida o período do Renascimento em *El pasado es un país extraño*, no qual a ideia central é a de que o passado nos rodeia e nos satura, mas não está dado; precisa ser acessado. As formas como acessamos o tempo ido são múltiplas. As pegadas deixadas no presente pela velhice é uma delas. No século XVI, as marcas do tempo sobre a arquitetura, os objetos, as obras de arte se tornaram prova do que era histórico. De acordo com o autor, seria por meio das ruínas que se poderia compreender o modo de vida de uma sociedade para além dos relatos escritos, sob os pés, assim como as ruínas também evidenciaríamos conflitos do presente. As ruínas, portanto, simbolizam o que um dia foi forte, novo, cheio de orgulho, em contraponto a um presente decrépito, corrupto, decadente. Para Lowenthal (2010), as ruínas são ruptura visível no tempo. Mas, para que elas tenham poder evocador, ou seja, guardem alguma informação, despertem discussão e afetos, devem estar no limite de sua dissolução.

A estética da decadência, diz Lowenthal (2010, p. 251), “requer um equilíbrio entre a arquitetura e a natureza, mas o equilíbrio não deve parecer artificial: qualquer indício de que a ruína é um artifício ou de que sua decadência tenha sido detida de propósito diminui o apreço por ela”. A ruína tem de parecer obra do tempo, e não uma fraude. A estética da decadência presente na ruína evidencia a fugacidade do ser humano que se posta diante dela. As pegadas (em direção ao passado) da dissolução do espaço figuram como *memento mori*, espaço de recordação da iminência da morte. Assim como a ruína é, o homem também pode se tornar. Há, portanto, certa melancolia nas imagens da decadência, visão bastante presente nas representações das ruínas na arte romântica.

Tingidas de lama, as ruínas de Bento Rodrigues – e de outros distritos atingidos pelo rompimento da barragem, como Paracatu de Baixo, Ponte do Gama, Gesteira – marcam a destruição, forçam a rememoração do crime, são a ruptura entre presente e passado, espaços que demarcam a interrupção de projetos de futuro. A ruína conservada grita, expõe a violência, auxilia na luta por direitos e na luta pela preservação da história da família e da comunidade. À medida que essa história continua a ser transmitida e lembrada, as ruínas permanecem como garantia e sustento da memória.

*

Diante dos escombros de casa, Rosângela não consegue evitar a relação entre o que tinha e o que tem, onde vivia e onde vive. A casa atual é a falta. Não é o que a outra era, não tem o que a outra tinha. A casa destruída é presença na ausência. Em sua fala, os escombros são povoados (de afetos, móveis, lembranças, cheiros, atividades, encontros). A ruína mostra-se o contrário de onde ela mora – não tem sol, não tem os vizinhos, não tem vento, não tem terreirinho, não tem lugar para plantar, não tem o cachorro, não tem as samambaias. Ela me puxa, mostra onde ficavam os cômodos, como eram lindos, como eram do jeito dela. Povoada com memórias espaços que existem em restos.

Vejo três paredes, um colchão emaranhado na terra – que ela diz não saber a quem pertence –, alguns azulejos, uma escada que sobe para o nada. O colchão fica onde Rosângela deixou os brinquedos da neta, o velotrol, o carrinho de empurrar que a menina, mesmo passados quatro anos, chora e pede de volta. Na casa nova – de quatro quartos, dois banheiros, duas salas em dois andares –, não tem espaço para o velotrol, alega Rosângela, não dá para deixar a menina andando solta na rua. É perigoso, tem ladeira, tem carro, tem estranhos. Na casa nova, lamenta, tudo é longe, os vizinhos, a família, o trabalho. É um lugar onde “*a semana passa*

muito rápido... Você não sai pra você conversar com ninguém, você não tem ninguém próximo, sabe? Às vezes dá uma agonia... Jesus! [risos] Aí você abre o portão, você sai na rua, você se sente, assim, leve, sabe?”.

Leveza é usada para descrever falta de âncora. De algo que enraíze no fluxo do tempo, dê sentido no espaço. Sentir-se leve não me parece algo positivo em sua fala – a liberdade em contraponto às obrigações da vida na sociedade capitalista. Sentir-se leve diz respeito à certa melancolia pelas redes de afeto firmadas, fixadas, estabelecidas, presas em uma época. Há em leveza nostalgia, conceito que analisarei mais adiante. São memórias de perda, de uma vida e de um mundo que não existem mais. Não há positividade regeneradora nessas ruínas.

Na casinha destruída, vemos uma porta de madeira, a comunicação entre dentro e fora, uma abertura assombrada para as histórias perdidas. Rosângela descreve o que tinha, aponta para os espaços vazios, preenche aos poucos o abismo entre o que vejo e o que imagino:

Eu moro naquela casa, porque me colocaram ali. Achei a casa boa. Podia escolher se era casa ou apartamento... Mas ali eu [me] sinto presa, [porque] só tem uma porta de cozinha, você viu. Você não tem um sol, não tem um terreirinho assim. Eu tenho necessidade de ter um terreirinho, um sol. Eu plantava demais. Eu não tinha horta, mas minha sogra plantava, tinha um quintal enorme, eu pegava as verduras na casa dela. Esse aqui era o comércio do meu sogro. Essa aqui era a garagem dos meus parentes. Ali é minha casa... Minha casinha. Tudo isso aqui... Pegava daqui e ia até lá embaixo. Aqui era a lavanderia, o fogão de lenha, chuveiro de serpentina... Em cima tinha um terraço. Tinha uma varanda aqui cheia de samambaia, aí era a casa. Para lá, eram os cômodos que a gente estava falando... Que a gente estava fazendo, sem saber o que era ainda. Aqui era onde estavam os brinquedos da minha netinha. Ainda devem estar debaixo dessa terra aí. Foi aonde eu deixei naquele dia, quando fui pra Mariana. Eu lembro direitinho, como se fosse hoje (ROSÂNGELA, 2019a).

A porta de pé dava para a varanda, onde Rosângela cultivava suas samambaias. Essas plantas permeiam o discurso a todo o momento, seja diante das ruínas, onde indica com o dedo o lugar exato em que costumava pendurá-las, seja dentro do carro em conversa com Marlene, seja em sua casa alugada, durante a entrevista. Eram samambaias de vários tipos, tamanhos. A mais antiga era da idade da sua filha, 26 anos. Sentada no sofá da casa alugada, onde não há nas paredes um quadro sequer, mas onde repousa no chão do canto da sala, sob a janela, um jarro com rosas vermelhas, de plástico, Rosângela conta-me:

Tinha samambaia demais... Nossa! Minha varanda, assim, era cheia de samambaia... Dessas flores no vaso, sabe? Eu ficava cuidando das minhas plantas. Samambaia-chorona, samambaia-medrosa... É... Olha, eu não sei o resto, não, eu só plantava. Toda flor que eu via eu pegava e ia plantando. [...] Nossa, eu tinha samambaia demais! [...] Tinha uma varandona assim... Era samambaia de um lado e na parede assim, ó. Tava tudo... Tinha samambaia lá que era da idade das minhas meninas. Tudo grandona. [...] Foi tudo embora... Com a lama. Não vi mais nada. No dia que eu fui lá... Eu fui correndo pra ver se eu achava alguma mudinha, nada... Aí não achei nada. Mas... É... Ah, foi muito ruim no começo... Agora a gente já acostumou, né? (ROSÂNGELA, 2019a).



Figura 26 – Varanda da casa de Rosângela, em Bento Rodrigues (MG)

Fonte: primária

O assunto da samambaia ficou muito tempo na minha cabeça, depois dessa primeira confissão na entrevista. Não quis perguntar do porquê de não ter nenhuma planta em casa, achei que seria invasivo e desnecessário; a ausência falava por si só. No entanto, dois dias depois, quando estávamos no carro de Marlene, Rosângela tocou novamente no assunto. Perguntei o que houve. Me respondeu que na casa alugada não tem vento, nem sol, as samambaias morreriam. Duas semanas depois, ao entrevistar Sidnei, seu marido, assunto que retomarei mais tarde, ele comentou, a seu jeito, o fato de não ter nada pendurado na parede, sem que eu perguntasse:

É uma casa muito boa, mas não é da gente. Você não tem a liberdade que você tinha na casa sua, né? Aqui você vê alguma coisa... Você podia fazer isso, botar um prego ali..., mas começar a furar a casa dos outros? Lá, não. Lá, você sentava no terreno, ficava... Imaginava coisa: vou construir um quartinho aqui e... Depois, surgia o quartinho ali. Totalmente diferente de você ficar numa casa que não é sua (SIDNEI, 2019).

Em casa que não é própria, Sidnei não põe prego, Rosângela não cresce planta, Marlene não faz bolo.

*

Descendo a rua da sua casinha, Rosângela se lembra dos almoços de domingo, das brincadeiras com a neta no quintal. Ela me mostra onde era a casa da sogra. Avançamos pelo terreno, tendo o córrego à esquerda. Passamos pela casa de uma amiga que no dia foi arrastada pela lama. Ela, o filho e o sobrinho. Saíram da correnteza sem roupas. A lama pesou, arrastou tudo. Depois de dias internada no hospital, a amiga decidiu: nunca mais pisaria lá nem falaria sobre o assunto – ela não quer lembrar.

Rosângela me conta que achou na primeira vez que voltou ali um par de sapatos novinhos, no outro lado da rua. Ela já tinha revelado que seu primeiro ímpeto ao retornar ao Bento destruído não era buscar bens materiais, mas sim encontrar talvez uma mudinha ou o seu cachorrinho, Lupi:

Nós procuramos, procuramos... Eu tenho um banheiro do lado de fora, esse banheiro, encheu de lama até certa distância... Ficou um espaço, assim, pequenininho... Vimos uma patinha de cachorrinho, falamos: "Deve ser ele mesmo que está por aqui...". Fomos quatro vezes lá e não achamos ele, não. [...] Às vezes, eu vejo ele... Lembro dele direitinho olhando para a cozinha de lenha. Dinei chegava com o carro na garagem, ele sabia... Começava a latir, você acredita? [...] Ô, era muito bom... (ROSÂNGELA, 2019b).

A relação de Rosângela e de outros moradores com seus animais mortos em um desastre tecnológico me chama atenção. No livro que pavimentou o caminho da escritora bielorrussa Svetlana Aleksievitch ao Prêmio Nobel de Literatura, acerca da história oral do desastre nuclear de Tchernóbil, fiquei impactada com os relatos de moradores da região evacuada pela explosão do reator da usina nuclear sobre a morte de seus animais de estimação. De uma hora para outra, eles precisaram deixar não apenas a terra onde nasceram e cresceram – terra da qual ouviram histórias contadas pelos antepassados –, como também precisaram abandonar cães, gatos, gado, pássaros. Na época, dizia-se que o pelo dos animais conduzia ainda mais radiação, mas os moradores, acostumados a fugir de outras guerras, não compreendiam a dinâmica do inimigo invisível, tampouco aceitavam a separação e posterior aniquilação de seus animais. Aleksievitch (2016, p. 47) escreve:

O que restou na zona morta depois que as pessoas foram embora? [...] Depois que as populações partiram das aldeias, pelotões e soldados e caçadores foram lá e abateram os animais. E os cachorros acorriam à voz humana, e também os gatos... E os cavalos não podiam entender nada. E eles não tinham culpa, nem as feras, nem os pássaros, e morriam em silêncio, isso é ainda mais terrível.

A imaginação sobre o que pode ter ocorrido aos animais no momento da morte, assim como as imagens dos bichos no passado, como integrantes de uma vida em movimento que

não existe mais, permeia os relatos. Rosângela se lembra de Lupi, e Geralda (Nenzica), adiante, fala do papagaio Chico e do medo que tem de que ele tenha ficado apavorado com a lama antes de se afogar na gaiola. Marlene, que só conseguiu salvar Belinha, deixou para trás a gata, Neguinha, que era muito folgada: *“Um gato enorme, grande. Se ele deitasse aqui, ninguém tirava ele do chão. Tinha que passar por cima, ele não saía, não. Varria a casa, tinha que pegar o rodo, botar uma vassoura e sair empurrando ele com tudo”*; e também Paloma, uma pastora-alemã: *“Ela ficou no terreno brincando, né? Chamei, ela não saiu, não tinha tempo pra gente... Se tivesse tempo de a gente pelo menos colocar os bichos pra fora, mas não tinha tempo. E as galinhas, onde elas estavam, era tudo cercado... Aí não teve jeito também, não. Sumiu foi tudo”*. O laço foi interrompido abruptamente, a morte deles é imaginada, e o sofrimento, presumido.

O marido de Rosângela, Sidnei, retornou ao local para encontrar outros assuntos. Cavou na terra e encontrou dentro do plástico na lama a carteira de trabalho. Mais tarde, um bombeiro localizou a única foto que restou da família, que Rosângela mantém guardada na casa alugada. Guardada, sim; exposta, não.

No dia 5 de novembro de 2015, por volta das 15 horas, a família retornava de carro de compromissos em Mariana. Deparou com a notícia no meio da estrada, quando viu movimentação estranha: gente parada na estrada, chorando. Rosângela, a filha e a neta foram forçadas por Sidnei a voltar para a cidade, na boleia de uma caminhonete. Sidnei desceu desembestado pelo mato, em busca da mãe. Ajudou a abrir caminho para os bombeiros, passou a noite em trabalho de resgate⁴.

Chegamos aonde seria a divisa entre o terreno da família de Rosângela e a casa de Marlene. Entramos pelo quintal dos fundos. Corro para acompanhar o que Marlene tem a dizer. Ela olha para baixo, para o horizonte, busca referências. Sua casa hoje é um monte de terra seca, há algum mato e restos rasteiros de parede. Marlene estipula uma marcação no chão feita pela Renova, onde acredita ser o início do terreiro dos fundos. A partir dali, caminha. *“Era o dia inteiro fazendo cerca. Eu tinha uma cerca aqui, tinha uma aqui. Aqui era só laranja, aqui tinha outra cerca, é porque entrava animal. Nessa parte aqui até lá na frente era só laranja, mexerica, banana, goiaba, tomate, manga, jabuticaba...”*. Espanta-se: *“Eu acho engraçado, parece que o terreno encolheu, mas era muito grande mesmo”*. Segue:

Naquele fundo ali era um poço de peixe. Tinha um poço ali no fundo. Agora, minha horta era isso aqui tudo. Era daqui, começava aqui minha horta. Minha horta era muito grande, né, Rosângela?

⁴ As histórias do dia da lama serão trabalhadas no capítulo seguinte.

Enorme. Do lado de lá tinha galinheiro, tinha poço de peixe, e os pés de... jaboticaba. Eu acho que até aqui assim, não dá para saber direitinho, até aqui assim mais ou menos. Daqui para lá era a casa, tinha o terreiro... enorme. E aquela paredinha ali era onde era o fogão de lenha. [...] A gente tinha um terreiro enorme, cabia uns dez carros mais ou menos no terreiro. E a minha casa era do lado de lá, debaixo ali, mas não tem nada. [...] Quando a gente abria a janela aqui, a gente dava... Tinha outra casa de frente para a gente. Agora [no reassentamento], quem tá no lado de cá continua, lado de lá continua. Só que é assim... Não vai ser vizinho mais um frente com outro, igual era aqui, que as casas eram assim... (MARLENE, 2019b).

Descemos para a rua e Marlene imediatamente relembra o dia do rompimento da barragem, como se cruzar o terreiro destruído, para a rua limpa sem montes de terra, a estivesse levando para outro lugar. Ela olha para a esquerda, onde a casa de seu Filomeno, a mais alta de Bento Rodrigues, ainda conserva algumas paredes em pé. Na fachada, os azulejos da parede da cozinha. Marlene conta que ela estava ali ao lado naquele dia, fazendo as unhas. Na hora do barulho, saiu correndo, olhou em direção à sua casa. O marido, mesmo sem conseguir se locomover direito, aguardava-a. Depois da fuga em alta velocidade no carro novinho, Marlene passou uma semana com apenas uma das mãos feita. E ficou três meses sem dirigir.

“*Traumatizada*”, Marlene diagnostica. Mas a mulher não teve tempo para o luto da terra, dos vínculos, dos objetos perdidos. Começava ali uma jornada de cuidados com o marido, cujo quadro de saúde piorava a cada dia, agravado por depressão severa. No meio do caminho, seu cunhado Toninho, que morava com sua irmã Maria, no distrito rural Ponte do Gama, também afetado pelo rompimento da barragem, morreu de febre amarela. Tanto Marlene quanto Maria me relatam, em conversas separadas: não deu tempo para ficar triste. Vida e morte sucedem-se de repente. Só agora é que elas estavam pensando a respeito. Marlene sente-se com a cabeça vazia. Maria, sem referências de quem foi:

De repente, a gente perdeu tudo: o meu marido, acabou a roça..., porque agora não tem como a gente ficar lá mais, o acesso é difícil. Depois dessa lama, ficou mais complicado ainda, a gente tem até medo de ficar lá. Acabou... A gente agora fica com um pedacinho de Mariana, na casa da minha mãe e na minha casa. Mas é assim a vida, né? (MARIA, 2019).



Figura 27 – Trecho da Rua São Bento onde ficava a casa de Marlene, em Bento Rodrigues (MG)
Fonte: primária

*

O desejo de retorno às ruínas é também nostálgico. Aqui, tomo nostalgia não como a ideia original usada no século XVII para servir como diagnóstico médico que caracterizava uma profunda melancolia pelo afastamento da terra natal. O conceito prevê a ideia de incômodo derivado da saudade de um espaço que ficou distante deslocada para a visão de sentimento de falta de um tempo perdido (que converge nele, o espaço de outrora⁵). Significa, como define Fred Davis (1979), sociólogo norte-americano que nos anos 1970 inaugurou uma corrente de estudos sobre o conceito nas ciências sociais: um desejo de um passado que não existe mais ou, talvez, jamais tenha existido.

Para o autor, nostalgia no mundo moderno consiste em uma reação a eventos desestabilizadores, uma tentativa de restabelecer senso de continuidade em uma sociedade (ou grupo) esfacelada pela transformação abrupta. O fortalecimento de uma nostalgia coletiva de certo grupo assolado por evento invasivo, de acordo com Davis (1979), permite que haja tempo suficiente para que a mudança seja assimilada pelo tecido cultural. Em um século marcado por

⁵ Esse deslocamento (ou ampliação) do espaço para o tempo se dá com a modernidade, com a Revolução Industrial. O conceito de nostalgia tem uma longa história fora do campo médico, que vem desde o romantismo. No âmbito da política, nostalgia é, em geral, vista negativamente, associada ao desejo conservador. Mesmo no campo da cultura, a noção carrega conotações pejorativas. A respeito desse tópico, a obra de Natali (2006) traz uma visão mais aprofundada, que não cabe discutir aqui.

guerras, como o XX, nostalgia perdeu aos poucos conotação médica (ligada a ideias como melancolia, obsessão compulsiva, claustrofobia) e ganhou conotação positiva, atrelada ao consumo⁶.

Nostalgia, portanto, é uma forma de olhar para o passado. Andreas Huyssen (2014) define-a como uma “utopia às avessas”, “saúde de outro lugar”, algo que “tem a ver com a irreversibilidade do tempo” e faz uma ligação direta entre o que chama de vestígios em pedra e o sentimento de retorno permeado por saudade: “A ruína arquitetônica é um exemplo da combinação indissolúvel de desejos espaciais e temporais que desencadeiam a nostalgia” (HUYSSSEN, 2014, p. 91). O culto à ruína, diz ele, é a vontade de voltar a um tempo e a uma terra onde era possível sonhar. Seria desejo de retorno a outra época – que ganha projeções, idealizações e novos contornos em um presente incômodo, em que faltam raízes. A nostalgia contemporânea é sobredeterminada pela inquietude do presente. Levado ao extremo, o olhar nostálgico pode suspender a vida, opor-se ao caminho em direção ao futuro desconhecido. Pode causar paralisia sob forma de melancolia⁷.

Nostalgia do tempo e do espaço que não existem mais, da época em que era possível projetar futuro no solo, transparece no discurso de algumas pessoas que eu entrevistei. Nesses casos, como veremos, o olhar nostálgico, permeado de saudade, perpassa pela vontade de viver em um local onde era possível colocar em prática os projetos (o cômodo que construiriam, os animais que poderiam criar, a jabuticaba que iria se transformar em vinho, a pimenta de onde seria extraída geleia); pela saudade de um solo de tradição e história, onde os antepassados pisaram e os filhos não pisam mais; pela projeção de um estilo de vida considerado ideal, em contrapartida com o agito e com o barulho da cidade grande. Visitar a ruína intercala esses mundos – o vivido, o imaginado, o destruído.

Anteriormente, falamos sobre a “*leveza*” que Rosângela sente ao atravessar o portão da casa alugada, leveza que representaria esse olhar nostálgico sobre o território e a vida destruídos – esse espaço que não existe mais e que, sem ele, está suspensa a âncora da vida. Ao mesmo tempo, manifesta-se em raros momentos um trabalho, luta constante diante da tristeza

⁶ Essa relação entre nostalgia e consumo é mais complexa. Para compreender as formas diversas de se enxergar o dito “mercado da nostalgia” no contemporâneo e reparar as nuances do conceito no campo da cultura, ver Ribeiro (2018) e Leal e Ribeiro (2018).

⁷ Em *Luto e melancolia*, Freud (2008) rompe com a ideia clássica de melancolia – de um estado de espírito ligado à criatividade, sensibilidade e originalidade – e leva-a para o campo da clínica psicanalítica, em que o quadro melancólico se apresenta como a recusa do sujeito, diante da perda do objeto amado, a entrar em processo de luto (trabalho, ação necessária à reestruturação do eu perdido). No mundo contemporâneo, melancolia teria se deslocado para o campo das depressões: “O nome contemporâneo para os sofrimentos decorrentes da perda do lugar dos sujeitos junto à versão imaginária do Outro. O sofrimento decorrente de tais perdas de lugar, no âmbito da vida pública, atinge todas as certezas imaginadas que sustentam o sentimento do ser” (KEHL, 2009, p. 49).

– ela quer imaginar, quer desejar outra casa em seu futuro, mas ainda não consegue. Esse trabalho, entende-se, é uma das fases do processo de luto. Há ausência de possibilidade de sonhar. Parece que ainda não houve espaço para o desejo. Vive-se a tristeza pelo mundo perdido:

Eu não penso em nada mais [...]. Eu tenho vontade... de ter a minha casa. Mas assim... Eu não... Ainda não penso em nada de Novo Bento... Como que eu vou viver lá, como vai ser minha casa... Entendeu? Eu ainda não estou empolgada, não. [...] Não sei se você vai me entender, mas... Parece que a minha cabeça está vazia para esse... Para isso aí, entendeu? Não tem muita... Sei lá. Eu não fico: “Ah, na minha casa vai ter isso, eu vou comprar isso, eu vou fazer isso”, não, sabe? Não tenho. Não tenho aquela coisa...

[Como você se imagina em cinco anos, no futuro?]

Eu imagino? Deixa eu ver... Eu me imagino... Acho que na minha casa, né? Não sei se é lá, se é aqui. [risos] Ter a minha vida, né? Já resolver esses problemas aí de indenização e... A gente começar... Andar, né? Seguir a vida (ROSÂNGELA, 2019b).

A vida, no momento da entrevista, está em suspenso. É o luto em processo.

Considero interessante colocar em diálogo o sentimento do marido, Sidnei, que também não se imagina no reassentamento, apesar de trabalhar no canteiro de obras como funcionário terceirizado da Renova. O homem vê a cada dia a morosidade das construções. Até novembro de 2019, apenas duas casas estavam sendo tiradas do chão. Ele me confessa que não tem a menor pressa para que seu projeto comece a ser desenhado. Não se vê ali. Tem o desejo de voltar para o “*Bento de verdade*” (SIDNEI, 2019).

Com olhar triste fixo no chão da sala de televisão, diz: “*Eu nem penso muito. Apesar de trabalhar lá, eu não estou focado em como vai ser, não. Eu prefiro deixar as, as coisas acontecerem para eu, lá na frente, tomar uma decisão. Eu não sei qual rumo ainda que eu vou tomar*” (SIDNEI, 2019). Sidnei nasceu em Bento Rodrigues, trabalha com caminhão, retroescavadeira. Quando criança, aprendeu a fazer garimpo no leito do rio com a avó – sabe extrair ouro tanto de forma manual quanto mecânica –, mas não seguiu nesse ramo. O desejo mais profundo de Sidnei e que permeia toda a entrevista, quando fala da infância ou do tempo presente, é retornar para Bento, como se o lugar ainda fosse uma possibilidade. É nostalgia permeada de melancolia. “*Fecho o olho e vejo o Bento*” (SIDNEI, 2019), sorri.

Se eu pudesse morar lá [risos], eu ia morar no Bento. [pausa] A minha vontade é ter a minha casa no Bento. [pausa] Nunca escondi. Nunca escondi isso. É o lugar que se conhece, entendeu? Aqui, o reassentamento, é tudo novidade. É um lugar que você tem que adaptar, não vai ter mais os mesmos vizinhos. Então é nova vida (SIDNEI, 2019).

É um lugar sem memória.

O pai de Sidnei, falecido em 2015, tinha juntamente com a mãe um comércio conhecido nas redondezas: “*Bento deu a eles tudo o que conseguiram... Tudo o que eles tinham foi no Bento... Até dia 5 de novembro, que foi onde a barragem arrebentou e acabou tudo*” (SIDNEI, 2019). Perguntei a ele como era a região na infância, e ele mistura passado, presente, futuro incerto, num discurso marcado pelo desejo de voltar:

Ah, Bento... Estou conversando com você, mas eu vejo Bento normal, como se não tivesse acontecido nada. A gente tinha as brincadeiras da gente. É futebol... No fundo da horta tinha um campo society, a gente tinha o time da rua e o time cascalho. E a gente sempre, no final de semana, encontrava lá com [a] turma pra gente brincar. A gente ia pra bananeira brincar de jogar flecha, montava em animal. Então não tem como a gente esquecer do passado. Tem aquilo, assim, eu nem gosto de falar sobre o Ben... [hesitação] Não... Mexe muito comigo [riso nervoso].

[O que você sente?]

É, tem vez que a gente chora muito por causa do que a gente lembra, né. Como que era, como que a gente vivia. Que você está aqui hoje, você voltou aqui. Eu não posso ir pra lado nenhum. Chego do serviço fico dentro de casa, que não tem para onde andar. E lá, eu morava do lado da casa da minha mãe. Eu saía de casa, atravessava dois passos e caía na casa da minha mãe. Eu tinha um quintal imenso que ia pra horta. Da horta, saía para o campinho, jogava futebol. [...] Encontrava com as pessoas mais antigas, as pessoas mais idosas, e a gente ficava batendo papo. Então não tem como, é, se esquecer do que se viveu lá (SIDNEI, 2019).

As lembranças de Sidnei, assim como as da maioria, são marcadas por forte idealização do passado. Diante de um presente de destruição, há tendência reconstrutora, organizadora da memória em selecionar o lado bom de uma vida que não volta mais.

Uma das tristezas que fazem Sidnei não saber se deseja de fato uma casa no reassentamento é o fato de que sua mãe não quer mais voltar para lá, e sim continuar em Mariana. Ela perdeu dois filhos após o estouro da barragem – tiveram quadros de doenças crônicas agravados por depressão. Sidnei (2019) lamenta:

Você sai e vai pra um outro lugar que você não conhece os vizinhos. Não são as mesmas pessoas que tinha aquele contato, aquela intimidade toda. Tudo muda. Eu acredito que não vai ser a mesma coisa, não [...]. Minha mãe... Quem é a minha vizinha é a minha mãe. Minha mainha não vai voltar.

É a consciência da irreversibilidade, de um passado que não volta.

Um pouco mais para frente, quando pergunto sobre tradições do Bento e sobre as festas da igreja, Sidnei volta ao assunto de não “*ter como esquecer*”, como se fosse uma luta constante para manter viva aquela vida. É por isso que ele retorna sempre a Bento sozinho e como integrante do grupo Loucos por Bento Rodrigues, de que falarei adiante.

As lembranças que às vezes a gente lembra e... Chora um pouco. Fico no canto, mais calado também. Chorando, mas no meu canto, sem demonstrar muito. Eu estou trabalhando também... Já lembro, paro, choro um pouquinho. Mas é... Isso é a gente nunca vai esquecer. Por mais que passe

tempo, passa ano, a gente... O sentimento vai ser o mesmo. Não vai ser porque a gente está morando no reassentamento que a gente vai esquecer do que a gente viveu. [pausa]

[É parte da sua história, né?]

Ah... Ai está a vida da gente. A história da gente toda está ali. Por isso que a gente, eu principalmente, frequento, gosto mesmo muito de lá. Por mais que tenha esses problemas que surgiram de agora, ainda não vou ignorar, ainda vou lá. Porque não tem como. Se minha sogra é de Santa Rita, eu vou pra Santa Rita, não tem como não passar por Bento. Entendeu? Pra ir pra Santa Rita, eu tenho que passar no Bento. Toda vida foi, e vai ser assim até o final. E a gente vai brigar por aquele lugar ali o quanto a gente tiver saúde, tiver vida também. O que a gente puder fazer por aquele lugar ali a gente vai fazer. Não vamos abandonar nunca. É por isso que tem a turma dos... dos doidos, né. Então é... vai ser desse jeito (SIDNEI, 2019).

Para Sidnei (2019), não lhe importam as coisas. Há momentos em que sua fala melancólica, de saudade e desejo de voltar, se transformam em inconformação, raiva, indignação: *“Raiva mesmo é de ter saído do Bento. [pausa] É o... Pra mim, foi a pior parte. Graças a Deus a gente não perdeu ninguém, mas saber que você perdeu o Bento, o lugar que você nasceu, que tem toda a sua história, é... [pausa] Eu, eu tenho raiva da Samarco”*.

*

Na visão de Assmann (2011), a ruína marca também a separação entre a terra que um dia pode ter sido “local das gerações”, que caracteriza sociedades rurais ou arcaicas, que existe no vínculo duradouro entre grupos e uma terra, prolongado por meio de tradições culturais, e o que a autora chama de “local honorífico”, lugar marcado pela descontinuidade, onde se evidencia ruptura entre passado e presente, ruptura que ocorre muitas vezes de forma violenta. Nessa perspectiva, as ruínas cristalizam os restos das histórias perdidas, que só estabelecem vínculo com o presente por meio da tradição oral. Essas lembranças que se constroem mediante a contemplação do Bento destruído têm caráter de ruínas.

A tradição narrada é capaz de dar sentido aos restos e, se não existir, relega-os ao esquecimento. Os locais da recordação

são fragmentos irrompidos da explosão de circunstâncias de vida perdidas ou destruídas. Pois, mesmo com o abandono e a destruição de um local, sua história não acabou; retém objetos materiais remanescentes que se tornam elementos de narrativas e, com isso, pontos de referência para uma nova memória cultural (ASSMANN, 2011, p. 328).

Nesses espaços se reconhecerão no futuro vestígios de um passado que se torna normativo para seu próprio tempo e, por isso, deve ser lembrado. É dever, é necessário. A autora nota que deve haver cuidado, porque na memória dos locais pouco resta após grandes destruições. As feridas abertas no espaço, nas construções, assim como na pele de quem se

fere, se recuperam aos poucos, se tornam cicatrizes. Uma nova vida vai surgindo no compasso do mato que cresce sobre as ruínas. É necessário grande esforço para preservar o espaço vazio, a destruição. Podar o mato, deixar transparecer os esqueletos de pedra.

Halbwachs (2012) uma vez refletiu que a separação entre o mundo sagrado e o profano se dá no espaço. Ele dizia que o fiel sabe que nos cemitérios, templos, igrejas pode entrar em contato com comunidades visíveis, mas também com uma realidade imaginada, lembrada. É um mundo de ideias e lembranças que se converge no solo sagrado.

Há a necessidade de voltar às ruínas daquilo que um dia foi para que as histórias sejam retomadas e os sentidos e afetos restabelecidos, ainda que reformulados. Quando os sábios humanistas da Renascença voltavam à Roma, buscavam no passado invisível o sentido do presente. Assmann (2011) transcreve um trecho de uma carta de Justo Lípsio de 1578 pouco antes de ir à Itália para estar diante de muros e solos sagrados. Uma passagem me chama a atenção: “Pois aqui não chegam somente ao espírito, mas quase aos olhos, aquelas grandes personalidades, e pisamos o solo que elas mesmas tantas vezes pisaram” (ASSMANN, 2011, p. 329).

Marquinhos, personagem da etapa seguinte, é aposentado da Samarco, mas considera-se agricultor e criador de gado. Com os olhos cheio d’água, me mostra uma foto do lago que cresceu sobre o que um dia foi a sua casa e a casa de seus pais e me diz em entrevista:

A casa onde eu fui criado eu não consigo pisar mais. A casa que foi dos meus avós eu não consigo pisar mais. Onde a minha filha pisou ela não pisa. E daqui pra frente, quantas gerações que vão vir que não pisam mais? [...] Hoje, eu estou aqui pra contar. Mas até quando eu vou estar? (MUNIZ, 2019).



Figura 28 – Um sofá e uma jabuticabeira
Fonte: primária

3.2 OCUPAR, RELEMBRAR, RESISTIR: OS LOUCOS

Depois de duas horas e meia percorrendo as ruas que ainda podem ser pisadas, a visita chega ao fim. Rosângela e Marlene reclamam de sede, o sol a pino queima, a poeira resseca a garganta. Nossas garrafas de água estão ou vazias ou com líquido quente. As mulheres têm de voltar à cidade para fazer almoço. Diante do carro estacionado sob o sol da parte alta, uma casa com janelas remendadas chama a atenção. Ali há um churrasco em andamento. Rosângela entra, cumprimenta o grupo de moradores, que conversa na varanda, pede que encham as garrafas e desaparece com uma amiga para o interior. Eu peço licença e me sento em uma beira de tábua, olho uma criança jogando cartas com a mãe, me sinto uma peça fora do lugar. Puxo alguns assuntos, sem muito retorno. O grupo passa ali o fim de semana. Na rua, há uma caminhonete com um colchão. Um homem retira dela um gerador e leva-o para dentro. Há música, eles bebem e conversam.

“*O homem destruiu a natureza, mas ele vai pagar por isso*”, diz Mônica (2019), em cuja camisa há a foto de uma casa em lugar rural cercada de árvores, com a inscrição: Loucos por Bento Rodrigues. É a imagem da casa dela antes da lama. Mônica é uma das líderes do grupo criado em 2016 por 18 moradores na época da Festa de São Bento. Os amigos queriam comemorar a data tradicional da comunidade e resolveram voltar ao local, escondidos, para

soltar fogos. Passado o dia, perceberam que precisavam de um acesso seguro e rápido ao distrito e decidiram reerguer uma ponte destruída sobre o Rio Gualaxo do Norte. Desde então, nunca mais deixaram de ir até lá. A ideia foi assegurada na justiça: os Loucos têm autorização de frequentar o local nos fins de semana, nos feriados e nas quartas-feiras.

A casa onde Mônica está pertence a Teresinha, sua tia, e tornou-se local de encontro. Os Loucos cimentaram novas janelas, aparafusaram portas, levaram fogão, painéis e outros móveis. Nos fins de semana e feriados, dormem ali. Buscam água na bica da santa para cozinhar, beber e tomar banho, já que não há mais abastecimento de água ou luz elétrica. O desejo de cada um é dormir em suas próprias casas, como me conta Mauro (2019), sentado no degrau da escada, mas elas não existem mais. Dividem-se, portanto, entre a casa de Teresinha e outra menor, de Eva, do outro lado da rua. Ficar juntos é uma forma de preservar os laços de comunidade e amizade, valores, traços de identidade, relembrar histórias, dar sentido de continuidade por intermédio do convívio social. Os mosquitos voam sobre nossas cabeças, são muitos, e estão infestando também a cidade: o homem vai pagar por isso, alerta Mônica. *“Pena que não atingem as pessoas certas. Essas aí são protegidas por um varal de dinheiro”*. Ela puxa um brinde, os amigos saúdam.

Quando pergunto como é ficar por ali com poucos recursos, Mauro (2019) responde: *“É como antigamente”*. Semanas depois, em novembro Mauro me descreveria como foi o processo de criação do grupo:

Foi em outubro de 2016. Queríamos soltar fogos da Festa do São Bento, mas eu falei: “Aqui [em Mariana] a gente não pode soltar os fogos de artifício. Eu vou soltar os fogos lá no Bento no dia mesmo que a gente realizar a festa de São Bento”. Maria mais Mônica falaram: “Não, você não vai sozinho, não. Nós vamos com você”. Nós começamos a falar meio escondido, porque era proibido entrar, tinha uma interdição da defesa civil, corpo de bombeiros. Fomos lá sem poder espalhar. “Nós vamos ter que ir escondidos”. Mesmo escondidos, conseguimos levar 58 pessoas. Passando por cima de pedra, porque não tinha acesso, por cima do rio, pulando o rio. Aí a Mônica falou: “Ah, o meu sonho é dormir aqui no Bento uma noite”. Começamos: “Vamos ver se um dia a gente vem pra dormir”. Em outubro de 2016, fomos passar uma noite lá. No outro dia, que tinha a missa, falamos que nós estávamos passando a noite lá. O pessoal falou: “Ah, vocês são loucos de dormir naquele lugar, vocês são loucos”. Nós falamos: “Somos loucos, sim, mas somos loucos pelo Bento”, aí pegou o nome. “Vamos ficar loucos pelo Bento”. [...] Começamos a colocar janela, porta, vaso, luz na casa da Teresinha, a gente leva uma bateria de carro. Quando vai ficar mais dias, eu levo o gerador. Depois, a casa da Eva, a gente conseguiu que ela emprestasse, a gente vai arrumando. Nós podíamos arrumar outras casas, às vezes até alugar, mas aí vamos perdendo a proximidade. Queremos manter todo mundo junto do jeito que está (MAURO, 2019).

No escritório da oficina mecânica da qual hoje é sócio majoritário, no centro de Mariana, Mauro recebeu-me para uma conversa. Ele mostra-se gentil, calmo, está acostumado a dar entrevistas como representante da Comissão dos Atingidos de Bento Rodrigues e também como uma das lideranças do Loucos Por Bento. Seu pai, seu Filomeno, de 86 anos, é uma das

figuras centrais do lugar. Em sua casa havia um pequeno museu com a história do time de futebol São Bento. Eram troféus, medalhas e uniformes, fotografias. Seu Filomeno também tinha apreço por passar adiante causos que ouvia dos mais antigos⁸. Assim como o pai, Mauro parece-me ter compromisso com a memória dos antepassados, vontade de narrar, de explicar que ele não apenas perdeu a casa onde morava, mas um lugar emblemático, habitado – que ele saiba – pelo menos desde a geração de seus bisavós.

“Eu sou descendente de escravos, então a história de Bento se mistura muito com a história da minha família. Porque onde tem uma pedra⁹, onde tem uma igreja tem parte da minha família” (MAURO, 2019), disse-me ele logo na segunda resposta. Há nos tijolos sentido de continuidade. Foi em Bento onde ele diz ter aprendido os princípios que considera fundamentais de sua identidade: respeito, honestidade, apreço pelas pessoas mais antigas, amor pelo futebol. É esse lugar que constrói quem ele é durante a narração da própria vida. Pergunto sobre o antepassado mais antigo de que se lembra. Desejo aprofundar as histórias da família.

A minha avó Dercília. Dercília de Conceição Silva. Ela faleceu em 1987. Em março de 1987. Se não me engano, ela nasceu em 1700 [1900]... 1707 [1907], me parece. Ela contava muitas histórias. Minha infância foi vivida muito lá com ela, porque meu pai trabalhava na Mina de Alegria, era Samitri à época [...] e, nos finais de semana, era com a minha avó [...]. Praticamente todo meu vínculo de infância foi em Bento Rodrigues. Então os princípios de respeito, de honestidade, eu aprendi tudo com minha avó, meu pai e minha mãe. Além dos amigos que eles tinham, na roça tinha esse negócio: mãe de um, pai de um, é pai de todos! Chamava atenção, corrigia, tinha autonomia pra isso. Então o vínculo com as pessoas mais antigas... Hoje eu tenho um apreço muito grande pelos mais experientes, meu pai, seu Geraldo Marcolino, que é o senhor mais velho de Bento, está com 88 anos. [...] O Raimundo, o Antônio Cabeção, o Juca Barbosa, pessoas que a gente tem um apreço muito grande, porque através dessas pessoas que eu tive os amigos, tenho os amigos de infância, e esses amigos são amizades duradouras, que eu tenho certeza que quando a gente estiver velhinho a gente vai sentar, como a gente senta lá em Bento, pra contar casos (MAURO, 2019).

Casos como as lembranças de Dona Dercília, benzedeira tão respeitada que a policlínica inaugurada pela prefeitura leva o seu nome. Na época em que não havia médico, Dona Dercília benzia o pé torcido no futebol, fazia reza de Santo Antônio, reza do Sagrado Coração de Jesus:

Tinha um conhecimento muito grande através das ervas. Cachaça com arnica, carqueja. Então, era muito conhecimento pra uma pessoa... Eu não entendia como funcionava, porque ela colocava um novelo todo enroladinho com a linha em cima onde estava com a dor, ia passando a agulha assim e fazendo uma oração, aí a dor sumia, a gente não entendia [risada] (MAURO, 2019).

⁸ Filomeno foi identificado no livro-reportagem de Cristina Serra (2018) como historiador de Bento Rodrigues, mas seu filho desconhece essa nomenclatura, apesar de reconhecer no pai essa função.

⁹ Existe em Bento Rodrigues um muro de pedra centenário que cercava parte da Estrada Real. Hoje, parte dele está submersa. Por insistência da comunidade, a Renova colocou uma rede de proteção na parte que resiste seca.

Mauro espanta-se ainda hoje com a sabedoria da avó, que era capaz de pegar uma mentira de menino no ar. Ele conta que, desde a inauguração da barragem de Germano, em 1977, dona Dercília não deixava nenhuma criança mergulhar no córrego de Santarém – na época, Rio Gregório. Ele e os amigos nadavam escondidos, pelados, para não molhar a roupa. Mas, quando chegavam em casa e ela batia o olho na pele deles, era bronca na certa. Por muito tempo ele não entendeu, mas acha que a pele tinha um brilho diferente, ficava ressecada. O “*rio de trás*” recebia pó de rejeito contaminado¹⁰.

A história lembrada da vida, mais bem exposta no capítulo seguinte, é cruzada pela relação com a mineração. A descrição do perigo iminente diante de algo prejudicial que vinha sendo realizado na mineradora perpassa por seu discurso construído em um presente destruído – algumas situações do passado retornam para Mauro como indícios da ação criminosa de longo prazo, fundamentando também seu lugar de luta. Na narrativa do acontecimento, quem foi atingido (e teve a vida destruída) está do lado certo da história. A tradição e a memória dos antigos legitimam reivindicações sobre o território, asseguradas também pelos termos jurídicos. Dizer que sempre houve uma situação de perigo é também reforçar a necessidade de justiça.

A Samarco chegou na região na década de 1970. Então, por direito, quem tem que sair é quem chega depois e está incomodando o outro. Então são anos, anos, anos aí que a gente tá lá no local. Às vezes, muita gente costuma questionar: “Por que vocês não saíram antes, se tinha barragem?”. “Mas não foi nós que construímos nossas casas embaixo da barragem, foi a barragem que foi construída em cima das nossas casas!” (MAURO, 2019).

Preciso contar uma das histórias que funcionam como eixo fundador de quem Mauro afirma ser hoje, que diz respeito às pressões impostas pela mineradora à população local, de longa data. Mauro sempre teve uma missão, desde os 7 anos de idade: abastecer a casa de seus pais e de seus avós de lenha. Conta que ele e outros amigos encarregados da mesma tarefa se divertiam mato adentro depois da escola: “*Era mais uma brincadeira do que um trabalho*” (MAURO, 2019). Quando moravam na comunidade da Vila Alegria, que abrigava trabalhadores da antiga Samitri, ele pegava lenha em uma floresta que ficava embaixo do depósito de empilhamento a seco de rejeitos de minério de ferro de uma das minas da então Samitri¹¹. Ele conta que, quando chovia, era comum haver deslizamentos na região:

¹⁰ Essa história vai ser contada no próximo capítulo, por meio das lembranças da tragédia. A ideia é mostrar que não apenas foi o dia, mas foi há muito tempo uma situação instaurada. Um antes, um durante e um depois.

¹¹ No *site* da Vale, explica-se que o empilhamento a seco é a forma mais ecológica de descarte de rejeitos de minério. A empresa investiu R\$ 60 bilhões nessa tecnologia nos últimos dez anos e, segundo ela, a meta é que até

O sistema de rejeito era a seco, era através de bota-fora. Aquilo que não servia... ela ia empilhando o minério mesmo na natureza. Não tinha a fiscalização que tem hoje dos órgãos ambientais. Então, ela ia jogando em cima da vegetação. A vila que a gente morava era embaixo e o morro que ela fazia o bota-fora. Então ela foi depositando minério, depositando rejeito. Quando chovia, aquilo dava uma avalanche de terra, de lama mesmo, virava uma lama. Em 1980, eu buscava lenha lá na Vila de Alegria. Tinha chovido uma chuva igual a essa que deu hoje à tardinha. A chuva parou, meu amigo falou: “Ô, Mauro, vamos buscar lenha, aproveitar que a chuva parou”. Eu falei: “Ah, eu não vou, não, porque é lá pro lado do bota-fora. Eu tenho medo daquele barranco descer”. Ele: “Vamos esperar que amanhã a gente vai”. Aí a minha casa era do lado da escola, a casa dele era na rua seguinte, ele foi embora. Cheguei em casa, fui tomar café, ouvi um barulho. Corri pra janela pra ver, era o aterro descendo, mas era muita coisa. Falei: “Nossa, ainda bem que nós não fomos buscar lenha, porque o aterro desceu”. Quando foi à noite, era umas 19 horas mais ou menos, começou aquele zunzum. Eu fui na janela pra olhar: “Ah, não, o Floriano tá passando mal, porque ele foi buscar lenha com o irmão dele, com o Evaldo, e o barranco desceu. O Evaldo ainda está lá, acho que a terra tapou o Evaldo”. Aí foi aquele alvoroço [...]. Colocaram várias máquinas, as máquinas trabalharam lá cerca de três meses, e até ontem o corpo do Evaldo não apareceu [voz embargada] (MAURO, 2019).

Adiante, em nossa conversa, Mauro relata que a floresta próxima do Bento onde a população, assim como ele, pegou lenha por toda a vida também era um território sob pressão e risco. Apesar dos problemas, relatados adiante, a missão da vida dele e da de seu filho, por conseguinte, era garantir o abastecimento de lenha à família. Esse fator é importantíssimo para a constituição de si hoje em dia.

Com 7 anos de idade, meu pai chegou pra mim e falou: “A partir de hoje, você que vai manter a casa com lenha, você se vira, tanto aqui quanto em Bento”. [...] A gente ia pro Bento, eu ia de carro à noite, ia passando na estrada, se via uma árvore caída, cortava e levava pra fazer lenha pra minha mãe. Quando comprei a casa lá, primeira coisa que minha esposa falou: “Nós vamos ter que fazer o fogão à lenha”. Aí nós quisemos fazer um fogão à lenha rústico, igual era mesmo lá, foi até a dona Maria, o Zezinho fez de alvenaria, e a dona Maria que revestiu com terra de cupim, aí coloquei meu filho pra buscar cupim no mato, quebrar a terra, vinha fazendo tipo um reboco com essa terra de cupim. Depois minha esposa falou: “Essa terra está sujando muito, vamos passar um vermelhão nele”. Aí passou o vermelhão. Ficou bonito. Foi até a lama levar. Curiosamente, domingo passado a gente foi lá fazer um ato, uma manifestação, aí eu falei pra minha esposa: “Olha, que curioso, o fogão, a gente vê uma parte dele. E a lenha que eu tinha deixado”. Falei: “Ah, vou deixar essa lenha dentro do fogão que no sábado eu chego que vou fazer uma galinha no fogão à lenha, uma galinha caipira no fogão à lenha”. A lenha ainda tá dentro do fogão, tá misturado com terra, com barro, mas ainda tá dentro do fogão, e a casa mesmo não existe, nem uma coluna, nem uma parede. Tá lá só o fogão e a lenha (MAURO, 2019).

A lenha assume caráter eterno em seu discurso. Faz parte de quem ele sempre foi, de quem ele é, resiste ao tempo, apesar das intempéries, da destruição.

2024 70% do descarte de rejeitos seja feito dessa forma. Ver: <http://www.vale.com/brasil/pt/aboutvale/servicos-para-comunidade/minas-gerais/atualizacoes_brumadinho/paginas/processamento-a-seco.aspx>. Acesso em: jan. 2020. Na época do rompimento da barragem de Fundão, especialistas apontaram para o fato de que aquele tipo de barragem era o mais barato e mostraram os riscos da má gestão (POEMAS, 2015), conforme vimos nos outros capítulos.

Mauro conta-me outra história, sobre quando o ato de pegar lenha havia sido ameaçado. Não pelo avanço da tecnologia – a eletricidade ou o fogão a gás –, mas, na sua opinião, pela ganância da Samarco. Ele diz que o terreno em que a família estava acostumada a tirar lenha havia décadas fora comprado pela mineradora nos anos 2000 e cercado. Proibiu-se a extração de lenha sob risco de detenção. Houve vezes, conta, que a polícia foi chamada para impedir que moradores saíssem com grande quantidade de madeira para abastecer suas casas. Quando eu entrevistava Marlene, sua mãe, Maria, de 83 anos, fez uma entre poucas observações a esse respeito. Marlene dizia que a Samarco e a Vale compraram todos os terrenos ao redor de Bento Rodrigues, que se torna um espacinho no meio das mineradoras. Maria reclama: “*Não tinha nem onde buscar lenha mais*”, e a filha complementa: “*Você não podia buscar a lenha, você não podia fazer mais nada*”.

Mauro lembra-se de outro caso em que atribui à Samarco papel de opressora. Seria culpada não apenas pelo dia do rompimento da barragem, mas por outras situações absurdas vividas anteriormente. Não consegui confirmar nenhuma das informações a seguir, nem em pesquisas científicas, relatórios do Ministério Público, ou em reportagens jornalísticas. Compreendo que não seja importante tal comprovação. O importante é o simbólico nessa lembrança, o significado atribuído aos acontecimentos – mais ou menos ficcionais na história narrada da própria vida. Mauro (2019) me conta:

[Você notou se depois da lama teve mais ou menos algum tipo de bicho?]

O que tem aparecido muito é cobra. As cobras aumentaram bem. Mas antes do rompimento da barragem elas já vinham aparecendo. O problema é da Samarco, porque a Samarco comprou o terreno no entorno do Bento e começou a soltar cobra. Aí quando foi, até numa reunião eles orientaram e falaram: “Oh, cuidado quando vocês forem entrar no terreno da Samarco. Primeiro, não é pra entrar, mas, se vocês entrarem, tem cobra, a gente tá soltando espécies de cobra porque a gente vê são espécies da região”. Lá no Bento não tinha cascavel mais, antes de a Samarco soltar, não tinha cascavel.

[Eles soltaram cobra lá por vontade própria?]

Por vontade própria. No entorno do Bento. Aí o seu Antônio Cabeção até questionou: “Mas, oh, vocês vão soltar cobra lá no seu terreno, mas vocês vão cercar? Porque cobra não respeita limite de terreno, ela vai acabar vindo pra perto das casas da gente, porque tem galinha. Cobra gosta de comer pintinho”. Aí não deu outra. Já tinha até na praça mesmo, um dia apareceu uma cascavel grande, enorme, lá na praça. Antes de a barragem romper. E na estrada a gente já tinha começado a ver muito. Hoje, lá no Bento, a gente vê.

[Mas qual a justificativa?]

A justificativa era de povoar a área, a mata, com cobra, com as espécies que tinha na região: era cascavel, jararaca, jaracuçu, cobra-coral, só espécies venenosas e bravas. Então a gente já entendia que ela não queria que a população de Bento entrasse nos terrenos dela. Tanto que teve um dia lá que o pessoal foi buscar lenha, eles entraram no terreno da Samarco, eles tiraram muita lenha. A Samarco foi, levou a vigilância, foi a vigilância da Samarco apreender o caminho e chamou a polícia do meio ambiente, as pessoas até responderam um processo por desmatamento. Então a Samarco, ela sempre agiu de má-fé com a gente. Eu digo de má-fé porque ela fazia as coisas sempre no sentido de prejudicar. Como depois nós descobrimos através do inquérito criminal que está na Justiça Federal que o propósito da Samarco, através desse dossiê que ela fez, como ela não ia conseguir a desapropriação, era ir comprando as grandes propriedades do entorno

e ir comprando as menores, assim ia sufocar com o tempo, entre aspas, aqueles que porventura resistissem sair.

Durante a entrevista, lendas são evocadas, como a das palmeiras-imperiais. Mauro traz à tona histórias da infância, como a brincadeira de sentar no quentinho do capim deixado pela soneca do boi. Relembra o dia do crime, quando saiu correndo de Mariana para tentar ajudar nas buscas, e observa que sua vida foi invertida: antes, ia à cidade para passear, hoje é o contrário. Todo o seu lazer está no deslocamento para Bento Rodrigues. Em 2019, ele conseguiu na justiça a autorização para realizar sua festa de 50 anos no pátio do ginásio – o local não fora atingido pela lama. A Renova foi obrigada a fornecer banheiros químicos, iluminação e água, já que, de acordo com o TTAC, firmado em 2016 (SAMARCO, 2016), a empresa precisa garantir a realização de festas tradicionais e ações de interesse da comunidade. Compareceram 350 convidados. Mauro conta que os Loucos também fazem ações pela preservação das ruínas – eles consideram-nas parte de sua história. Não aceitaram a ideia proposta pela Renova de fazer permuta – o terreno destruído pelo reassentamento. Eles querem manter viva a marca do crime e, por meio dela, preservar a história da comunidade.

O que a gente vive lá em Bento, através do grupo dos Loucos por Bento, é sequência daquilo que a gente aprendeu na infância, é o compartilhar, é ser amigo, é lutar junto, trabalhar junto. [...] A gente tem aquela cumplicidade que todos comungam a mesma ideia, que é a preservação da nossa história em Bento Rodrigues. Isso a gente não abre mão. Eles podem fazer museu de território, podem fazer tombamento, podem fazer memorial... Mas a gente permanece lá, não arreda pé mesmo. [...] A gente às vezes senta lá [...] e começa a contar os causos, assim, foi na dificuldade. Todo mundo hoje dos amigos todos têm uma condição boa de vida, todos têm um trabalho digno, todos têm, assim, conseguiram se sobressair na vida. Não ficaram parados no tempo esperando as coisas acontecerem. São amigos que correm atrás. Até hoje a gente corre atrás dos objetivos, das ideias. O principal hoje, pra nós, é a preservação de Bento. A gente briga pelo reassentamento, a gente preza pela vida em comunidade, a gente não abre mão disso, mas também a gente não abre mão do Bento antigo (MAURO, 2019).

Nessa fala, há a tendência de narrar a sua história e a dos amigos como histórias de sucesso, criar lados opostos – o bem contra o mal. É a forma de construir-se diante de uma vida em ruínas, juntar pedaços, ocupar, lutar, manter laços, recuperar identidades perdidas.

O que buscam as pessoas que retornam àquele lugar? O que há ali que move o desejo de lembrar? É ver na imaginação o que não existe mais, como mostram as entrevistas construídas, elas próprias em caráter fragmentário. É reconstruir a si mesmo. As falas entrecortadas, que vão e vêm no tempo, que misturam camadas, revelam restos sob forma de lembranças. São frangalhos de um passado que sobra, remanesce em cicatrizes. Esses cacos do tempo na memória são também ruínas da existência do sujeito que lembra. Diante da destruição daquilo que sempre foi, quem ele é e o que vai se tornar?



Figura 29 – Mangueira no canto da praça e a ideia de que a ordem das coisas foi invertida, Bento Rodrigues (MG)
Fonte: primária

3.3 IMAGINAR, NARRAR EM RUÍNAS: CONTINUAR

Sidnei não sabe para onde vai, quer retornar, limpar o barro, restaurar os pedaços de sua casa, ao mesmo tempo em que chora, ri, tem saudade, tem raiva. Todo domingo, quando vai com a família visitar a sogra em Santa Rita, ele passa por lá: *“Toda vida foi, e vai ser assim até o final. E a gente vai brigar por aquele lugar ali o quanto a gente tiver saúde”*. O mesmo ocorre com Mauro. As emoções e as histórias misturam-se, são ruínas da lembrança. Mauro constrói a ideia de si com base em um passado que tenta narrar como sólido, construído ao longo das gerações. Ele sabe que existe parte dele nas pedras, pois, pela cor da sua pele, seus antepassados foram escravos e, portanto, construíram o lugar. Assim como o bandeirante Bento Rodrigues entrou para a história, por que não os homens que o precederam? Mauro só consegue remontar a genealogia da família até a bisavó, mas a confusão que faz ao dizer a data de

nascimento de dona Dercília (ele diz 1707, século em que Bento Rodrigues foi criado, mas a data correta é 1907) indica, em minha leitura, uma tentativa de consolidar-se no tempo, uma vez que não há mais como fixar-se no espaço. Sua avó era muito antiga, sábia, contava lendas, referia-se a uma época remota, em que todas as palmeiras ainda estavam de pé.

Marquinhos, cunhado de Mauro, tem orgulho em dizer que sua família, Muniz, deu nome à rua em que moravam. Há, em seu relato, o desejo de estabelecer continuidade pela tradição. Marquinhos diz-se indignado por as futuras gerações não poderem pisar na terra onde ele foi criado, não poder retornar à casa dos pais. Em seu depoimento, a figura do pai aparece e repete-se: idealizado, o homem correto, para quem todos pediam conselhos, generoso, aquele que ele quer tornar-se, apesar de saber ser impossível alcançá-lo. Ao mesmo tempo, orgulha-se de dizer que os outros veem semelhança entre eles. Existe certa vaidade na humildade com que se refere ao pai, seu exemplo. Falecido antes do estouro da barragem, o sr. Manuel Muniz não teria aguentado tamanha desgraça, afirma Marquinhos. Se estivesse vivo, morreria ao ver tudo o que construiu ruir. Marquinhos chora do início ao fim da entrevista: *“Meu irmão às vezes fala: ‘Puxa vida, você às vezes parece tanto com o pai, na maneira de agir’. Eu falo: ‘Ah, quem sou eu... Quem dera se eu pudesse ter puxado pelo menos 10% do que era o nosso pai’. Mas eu sei que tenho uma certa qualidade nesse sentido, do lado do meu pai [chora]”*. A deferência, a humildade e a simplicidade também fazem parte do mito do pai e da identidade que busca refazer para si.

Precisamos levar em consideração nessa reflexão, então, a ideia de construção de identidade como inerente ao trabalho organizador da memória. Identidade, assim como memória, é uma construção (individual ou coletiva) que prevê a criação do sentimento de uma unidade física limitada por fronteiras, que podem ser do corpo ou do espaço (real ou imaginado), e habitada por um grupo (comunidade, país, etnia, tribo, gênero etc.). Por meio da lembrança, cria-se um sentimento de continuidade, coerência no tempo. Trata-se da imagem que o sujeito cria de si para si e para o outro (POLLAK, 1992, p. 204). Nessa construção, há o retorno recorrente a eventos do passado que, de certa forma, cristalizam elementos importantes que constituem o sujeito no presente da rememoração. Esses eventos ocupam lugares móveis na memória, podem ter sido vividos diretamente, ou por tabela (os eventos mediados, vistos, contados pela família ou pelo grupo). São também espaços de recordação.

Após serem destruídos, os lugares têm espaço mítico nas lembranças de quem os habitava. Dissemos que os locais validam a recordação por a ancorarem no chão. A continuidade na duração normalmente é assegurada por elementos cuja transitoriedade é menos fugaz do que a do homem. A paisagem, os edifícios, os objetos. Mesmo quando esses elementos

são destruídos, permanecem como âncoras cristalizadas na narrativa da lembrança. A memória enraíza-se temporariamente nas circunstâncias estabelecidas no presente. No caso de um presente de destruição do universo conhecido, as batalhas entre lembrança e esquecimento tomam forma ao redor de raízes imaginadas, imagens. O que faz o sujeito que retorna às ruínas se não tranquilizar-se nas imagens da memória que preenchem o vazio dos espaços? Marlene sente saudade quando olha as montanhas. Marquinho sente “*uma calma*” quando desce até a inundação e vê no espelho d’água o fantasma da sua casa e da de seus pais. Rosângela gosta de mostrar sua “*casinha*” e evidenciar que aquela onde mora hoje não tem tudo de que ela precisa. Mauro senta-se nos degraus que remanesçam da casa da amiga para contar causos e manter amizades que tem a certeza de que continuarão firmes até a velhice.

Eram característicos das sociedades arcaicas os *locais da família* ou *locais de gerações*, como também já falamos, que guardavam modos de vida tradicionais, refletindo uma relação de proximidade com a terra e o divino. Eram (e são, dependendo do território) locais onde membros de uma mesma família nasceram e morreram. O progresso ao instaurar outro regime de tempo e, portanto, de construção e ocupação de espaços não permite mais relações fechadas nem íntimas entre o sujeito e a terra.

Ecléa Bosi (2012) nos anos 1970 escreveu, em diálogo estreito com a teoria da memória coletiva de Maurice Halbwachs, que a sociedade capitalista destruiu suportes materiais da memória, bloqueou caminhos em direção ao passado, apagou rastros, tentando deslocar o velho de sua função primordial de lembrar, de ancorar na memória a sabedoria do grupo e da família. Mas, mesmo com o avanço da modernidade, o velho ainda é sujeito da memória. As sociedades arcaicas, percebe a autora, baseavam-se na estabilidade espacial, na regularidade dos espaços, na continuidade do tempo na porção de terra. O tempo do progresso oprime o sujeito e pauta a rotina pelo horário do trabalho, do patrão.

Bosi (2012) nota que seus entrevistados localizam como primeiro espaço de recordação – e de localização no mundo e na vida – a casa da mãe ou da infância. É o lugar central de onde parte o entendimento do sujeito no mundo: “É o centro geométrico do mundo, a cidade cresce a partir dela, em todas as direções. Fixamos a casa nas dimensões que teve para nós e causa espanto a redução que sofre quando vamos revê-la com olhos de adulto” (BOSI, 2012, p. 435) Na roça, a imagem da casa dos antepassados (ou o solo sagrado em que eles se encontram, o cemitério) é permeada por imagens de objetos pessoais, móveis, divisões, mas sobretudo plantas, árvores, animais, o rio. Os elementos da natureza que estão ali há tempos. Podem ser mais antigos do que a existência de quem se lembra, sustentam o passado contado nas gerações, garantem o contato com épocas que já se foram. Quando a natureza é destruída, há um

rompimento abrupto das relações de memória, para além dos afetos estabelecidos naquele local há gerações. Ao destruir a natureza, a lama da barragem destruiu essa memória guardada nos locais – objeto de disputa por parte desses moradores que retornam constantemente ao Bento e que lutam para manter viva essa relação com os ancestrais.

Observa Bosi (2012) que o velho se lembra com particular emoção por meio de objetos. Cada item guardado conta uma história, capta uma fatia de uma época. O conjunto deles, a disposição no espaço, constrói identidades. “A ordem desse espaço povoado nos une e nos separa da sociedade: é um elo familiar com sociedades do passado, pode nos defender da atual revivendo-nos outra” (BOSI, 2012, p. 441). Os objetos que povoam a memória dão sentido aos que os possuem, assim como as lembranças dos espaços em comum, das histórias da família. São elementos que contribuem para a construção de si, mesmo diante da sensação de que a vida foi destruída.

A casa da mãe, os objetos, a paisagem, as plantas que a cercam povoam a memória de todos os entrevistados. É resultado de um movimento natural de quem lembra, mas também faz parte da dinâmica da entrevista. Eu me mostro interessada em ouvir como era o lugar onde os entrevistados cresceram (os cômodos, o quintal, o que plantavam, onde brincavam, como eram o piso, as paredes, se o local era pequeno, se era grande) e, ao seguir a ordem cronológica, retorno no fim da conversa ao assunto, quando eles descrevem o lugar onde moravam quando adultos. Pergunto sobre diferenças entre os espaços e me interesso pelos detalhes dos locais por considerar importante a dimensão espacial das lembranças na narrativa. É uma forma de fazer o entrevistado se transportar a outro contexto, principalmente aqueles que acreditam saber pouco, ou que sua história não tem valor. Investigar elementos visuais das lembranças é uma maneira confortável de iniciar o acesso ao mundo que queremos recontar. Nas entrevistas, obtive resultados diferentes.

Mauro passou a primeira infância na Vila de Alegria, mas lembra que, depois de ter se mudado para a casa da avó, ao Bento, via que ela estava sempre sendo melhorada, espichada, em construção. Até o dia de a lama passar, seu quarto ainda estava lá, intacto. Ele tinha uma casa própria, bem perto, mas os pais mantinham seu quarto para que filho e neto visitassem nas férias. A casa dos antepassados era a mais alta da região, dois andares, sete quartos. Hoje, resiste em ruínas. Ele se lembra do pé de jabuticaba mais antigo do quintal:

Eu lembro que minha avó tinha um pé de jabuticaba que era o que mais produzia e eu gostava muito de brincar próximo a ele. Quando eu era criança, minha avó falava: “Ah, você gosta de brincar aí, quando eu era criança eu também brincava nesse pé de jabuticaba”. Ela contava. E eu falava: “Mas esse pé já era grande assim, vó?”. “Era, era grande, desse jeito aí”. Isso eu era

criança. Quando a barragem rompeu, eu tinha 46 anos, a minha avó faleceu com 78, então você imagina... Era o pé de jabuticaba que mais produzia no quintal do meu pai, ele tinha 53. Um dia, eu brincando lá falei: “Ah, pai, eu vou ver se consigo chupar uma jabuticaba de cada pé”, e comecei a contar os pés no quintal. Aí cheguei: “Oh, pai, tem 53 pés, eu não dei conta de chupar uma jabuticaba em cada pé, não”. Tanto que isso ajudou quando ele foi fazer o cadastro, porque eu sabia com certeza quantos pés de jabuticaba tinham. Aí a gente brincava.

Ao conversar com Marlene, por exemplo, que insistia em não se lembrar de nada, ela se limitou a dizer que a casa da infância era “*dessas casas antigas, de pau a pique*”. A irmã Maria, em nossa conversa, que ocorreu na mesma casa três semanas depois, mas em uma situação mais confortável, quando a família já me conhecia, descreve-me a casa da infância com mais detalhes e emoções:

Nossa, uma casa linda. A nossa casa era muito bonita lá no Bento. Uma casa grande. A nossa casa já foi até escola. Teve uma época lá que a escola estava muito ruim, aí a prefeitura foi reformar, aí passou. Nós moramos na casa, mesmo assim minha mãe cedeu três cômodos da casa pra ser escola. Então teve um tempo que nós estudamos sem precisar sair de casa.

Na “*porta da rua*”, ela e as irmãs sentavam-se para cantar e ouvir o pai tocar sanfona “*até a gente dar sono*”.

Diferença fundamental nas entrevistas das duas irmãs é o nível de conforto e de intimidade estabelecido entre nós. Ambas viviam o luto pela morte dos maridos, mas no primeiro encontro tínhamos acabado de nos conhecer – Marlene estava tensa, não sabia o que esperar da situação. No outro, semanas depois, me serviram bolo, pastel e café. Maria se soltou, cantou as peças que interpretava na infância. A mãe, dona Maria, também acompanhou os versos, e Marlene, que fazia faxina, preencheu as lacunas da lembrança de uma infância que, a princípio, estava esquecida. Os elementos daquele passado ao Bento, que pareciam enterrados na resistência de Marlene, retornaram com força quando a família cantou em conjunto. Um mundo inteiro reapareceu.

[Que festas que tinham nessa época? Você se lembra de quando você era menor?]

Você fala, no Bento? Nossa, eram várias. Tem uma que eu falo que não existe ela mais, foi há muito tempo, ela acabou. Era uma festa de natal, era a coisa mais linda. A gente fazia tipo um teatro. Lá teve tempo de ter um reinado, coisa que é difícil hoje, nem existe. Tinha época da festa, tinha um reinado que tinha rainha e rei, sabe? Eram muito bonitas as festas. Essa de natal era maravilhosa. A gente participava. [...]

[E aí nessas festas, vamos lembrar mais como é que era? Tinha que tipo de música?]

Ah, eu não lembro muito, não. Eu lembro das músicas do nosso teatro.

[É? E era como?]

Tinha umas músicas muito bonitinhas. Outro dia mesmo a gente estava lembrando delas, deixa a Marlene voltar aqui. [risada] Mas era, sabe, hoje a gente fica lembrando. Ó, Marlene, ela tá me perguntando quais são as músicas do teatro que a gente fazia lá no Bento. [...] Eu era uma borboleta [risada]. Marlene era uma professora. A minha irmã a Cleusa era uma cigana rica. A Beatriz era o anjo. Então todos tinham o seu papel, né, eu cantava uma música...

[Qual que era a música?]

É para cantar ela?

[Se você quiser.]

[Cantando] *Eu sou uma borboleta, eu sou meiga e sou feiticeira, ando voando na sala, procurando quem me queira. Borboleta bonitinha. Saia fora do rosário. Venha cantar belo hino, que hoje é noite de natal. Venha cantar belo hino, que hoje é noite de natal* (MARIA, 2019).

Na sequência, as três relembram as músicas de Marlene e das outras irmãs, acompanhadas pelo assobio das maritacas. Pergunto quem ensinava, como eram as fantasias. Maria lembra os ensaios, os amigos, o cenário. Pergunto onde eram as apresentações da noite de natal. Maria responde: “*Na igreja. A que caiu. A lama levou. A Igreja de São Bento. Era na Igreja de São Bento*”. Marlene sai cantarolando para o banho.

Marquinhos lembra com vivacidade, ou ao menos se esforça para que as recordações do solo perdido sejam as mais nítidas possíveis. Antes de a barragem romper, ele retornava sempre à casa onde morava seu irmão Mauro Célio, herdada dos pais e dos avós. Tinha o hábito de se sentar no chão da sala para pensar na infância por intermédio da fotografia do casamento dos pais, pendurada na parede. Retornava para matar a saudade. Peço para que ele volte no tempo e tente imaginar o lugar na infância, na época em que chegou ali, aos 6 anos de idade. Ele remonta esses lugares imaginados, em ruínas do pensamento, surpreende-se, chora.

[Você lembra como era essa casa antiga? Os cômodos, onde vocês dormiam, o que tinha no quintal?]

[...] *Eu lembro de três pés de laranja, isso aí, uns meses depois. Uns três pés de laranja e a gente olhando, né, as laranjas crescerem. “Mas quando nós vamos chupar uma laranja?” Eu lembro de três pés de laranja, a laranja comum, mas pés de laranja muito grandes. E alguns pés de jaboticaba, mas pequenos, e não tinham, assim, muitas plantações, não. Porque era alugado, até mesmo pra uma pessoa da companhia, aí depois que a gente foi morar lá, o pai foi ajeitando, fechando melhor... Fechando pra estar plantando, entendeu? E assim, quando rompeu, nesse período ainda mesmo que o pai estava vivo, eu nunca parei para comparar... Até foi bom você fazer essa pergunta: se a lembrança que eu tenho logo que chegamos com o que tinha nessa horta. Eu falava: “Nossa senhora, evoluiu demais da conta”. Porque todo o espaçozinho que tinha o pai queria plantar alguma coisa. Ah, saiu uma mudinha, a pessoa chupou uma manga, pôs o caroço ali e ele brotou. Ah, vou plantar aqui um abacate da mesma forma. Ah, aqui eu vou plantar uma banana. Ah, esse espaço aqui eu não vou por árvores frutíferas, mas vou deixar o terreno livre pra eu plantar uma planta que dê em pouco tempo, por exemplo, um milho, um feijão, uma mandioca, e por aí a fora. [...] Até por esse lado eu puxei muito ele. Se eu for na sua casa, você tem uma, por exemplo, um pé de fruta lá, mas eu não conheço, comi e, uai, vou levar essa semente pra mim plantar. Às vezes, debaixo lá caiu uma sementinha e plantou, “me dá a muda”. Eu sempre fui assim também. Os espaços que eu tinha na minha propriedade em Bento, que eu tenho duas, não vou dizer que tinha, não, eu tenho, tá lá debaixo de lama, mas vou dizer que eu tenho, todos os espaços eu gostava de estar plantando.*

Marquinhos defende a preservação das ruínas. O desejo dele é que um dia o dique S4, que inundou sua casa, seja esvaziado¹². Ele diz que precisa continuar com a referência de onde cresceu, de onde criou sua filha, de onde construiu tudo o que tinha por mais de 40 anos. Para ele, quem consegue ver a base do terreno tem sorte, porque tem do que se lembrar. Ele, por outro lado, tem medo de esquecer. Nem nas ruínas consegue tocar.



Figura 30 – Marquinhos e a filha na horta de casa, em Bento Rodrigues (MG)
Fonte: acervo pessoal de Marquinhos Muniz

“*A vida que eu tive e o futuro que eu ia ter acabou com o Bento*”. Marquinhos foi por 26 anos operador de máquina da Samarco. Trabalhou até o dia 4 de dezembro de 2014 nos arredores do mineroduto. Sua função era fazer com que os aparelhos funcionassem a pleno vapor, para que o minério de ferro pudesse ser escoado pela tubulação sem interrupção. Ele, no presente, descreve seu eu do passado como um homem que não era livre, que cumpria o horário de trabalho, mas mantinha a cabeça em sua terra. Diz-se, portanto, agricultor, criador de gado – ele planta e colhe desde que se entende por gente. Sua devoção às terras do pai e às dele próprio – vizinhas – pulsa. Uma vida dedicada às criações, à plantação, aos pés de planta, à melhoria da casa. Depois que desliguei o gravador, Marquinhos ficou uma hora me mostrando fotos, se lembrando de novas histórias.

¹² Em 2017, a Samarco concluiu a construção do dique S4, que inundou 50 casas da parte baixa de Bento Rodrigues. A obra, aliada a outras duas – o dique S3 e a barragem de água chamada Nova Santarém –, integrou as medidas consideradas essenciais pela mineradora para manter a segurança do complexo de barragens na localidade. Terminado o processo, a Samarco entrou com pedido para retomar suas atividades impedidas pela Justiça. Em 2019, a empresa voltou a extrair e exportar minério de ferro em Mariana.

Anoto no caderno de campo: as entrevistas vão além do que marca o gravador. O tempo da memória não se limita à primeira nem à última pergunta de uma entrevista. Quando apertamos o botão de desligar, a pessoa relaxa, outras lembranças vêm à tona, sem a preocupação de parecer formal, acertar as palavras, passar uma mensagem, entrar para a história, como ele mesmo descreve. Marquinhos continua em reminiscência. Fala por mais uma hora, mostra fotos. Imagens de sua casa antes (são duas) e depois da lama. Diz-me: *“Às vezes eu vou lá, sinto que tem algo faltando. Preciso ir onde era a minha casa. Se vou no Bento, na Igreja, na casa de Teresinha, e não vou lá em casa, não é a mesma coisa. Quando chego lá, sinto uma calma”*. O que ele hoje entende por casa é o lugar de onde olha o espelho d’água.

Marquinhos conta que no primeiro dia em que conseguiu voltar ao Bento depois da lama levou uma pá. Cavou bem fundo, mais de 1,80 m, não encontrou o piso da garagem nem o piso de casa. Chorou. Decidiu fincar um pedaço de pau no buraco cavado, com um saco na ponta. *“Aqui é a garagem. Preciso saber onde era a minha casa, não posso perder a referência”*. Procurou seus pertences, nada encontrou. Quando o dique S4 da Samarco começou a inundar a parte mais baixa, viu que perderia acesso às ruínas. Fincou um cano de PVC no lugar do pau – achou que resistiria por mais tempo. Durou alguns meses até se perder por completo. A fotografia exibida na Figura 31 é tudo o que restou. Ele me mostra a imagem. Eu pergunto se posso fazer cópia com meu celular. Diz que sim.



Figura 31 – “Onde era a minha casa em Bento Rodrigues hoje está assim. Revoltante”
Fonte: acervo pessoal de Marquinhos Muniz

*

Essa busca pelas referências da casa soterrada – Marquinhos cava um buraco para encontrar suas raízes – dá-se no ambiente físico, mas também no imaginado – na entrevista, ele conta com detalhes como era o território desde os tempos de criança, quando um único pé de laranja existia no quintal, fala sobre a evolução do trabalho mediante o esforço empenhado pela família em acordo com os ensinamentos do pai. “*Todo o espaçozinho que tinha, o pai queria plantar alguma coisa*”, lembra e segue: “*A pessoa chupou uma manga, pôs o caroço ali e ele brotou*”. A rememoração é processo constante de afirmação de quem ele foi, de quem ele é, de quem ele será. Diz muito sobre as conexões íntimas entre identidade e memória que podem ser pensadas pela entrevista de história oral, metodologia apropriada e adaptada nesta tese, conforme expliquei em método e pensamento, no capítulo 2. É um momento em que a pessoa constrói identidades diante de si e também diante do entrevistador. Trata-se de uma dinâmica de troca, em que o trabalho da memória molda identidades, assim como identidades moldam os enquadramentos da memória.

Halbwachs (2012) notou décadas atrás que, por o indivíduo ser social, sua percepção do mundo é interposta por correntes de pensamento construídas coletivamente: o sujeito está inserido em um grupo e é nessa coletividade que ergue filtros por meio dos quais ele enxerga e percebe o mundo. Quando ativadas, essas correntes levam por associações de ideias o sujeito a acontecimentos passados que podem ter sido vividos por ele diretamente ou, como prefere chamar Pollak (1992), “por tabela”. A memória é fenômeno construído socialmente, constituído de disputas e, “o que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” (POLLAK, 1992, p. 5). Identidade também é conflito e sua unidade se estabelece no presente, pela busca por referências sólidas no passado. Memória e identidade são “valores disputados em conflitos sociais e intergrupais” (POLLAK, 1992, p. 5), cabendo especificamente à memória o trabalho de construção de um sentido de coerência, unidade e continuidade no sujeito. Ao narrar sua história de vida, o sujeito tenta estabelecer uma coerência por intermédio de laços entre acontecimentos que considera hoje importantes sobre si mesmo em uma lógica cronológica. Nesse exercício, o indivíduo “tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros” (POLLAK, 1989, p. 14).

Lembranças são móveis e voláteis. Na luta contra o esquecimento e, portanto, na batalha do indivíduo ou da pessoa pela continuidade, é natural que elementos externos aparentemente mais confiáveis do que a recordação sirvam para ancorá-lo na duração (CANDAU, 2012). Como já dissemos no início do capítulo, essa estabilidade é projeção, ficção, mas serve de apoio ao sujeito na sociedade. Marquinhos tem nas fotos que leva dentro do envelope pardo às entrevistas – a imagem do pedaço de pau sobre o espelho d’água e a imagem dele trabalhando na horta ao lado da filha criança – uma centelha do modo de vida perdido, do homem *livre*, que podia trabalhar em sua terra na hora em que quisesse. As fotos preservadas são apoio da memória, auxiliam a conduzir as lembranças e a reforçar sua identidade nesse presente desestabilizado.

A identidade é formada de acordo com um conjunto de valores a que a pessoa se considera pertencente ou em oposição, diz Charles Taylor (2013), de modo que, caso viesse a perder essa referência, em contextos variados, se encontraria como um náufrago. É o que caracteriza a crise de identidade, nessa perspectiva. Marquinhos sente-se à deriva, apoia-se nas superfícies que lhe restam. Imagens, lembranças, as montanhas no horizonte.

Outro ponto importante do pensamento de Taylor (2013) que conversa com esse tópico diz respeito à construção unificada de nós mesmos durante a elaboração de uma narrativa sobre nossa vida. Tenderíamos a buscar no passado elementos que redimam eventos anteriores e que

sejam caros ao nosso grupo, como respeito à vida (direito universal), à integridade (ser íntegro, correto, agir de acordo com o bem), ao bem-estar (felicidade, liberdade, autonomia), à prosperidade dos outros (sucesso). Esses elementos estão muito marcados também na fala de Mauro (2019), que, em um trecho que destacamos anteriormente, fala da necessidade de preservar as ruínas, de reforçar valores de integridade, de buscar o bem-estar no passado e no presente, de destacar o sucesso dos amigos – são todos trabalhadores, pessoas que lutam na vida, assim como ele, que começou como assistente numa oficina aos 17 anos e, aos 50, é sócio majoritário. É importante para Mauro salientar que todos são gente direita, trabalhadora. Essa imagem é construída em oposição, a meu ver, à ideia senso comum que circula na cidade de Mariana de que os moradores de Bento Rodrigues se *aproveitam* da bondade da Samarco¹³.

A dependência financeira da Renova, que deposita valor compensatório mensal¹⁴ para cada família em um cartão com a marca da empresa, diferencia os entrevistados das outras pessoas que moram na cidade e que compram nos estabelecimentos com cartões de banco. Ter de ir a um posto de atendimento da empresa, localizado em área nobre da cidade¹⁵, desperta olhares e comentários. É o que sentem alguns entrevistados. Eles relatam terem ouvido que “*o povo da lama*” ou “*pé de lama*”, como me disse Rosângela (2019a), se aproveitam do dinheiro da empresa, são vagabundos e não fazem nada. Nas entrevistas, os moradores com quem conversei constroem para si e para os que estão em seu entorno a imagem de pessoas esforçadas, trabalhadoras, que não querem viver às custas da empresa; estão nessa situação por culpa da Samarco, não se sentem confortáveis com isso. Rosângela (2019a) conta:

Nos dias do rompimento, a gente teve muita doação. Foi do mundo inteiro, né? Muita doação mesmo, mas depois as pessoas já foram olhando a gente com, com olho estranho. A gente ouvia muita coisa. Os outros falando que a Mariana tinha muita falta de emprego, era por causa do pessoal da barragem. Era nós, né? Bento. Que o pessoal do Bento estava na vida boa, enquanto eles estavam passando por momentos difíceis. Tem uma vizinha mesmo aqui, ó... Ela trabalha na Samarco, e o marido dela, na Vale. Quando a gente veio pra cá, acho que eles ficaram sabendo

¹³ Esse assunto do preconceito permeia as entrevistas. Para além disso, um estudo realizado pelo grupo interdisciplinar Pesquisa sobre a Saúde Mental das Famílias Atingidas pelo Rompimento da Barragem de Fundão em Mariana (PRISMMA), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (NEVES *et al.*, 2018), acerca da saúde mental de moradores de Bento Rodrigues, afirma: “Em Mariana-MG, lócus do desastre, faz-se necessário ressaltar a presença histórica da mineração que, calcada na lógica da exploração, construiu econômica e subjetivamente distintos processos de dependência e relações hierárquicas de poder, inclusive no âmbito do poder público local. Após o crime, tais questões ficaram ainda mais evidentes. Exemplo disso são as hostilizações que os atingidos sofrem na cidade, sendo culpabilizados pelo não retorno das operações da empresa e crescente desemprego” (NEVES *et al.*, 2018, p. 12). Sobre o assunto, ver também Sá (2018), Mendonça (2016) e BBC (2017).

¹⁴ O valor equivale a um salário mínimo, acrescido de 20% para cada dependente, além do valor de uma cesta básica (AGÊNCIA BRASIL, 2019).

¹⁵ Sobre a localização do centro de informação e atenção da Fundação Renova, ver: <<https://www.fundacaorenova.org/noticia/fundacao-renova-conta-com-13-centros-de-informacao-e-atendimento/>>. Acesso em: jan. 2020.

que a gente era... Como diziam eles: “Da lama”. Que aqui a gente tomava nome: “Olha o povo da lama”. Nosso nome era esse. Ou então “os atingidos”. Ela fechava a janela. Teve um dia que eu chorei, menina! [olhos enchem d’água] Nos primeiros dias assim que a gente muda, você quer... Não que você quer fazer amizade com vizinho, porque cidade você sabe que é diferente de roça, né? Roça você deixa sua casa aberta, o vizinho entra, o vizinho sai, aquela coisa toda. Nisso eu cheguei na área ali, aí na hora que eu cheguei na área, porque a área aqui dá de frente pra janela dela, ela foi e fechou a cortina e saiu, sabe? Ó, eu fiquei chateada com aquele trem. Eu falei: “Nossa, Deus! Parece que a mulher viu um bicho na frente dela...”. Fiquei mesmo. Aquele dia, eu... Até hoje eu não gosto muito de falar não. [pausa longa e choro] É ruim falar essas coisas. [pausa longa e choro] Mas aí depois eu já fui acostumando com o jeito dela, eu coloquei uma cortina lá. Quando eu vejo que eles estão em casa, eu deixo a cortina mais fechada.

*

Em quase todas as entrevistas, as pessoas choraram. Pensei que precisaria fazer uma nota a esse respeito. Foram diferentes tipos de choro. Olhando agora, consigo perceber isso. Na hora, talvez impactada pelo turbilhão de emoções que se abria diante de mim, não fiz anotação, mas, relendo as transcrições posteriormente, esses gestos de fragilidade, mas também de força, aparecem com muita clareza. Pessoas que estão sozinhas com seus sentimentos, como Rosângela, na sala sem quadros nem plantas de sua casa, escondem o rosto, tentam calar o sofrimento. Rosângela desarma-se do sorriso tímido e da fala mansa quando conta da humilhação infringida pela vizinha, que a tratou, em sua visão, como um animal. Marquinhos, que chorou sempre que falou do pai, chega a me pedir desculpas, diz que se sentia uma pessoa fraca. Mauro, por outro lado, derramou lágrimas de saudade, seus olhos marejaram quando se lembrou das histórias da avó, do tempo em que era criança. As lágrimas de pessoas que se dizem fortes, como Simone, Vera e Josilma, se revertem em raiva, socos na mesa, gestos bruscos no ar. O lamento é indignação, purgação das emoções.

Aproveito o momento para falar mais sobre estas três mulheres, Simone, Vera e Josilma, que me contaram um dia terem sido frágeis, com dificuldades de se levantar da cama. Choravam escondidas, no escuro. Porém, quando se envolveram na luta política e social no Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), ganharam confiança. Hoje, têm um discurso engrenado, que julga, direciona a tristeza para a raiva, para o protesto, para a reivindicação. Clamam por justiça.

Vítimas de localidades que não Bento Rodrigues recebem menor atenção da imprensa. Muitos pensam que, por isso, também têm menor acesso à assistência por parte da Renova, estão em desvantagem. Encontram na luta política amparo jurídico, emocional e de conhecimento – eles costumam estudar as leis, acompanhar os processos em andamento, cobrar das autoridades e das mineradoras resoluções.

Conheci algumas dessas pessoas acompanhando os protestos na semana do dia 5 de novembro de 2019, organizados pelo MAB¹⁶. Cerca de mil pessoas do movimento foram levadas em caravana para Mariana na época, ficaram alojadas no Centro de Convenções do município, participando de reuniões, rodas de conversa, passeatas, aulas. O MAB, conforme contaram, aproveitou a data para discutir assuntos de interesse de atingidos pela lama da Samarco e pela da Vale, que estourou em Brumadinho, em 2019, mas também outros tipos de situação de deslocamento de populações inteiras por causa de obras de construção de barragens de água para hidrelétrica, por exemplo. Não havia nenhum atingido de Bento Rodrigues nos eventos daquela semana. Meu interesse particular era conseguir uma entrevista com Simone Silva, a principal voz dos atingidos de Barra Longa.

No dia 5 de novembro, a convite de Simone, embarquei em um dos ônibus fretados às 5 da manhã, em direção a Barra Longa, onde os manifestantes começariam a construir por conta própria uma casa para uma família que perdeu tudo. No meio do caminho, a caravana parou em frente à sede da Vale, em uma rodovia federal. Bloqueou o trânsito por duas horas, cantando e gritando palavras de ordem, como: “A Vale destrói, o povo constrói”, “Águas para a vida e não para a morte!”. Após acompanhar a agenda de Simone durante três dias, ela aceitou me conceder uma entrevista, acompanhada de Josilma, de Governador Valadares, que também me contou sua história. Dois dias depois, me indicaram Vera, moradora do Gesteira, que me recebeu em sua casa alugada.

Nos três casos, o engajamento político na luta organiza as lembranças, confere certa força por meio do conhecimento da legislação, move de maneira consciente as pessoas em direção ao futuro. O relato delas sobre o dia do rompimento estará no próximo capítulo, mas faço aqui parênteses necessários à construção do raciocínio da construção da memória em diálogo com identidade, em fragmentos, ruínas.

Simone mora em Barra Longa, não teve a casa atingida diretamente, mas, como ressalta: “*Minha história, minha vida, minha identidade foram destruídas*”. Sua avó morava no Gesteira, comunidade ribeirinha completamente arrasada pela lama. Simone apresenta-se como mãe, professora, atingida, militante, membro da juventude religiosa da Igreja Batista, jornalista (íntegra o Conselho Editorial do jornal dos atingidos, *A Sirene*). Ela é muitas. Diz que, antes da barragem, era tímida, não sabia de seus direitos, submissa em casa e fora dela. Conversamos no restaurante do hotel em que estávamos hospedadas. Simone perdeu a avó e o tio para a depressão imediatamente após a destruição do local onde passou a infância. Josilma,

¹⁶ Mais sobre o encontro, ver MAB (2019).

representante de Governador Valadares do MAB, acompanhou a conversa e também deu seu depoimento.

O lugar era barulhento. Impossível criar alguma intimidade ou imersão ali naquela situação, mas eu as havia seguido em protestos por três dias e, sempre que podia, pedia para conversarmos. Eu disse a Simone que, ao contrário das entrevistas que ela estava acostumada a dar, não adiantava para mim um horário no meio de protestos; precisava de uma conversa mais longa. Fizemos uma entrevista, extensa, porém temática. Atingidas e engajadas, Simone e Josilma desejavam falar juntas, sobre a luta e sobre as perdas, na perspectiva do movimento social. É outra experiência, não menos valiosa, julguei.

Tanto Simone quanto Josilma afirmam terem sido salvas pela luta política. O engajamento no MAB é por onde elaboram o luto. Josilma, por exemplo, estava em depressão profunda, sem sair do quarto, passava todos os dias deitada na cama, em Valadares, após a lama da Samarco destruir sua propriedade em uma ilha do Rio Doce, de onde ela e o marido tiravam o sustento. Ela conta-me que um dia alguém do MAB conversou com ela sobre seus direitos. Ela estava sempre muda. Passou, muda mesmo, a visitar as reuniões do MAB com políticos e autoridades da Renova para falar sobre a situação da região. Perguntei se ela se lembrava do dia em que parou de ficar muda. Ela lembra, com entusiasmo – e acho que é preciso transcrever todo o trecho para vermos como se dá essa mudança entre a pessoa deprimida sem voz à ativista que luta pelos direitos da comunidade:

[Josilma:] *O prefeito de Valadares fala que a água está potável. A minha torneira tem dois filtros, que eu comprei no supermercado para filtrar a água. O filtro fica todo cheio de ferro. A água da caixa vem aquela lama direitinho, como se fosse a lama da Samarco, aquele barro. Então, a gente compra água mineral pra usar, porque eu tenho medo dos dois [marido e filha, que têm problemas renais] agravarem. O meu marido sente dor todo dia. Todo dia eu compro remédio pra dor. Como ele não pode tomar qualquer remédio, compro o Buscopan, pomada de diclofenaco, essas coisas para ele passar no corpo pra ver se melhora. Mas as pernas dele têm marca de machucado de lama, mancha vermelha, rachadura que fica na carne viva no pé. Então a gente, às vezes a gente fica desesperada. Eu entrei em depressão logo depois do rompimento. Fiquei ruim, tomava três remédios de depressão por dia. Aí eu conheci o Guilherme, aí o Guilherme sumiu uns três anos. Depois, o Thiago apareceu, depois eu conheci a Raphaela. Aí não tomo mais remédio de depressão. Eu saio, eu vou no movimento do MAB, eu saio, eu brigo, eu xingo, mando eles irem embora.*

[Simone:] *Fala com ela que o MAB é uma terapia pra nós contra a depressão. Conta pra ela.*

[Josilma:] *Ressuscita. [...] A gente entra no MAB, você tem força pra tudo. Respostas que você buscar e não sabe onde buscar, o pessoal do MAB vai com você atrás dessa resposta. Como que você vai buscar, como é que você vai fazer. O meu marido, hoje, fica em casa, mas ele fica doido querendo vir. Ele falou que a vida dele acabou. Ele não quer mais nada. Ele vai pra ilha, cuida das plantas. Mas as frutas que eu tinha lá, eu tinha laranja, limão, manga, mandioca. Eu tinha muita coisa. Eu tirava dois salários mínimos só das minhas verduras, das minhas verduras. E aí cobria com os peixes também que eu vendia. Hoje, você sente uma coceira na língua quando você come as frutas de lá, sua língua sapeca, dor no estômago. É como se você vivesse a vida inteira pra construir uma casa, uma vida, aí hoje você não tem nada. Você não sabe nem o que fazer. [...]*

[E o que que mudou na sua vida depois que você entrou no MAB?]

[Josilma:] *Tudo [risos]. Tive coragem de falar, tive coragem de expor o que eu estou sentindo. [...]*

[E qual foi o primeiro dia que você teve coragem? Você se lembra?]

[Josilma:] *Eu estava em Belo Horizonte. Como é que chama aquele homem que falou que os pescadores tinham que provar que eles pescavam? Foi minha primeira vez que eu dei um grito com eles. [risos] Como é que ele chama? [estala os dedos]. Ah, esqueci. [...] André. Eu falei com ele. Ele falou assim: que o pescador de subsistência tinha que ter umas pessoas que tinham que assinar por eles. E eles seriam responsáveis por essas pessoas que estavam falando que eram pescadores. Pescador de fato. Porque um pescador tinha que assinar [certificado] para 11 pescadores de fato [atestando que eles também eram pescadores]. [...] Ai teve essa reunião, eu gritei pra ele: “Você é mentiroso! Você é mentiroso! Porque lá na reunião em Valadares você falou que já tinha sido aprovada. Você é mentiroso! Você é cachorro! um safado!”. Eu xinguei tudo. Ai quando teve [reunião] lá em Valadares, o que que eles fizeram? Fizeram lá na Bahia. Como eu não tenho carro, o ônibus só passa lá na padaria às 7 horas. Peguei e falei: “Ah, eu vou à reunião”. O Fábio chegou pra mim, me viu na reunião e já fica inquieto, porque eu xinguei ele. Xingo ele, todo mundo! Ai ele falou comigo que já tinha sido aprovada [a minha situação]. Eu falei: “Pera aí, quem é o superior? Eu estava na reunião anteontem [aumenta a voz] e ele falou que não tinha sido aprovada. Agora você tá falando que foi aprovada? Me fala aí onde está a lei”. Hoje, vocês não me passam pra trás, não. “Ó, gente, é mentira. Isso aí que ele está falando é mentira, é só pra embromar vocês.” Não! “E outra, vocês estão falando pro pessoal que tem água potável para beber, por que é que vocês trazem água mineral de onde vocês vêm? Vocês têm que beber a água que a gente bebe!” Hoje eu tenho coragem pra falar. Hoje, eu falo. Hoje [dá ênfase], se for pra pisar no meu calo, você pode ter certeza que você vai ouvir. [...] Eu falei pra Raphaela: “É como se você tivesse me pegado lá, eu morrendo afogada, e você tivesse me pegado e: vamos andar, você tem que correr”.*

[Como é que você foi se conscientizando no MAB?]

[Josilma:] *O meu contato é a Raphaela ou o Tiago. É bom a gente ter contato com mulheres. Por quê? Eu ainda não tenho essa liberdade de chegar e expor os meus problemas, ou de amigas minhas, pra um homem. E uma militante mulher é bom, por quê? Porque elas ensinam, explicam e ensinam a caminhar. As vezes, a gente não se abre com homem. Eu mesma custei me abrir. Foi a Joana que começou a me atentar. Ai eu custei me abrir. Eu não falava nada com ninguém, eu não reclamava, eu não falava nada. Eu só participava. Ai eu levava pros meninos, escrevia no papel e dava pra eles. Hoje não, hoje eu falo assim: “Gente, a reunião aconteceu assim. Isso aqui é mentira, não é verdade. E a gente tem que começar a agir. Porque a gente é militante do MAB. A gente não tá sozinho mais”.*

É gritante a diferença do discurso de Josilma da entrevista de Rosângela ou Marlene. Josilma parece saber qual é o seu papel nesse processo, sabe que sua voz não é um lamento solitário e que suas ações não são motivo para se sentir culpada, e sim ressonante, em conjunto. Existe um abismo entre a mulher oprimida, que vive entre seus próprios pensamentos, e aquela engajada na luta social. Entre ambas, há o movimento social e o agente que as fazem acreditar que o que elas sentem é motivo de reivindicação comunitária, está amparado judicialmente. A transformação da mulher deprimida em sujeito que tem voz e xinga, sem remorso, não é óbvia e por isso precisei evidenciá-la.

Josilma come frutos da plantação contaminada pela lama de rejeito. “*Pinica[m] a língua*”, ela conta, não têm o mesmo gosto. Ela bebe a água que abastece a cidade, que a prefeitura atesta ser limpa. O marido e a filha estão doentes, com problemas renais. O marido fica com a barriga inchada, pressão baixa, desmaia toda vez que volta à casa, tem feridas nos pés e nas mãos que não cicatrizam. O casal tirou a lama no braço, cavou em volta dos pés de fruta. Josilma tenta ser reconhecida como atingida, enfim conseguiu se fazer ouvir. Ela

incomoda, briga pelos direitos da região nas reuniões. Se há morosidade para os atingidos de Mariana, para quem fica depois de Barra Longa é pior ainda, argumenta.

O caso de Simone é mais conhecido; ela é personagem constante em reportagens jornalísticas. Em 2016, iniciou sozinha uma luta para comprovar que a poeira levantada pela lama que passou no meio da cidade de Barra Longa é tóxica. Sua filha, Sofia, está contaminada desde os 9 meses. Ela tem manchas na pele, tosse, e exames comprovam contaminação por 17 metais pesados. O laudo médico exige o afastamento imediato da menina da cidade e da poeira levantada todos os dias. A prefeitura de Barra Longa usou a lama contaminada para calçar estradas de bairros pobres, como o dessa família. Até novembro de 2019, elas não eram consideradas atingidas. Simone conta que Sofia hoje tem uma infecção no cérebro decorrente da exposição prolongada aos metais pesados. Em abril de 2019, a Renova e o governo do estado de Minas Gerais, como foi revelado em reportagem da Agência Pública publicada no dia 4 de novembro (MACIEL, 2019; MACIEL; PINA, 2019), sabiam do resultado da pesquisa científica da Ambios Engenharia e Processos LTDA, que comprova risco urgente da população de Barra Longa. Nada fizeram a respeito, e a população seguiu adoecendo.

Simone perdeu a avó e o tio por doenças agravadas por quadro depressivo, após o rompimento da barragem. Ela conta que não suportaram a perda da casa, dos animais, das tradições, do sentido da vida com a passagem da lama. A avó dela, enquanto estava viva, alertava nas reuniões da Renova: “*Eu não vou aguentar esperar*”. Por meio do engajamento do MAB, Simone fala em público, se faz ouvir por dezenas de pessoas. Na tarde do dia anterior, quando pegou o microfone no fim da passeata pelo centro de Mariana, paralisou a multidão:

Quem diria que quatro anos depois estaríamos aqui clamando por justiça. Uma justiça que não aconteceu na vida dos atingidos, mas a justiça está do lado da Vale, da Samarco, da BHP. Temos hoje o juiz que é inimigo do povo. Inimigo dos atingidos. Pois ele abre o escritório, decide nossas vidas, no ar-condicionado, sem saber o que nós estamos passando no território. Sem saber que nós somos obrigados a enterrar nossos entes queridos, porque o crime não aconteceu somente no dia 5 de novembro e acabou ali. O crime continua acontecendo todos os dias. Todos os dias é uma barragem que se rompe nas nossas vidas. A reparação não chegou para meu tio Reginaldo, e, no dia 20 de fevereiro, infelizmente a gente enterrou a minha avó também. A reparação não chegou para ela, gente. A reparação não chegou para ela. Nós somos atingidos pela Samarco ali em Gesteira desde 1977, eu sou atingida desde a barriga da minha mãe. Quando eu fui atingida pela primeira vez, eu tava na barriga da minha mãe. A minha avó lutou, resistiu ali, ela foi resistência, ela lutou até o último instante. Quantas vezes ela veio nessas reuniões e falou: “Renova, Vale, Samarco, me reconheçam, eu não tenho tempo, não tenho idade para esperar a reparação que não aconteceu”. Infelizmente, no dia 20 de fevereiro nós enterramos a minha avó também, de novo, gente. Eu enterrei a minha avó e o meu tio. Vocês não sabem o que é passar com o caixão da sua avó na porta da casa dela, no esqueleto da casa dela e parar para ela despedir de uma coisa que nunca mais ela vai ver. E vocês não sabem, gente, o que é quando você chega ali no cemitério e o caixão do seu tio está ali aberto esperando o caixão da sua avó, porque foi três meses. Não deu tempo, gente. É impossível, é inadmissível que essa mineração continue do jeito que está. Nós precisamos de lutar, nós precisamos de resistir. Somos contra a forma como a mineração é feita, mineração que mata, que destrói, que expulsa as pessoas de seu território.

Em nossa entrevista, Simone quis contar que a população de Gesteira, zona rural de Barra Longa, onde vivia sua avó, estava na mira dos rejeitos de mineração desde os anos 1970, quando foi construído o primeiro mineroduto da Vale. Seus avós contavam para ela sobre os buracos feitos na região, destruição das plantações, que ela avalia no presente serem violação de direitos.

Meu avô dizia: “Ó, lá em cima tem um monstro. E se um dia esse monstro estourar, esse monstro romper, ele destrói tudo que está aqui embaixo, ele mata tudo. E tudo que a gente demorou séculos para construir, vai tudo embora em questão de segundos”. E mal sabia meu avô, tadinho, que... ai, ai [chora]... Doze anos após a sua morte a profecia se cumpriu. Tinha um monstro lá em cima mesmo, ele estava vivo. Realmente ele rompeu, destruiu tudo que ele demorou, como ele diz, uma eternidade para construir. E mal ele sabia também, e mal nós também sabíamos, que além de esse monstro levar tudo que a gente tinha, nossa história, nossa identidade, ele ia levar dois entes queridos nossos, infelizmente, que é o meu tio e minha avó...

Simone reclama que a mídia só fala de Bento Rodrigues, mas Gesteira, Paracatu, Ponte do Gama “*foram todas destruídas*”, só restam “*esqueletos*”. Antes, ela conta, Gesteira era “*um pedacinho do céu*”, a casa de sua avó era a “*mais bonita de todo o Gesteira*”, mas reclama: “*A gente só reconheceu a felicidade após o rompimento da barragem*”. Ela conta que retorna para onde era a casa da avó, onde ela cresceu, onde passava o natal e a páscoa todo ano, porém não reconhece nada. Não sabe onde eram a varanda, a cozinha, o quintal.

Vera morava *no* Gesteira, era vizinha de dona Geralda, avó de Simone. Vera nasceu em São Paulo em novembro de 1956, mas foi criada pela avó e por outros parentes nessa zona rural, onde conhecia todo mundo. Era querida, trabalhava na escola pública como merendeira. Por fora, para ganhar dinheiro extra, vendia biscoitos feitos no fogão à lenha, muito diferentes desses do forno normal, que tem em lojas na cidade.

Consegui seu telefone com Simone e fui à sua casa dias depois, no alto de um morro, num bairro pobre de Mariana. Vera cuida da neta, o marido senta-se calado na garagem. Após a entrevista, gravada em novembro de 2019, ela abre potes gigantes de biscoito e me faz provar alguns, com café. Vera conta que nunca conheceu a mãe, que era solteira quando ela nasceu, e deixou que a avó a levasse para criar. A única lembrança que tinha da mãe era uma foto, que a lama levou.

Eu tinha uma única foto da minha mãe. Foi embora. Isso aí eles não vão me retribuir em nada. Foi tudo embora. E eles não sabem da minha história. A minha história... Eu sou filha de mãe solteira. Eu nunca falei “mamãe”. Porque, quando a minha avó me trouxe, eu não falava. Nem lembrança dela eu tinha. Eu só tinha essa única foto dela. Foi embora. Acabou. Quer dizer, acabou a minha história, né? De lembrança de mãe. Eu vou memorizando ela na mente, mas não é como você ver uma fotografia... Foi embora. E hoje a empresa fazer isso com a gente? Te oferecer uma miséria pelos seus danos? Eu sempre falo: “meus Danos, eles não têm preço”. Não tem dinheiro que paga.

Porque o que a gente guarda de lembrança é para sempre. E o para sempre nosso foi embora. Embora debaixo da lama. Está tudo lá enterrado. E eles pedem pra você provar na hora de fechar pra negociar. Eles pedem prova que você perdeu isso. Eu falei: “Da onde que eu vou tirar prova? Pega uma enxada e cava que vocês acham a prova. Só que vocês têm que cavar de lá até no Espírito Santo, porque não se sabe aonde que parou a prova”. A gente acaba sendo grosseiro sem querer ser.

Vera relata que sua avó “era de família de índio, fala que foi pega no laço”. Acabaram “ficando por ali, pegando amor àquele lugar”, a terra-mãe, como ela diz, de onde tiravam o sustento. Ela abaixa a voz e aponta para a garagem, conta que seu marido é agricultor e está deprimido.

Ele perdeu as criações, ele perdeu o emprego, ele perdeu a casa, ele perdeu o terreno onde a gente tinha, a gente tirava os lucros. Ele está com depressão, ele só não demonstra. Eu não sei como que ele não tá lá dentro do quarto caladinho, escondidinho. Isso é uma depressão. Para quem... Para quem tinha uma vida livre... e hoje viver igual um passarinho? Eu falo com ele: “Vai trabalhar, meu filho”. “Não, aqui não tem serviço para mim. Não é meu ramo. Quero voltar para minha terra.” Quatro anos esperando? Isso não é vida, não.

Vera quer me contar a história do Gesteira, diz que lá nasceram muitos professores, engenheiros, gente que se formou fora. Era um lugar direito. O Gesteira já havia sido destruído antes, por uma enchente em 1979, mas, conta-me, por causa da união do povo na época, reconstruíram tudo de novo com material de doação, fizeram tudo em um ano, diferentemente de hoje, que, “essa empresa tão rica, é uma luta para conseguir uma casa”.

Vera estava a um ano de se aposentar do serviço público, a um ano de aproveitar a vida. “Veio a lama e destruiu, levou tudo”. Ela não gosta nem de lembrar. A lama veio e levou a alegria embora no dia do aniversário do seu marido, um dia de festa, de tradição. Em seu depoimento forte, permeado pela raiva, Vera mistura infância com os dias após a lama. Ela quer ver o reassentamento sair do papel, reestabelecer o lugar mais próximo do que era antes, apesar de ter consciência de que há coisas que não voltarão. Sua vizinha, dona Geralda, avó de Simone, morreu de tristeza. Ela acredita que, por meio da luta, virá um futuro melhor: “A gente tem que acreditar”.

A entrevista me deixou com choro preso na garganta. Quando saí de lá, eu desabei.

Ao mesmo tempo em que sofre, chora, fala da depressão do marido, Vera diz que “a gente não vive. Eu sempre falo que a gente é vivo-morto, porque a vida não é em nada igual dentro do que a gente era”. A esperança que lhe resta é conquista da raiva e da luta social. Ela consegue reivindicar, gritar, xingar.

Pergunto a Vera quando foi que ela se envolveu com o movimento. Foi no dia seguinte à lama. O MAB, diz ela, foi uma “ponte” para que passasse ao lugar de “conhecimento” que

ela afirma ter hoje. Essa contraposição do conhecimento que ela tinha e do que ela tem é muito marcante em toda a entrevista. Ele aparece em outros momentos com maior ênfase no próximo capítulo, quando, por exemplo, a entrevistada relata que, durante as enchentes de 1979, que destruíram o Gesteira pela primeira vez, a comunidade não tinha conhecimento de seus direitos, não sabia que podia reivindicar algum tipo de retratação da empresa mineradora, que, na época, teria aberto as comportas de uma represa de água após 48 dias de chuva. A Vera de hoje não é a mesma Vera de 1979¹⁷. A Vera do dia 6 de novembro de 2015 não é a mesma do dia 5.

Eu conheci o MAB na lama, no dia em que eu retornei lá, que eu fui pra ver se eu conseguia algum documento que ficou soterrado, debaixo da lama. Eu conheci o Thiago do MAB. E aí que ele me deu um... Ele foi uma ponte pra eu passar. Porque, sabe, quando você está destruída, sem direção, sem saber, sem entender? Ele sentou comigo e conversou comigo uma meia hora. Ele abriu caminhos. Hoje eu luto, mas eu luto com esperança. Porque eu sei que vai chegar um momento que não tem saída, né?

[E o que que ele te falou?]

Ele falou do direito do atingido. Da pessoa que é atingida por barragem... Falou sobre umas experiências que ele teve de conquista. Eu agarrei com fé e hoje eu vou levando... E tenho fé. E acredito que sim. Porque o pouco que a gente tem conquistado a Samarco não ofereceu de graça, não, foi tudo conquistado por luta. Começando pelo terreno. O terreno que ela nos ofereceu é isso aqui, ó [faz gesto de pequeno com os dedos]. E a gente triplicou ele com a luta. Brigou pra conseguir mais. E conseguimos. Então, assim, o pouco que a gente já conseguiu a gente tem esperança que nós vamos conseguir todos. Basta nós estarmos unidos, né? Unidos e com fé que a gente vai conseguir tudo. Se Deus quiser! [risos].

*

Vimos que uma pessoa que teve seu território devassado, ao buscar novo sentido de vida, busca na lembrança elementos que a ancoram no presente, em um processo de reconstruir-se. Nesse processo, a pessoa tende a recuperar determinados elementos do passado que, na maioria das vezes, são positivos, isentos de disputas e contradições. É uma força organizadora que projeta sobre o passado aquilo que se considera necessário para fortalecer o sujeito do presente. É também imaginação. Na luta contra o esquecimento, observa o antropólogo francês Joel Candau (2012), a continuidade constrói-se por meio de elementos externos ao homem, dispostos ao redor ou nas imagens da memória. Também já observamos que constituem essas imagens objetos pessoais, paisagem, edificações, a história sólida da família (contada há gerações), a terra santa, as comemorações e festejos.

A memória genealógica e familiar é onde se percebe o jogo da memória e da identidade mais facilmente. “A memória familiar é uma memória curta: ela não remonta além de duas ou três gerações. [...] Cada indivíduo sabe que, uma vez que a profundidade da própria memória

¹⁷ Mais sobre a enchente de 1979 em Gesteira, ver Manenti (2015) e Lima, Costa e Aleixo (2018).

não vai além de duas ou três gerações, ele mesmo será totalmente esquecido algum tempo após sua morte” (CANDAUI, 2012, p. 139). Ao recuperar uma memória sobre seus ancestrais, o indivíduo que lembra está assegurando a sua própria memória. A tarefa de lembrar para assegurar a continuidade é também a de narrar. É pela narrativa que elementos do passado são fixados. Após narrada, a experiência é lembrada por meio da evocação de sua própria narrativa; é na linguagem em que as lembranças se cristalizam. Por isso se torna difícil deslocar de um lugar predeterminado um indivíduo acostumado a contar muitas vezes a mesma história. A lembrança cristalizada na narrativa tende a tornar-se símbolo da própria lembrança.

Todavia, como se dá a relação entre narrar e lembrar? Memória e narrativa são fenômenos indissociáveis. Falamos no capítulo 2 sobre a necessidade de dar sentido à experiência vivida por meio da fala, da elaboração da experiência. Falar sobre os eventos dolorosos é dar sentido no presente à dor vivenciada no passado e remontar no nível da consciência os caminhos em direção à lembrança traumática, para que não seja reprimida nem, portanto, recalcada, como escreve Freud (1997b) em “Recordar, repetir, elaborar”.

Para Seligmann-Silva (2000), que estuda a literatura do trauma, o conceito de testemunho desloca o “real” para uma área de sombra, conforme apontei no capítulo 2. O autor assegura que o ser que vivencia acontecimentos-limite é repleto de símbolos culturais transpostos nas narrativas do trauma. A dificuldade de narrar o “vivido” com o “verbal” existe na impossibilidade de aproximar a linguagem do evento. Narrar é sempre representação. Seligmann-Silva (2000) lembra que o trauma para Freud é o que não pode ser assimilado no momento em que ocorre. Posteriormente, por meio da linguagem, o indivíduo tenta dar limites a essa forma amorfa; não fala dela, mas sim a respeito dela.

Gagnebin (2018), em seu *Lembrar, escrever, esquecer*, reflete sobre a história da ferida de Ulisses, contada em *Odisseia*, até que vire cicatriz. Há ali elementos de uma miniodisseia, que perpassa pelas noções de filiação de aliança, de poder da palavra e da necessidade de narração. Aliada ao “motivo da viagem de provações e do regresso feliz à pátria” (GAGNEBIN, 2018, p. 109), a marca no corpo caracteriza a jornada tão comum do herói das narrativas do Ocidente até hoje. A ideia aqui de retomar essa reflexão é demarcar que há necessidade de se narrar a história por trás das marcas da violência, de forma escrita ou falada. Narrar a própria vida configura identidades, que são também transitórias. Narrar diante de ruínas é colar os cacos do passado, estabelecer-se no presente, abrir possibilidade de futuro.

Marquinhos, por exemplo, narra sua história da mesma maneira que me conta a história do Bento que ouviu dos mais antigos da vila. Ele quer fazer um registro. Avalia que não se trata de querer aparecer, como já lhe acusaram. No nosso encontro, de cinco horas, em uma padaria

no centro de Mariana, ele faz esforço profundo para contar o que acha importante ficar para a história. Quem sabe assim, reflete, quando *eu* tiver um filho, vou ensinar para ele que existiu um lugar como Bento Rodrigues, destruído por uma onda de lama. Se de repente meu filho fizer engenharia e for construir uma barragem, ele pode lembrar-se disso e tomar mais cuidado para que ela não se rompa, explica.

Assim como se conhece até hoje a história do bandeirante Bento Rodrigues, que há 300 anos desbravou o lugar, Marquinhos acredita que a história da sua família também pode ficar para a eternidade:

Foi através do ouro que chegou o senhor que lhe deu até o nome Bento Rodrigues, que eles contam. Eu sei disso de ouvir contar. Então da mesma forma que daqui a 200 anos, 300 anos, ou mais, vai estar lá que o Bento Rodrigues no dia 5 de novembro de 2015 acabou dessa forma... Mas tem as ruínas aqui, né. Então eu vejo que é nesse sentido: pra servir, pra mostrar o sofrimento que causou, 19 pessoas que morreram, do sofrimento que nós vivemos, estamos vivendo, vamos continuar vivendo... Até quando? O meio ambiente... Até quando?... O que vai acontecer daqui pra frente? O pessoal adoecendo, entendeu? Eu vejo que é nesse sentido pra ir contando, né..., e ficar registrado [emociona-se].

Culto à ruína e recuperação do espaço destruído, preservando as marcas do crime, são de fato pauta de luta, resistência. Trata-se da transformação da devastação em signo de identificação de um passado que deve ser lembrado (o que antecede o rompimento) e elaborado/transposto (as dores causadas pelo acontecimento, em vez de esquecidas, precisam se transformar em luta para que a vida siga). Espaços são também palco de disputas de memória.



Figura 32 – Inscrição no muro da escola de Bento Rodrigues (MG)
 Fonte: primária

3.4 DISPUTAS DE MEMÓRIA

Na tarde de uma segunda-feira do mês de novembro de 2019, resolvi ir à Casa do Jardim, um casarão colonial que fica ao lado da Praça Gomes Freire, no centro de Mariana, área nobre da cidade. Alguns moradores haviam me chamado atenção para a existência de um museu do crime. Percebi que se tratava desse local. Mantida pela Renova, a Casa propõe-se a ser “um espaço de conhecimento, memória e troca de saberes para os moradores e turistas que passam pela cidade”. Ali, diz-se que é “possível conhecer a história do rompimento da barragem em uma maquete interativa e informar-se sobre as ações de monitoramento da água e recuperação do meio ambiente e das comunidades atingidas”¹⁸.

Entro. Há um filme sobre o trabalho de reflorestamento de áreas atingidas passando à esquerda, nenhum visitante além de mim. Um segurança olha-me e cumprimenta-me. Uma moça mais nova do que eu dá um sorriso. Vejo um totem com tela *touch screen*. Nele está escrito: “Vozes da memória”. Dentro, explica-se: “Depoimentos e relatos baseados em fatos

¹⁸ Informações disponíveis em: <<https://www.fundacaorenova.org/galeria/casa-do-jardim/>> e também em: <<https://www.fundacaorenova.org/noticia/um-novo-espaco-de-interacao-e-conhecimento-em-mariana/>>. Acesso em: jan. 2020.

reais dos atingidos da região”. Baseados em fatos reais, penso, o que seria isso? Há três opções de clique: “A saudade”, “Força e fé”, “Guerreiros”. Nos três casos, pessoas, que parecem atores, pela forma articulada de falar, muito diferente da de gente simples do interior, relatam lembranças bucólicas de sua terra. São apenas voz e texto. As testemunhas baseadas em pessoas reais não têm face nem nome. O discurso saudosista, em todos os casos, é construído em uma estrutura que responsabiliza o indivíduo pela própria situação de luta. A personagem mostra a vontade de fazer algo para seu futuro. “Não quero ficar me lamentando”, diz um deles. A mensagem é: para a vida melhorar, tenho de trabalhar duro, só depende de mim. Há a promessa de um futuro feliz – o desfecho ao homem cabe.

Entendo dois movimentos distintos que dão sentido às ruínas: este, da Fundação Renova, que me parece criar uma história conveniente, amena e articulada sobre o caso; e o movimento pulverizado, dissonante e fragmentário dos moradores¹⁹.

Naquela visita, notei ser recorrente nesse espaço a utilização do termo *tragédia* para se referir ao rompimento, tanto nos totens quanto na maquete interativa e ultratecnológica que, por comando de outro *tablet*, exibe uma projeção de vídeo da água límpida, cujo barulho de correnteza de torneira ilustra a lama saindo da barragem de Fundão, passando por municípios, chegando ao mar. Explicações técnicas do trabalho de reparação são exibidas na parede. O texto é lido pela voz de uma mulher robótica. Há também a mensagem de que o Rio Doce vai ficar mais limpo do que antes, por causa do investimento em saneamento básico na região.

Confesso que fiquei incomodada com a assepsia do local²⁰. A lembrança da poeira e do calor aliada aos relatos dos moradores do grande barulho no dia do rompimento contrastava com o ar-condicionado, o bebedouro de água gelada, a tecnologia digital, as pessoas sorrindo e o uso da palavra *tragédia*, termo que praticamente não existe nas entrevistas que realizei.

¹⁹ Existe uma vasta bibliografia que discute as disputas de memória em monumentos e “lugares” mantidos para lembrar momentos de catástrofes humanas. Essa discussão não cabe aqui. Cito Pierre Nora (1993; 2011), cânone da discussão, que escreve em meio ao embate acadêmico entre história e memória nos anos 1980; Huyssen (2000), crítico do pensamento de Nora que afirma que, no século XX, tanto a musealização quanto os lugares são tragados pela espiral do consumo e do espetáculo; Assmann (2011), que defende a necessidade de se preservar ruínas e locais destruídos por catástrofes humanas em prol de se impedir que situação semelhante se repita; e Endo (2010), que situa a falta de discussão de crimes cometidos pela ditadura militar no Brasil em relação à ausência de lugares destinados a essa memória – falta de discussão não gera conhecimento, e sim silencia memórias da repressão: “As violências reinam no território dos silêncios. A linguagem – única forma de atormentá-las – fica inibida diante da sua força e contundência. Quando isso acontece, fracassamos todos” (ENDO, 2010, p. 18).

²⁰ Um monumento (ou contramonumento, como ruínas) não precisa refletir uma história positiva. Ele pode ser muitos. As ruínas de Auschwitz são um local traumático para os sobreviventes, museu para os turistas, centro de memorização da história polonesa, cemitério para parentes das vítimas, espaço de recordação para quem sobreviveu (ASSMANN, 2011). A aura dos locais traumáticos, destruídos, impactados por violência, não pode ser transmitida por meio de nenhuma mídia. Ela *está*. É necessário lembrar as atrocidades, fazer dos locais marcos da dor, luta para a não repetição da opressão. No Brasil, como aponta Endo (2010), ao contrário, institui-se ser melhor esconder, silenciar, não falar. Ou, quando se fala, fala-se de maneira artificial, superficial e, como aponte, até asséptica. Essa limpeza do sofrimento é uma forma de silenciamento.

Notei – e isto diz respeito à minha experiência de campo – que os moradores não se referem ao acontecimento como *tragédia*. Essa palavra aparece poucas vezes, apenas quando eu pergunto sobre a cobertura da imprensa – e a menção é imediata em alguns casos –; ou quando, no início da entrevista, o entrevistado parece querer dar um tom mais formal, explicativo, distanciado dos acontecimentos. Existe *tragédia* nas notas oficiais do governo, como mostrei na parte 1, no discurso da imprensa, da mineradora. Não entre os moradores. Quando essa palavra aparece no discurso deles, interpreto-a como uma construção de outra voz, inspirada nessa voz-síntese do jornalismo, que metaforiza o cotidiano.

Na entrevista com Sidnei, por exemplo, a única menção à palavra aparece num contexto em que, na minha interpretação, revela uma tentativa de reprodução de linguagem jornalística. Transcrevo:

[Como é que você vê a cobertura da imprensa? Teve gente que te entrevistou?]
O que teve... Mais teve foi entrevista. Eu vejo a imprensa como uma aliada. Porque, se, se a imprensa não mostrar, acaba caindo no esquecimento. Mas como isso foi um crime assim, o maior crime ambiental do mundo. É... Até hoje, graças a Deus, que já tem quatro anos e vira e mexe tem alguma imprensa falando sobre o..., a “tragédia de Mariana”, do rompimento da barragem. Então isso, eles incomodam a própria empresa, né? E eu acho que eu queria que isso acabasse, mas o bom que tem a imprensa que está do nosso lado, entendeu? Tem a imprensa, tem o Ministério Público. Eles me deixam, assim, mais seguro. E que a imprensa continua ainda a divulgar e eu penso assim, se algum dia tiver que brigar por Bento, de alguma forma que a imprensa participe também, entendeu? Que tem a imprensa vindo e aí incomoda muito mais, né? As empresas nunca querem as imagem sendo divulgada nas condições piores, né? Querem sempre ser divulgada na posição positiva, né? Então, é... a briga não acabou.

O uso da expressão “maior crime ambiental do mundo” também evidencia essa tentativa de estabelecer um diálogo com a forma de narrar o acontecimento por parte da imprensa²¹. Um tipo de discurso que não percebi em outros momentos dessa entrevista.

Na entrevista que fiz com dona Geralda, conhecida como Nenzica, moradora de Bento Rodrigues, amiga de Rosângela e Marlene, identifiquei uma única menção à “tragédia” também no contexto de reflexão sobre a cobertura da imprensa. Nossa entrevista foi uma das primeiras que eu realizei para esta tese. Nenzica fazia parte da cooperativa da geleia biquinho, colocou-se à disposição para que eu lhe fizesse uma visita. Cheguei à sua casa no fim da tarde de uma quinta-feira de outubro de 2019. Na casa, que “*não foi comprada, foi construída*” pelo seu pai em 1977, tivemos uma entrevista muito difícil, fria, distante, de poucas palavras. Pensei que não conseguiria usá-la nesta tese. Fiquei com a impressão de que, apesar de ela ter aceitado me

²¹ Afinal, o discurso jornalístico é caracterizado pela hipérbole. Essa é uma das expressões da síntese hiperbólica jornalística a que os moradores se referem.

conceder um depoimento, não queria falar. Ou não conseguiu se abrir. Visitei-a novamente em novembro, conversamos, mas ela não quis gravar o encontro de novo.

Logo no início da entrevista, realizada à mesa da cozinha, onde ela evitava cruzar o olhar com o meu, perguntei sobre a infância, o passado, a relação com Bento Rodrigues. Tive respostas secas. Quando em determinado momento ela surgiu com o assunto do dia do rompimento da barragem, perguntei se estava lá, ao que respondeu: *“Não gosto muito de lembrar dessas coisas, não. Acho que ninguém gosta, né? De lembrar o que passou naquele dia... A gente lembra porque... Sei lá, mas não... Faço tudo pra esquecer. Foi um dia difícil pra todo mundo”*. Diante dessa situação, decidi fazer a entrevista de outra forma. Passei a perguntar sobre coisas que estavam à nossa volta: *“De quem é esse carro, tinha carro lá? Tem passarinho aqui, tinha lá? Vejo algumas flores, sempre gostou de plantar?”* Consegui algum progresso. Nenzica levantou-se, pegou uma cerâmica, colocou em cima da mesa, virou-a para mim. Havia impressa ali a fachada de sua casa em Bento, a sobrinha fez para ela. Perguntei de quem era a casa ao lado, cortada na foto. Foi quando começou a falar sobre a vizinha e a saudade que tinha dela, lembrou o entra e sai na casa, a troca de verduras por cima do muro:

[Quantos quartos tem aqui?]

Três.

[E lá?]

Lá em... Lá no Bento tinha quatro. Eu tenho a foto da minha casa aqui. Não dá pra... Não dá pra ver muito, porque, assim... Passaram muitos dias... A gente nem imaginava, né? A gente nem tirava foto. A gente nem imaginava. Só que passado... Passado muito tempo depois eles me deram a foto.

[Quem que deu essa foto?]

Foi Paula, minha sobrinha. Que fez... Eu tenho ela na camisa e tudo. Depois ela falou comigo: “Eu vou fazer. Numa cerâmica pra senhora, tia”. Aí fez uma cerâmica e me deu. Um dia ela chegou aqui com essa cerâmica.

[...]

[Essa casinha aqui era de quem?]

Era da Aparecida... Casinha verde, né?

[E ela mora aqui perto?]

Não, mora longe. A gente ficou morando longe... Eu passei tempos sem ver ela! Muito tempo mesmo sem ver ela. Ela mora lá perto do centro.

[Você via ela todo dia?]

Toda hora. Toda hora. [risos] A gente via toda hora. Porque a casa dela era mais alta, a minha era mais baixa. Então tinha uma cerca assim... Era uma cerca de bambu, né? E... Aí eu falando com ela que agora... Outro dia mesmo vieram e eu brinquei com ela. Ela veio na porta... Aí passou aqui perto, aí veio na porta... Porque lá em casa a gente fazia almoço, aí: “Não, Aparecida. Porque minha cebolinha tá ruim. Você me dá umas folhas de cebolinha aí?”. Ela também falava comigo: “Nossa, você não tem um ovo pra me emprestar, não?”. Era assim. Mas agora... Diferente. Agora não vamos poder mais fazer isso, porque as casas... Ouvi falar que as casas vão ser todas muradas, né? Ainda entre a minha casa com a dela vai passar uma rua. Então, não vai mais poder... Conversar. Com ela.

[...]

[Mas você já foi lá?]

Não, nunca fui. Eu não sou muito de sair de casa. Não vou na casa de ninguém. Muito... Fico mais quietinha em casa mesmo.

[Você fica com saudade dela?]

Fico... Sim, fico com saudade dela. Mas, assim, não vou, não gosto muito de sair de casa, não. Fico mais quieta em casa.

Nesse momento, Nenzica virou a cerâmica de frente para ela, de costas para mim. Entendi que resolveu fechar a porta da sua intimidade, protegeu a casa e suas memórias. Nas poucas vezes em que ela tocou no tema do rompimento da barragem, referiu-se ao evento como o dia em que tudo “*foi embora*”. Relendo a entrevista, percebi que, sempre que ela usava essa expressão, parecia retornar ao 5 de novembro e a outras situações de perda, que não se dispõe a narrar para mim. Falou que demorou a casar, porque sabia que, se fosse “*embora*” da casa dos pais, eles iriam acabar morrendo, o que de fato aconteceu, poucos anos depois. Disse que morou em Bento por 19 anos, “*de casar até... ir embora*”. Contou-me também que ela tinha 30 vasilhinhos de flores como aquele que eu via: “*Essa época agora já era para gente estar replantando, né? Replantando, porque em dezembro elas florescem. Só que... Foi embora. E aqui não tem muito espaço, porque a minha casa aqui é tipo um apartamento*”. Também usou a expressão para falar de seu papagaio Chico, que, assim como ela, tinha medo de escuro:

[Esses passarinhos são daqui?]

[risos] *É, meu marido tem um canário que canta... Ele canta demais. Canta o dia todo. Desde que o dia amanhece ele já começa cantando. É um canário só, mas ele canta muito.*

[E lá você tinha passarinho também?]

Eu tinha um papagaio. [riso triste] Lá em casa eu tinha um papagaio. E ele foi embora na lama, aí eu... Aí eu não quis mais mexer com... Com isso, não. [corte seco]

[O nome dele era qual?]

Chico.

[E ele sabia falar muita coisa?]

Sabia... Sabia falar. E ele me chamava muito, sabia? Quando era... Quando tava ficando de tarde, assim à noite, ele tinha medo de escuro, aí ele começava a me chamar: “Nenzica, Nenzica, Nenzica!”. Chamava sem parar. Às vezes, eu ficava fazendo hora com ele pra colocar ele pra dentro, pra ele ficar dentro da cozinha... Nossa, mas ele não parava de me gritar. “Nenzica, Nenzica, Nenzica!” Ele ficava num viveiro grande na área, e à noite eu pegava e punha dentro da cozinha. Ele tinha muito medo de ficar sozinho. Aí às vezes eu falo: “Nossa, eu não imagino como que ele deve ter gritado na hora que... da lama”. Mas aí eles falam: “Não, mas não gritou, não, que a lama veio tão de repente que ele nem ia ver”. Pegando tudo, ela embolava assim, juntava tudo. Falei: “Deve ter... Juntou a gaiola que ele nem viu o... A lama chegando, né? Morreu de uma vez” [corte seco].

Nenzica, ao falar dos sentimentos e ao lembrar sua experiência naquele dia, colocase entre muitos. Ela diz-se nos outros. Conta que estava em casa, “*a maior parte das pessoas estava*”, “*todo mundo saiu correndo*”, “*ficamos juntos a noite inteira*”. As pessoas acalmavam-na dizendo que o papagaio não teve medo – era Chico quem tinha medo de escuro, medo de ficar sozinho. “*Muita gente não consegue voltar mais. Não tem coragem de voltar*”. Ela vai ao Bento às vezes, mas não gosta de visitar a parte baixa, a parte destruída, sua própria casa, que hoje é um pequeno monte de mato. Ela também não gosta de ficar lá à noite, volta para Mariana

sempre com luz do dia. Nenzica reclama do barulho que faz na casa onde mora, que é do lado do asfalto e, na hora de falar de seus desejos, diz: “*O que todo mundo quer é isso aí, sair dessa cidade barulhenta*”.

Lembrei-me de um texto do historiador Michael Pollak (1992) sobre o predomínio dos pronomes “nós” ou “a gente” em entrevistas com judeus sobreviventes de campos de concentração, que viveram momentos de violência e tortura à época da Segunda Guerra Mundial. O autor observa que essa escolha inconsciente em muito tinha a ver com o sentimento de distanciamento e impotência dos narradores ao trazer determinadas lembranças ao presente e confidenciá-las ao ouvinte. A impessoalidade aumenta à medida que a primeira pessoa é trocada pela segunda, ou mesmo pela terceira: quando se troca o “nós” por “você”, ou por “eles”, o narrador distancia-se ainda mais da posição de sujeito do acontecimento, criando um subgrupo dentro do grupo ou uma personagem à parte na história. Trata-se de uma forma de lidar com a lembrança dolorosa. “O predomínio de determinados pronomes pessoais no conjunto de um relato de vida seria uma medida ou um indicador do grau de segurança interna da pessoa” (POLLAK, 1992, p. 15).

Nesse sentido, outra reflexão acrescenta a essa discussão. Émile Benveniste (1997) também analisou a seleção dos pronomes pessoais no ato de enunciação do discurso. A escolha de alguns em detrimento de outros dá exemplo de como o falante se constitui enquanto sujeito. Este seria o primeiro ponto de apoio para perceber a subjetividade presente na linguagem. O sujeito, segundo ele, faz-se presente no mundo ao se comunicar e comunica-se escolhendo (conscientemente ou não) algumas palavras em detrimento de outras, para expressar melhor não só o conteúdo do que é dito, mas também o seu lugar de fala: “É na e por meio da linguagem a maneira como o homem se constrói enquanto sujeito. Porque somente a linguagem fundamenta, em sua realidade, que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (BENVENISTE, 1997, p. 180).

Nessa entrevista, Nenzica não se assume enquanto sujeito da recordação, coloca em outros a voz da experiência dolorosa vivida, seja ela inserida em um todo, seja mesmo alguém que parece contar de fora da situação, falando sobre “*gente que não tem coragem de voltar*”. Cada um tem uma forma de se colocar diante do acontecimento.

Marquinhos, por exemplo, chora do início ao fim, usa a entrevista de forma terapêutica. Em um momento, quando ofereço um lenço e fazemos uma pausa para ele se acalmar, diz: “*Tem dia que eu acordo, perco o sono, eu choro, emociono. Por esse lado, eu sou uma pessoa fraca*”. Marquinhos está no centro da experiência, mergulha, desaba. Nenzica afasta-se, não

quer lembrar, é uma maneira de se manter forte, apesar de vermos que ela lembra na negação, lembra na raiva, lembra quando mostra e me esconde a cerâmica com a foto da casa dela.

A respeito disso, uma consideração final sobre essa entrevista que achei um dia que não fosse me servir. Nenzica usa *tragédia* para se referir ao dia em que a lama levou tudo embora apenas quando pergunto sobre a relação dela com a imprensa – suas amigas disseram-me que ela já havia dado entrevista em outras ocasiões: “*Não gosto muito. Só mesmo para falar da geleia. Para falar de coisas de lá de Bento, como foi a tragédia lá eu sempre evitei. Sempre evitei. Eu não gosto de relembrar essas coisas, não. Dar entrevista pra... Sobre coisa que aconteceu lá, eu evito muito*” (grifo meu).



Figura 33 – Na esquina da casa de Nenzica, um aviso a quem não mora mais ali
Fonte: primária

No museu vazio, onde se tenta estabelecer uma narrativa oficial do crime traduzido em *tragédia*, o tempo da memória é tempo vazio, asséptico, espetacular, frio, linear. Há luz elétrica, ar-condicionado, limpeza, dinheiro, explicação. Nas ruínas ocupadas, empoeiradas, contaminadas, o tempo é dilatado, sobreposto, povoado pelas lembranças, cortado pelas cicatrizes. O tempo é camadas, tem dor, alegria, medo, cheiro, lágrima, saudade, calma, esperança, raiva, urgência, luto. Cicatriz. Onde há ruínas, não há *tragédia*, mas tem sentido trágico, a *doce violência*, o renascimento por meio do contato com a devastação, a calma ao olhar para as montanhas, a necessidade de estar em contato com o espaço, de ver o pedaço de pau sobre o espelho d'água.

3.5 O TEMPO DAS COISAS: A MEMÓRIA, O TRABALHO, A CIDADE

Durante a segunda visita a Mariana para fins de pesquisa, olhei ao redor. Pensei como o passar do tempo na cidade era lento, observei as ruas apertadas, as senhoras apoiando os cotovelos nas janelas, as crianças jogando bola na pracinha, o garçom no restaurante que demora para chegar, carros subindo lentamente ladeiras de pedra, as calçadas estreitas (eu diria, minúsculas) e irregulares que exigem o passo lento e cuidadoso. Às 19 horas já é noite. Universitários tomam cerveja em pé na Praça do Jardim, trabalhadoras agarradas nas bolsas à tiracolo caminham para o ponto de ônibus, lojas fechadas, insetos voando, falta pouco para o silêncio absoluto.

Em uma tarde de nuvens negras que se adensavam rapidamente, eu caminhava por uma rua do centro da cidade a passos largos atrasada para uma entrevista que ocorreria no alto de uma colina. Um senhor assustou-se e fez graça: “Vai aonde assim tão rápido?”. Eu ri. Olhei ao redor e senti-me em descompasso, desacelerei.

Pensei que aos poucos o interior tentava imprimir seu tempo sobre minha ansiedade, mas tive a impressão de que ser naquele tempo era conflituoso²². Nessa viagem, eu sofria com o silêncio dos entrevistados, que não me atendiam, achava que não ia conseguir nada. Anotei: *Há momentos na pesquisa em que não conseguimos o que queremos ou esperamos. O tempo da pesquisa é diferente do tempo do jornalismo, o tempo do interior é diferente do tempo da minha cidade. Para compartilhar com um entrevistado a vida dele sem ser invasiva ou desrespeitosa, é necessário estabelecer uma relação de confiança e empatia, é uma relação*

²² Sobre teoria de diferentes sentidos de tempo e temporalidade, ver Elias (1998) e Ricoeur (2010).

que se dá na espera. Quatro dias para conseguir a primeira entrevista, será a única desta viagem?

Não foi. Era a primeira de oito. Reparei que, por causa do movimento de jornalistas, curiosos, ativistas em torno do dia 5 de novembro, os moradores de Bento Rodrigues se recolhiam. Preferi interromper durante alguns dias as tentativas de contato com fontes novas e antigas, em respeito a eles. Segui organizando-me para acompanhar eventos realizados por instituições como a Cáritas²³, assessoria jurídica que atende às vítimas do município de Mariana, e do MAB, cujos manifestantes trazidos de todo o Brasil acampavam no ginásio da cidade.

*

Três de novembro de 2019. Entro em um micro-ônibus rumo a Bento Rodrigues fretado pela Cáritas. Há nele três pessoas atingidas pela barragem, que se sentam na parte da frente, pedem o lanche que foi prometido. Nos outros bancos, estão eu e outras 15 pessoas, entre membros de organizações não governamentais, da imprensa alternativa e da assessoria jurídica. São distribuídos adesivos, panfletos. Uma hora depois, chegamos a Bento Rodrigues. Há resistência dos guardas da Samarco em autorizar a entrada do ônibus. Conversas, uma prancheta, *walkie-talkie*, passagem liberada.

Desembarcamos na parte alta, converso com as senhoras que estavam no ônibus, ouço as queixas, duas mais idosas reclamam do calor e da distância, não veem sentido em estar ali, arrependem-se, sentem dor na perna. Eu digo que entendo, mas não faço parte da organização do evento. Torno-me escuta e assim permaneço. Nove moradores aguardam comandos, recebem cartazes com palavras de ordem, são instruídos a seguir em caminhada até as ruínas da igreja, onde é pedido para que cantem uma música ensaiada. Conto 15 não moradores, 11 deles com câmera. Fotografam e filmam aquela cena. Constrangida, penso: o que estou fazendo aqui? Um helicóptero da Samarco voa baixo, roda sobre nossas cabeças o tempo inteiro, o barulho incomoda, o vento levanta poeira contaminada. Uma moradora quer ser levada ao enterro de uma vizinha que ocorre no cemitério da parte alta, onde fui saber, mais tarde, que

²³ A Cáritas Brasileira é uma organização social fundada em 1956 que atua prestando serviços à população carente, valendo-se de trabalho de voluntários. Trata-se de um organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Em Minas Gerais, atua principalmente em gestão de riscos e em situações emergenciais de defesa de direitos em comunidades quilombolas, indígenas e atingidos por grandes desastres, como o da Samarco. Desde 2015, a Cáritas atua como assessoria jurídica dos atingidos do município de Mariana. Foi uma das instituições responsáveis por redigir com os moradores uma matriz de danos que tenta calcular o valor da reparação a ser pago pela Fundação Renova. Disponível em: <mg.caritas.org.br>. Acesso em: maio 2020.

estavam presentes 60 moradores. Ali acontecia o verdadeiro protesto – a ocupação genuína do território sagrado durante o enterro de um membro da comunidade. Marlene e Nenzica, quando retornei à casa delas para visitá-las e fazer um lanche, disseram-me que resolveram ir prestar a homenagem. Enquanto muitos choravam a perda da vizinha doente, prestavam solidariedade à família, que decidiu enterrá-la na terra onde nasceu.

Eu acompanho a cena artificial nas ruínas. Não saco a câmera, faço poucas imagens com o celular e repenso meu lugar como pesquisadora, como tentei captar na Figura 34. Anoto: *Sinto que há mais portas fechadas. Tentei conversar com as moças da assistência psicológica, que não me responderam, viraram de costas, saíram da conversa onde só havia elas e eu. Atores, foi o que pensei. Eu era apenas espectadora nesse show confuso que se armou. Uma das moradoras em protesto gritava em alto em bom som: “Loucos Por Bento 365 dias por ano e não só no dia 5 de novembro!”*. Recado dado.



Figura 34 – Manifestação filmada. Bento Rodrigues (MG), 3 de novembro de 2019
Fonte: primária

Quase todos os entrevistados desta pesquisa foram conquistados na espera. Visitei suas casas, conheci famílias, tomei café, almocei, mais café, biscoito, bolo. Sempre levei equipamento de filmagem comigo, mas não senti que seria adequado filmar. A câmera imporia uma distância maior – se já havia um muro invisível entre nós, estranhos, a lente o torná-lo-ia ainda mais opaco. Por este trabalho ser de lembranças, de contraponto entre o decadente e o nostálgico, entre o lugar que é, o que foi e o que poderia ser, filmei e fotografei as ruínas. Três vezes. Decidi povoá-las com o som das palavras. Os espaços vazios para mim são vivos e permeados pela memória de quem tem ali parte de sua história e de sua identidade. Neste capítulo, tentei contrapor as imagens estáticas dos locais destruídos com os lugares imaginados e narrados pelos entrevistados. É uma contraposição necessária. Evidenciam-se as relações de tempo e espaço em conflito.

Mais de uma pessoa relatou saudade do lugar perdido, onde o tempo passava mais devagar, dava para fazer mais coisas. Ouvi que o mesmo passar do dia que eu achava arrastado naquela cidade era, para alguns, acelerado. As distâncias para quem veio da roça pareciam longas. Os morros, para quem passou a vida em um vale plano, íngremes. Tão logo o dia começava, terminava. Eles tinham a sensação de não ter feito nada. Já não havia terra para plantar, fruta para colher, animais para cuidar, vizinhos para conversar, família para visitar. Não tem terreirinho com sol, como se orientar pelo caminhar dele sobre a terra plantada? Rosângela (2019a) descreve:

Acho que aqui tudo passa muito rápido. As horas, o dia, a semana. Você não tem tempo pra nada. [...] Ontem, eu cheguei da associação correndo, tomei banho, fui lá pro curso, lá na Casa do Jardim. Eu fui a pé, né? É bem longe, né? [...] Ai cheguei aqui em casa e era o quê? Eram umas oito e meia. Tomar banho, passou um tiquinho, minha menina veio pra cá, passa muito rápido o dia.

Ao contar sobre tudo o que fazia antes de a barragem estourar, surpreende-se. Era “*uma correria danada*”, que começava ao nascer do sol: ia à casa da sogra, ajudava na faxina, seguia para o plantio e colheita da pimenta biquinho, fazia almoço, arrumava cozinha, saía para a fábrica fazer geleia, retornava para casa, cuidava das samambaias, fazia o jantar. Comprava e vendia roupa de cama, o sonho dela era abrir uma lojinha. Ela e o marido construíam um cômodo no terreno que ainda não tinham decidido para que seria. Rosângela queria a loja, Sidnei, uma pastelaria. O dia parecia ser preenchido de afazeres, afetos, problemas, sonhos.

No lugar que não existe mais, havia, na perspectiva de quem o perdeu, tempo para agir no presente e perspectivas de futuro. A perspectiva temporal eram passado, presente e futuro, diferentemente de um estado de coisas em que é difícil imaginar o que será da vida nos

próximos anos. Existe, portanto, uma ideia comprimida de futuro em um presente que desaparece no correr dos dias. Quando a vida caminha em direção ao nada, o tempo tem outro sentido. Quando havia função, perspectiva, desejo, ele era preenchido.

Quando a barragem rompeu, Marquinhos estava aposentado pela Samarco fazia um ano e um dia. Por 26 anos, ele trabalhava na terra desde cedo, tomava banho, seguia para a firma, onde era operador de máquina. Criava gado, construiu ele mesmo um galinheiro, cultivava as plantações. Aprendeu com seu pai, ensinou para a filha. Ele considera que era menos livre antes de se aposentar, porque precisava cumprir horário, zelar pelo seu nome na firma. Paralelamente, relata que se perdia no tempo quando estava fazendo as coisas de que gostava, cuidando da sua terra e do sítio do falecido pai:

Aquilo que eu mais gosto é estar mexendo com plantações e criações. Só assim, né, esse gostinho. Quando eu estava trabalhando, era muito corrido. Eu tinha que ter o tempo para estar cuidando das coisas, das coisas minhas ali, a chácara, as criações, e ainda ir trabalhar. Então o tempo era muito ocupado. “Ih, chegou tal hora, tenho que trabalhar.” Ih, mexer com criações e plantações, toma-se muito tempo, é bom, é gostoso, mas toma muito tempo. Então muitas vezes eu querendo, não tinha muito tempo, porque chegou aquele horário. Lógico que eu tinha que dedicar o serviço da companhia em primeiro lugar, porque eu tinha um nome a zelar, aprendi muito com os meus pais, então era muito corre-corre, mas eu ainda conseguia. Teve uma época que trabalhamos numa escala de 12 horas por dia e ainda sobrava tempo... Sobrava, não, eu arrumava um tempinho pra estar mexendo com as minhas coisinhas ali, tratar de uma criação, mexer na horta, essas coisas. [...] Depois desse um ano e um dia, eu estava mais livre, tranquilo, porque não tinha aquela preocupação: “Vou levantar agora, mexer com isso, mas tal hora eu tenho que estar pronto pra sair pra ir trabalhar”.

Passou o tempo de liberdade, em que sentia que era livre para fazer o que de fato gostava, tempo que ele sente ser dono e que no momento da entrevista lhe escapa. Naquela manhã de domingo, ele cedeu cinco horas de seu dia para confiar sua história a mim.

A história de Marquinhos, assim como outras com que tivemos contato neste capítulo, será exposta no próximo, em outra proposta: a narração em polifonia do dia 5 de novembro de 2015 e o que está para além dele. Precisei repetir alguns trechos citados aqui para que cada relato fizesse sentido em si mesmo. A forma de escrita escolhida, diferentemente do longo ensaio que fiz aqui, foi a edição de depoimento. Outra maneira de dar voz ao outro que cabe em uma tese sobre memória construída por intermédio de entrevistas.



Figura 35 – Placa colada em cima do aviso da Samarco indica a entrada de Bento Rodrigues (MG). Ao fundo, a parte baixa alagada pelo dique
Fonte: primária

4 UMA ESPIRAL DE LEMBRANÇAS: FRAGMENTOS DE 5 DE NOVEMBRO DE 2015

Pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que um acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que vem antes e depois
(BENJAMIN, 2012, p. 37).

As histórias deste capítulo foram editadas de entrevistas longas. O conteúdo é original, o ritmo de fala e o encadeamento das lembranças foram preservados, mas consiste em organização de discurso. É via de acesso a imagens de passado e futuro. O destino desse caminho é coadjuvante, a riqueza, o trajeto. É mosaico, uma trama de palavras que se cose de um lado se desfia do outro.

Aqui, pessoas que viveram o dia 5 de novembro de 2015 contam, a seu modo, a experiência. Articulam lembranças, afetos, engrenam o passado no presente, pensam o futuro. Reconstroem-se diante de si, diante de mim. São fragmentos de um dia que, para muitos, não terminou. Tentei preservar a cadência da memória, as articulações que são próprias de cada um; o que, para eles, significa aquele dia, em um presente incerto, à espera de uma reparação que nunca chega. É uma escrita em ruínas. Polifônica. É, como disse Benjamin (2012), uma chave para tudo o que vem antes e depois.

“ESSA É A HISTÓRIA DO BENTO, A NOSSA HISTÓRIA” (MARLENE)

Tinha esse barulho muito forte. A gente ouviu o barulho muito forte. As pessoas, correndo. Eu não levei telefone, tinha dois, mas não levei nenhum. Em Mariana, tentavam me ligar, só que não dava certo, porque eu estava sem telefone. A gente ficava lá no fundo, tinha a casa da frente e um corredor. Eu ainda falei com a menina: “Estranho, todo mundo correndo, estou achando que tem alguém brigando aqui”. Imaginava... Porque começou aquele tumulto, as pessoas correndo, carro sobe e desce. E o barulho aumentando. Aí eu vi um rapaz, irmão dessa menina, falando: “Corre, gente, que a barragem estourou”. Eu levantei também, saí correndo, porque imaginava o Zé, meu marido, dentro de casa dormindo. Tinha colocado ele na cama, pus ele pra dormir, falei: “Fica quietinho que eu tô indo fazer a unha, mas daqui a pouco eu volto”. Ele falou: “Ah, tá”¹. Mas ele entendia, ele sabia onde era. Quando o menino falou, eu vim correndo, só pensava: “tenho que abrir o portão, tirar o carro”. Era isso que vinha na minha mente, eu consegui fazer isso. Quando eu estava indo para casa, ele estava no meio da rua e olhando para onde eu estava. A sorte é que ele não entrou, não precisei entrar em casa, porque não dava tempo. Eu estava correndo da lama que estava vindo da praça. Mas a que jogou minha casa no chão mesmo veio do fundo do quintal, só que eu não olhei o fundo do quintal. Correndo. Veio de um lado, desceu, foi no Ouro Fino, destruiu tudo lá e aí que veio, entrando no Bento. A lama

¹ Alguns trechos dessa entrevista foram usados no capítulo anterior. Precisei repeti-los para manter o sentido da história.

ia correndo atrás da gente. Eu via no retrovisor a gente de carro e correndo. Na hora que acabamos de sair, ela acabou de tampar o Bento.

Destruíu tudo. E a gente subindo, porque é assim: tem uma entrada e uma saída. Só. Você entrou lá, você sai aqui. Mas o ônibus estava na frente, e o pessoal subindo... O ônibus parou. E aquela fila de carro... Barro, muito barro. O ônibus estava cheio de gente. Quando ele parou e a lama estava vindo, o pessoal foi entrando, foi entrando. E essa parte aqui de baixo acabou tudo, veio de baixo e foi lá em cima destruindo tudo, até que encheu e deu tempo de a gente sair. Quando chegou ali na frente, ela parou. Mas nós ficamos desesperados, porque para onde a gente iria? Se lá já não tinha como a gente ir, para baixo não tinha? Começaram a entrar os carros aqui e a gente saiu igual doido.

Nós fomos para o meio do mato, um lugar mais alto. Descemos do carro, puxamos o Zé e levei pro meio do mato, correndo mato afora, e ele chorando, coitado. Ele tinha sofrido derrame. Quando sentamos ali, os outros falaram: “Nossa, morreu muita gente, tem gente dentro da lama”. De jeito nenhum eu tinha coragem de ir lá ver. Porque a lama, você via ela. Se tinha uma pessoa ali, morria. Depois, falaram: “Gente, está estável”. “Vamos aguardar aqui pra ver”, porque não tinha aonde ir. Do que adiantava ficar correndo no meio do mato? Ficamos de longe olhando, realmente tranquilizou. Descemos.

Teve locais que ela não destruiu. Quem tinha as casas no alto foi colocando as pessoas para dentro... A casa da minha irmã estava aberta, fizemos um sopão de macarrão. Tinha legumes, tinha tudo lá, mas a gente não achava nada para fazer, só um pedacinho de vela. Ninguém imaginava uma coisa dessa. Com o que tinha, fizemos a sopa. Alimentou as pessoas. O Corpo de Bombeiros chegou, ficamos tranquilos, acendi a fogueira no meio da rua. Tinha colchão na casa da minha irmã, pegamos e colocamos no meio da rua mesmo.

No dia, mãe não estava, porque tinha nascido um neto. Ela criou a neta desde bebezinha, a Júlia, e Júlia tinha ganhado neném no dia 4, a barragem rompeu no dia 5. Então ela veio para conhecer o menino. Eu tinha que trazer na quinta o Zé para a fonoaudióloga, tinha falado para ela: se ninguém a levasse de volta, eu vinha e pegava ela. Na hora que rompeu a barragem, tinha um vizinho de mãe lá na Prainha, que ligou para minha irmã e falou: “Pede o Wellington pra ligar pra sua mãe, que a barragem estourou”. Era para eu sair do Bento. Só que ninguém conseguia falar comigo, porque eu deixei o telefone em casa. Zé não atendia. No outro dia cedo, uma menina conseguiu falar com meu irmão, pedi para avisar que a gente estava bem. Mas, nessa hora, meus filhos estavam todos dentro do mato, o irmão também, tentando ir para o Bento. Conseguiram chegar às 5 da manhã. Meu filho falou: “Que bom, Zezinho, ver você aqui”. Ele respondeu: “É...”.

Do Bento, só consegui salvar a Belinha, porque na hora de tirar o carro abri a porta e ela veio correndo, joguei ela para dentro. A outra, Paloma, eu abri o canil, mas ela ficou no terreno brincando. Chamei, não saiu. E não tinha tempo, se tivesse tempo de a gente pelo menos colocar os bichos pra fora, mas não tinha tempo. A gente tinha também o gato, Neguinha, folgado, enorme. Se ele deitasse aqui, ninguém tirava ele do chão. Tinha que passar por cima. Ele não saía, não. Varria a casa e tinha que pegar o rodo, botar uma vassoura e sair empurrando ele com tudo. E as galinhas, onde elas estavam era cercado... Não teve jeito também, não. Sumiu foi tudo. As coisas sumiram, você não sabe pra onde é que foi nada. A cachorra ficou com a minha irmã, ela cuidou até eu voltar pra casa. Eu ainda ri, porque acabou que nessa confusão toda a cachorrinha estava grávida e perdeu a cria. Depois, minha irmã colocou a Belinha de novo para cruzar, por mim mesmo e não por ela, me devolveu com seis cachorrinhos.

Essa é a história do Bento, a nossa história.

Eles trouxeram a gente para Mariana, fomos lá pra Arena, ficamos um pouco, pegamos roupa, calçados. Foram arrumando hotel, ficamos mais de um mês, todos no mesmo quarto. Eu fiquei três meses sem conseguir dirigir. Fiquei traumatizada. Não entrava na minha cabeça aquilo, era o Manoel que saía comigo de carro. Naquele dia, quando meus meninos me viram na estrada, lá em cima no alto, viram um carro vermelho novo, eu tinha acabado de comprar. Imaginaram: “Olha o carro de mãe lá”. Começaram a chorar. Eu dirigindo, entreguei para o meu filho.

Eu volto no Bento. A última vez, trouxe meu marido, porque, mesmo ele doente, era só falar com ele: “Vamos no Bento?”, e ele: “É”. Ele ia, ficava olhando. Chegou em um ponto que a gente ficava rodando com ele de carro. As pessoas andando na rua e eu de carro com ele, ele olhava tudo. A hora que ele via as pessoas daqui, ele conhecia, chorava demais. Via as pessoas, abraçava, chorava por causa daqui. Era a paixão dele.

A gente tinha aquele espacinho... O espaço da gente, né? Eu sinto falta de tudo. Tudo o que a gente mexia. Para mim, era muito importante. A horta, o terreno. O terreno era muito grande. Tinha tudo lá. Nós que fizemos o pomar, não faltava nada para a gente lá. Não tinha nada desse negócio de ficar comprando pano de geladeira, custei a acostumar quando cheguei em Mariana. Verdura na geladeira. Estraga tudo! Lá, você ia na horta. “Ah, hoje eu quero uma salada de alface.” Tinha alface, cenoura, beterraba. Graças a Deus eu não tinha preguiça de plantar, não.

A casa vivia cheia, mãe tem nove filhos, 28 netos. Vivia cheia. Direto. Mas tinha cinco quartos, era uma casa grande, a gente tinha vários colchões. Cada quarto tinha que ter uma cama de casal, uma de solteiro e um guarda-roupa. Tinha travesseiros, um guarda-roupa só de travesseiro, outro só de coberta. Nós somos seis mulheres e todas, todas mexem com cozinha, mas quem gosta mais sou eu e Eliane, gosto de doce, salgado... Eu pegava mais parte de doce, bolo, aí era comigo. Ela enfrentava a cozinha. Gosto muito de bolo de aniversário, docinhos, faço vários, ficava com essa parte que todo mundo gostava. Às vezes, eu estava... “Vamos fazer doce?” “Vamos!” Pudim, arroz-doce, doce de feijão, doce de abóbora, bom demais! Cajuzinho, brigadeiro, de leite Ninho, essas coisas. E o bolo de aniversário, eu fazia bolo, fazia bolo pro natal. Tinha que ter bolo. Eu tinha várias fotos de bolo, mas aí, meu celular... O celular que eu tinha, eram dois, ficaram lá. Tinha muita foto de bolo, perdi todas. Tenho foto de bolo mais não. Agora, eu comprei um celular, mas eu não...

Dei uma parada com esse negócio de bolo.

“DEUS DEU NOSSO LIVRAMENTO NAQUELE DIA” (MÁRCIA)

Eu dava aula à tarde. Esse dia, lá no Bento, eu dava aula só à tarde. De Ensino Religioso. Eu lembro como se fosse hoje, quando a barragem estourou, eram dez para as quatro.

A gente estava na sala de aula.

Eu estava com os alunos do 8.º ano e ia para a sala do 9.º ano. Antes de dar 4 horas, a diretora chegou correndo e gritando, falando que a gente podia sair e largar tudo, deixar para trás, porque a barragem tinha estourado.

Num primeiro momento, eu achei que ela tinha falado que era alguma coisa da cozinha que tinha estourado, porque eu não entendi direito. Depois que eu vi, ela falou que era barragem.

Eu saí correndo com os alunos. A gente saiu da escola correndo, tentamos entrar num ônibus do transporte que passou na hora para deixar os passageiros. Entramos, chegamos a entrar. Quando a gente tentou sair, a ponte foi e quebrou. Tivemos que sair do ônibus com os alunos e ir pro pico mais alto, lá do cemitério.

Fui pro meio do mato e fiquei lá a noite inteira, até alguém resgatar a gente.

Foi tudo muito rápido, muito corrido. Eles estavam apavorados, estavam muito estressados, gritando: “Professora, eu quero a minha mãe, eu quero a minha mãe!”. Eu falei: “Calma, gente. Nós vamos conseguir sair daqui, amanhã vocês vão ver sua mãe”. Eles estavam gritando sem parar, uma coisa que, nossa. Um troço. Parecia filme de terror. Parecia um filme de terror mesmo.

Tinha uma aluna minha que ela era tão evangélica, tão evangélica, tão fiel na religião, que ela levantava a mão pro céu e falava: “Senhor, cuida de nós! Nos salva!”. Eu sou católica, eu falava pros meninos: “Gente, quem é evangélico ora com a Eudileia, quem é católico, vamos fazer uma oração comigo”. Os meninos começaram a fazer oração comigo. Acho que nossa oração foi tão forte que Deus deu nosso livramento naquele dia.

Foi um livramento.

Era um barulho insuportável, um barulho enorme. Fazia assim: “uuuuuh, uuuuuuh”. O tenente do bombeiro chegou de noite, pediu para eu dormir um pouquinho no chão, mas quem dizia que eu conseguia dormir? Eu ficava ouvindo o rádio dele, diziam que outra barragem podia estourar. “Vou ficar aqui de olho aberto. Se acontecer alguma coisa, vou sair com os alunos de novo correndo.”

Nenhum aluno que estava na escola morreu, nenhum.

Ficou uma máquina a noite inteira trabalhando, tentando arrumar um caminho pra passar no lugar que a ponte estourou. Ficou a noite inteira a máquina passando lá. Conseguimos sair de manhã, porque a própria Samarco mandou umas caminhonetes. A gente pediu pro pessoal assim: “Mais rápido”. Mas gente saiu de lá foi de ônibus. A caminhonete foi levando um bocado de gente, mas depois apareceu um ônibus de manhã, levou a gente.

Quando cheguei na Arena, ali em Mariana, eu vi meu irmão. Ele disse: “Nossa, achei que você ia morrer”.

Meu irmão tinha visto pela televisão, porque, quando a gente estava lá em cima, antes de a gente sair, ficava aquele helicóptero rodando, a gente fazia assim, acenava, para eles resgatarem a gente. Eles estavam indo tirar foto. Eram os repórteres tirando foto da gente para jogar na televisão. Passou em tudo que é canal. Eu era uma moça que estava de camiseta verde, mochila marrom e bermuda *jeans*, era eu que estava lá com cabelo amarrado. Porque na mesma hora que falou “estourou a barragem”, já foi repleto de repórter, estava todo mundo lá em cima passando, tirando foto. Eu sei que é o trabalho deles. Jogaram na televisão e foi mais fácil pra tentar resgatar a gente.

Na hora que descemos do ônibus na Arena, os meninos viram as mães, saíram todos abraçando. Eu vi meu irmão, falei: “Agora vamos conseguir sobreviver”.

Na época, eu fiquei dois meses sem conseguir entrar num ônibus de transporte.

Porque no distrito em que eu moro, Cachoeira do Mato, que é um lugar rural, vive de artesanato, lá não tem banco para pagar minhas contas. Eu entrava num ônibus para tentar pagar minhas contas e danava a tremer. “Vou ter que sair desse ônibus, vou passar mal.” Eu estava com síndrome do pânico, porque eu tentei sair lá na época num ônibus. Meu coração acelerava. Pedia para outra pessoa pagar para mim. Fiquei uns meses passando mal, com o quarto escuro, a luz apagada, estava começando uma depressão. Passei no médico, ele receitou clonazepam, disse que eu estava muito nervosa. Tomei um certo tempo, mas depois, falei: “Quer saber? vou parar de tomar esse remédio, tenho que reagir”.

Agora eu vou dar aula em Santa Rita Durão, passa do lado da Samarco. Eu vou com medo, peço a Deus todo dia de manhã: “Me protege”.

O que me dá mais força é o dom de dar aula, eu gosto, é o que me dá mais força. Isso e o filho que estou esperando, uma menininha.

“TEM GENTE QUE TEM MEDO DE VOLTAR” (GERALDA)

Eu estava em casa, a maior parte das pessoas estava, sem esperar que nada daquilo fosse acontecer. Escutei o barulho, um barulho enorme, uma coisa muito barulhenta mesmo. Saí, todo mundo saiu correndo. “Para onde é que foi todo mundo?” Naquele dia, todo mundo estava muito unido, foram todos para o mesmo lugar, bem lá no alto, igual passou na televisão. Perto da Nossa Senhora das Mercês, que está em pé até hoje. Onde é o cemitério. Ficamos juntos a noite toda.

Faço tudo pra esquecer. Foi um dia difícil. Passou. Graças a Deus, saiu todo mundo com vida, a maior parte. Porque era para ter morrido. Não gosto muito de falar, não.

Muita gente não consegue ir lá mais, não consegue voltar mais. Não tem coragem de voltar. Pelo medo, pelo pânico que passou naquele dia. As pessoas não têm coragem de voltar. Mas eu ainda gosto de lá, tem dia que eu tenho saudade. Quando passa bastante tempo, eu sinto saudade. Mas eu não gosto de ficar lá muito à noite, não, só durante o dia mesmo. À noite, não. Começou a escurecer, eu já não gosto. Fico mais na parte alta do Bento, ando na rua lá pra baixo, mas fico sempre onde tem casa. Na minha casa, não tem como entrar, ela era embaixo, foi toda embora, não ficou nada. Era na rua principal, Rua São Bento, tinha muitas casas. Agora limparam, mas soltaram animal e tem muito carrapato.

Eu tenho a foto da minha casa aqui². Não dá pra ver muito, porque passaram muitos dias... A gente nem imaginava, nem tirava foto. Eu tenho até na camisa, minha sobrinha me deu essa cerâmica. Um dia chegou aqui com essa cerâmica. A casinha verde, do lado, era da Aparecida. A gente ficou morando longe, eu passei tempos sem ver ela. Muito tempo mesmo sem ver. Ela mora perto do centro. A gente se via toda hora, toda hora. Porque a casa dela era mais alta, a minha era mais baixa. Então tinha uma cerca de bambu. Outro dia mesmo eu brinquei com ela,

² *Idem*. O trecho é muito importante para a história.

ela veio na porta, passou aqui perto, veio na porta. Porque lá em casa a gente fazia almoço: “Aparecida, minha cebolinha tá ruim. Pode me dar umas folhas de cebolinha?”. Ela também falava comigo: “Nossa, você não tem um ovo pra me emprestar, não?”. Era assim. Mas agora... Diferente. Agora não vamos poder mais fazer isso, porque as casas... Ouvi falar que as casas vão ser todas muradas, entre a minha casa com a dela vai passar uma rua. Então não vai mais poder conversar. Com ela. Eu não sou muito de sair de casa, não vou na casa de ninguém. Fico mais quietinha em casa mesmo.

Eu nunca fiquei no hotel. Eu já tinha essa casa aqui, é minha, meu pai que construiu. Fiquei uns dias na casa do meu irmão, ele mora na rua aqui perto mesmo. Não tinha a menor condição de ficar na casa, eles não deixaram. Eu fiquei na casa dele umas duas semanas, e aí eu vim para cá.

A empresa deu uns móveis, mas a maioria eu dei pros outros, não fiquei com nenhum, não. Comprei outros. Não sei se eu estava revoltada, sei lá o que foi. Revolta. Eram ruins, nada que prestasse, não quis ficar com eles. Na época, eu achei que eles tinham obrigação de me dar o que tinha lá na minha casa. Eu queria igual ao que eu tinha lá na minha casa, o que eles deram não era, era completamente diferente, a gente não tinha direito de escolher, eles trouxeram e puseram aqui. Quem estava no hotel, chegava com a casa mobiliada. Mandaram armário, geladeira, fogão, sofazinho, guarda-roupa de solteiro, cama. Como éramos só um casal, ganhamos móveis pra um quarto, não importava se era casa de três quartos. Eu achei um absurdo também: “Meus quartos lá tinham móveis!”. Mas não, é regra da empresa. Hoje a gente entende, era muita família para eles. Então, dei tudo.

Apesar de estar fazendo quase quatro anos, está tudo do mesmo jeito, nossas casas ainda não estão prontas, muito difícil. Eu sei que não vai ser a mesma coisa, meu projeto está pronto. Eu não pedi para ficar mudando, aceitei o primeiro desenho, não quis mudar nada, não ia ser a mesma coisa mesmo, então estava bom assim.

“ATÉ QUE UM DIA DESCEU COM O SOL QUENTE” (SIDNEI)

Eles sempre falaram que não tinha risco nenhum. Era uma empresa muito respeitada, que se preocupava muito com segurança, a gente não via motivo para desconfiar. Eu participava das reuniões. Eles falavam: “Está totalmente seguro, não tem risco, pode ficar tranquilo”. Até que um dia desceu com o sol quente.

Era tudo mentira.

Eu estava trabalhando em Camargos, mas minha máquina deu problema, eu trouxe para Mariana. Minha esposa tinha vindo pro dentista, minha menina e a netinha também. Eu estava de carro e voltamos à tarde. Quando cheguei no aterro, tinha uma caminhonete, parou, perguntou pra onde eu ia. “É que a barragem arrebentou”. Tem problema, não. É que todo dia o pessoal ficava com aquela brincadeira: a barragem vai arrebentar. Aí fui passar assim mesmo. Mas, no caminho, Rosângela começou a falar demais, que a gente não fosse. Topei com um vizinho meu, veio de lá, Ebinho, trabalhava na Vale e, se tivesse arrebentado, ia ser o primeiro a falar. Só que, quando ele saiu, a barragem arrebentou, ele também não estava sabendo. Quando eu cheguei a uns dois quilômetros mais ou menos do Bento, tem um sítio que dá para ver a vista que é a baixada do Bento, e eu comecei a sentir o mau cheiro de soda cáustica. Escutei o barulho, o barulho era um trem de outro mundo. E o poeirão também, veio junto.

Desde 2008, eu reclamava com o pessoal da comunidade, tenho até um CD, eu reclamava muito. Às vezes, a poeira vinha. Quando você olhava em volta do Bento, porque Bento é uma baixada cercada de morro, às vezes, achava que era chuva. Mas, quando via, era poeira da barragem da Samarco e da mina da Vale. A da Vale era vermelha, era bauxita. Então tinha como diferenciar. Essa poeira, a gente convivia com ela há muito tempo, dava mau cheiro.

Quando eu cheguei mais pra frente, vi o poeirão, aí que eu pude perceber que acabou mesmo. O pessoal começou a ligar, o rapaz da Samarco que ia muito lá em casa, ligando, estava preocupado com a escola. Era horário de escola. “Pelo que eu estou vendo, a parte do Bento acabou.” Não vê mais nada. Minha mãe estava lá, meu irmão também. Eu não tinha contato, então você sempre pensa o pior, você vê aquela coisa toda dentro do Bento, pensa que morreu todo mundo. Só depois que meu primo conseguiu sinal e avisou que o pessoal estava tudo na parte alta. Como a gente não tinha acesso, dei a volta na vila e fui por Santa Rita. Na saída já tinha guarda não deixando a gente passar.

“Não, eu vou lá, porque minha mãe está lá.”

“Ah, mas você não vai poder passar, não”.

“Mas eu vou passar e você sai da minha frente, porque, do jeito que eu estou, eu passo por cima de vocês.”

Aí é que eles botaram os cones e foi a hora que eu passei por cima de tudo. Chegando lá no Bento, tinha policiamento da Polícia Militar, falei pro sargento que ele sabia meu endereço. Se quisesse, podia mandar uma intimação. “Não vai dar em nada pra você, não.”

Depois, chegaram os repórteres e Polícia Ambiental. Perguntaram se eu conhecia a região e fomos para Fábrica Nova, porque podia ter um helicóptero esperando, mas não tinha. Fomos para a Samarco, estava chegando o Corpo de Bombeiros de fora, reforço, entraram, passaram para fazer reunião e eu fiquei esperando lá fora. Isso já era 1 hora da manhã. Aí me chamaram na sala pra perguntar se eu sabia chegar até Bento. “Eu sei o caminho, é o caminho da igreja velha que sai dentro do Bento, sem ter contato nenhum por onde a lama está passando”. Eles queriam deixar para o amanhecer, mas eu falei que tinha família lá no Bento, que tinha risco de a segunda barragem descer. Se essa descer, vai acabar com o pessoal que está em cima. “Vocês ficam conversando muito, as pessoas estão lá vivas, precisando de socorro!” Mas não tinha nada para fazer, eles não estavam equipados. Pedi para me levarem de volta para o Bento, para eu esperar lá.

De manhã, chegaram as máquinas da Vale, começaram a abrir o acesso pro pessoal sair, mas foi uma angústia. É muito ruim não conseguir fazer nada.

Eu não consegui salvar nada. Só no outro dia que a Rosângela achou um jogo de prato e eu consegui achar a minha carteira de trabalho. Achei a carteira de trabalho. As duas. Porque elas estavam dentro de um pacote. Nem sei como ela mexeu, onde era o quarto, as roupas ficaram todas jogadas no chão. E ela mexendo, achou minha carteira. Mas foi só isso. O resto foi tudo perdido. Tenho mais nada. Roupas, na época a gente usava tudo que era doação. A Samarco sequer comprou uma peça de roupa pra gente.

Minha netinha ficou com problema, tudo acontecendo, no mesmo dia, a gente teve que levar ela no hospital. Com problema psicológico. Depois, pedi para a Samarco pagar, eles falaram

que não podia. Sempre ignoraram, ainda bem que eu pude arcar. Depois de um certo tempo, ela viu a casa. “Ah, o pessoal da Samarco sumiu com a nossa casa, pai – ela me chama de pai –, jogou lama em cima da nossa casa.” Dentro do Bento, eu sempre levava ela para dormir no terraço, tinha rede. Um dia a gente ficou no hotel aqui com desespero, ela falou assim: “Ah, pai, me leva para o terraço”. Vai falar o quê? Não existe mais terraço. Era uma casa que cada um tinha um quarto, então fica todo mundo dentro de um quarto, sem privacidade, quatro pessoas dentro de um quarto. Foi um bom tempo dessa forma, morando de um jeito que eu nunca morei. Tinha vezes que eu tomava café, eu chegava, tinha que passar minha camisa para minha esposa ir, porque a gente tinha perdido tudo. Não foi fácil, não.

Depois de três meses, o Ministério Público exigiu que a Samarco alugasse nossas casas, eu estou aqui até hoje. É uma casa muito boa, mas não é da gente, você não tem a liberdade que você tinha na sua casa. Se eu pudesse morar lá, eu ia morar no Bento.

A minha vontade é ter minha casa no Bento, eu nunca escondi, nunca escondi isso, minha vontade é sempre ir pra lá. É o lugar que você conhece. Porque o reassentamento não é o Bento, eu estou trabalhando lá, nem penso muito. É tudo novidade, é um lugar para se adaptar, não vai ter mais o mesmo vizinho, não vai ser a mesma coisa.

Raiva é ter saído do Bento. Para mim, foi a pior parte. Graças a Deus, a gente não perdeu ninguém, mas saber que perdeu o Bento, o lugar que você nasceu, que tem toda a sua história... Eu tenho raiva da Samarco.

Quero que o Bento continue do jeito que está. Se puder limpar e melhorar ele, tirar aquela lama e devolver para a Samarco. Se não tiver como, mantém ele do jeito que está, a empresa deve cuidar do que restou, mas nunca se tornar propriedade dela. As pessoas continuam fazendo as festas da padroeira lá, continuam fazendo o que gostam de fazer. Mas sempre manter do jeito que é. Ali é uma forma de lembrar de tudo que você viveu. Vai pra lá, se lembra de tudo. Por mais que não veja ninguém lá, é gostoso estar, você se sente bem só de estar ali dentro, já está bom demais. Por isso que a gente briga pra defender, porque igual a gente sabe que não vai ter.

É uma forma de lembrar de tudo o que viveu, tudo que passou ali, momento bom, momento ruim.

“PARECE QUE FOI O FIM DO MUNDO” (ROSÂNGELA)

Eu vim no dentista. Eu tinha um dentista marcado quinta-feira, já tinha desmarcado umas duas vezes. Eu tava aqui, meu marido também. Ele trabalhava em Camargos, fazendo uma pousada, tanto que a moto dele foi embora lá, na lama, estava em Camargos. Mas ele estava aqui, trocando umas peças da retroescavadeira.

Onze e meia, Fabiana resolveu vir com a minha netinha. Ficamos o dia inteiro, pagamos nossas contas. Quando a gente desceu para o Bento, estávamos próximos do lixão, tinham duas caminhonetes paradas. Um cara falou assim: “Toma cuidado com as partes baixas, porque uma barragem acabou de romper”.

O Sidnei falou que não aconteceu nada disso, não. Mas eu falei que ele não ia brincar com isso. “Rosângela, teve reunião lá esses dias, ela estava 100% segura.” Mas eles também não iam mentir. “Eu vou lá, minha mãe está lá.”

A gente andou mais rápido ainda.

Encontramos um colega nosso que trabalha na Vale, ele disse que não aconteceu nada, eu fiquei mais tranquila. Mas, quando a gente chegou bem próximo, estava aquele poeirão, aquele cheiro forte, aí a gente já viu descendo bicho na lama, um negócio terrível.

Meu marido começou a chorar. A gente entrou em desespero.

Tentava ligar, mas não tinha sinal de telefone. Eu estava desesperada, minha irmã também estava lá, no ônibus do Bento. Chegou notícia pra gente: “Morreu todo mundo!”. Misericórdia.

Nisso, veio um homem da Samarco, falou que tinha que desocupar a área, porque, se a outra barragem arrebentasse, vinha em cima da gente. Aí meu marido disse: “Pega Maria Fernanda, volta pra Mariana, fica na casa do meu irmão. Eu não saio daqui enquanto não souber notícia da minha mãe”. Passou um colega, Sidnei pegou minha netinha e pôs dentro do carro dele. Eu não queria ir. Como é que eu ia deixar ele para trás? E depois? Eu entrei em desespero. Mas minha neta já estava dentro do carro. Nós fomos.

Eu não tinha notícia mais de Sidnei. A gente via na televisão toda hora reportagem e a gente ficava em desespero. Minha netinha passou mal, começou a ter falta de ar por causa daquela poeira. Eu quis passar a noite na Arena, esperando o pessoal chegar. Eu só fui ver meu marido no outro dia à noite, todo amarelo, esquisito. Ele sentou com a mão no rosto e falou: “Não estou acreditando nisso, não”.

Aquele dia, para nós, foi o pior dia, parece que foi o fim do mundo.

Agora a gente já acostumou. Mas, no começo, quando eu cheguei naquele Hotel Providência, achei que eu ia morrer.

Eu, meu marido, minha menina e minha netinha, tudo num quarto só. Estava muito cheio. Ele dormia na cama de solteiro, minha menina em uma cama de casal com a pequenininha, e eu numa de montar. Ruim demais. Fomos para lá em novembro. Ficamos até o dia 22 de dezembro. Quase dois meses. Viemos para essa casa que estamos até hoje. Eles falaram: “Tem duas opções de casa para vocês olharem”. Mas nós estávamos cansados de ficar em hotel.

Eu moro nessa casa, porque me colocaram aqui. Achei a casa boa, mas eu me sinto presa. Só tem uma porta de cozinha, não tem um sol, não tem um terreirinho.

Minha varanda era cheinha de samambaia, dessas flores no vaso. Tinha samambaia demais! Eu ficava cuidando das minhas plantas. Era samambaia-chorona, samambaia-medrosa. Eu não sei o resto, não, eu só plantava. Toda flor que eu via, eu pegava. Vinha aqui em Mariana, comprava e ia plantando. Eles passavam com esses caminhões vendendo, comprava também, cuidava. Tudo na minha porta. Tinha uma varandona, era samambaia de um lado e na parede. Minha netinha estava crescendo e começava a tirar folha aqui, folha ali, falei: “Não”. Meu marido colocou as grandonas nesse cômodo que ele estava construindo no terraço.

Tem horas que eu fecho o olho, lembro de tudo. Minha cozinha de lenha, o domingo com o pessoal junto.

Nos dias do rompimento, a gente teve muita doação. Mas depois as pessoas já foram olhando a gente com olho estranho. A gente ouvia muita coisa. Os outros falando que Mariana tinha

muita falta de emprego por causa do pessoal da barragem. Era nós, Bento. Que o pessoal do Bento estava na vida boa, enquanto eles estavam passando por momentos difíceis. “Esse povo do Bento está escolhendo muito”. “Ah, vocês estão bem, a Samarco deu tudo pra vocês”. “Mas morando em Mariana vocês não vão ter aquelas roupas de curral, roupas sujas”. Minha filha, lá a gente não mexia com curral, a gente é da roça, mas é civilizado, a gente lava roupa.

Estavam achando que os culpados eram nós, mas eles deixaram as coisas acontecerem.

Eles falavam que era segura. Então eu dormia tranquila, nem pensava em barragem.

“ACELERA, MARQUINHOS, ACELERA” (MARQUINHOS)

Deus ajudou, Deus é que predestinou aquele momento para mim. Eu estava aqui, em Mariana, e, na hora que fiquei sabendo, fiquei louco. A Simaria é casada com meu irmão Mauro Célio, ela me avisou. Simaria vinha cedo, trabalhava e voltavam à noite pro Bento. O Mauro Célio tem dificuldade de se locomover, ele usa muleta, tem problema no joelho. Lá não tem sinal, eu tinha que caçar pontos, deixava o celular em casa, quando saía para olhar as criações. Se eu estivesse lá, também não iam me achar. Perguntei para minha esposa cadê a mãe dela, dona Teresa. Tinha acabado de chegar em Mariana. Às quintas, dona Teresa e seu Filomeno vinham, porque ele tinha ensaio de banda. Fiquei doido. Minha irmã Luciana ligou e disse a mesma coisa. “Temos que ir lá.” Ela chegou de moto, ligou o rádio, eu já tirei o carro, peguei a chave de casa, fomos embora.

Se eu pudesse, eu colocava uma asa no nosso carro. Ele é mil, carrinho cansado. Minha irmã estava doida, começou a discutir. “Acelera, Marquinhos, acelera. Ultrapassa, ultrapassa.” Mas tinha uma fila de carro, não tinha condição. À medida que deu brecha, fui passando. Eu fui até a ponte de madeira que atravessa o Rio Gualaxo do Norte. Aí um conhecido que tinha uma caminhonete estava voltando. “Você é louco, não vai, não! A lama está chegando aqui.” Decidimos ir por outro caminho, por Santa Rita. Demos carona para uma moradora, Janaína, que conseguiu falar com o irmão dela, ele disse: “Mauro Célio morreu”.

Ainda bem que eu não ouvi.

Chegamos no alto de Bento Rodrigues. Meu Deus do céu! Era um rio de lama descendo. Foi a imagem que eu tive na hora. A coisa estava muito alta dentro do Bento.

Descemos mais um pouco. Um moço me conheceu, parece que o susto retarda, falou assim: “Seu irmão está salvo aqui embaixo”. No que descí, olho, meu irmão. Ele gritou, chorou, abracei, nós choramos. “Se eu não morri hoje, não morro mais.” “Vambora, vamos pro hospital”, mas ele não quis, é muito teimoso. Me disse que a minha casa arrancou inteira. Aí eu fui andar, porque já comecei a me preocupar com as pessoas pedindo socorro. Era horário de verão, ia ter uma longa tarde ainda.

Quando eu parei nesse lugar que dava para ver melhor, falei por falar: “Uai, que dois telhados são aqueles que estão aparecendo ali na pontinha?”. Aí o Mauro, meu cunhado, do meu lado, eu nem sabia: “Ali é o telhado da escola e o telhado da casa do pai”. Eu escutava gritos de pessoas, cachorros latindo. Preocupei.

Eu conhecia muito bem a área, descí. Minha filha veio correndo atrás de mim: “Você não vai, você não vai”. Falei que eu estava preparado, que ela tinha que voltar, porque podíamos ver coisa ruim, pessoas mortas. Desci e encontrei gente lá embaixo, chegaram antes. Fui por outros caminhos, tive que abrir mato no peito para passar em umas partes, cortei minha mão, cuspi, estaquei o sangue com uma folha. Graças a Deus eu não achei ninguém morto e consegui chegar lá embaixo, onde tem umas pedras, até encontrar um menino dizendo que já tinha ido por ali e tinha umas fiações soltas. Uns postes caíram. Nisso, veio passando um telhado, era o telhado da escola. Eu não sei como, não me lembro de ter fotografado. Mas eu consegui tirar uma foto desse telhado descendo. Uma foto só. Não sei se é uma imagem que você vê e te mexe muito, que apaga um pouco a memória.

Eu falo que sou meio atingido, porque meus direitos são pela metade. A Samarco está usando minhas áreas, onde é a minha casa, eu não piso nela mais, a casa em que eu fui criado com mais sete irmãos, eu não chego nela por causa daquela água do dique S4. Meu pai foi crescido e criado nessa casa, eu não quero nem imaginar se meu pai fosse vivo no dia do rompimento da barragem, se ele escapasse, ele morria de tristeza, ia morrer de desgosto. Aquilo ali tem preço? A vidinha que nós tínhamos em Bento Rodrigues, a vida que eu tinha, que eu tive, a vida que eu ia ter do dia 5 de novembro de 2015 até quando eu morresse, será que tem preço? Eu acharia muito melhor estar quietinho na minha terra, no meu pedacinho de terra, na minha casinha. É a terrinha que vovô deixou, a herança do meu pai. Nosso sofrimento é muito, é muito. Quantas pessoas estão morrendo e queriam voltar pras suas casinhas? Eu mesmo, até quando eu vou aguentar?

Tem dia que eu acordo, perco o sono, eu choro, emociono. Por esse lado, eu sou uma pessoa fraca.

Na hora que a gente vê as imagens de Brumadinho, a gente chora de tristeza. Como morreram tantas pessoas podendo evitar? A Vale poderia ter evitado, porque o exemplo ela já tinha aqui. Restaurante embaixo da barragem? Ela viu tudo, foi mais culpada ainda.

A luta tem que ser nesse sentido.

“A LAMA DESTRUIU TUDO: PROJETO, SONHO” (MAURO)

Eu estava trabalhando. É uma história curiosa, é a mão de Deus. Meu pai geralmente saía de Bento 5 da tarde, porque ele ia pro ensaio da banda em Mariana. Uma semana antes, um funcionário de uma empreiteira da Samarco deu uma esbarradinha no carro dele, numa estrada apertada. Ele desceu do carro, falou que o camarada parou um pouco mais em cima, olhou, entrou na caminhonete e foi embora. Ele ficou meio aborrecido: “O cara esbarrou no meu carro e não quis nem conversa”. Fomos pro feriado de Finados e, na hora que estávamos indo embora, perguntei: “Ô, pai, o que aconteceu que você tá meio triste, está aborrecido?”. Fui ver o carro e só marcou, com um polimento sai, falei: “Leva o carro lá na oficina, é só dar um polimento que vai ficar novinho, não chegou a danificar”.

Na quinta-feira, o sol estava muito quente, ele estava mexendo no quintal e falou com minha mãe: “Vambora pra Mariana mais cedo que eu deixo o carro lá pro Mauro mexer”. Ela não queria ir, mas ele falou que não, “os meninos estão xingando muito quando eu vou e deixo você sozinha”. Saíram de lá às 14h30, meu pai deixou o carro na oficina, foi pra rua. Ela foi se arrumar.

Passou 15 minutos, meu telefone tocou, era um amigo meu que trabalha na Samarco, o pai dele trabalhou com meu pai na Samitri.

“Cadê seu pai?”

“Está na rua.”

“E a sua mãe?”

“Está em casa.”

“No Bento ou em Mariana?”

“Aqui, mas por quê?”

“Mauro, a barragem rompeu, a barragem rompeu e vai alagar o Bento todo, vai inundar tudo, ainda bem que seus pais estão em Mariana.”

“Ih, rapaz, você começou na Samarco faz pouco tempo, sempre teve esses boatos, lá no Bento sempre chegaram esses boatos que a barragem está com trinca”.

“Não, foi a barragem mesmo que rompeu. Eu estou ligando escondido no banheiro, porque o supervisor falou que não era para ninguém ligar pra fora. Pra você ter uma ideia, o estouro foi tanto que o vidro do escritório rompeu todo e eu estou escondido.”

“Pode deixar que eu vou ver.”

“Então liga pra quem você conhece, pede pra sair e tirar todo mundo de lá.”

Aí eu liguei os fatos. Comecei a ver carro de bombeiro, polícia, guarda municipal, descendo muito aqui com sirene ligada, aquele desespero todo, ligava no Bento, mas não conseguia falar com quem eu tinha contato. Liguei para a casa do meu pai, mas estava mudo. Aí minha irmã, os amigos começaram a me ligar dizendo que a barragem rompeu. Falei com ela: “Pra saber, melhor é ir pra lá”. Desci, encontrei com o pai, ele não acreditou, mas disse que ia comigo, porque não estava fazendo nada mesmo. Peguei minha irmã, minha sobrinha e fomos. Meu cunhado já tinha ido, o Marquinhos. Disse para ir por Santa Rita, porque a estrada normal estava fechada pela lama.

Era um poeirão, um desespero total. Começamos a ver muita gente no canto da estrada, muito acidente, carro de polícia capotado. No alto, que dava pra ver onde era o campo, só via aquela marca marrom. Só vimos lama. “Nossa, acabaram com o nosso Bento.”

Minha sobrinha desesperou, meu pai acalmou, achava que era só a água baixar que a gente limpava tudo. Pensávamos que era água.

Cheguei perto do Mauro Célio, ele, deitado, fez uma sombra com os galhos de árvores: “Eu não saio daqui”. Ele já tinha um problema no joelho, teve que ir se agarrando pela vegetação no morro pra conseguir se salvar. Ele é muito teimoso. Saí de perto dele e falei com meu pai: “Vou atravessar nadando pra ajudar o pessoal que ainda está lá”. Fui descendo. Quando eu entrei, atolei até o joelho, meu pai viu que não era água, era lama, mandou eu voltar. Peguei o celular, comecei a tirar foto, aproximando, dando *zoom*, e via animais se debatendo, cavalos, cachorros, boi, porco, tudo. “Gente, cavalo sabe nadar! Se fosse água, já tinha saído.”

Era bem mais grave do que a gente estava imaginando.

Na hora que eu estava saindo pra ir embora, umas 9 da noite, estava chegando um caminhão de bombeiro de Belo Horizonte, iam descarregar um barco, queriam atravessar para resgatar pessoas do outro lado. Eu avisei que era lama, não ia adiantar. Depois, abortaram a ideia. Aí eu vim embora trazer o meu pai, mas não conseguimos dormir, a irmã da minha esposa tinha ligado, dizendo que o Wando estava desaparecido. Fomos pra casa da esposa dele. Quando, na

manhã seguinte, eu passei lá antes de ir pra Arena, um rapaz que morava perto falou que a lama levou ele. Disse que na hora da barragem, o Wando estava agachado, enchendo o caminhão pipa: “Nós gritamos, mas ele não ouvia. Quando viu a lama, entrou no caminhão, mas a lama levou tudo”.

O tempo foi passando.

Graças a Deus, conseguiram achar o corpo dele. Até hoje, não acharam o Edmilson.

Meu questionamento junto à Samarco é que o corpo do Edmilson pode estar em qualquer lugar, inclusive no meu terreno. Essa dúvida eu sempre vou ter. É um dos motivos pelo qual eu peço à Samarco pra tirar a lama do meu terreno.

A lama destruiu tudo: projeto, sonho.

Aquele entusiasmo que eu tinha no Bento, que eu chegava e ficava capinando até de noite, isso eu acho que acabou. Um dia, eu fiquei lá até 9 da noite, iluminei o terreno todo, minha esposa estava: “Vem, vem que sua cabeça está cheia de poeira”. Quando bati a mão, era poeira no sereno da noite.

Meu entusiasmo que eu tinha era a jabuticabeira. Todo dia em que a gente estava lá, minha esposa levantava de manhã, sentava no banco embaixo da jabuticabeira, tomava o café da manhã. Isso aí a gente não vai ter.

A gente não sabe do futuro, a gente luta por uma indenização digna.

A Renova apresentou valores absurdamente baixos. Um pé de jabuticaba nosso vive cerca de 300 anos. A avaliação que a Renova fez é para o pé durar no máximo 30 anos. Com essa idade, a jabuticaba Sabará ainda não está no período de produção máxima. O período dela começa a partir dos 35 anos. Chegou ao cúmulo de oferecer 600 reais numa planta destruída. Uma muda, através de enxerto, custa 4.500 reais. Pra chegar à produção do corte que a gente tinha, ia demorar no mínimo mais uns 20 anos, de qualidade inferior. São distorções gritantes.

Nós temos hoje uma casa muito melhor do que a gente tinha em Bento, com piscina, cozinha ampla, área de churrasco, deque, gramado, tudo. Comprei com o meu dinheiro.

Mas falta o Bento.

Eu vejo que o que faz o local não é o que a gente tem, são as pessoas que estão no entorno. Eu deixo a minha casa muito confortável aqui no distrito pra dormir numa caçamba de caminhonete lá no Bento. Eu dormi amontado, espalhando colchão pra sala da casa da dona Teresinha, isso não há dinheiro que pague. A gente passa a noite lá batendo papo. Essa casa que a gente tem, minha esposa vai uma, duas vezes por semana. Eu vou pra tentar descansar, desligar de tudo, me recuperar pra luta que vem pela frente.

Mas aquele vínculo com o local não tenho.

“FOI UMA PERDA ATRÁS DA OUTRA. EU FIQUEI SEM RUMO” (MARIA)

O Toninho tinha saído de Mariana no dia da barragem, levando compras, um monte de coisa para a roça. A caminhonete estava carregada. Marlene estava no Bento e até falou pra ele ficar lá, porque ele parava no Bento para tomar café. Eu cresci no Bento, mas depois que casei fui morar no Gama, pertinho, passava por dentro. Então ele chegava e tomava café. Passou lá, conversou com Marlene, mas foi, porque já tinha três dias que as vacas estavam sozinhas. Eu estava em Mariana.

Quando foi meio-dia, ele me ligou, disse que estava tudo bem. Quando era mais tarde, eu estava ouvindo o pessoal falando o que aconteceu. Aí a gente viu na televisão a notícia que a barragem tinha estourado, ficou apavorado. Juntamos todo mundo na casa da minha mãe, que estava esperando carona para voltar, e continuou lá, com a bolsinha, do mesmo jeito.

A gente ficou doido pensando que Marlene morreu, porque ela estava sozinha com Zezinho. A gente não tinha notícias de ninguém. Meu irmão arrumou um jeito de voltar e ir pro Bento. Eu liguei pro meu marido e ele não atendia, parece que cortou o sinal, deu uma pane naquele dia, os telefones até hoje são ruins. Eu não conseguia falar e fiquei: “Oh, meu Deus, será que a barragem foi lá em casa?”. Porque é a mesma rota.

Depois, consegui falar com ele. Ainda bem que ele não quis sair, estava uma escuridão só, ele falou: “Ouvi o barulho da água descendo, muita água, estou com medo”. Ficou uns dias isolado, o caminho estava interrompido, estava sem ter como falar, o telefone descarregou. Desesperado, sem saber se alguém morreu. Foi triste demais, ele passou aperto vários dias, ele não conseguia vir e a gente não conseguia ir. Faltava trato para a vaca, pro cachorro. Consegui doação de saco de ração. Depois, a firma começou a limpar os rios, colocou as máquinas lá na nossa casa.

Quando foi no fim do ano, eu consegui ir para a roça. Mas a gente não tinha aquele sossego, acabou o sossego. A gente ficou com medo de a outra barragem romper. E o Toninho não queria abandonar as criações.

Depois, Marlene se assentou quando saiu do hotel, ela parecia que não tinha cabeça. Custou a cair a ficha, que ela não tinha casa, não tinha nada, custou a colocar as coisas no lugar, começou a comprar panela de novo. A gente chegou a um ponto de proibir de comprar panela. E assim a gente ficou.

O pessoal lá de casa não tinha mais para onde ir, ficou perdido. Porque o Bento acabou. Chegava no fim de semana e pensava: para onde a gente vai? O que a gente vai fazer? Depois da barragem, a nossa passagem para Bicas e Ponte do Gama, pelo Bento, ficou difícil, a gente tinha que dar uma volta. Um percurso bem maior, as crianças não podem mais andar em cima da caminhonete, era asfalto. Como levar os netos? Mas começaram a ir para a nossa casa. Até o último *réveillon*, em 2018, foi na minha casa. Tinha bastante gente, porque o aniversário do meu marido é dia 30 de dezembro. Ele fez 57 anos. Dia 30 de dezembro. Dia 21 de janeiro ele morreu. Foi uma perda atrás da outra. Eu fiquei sem rumo.

Toda a minha vida foi essa, de roça, então a gente não tinha mais motivo de nada. Você perde o sentido de tudo.

Eu nunca trabalhei fichada, com carteira assinada, sempre trabalhei rural. Lá na minha roça tinha gado, sempre plantei de tudo, milho, feijão, banana, tinha a minha horta. Já trabalhei como meeira, pegar terreno do outros, eu plantava e ficava metade pra mim, metade para o dono da terra. Aprendi com o meu pai. Em casa a gente tinha que plantar milho, mandioca, feijão. Era a nossa tarefa, estudar e capinar, deixar o milharal todo limpo. A casa era bem grande, a gente tinha obrigação de deixar tudo limpo. Eram nove filhos. Aí eu casei, peguei o terreno do meu marido, um terreno bem grande, podia plantar o quisesse, até arroz, tinha bastante água.

As meninas da Renova um dia foram lá em casa para fazer vistoria e ficaram até bobas. Eu não podia ver espaço: abóbora, tomate, cenoura, beterraba, repolho. Tudo isso eu gostava de plantar. Aí era uma briga com coelhos, saracura. Tinha que cercar tudo, coelho come tudo o que a gente planta. Colhia tudo, era muito bonito. Que pena que a gente não tinha aquela mania de tirar foto. Meu marido detestava tirar foto.

Como eu tive coisa bonita naquela casa. A gente perde tudo.

Agora, em 2018, o Toninho acabou falecendo. Eu tive que deixar tudo para trás. Foi uma coisa muito triste, a morte dele, porque ele estava bem e, de repente...

Tinha muito macaco lá, o macaco vinha na porta da cozinha. Os mosquitos, sempre têm bastante, porque tinha lagoa perto, tinha um rio. Eu falava para ele, “tem que vacinar”, e foi adiando. E em 2017 veio o surto de febre amarela, mas ele chegava aqui em Mariana, “a fila está grande, meus bezerros estão presos”, e ia embora. Até que um dia, ouvi que tinha um macaco na Ponte do Gama contaminado. Ele vacinou, mas já estava contaminado. Cada dia que passava, ele estava pior. E o médico falou que não tinha mais o que fazer.

Foi uma perda muito grande. Foi difícil se acostumar, tive que mudar para Mariana.

Antes, era todo mundo junto, família muito grande. Marlene ia para lá fazer salgado, pastel, rosquinha. Mãe gostava da parte de leite. Era sanfona, pandeiro, eles cantavam. Toninho gostava de ver eles cantando e tocando. Quando a turma vinha embora, ele ficava triste. Agora tem cobra, a gente fica com medo. Hoje, já chegou ao ponto de eu achar cobra dentro de casa, está muito perigoso.

Eu deixei lá na roça a criação de galinha, ganso, o bicho comeu tudo, porque não tinha mais cachorro, não tinha quem cuidar, os outros foram sumindo. Alguém pega aqui e ali, aí acabou essa parte. As minhas vacas, eu vendi por um preço bem barato. Como eu ia cuidar? A minha vida era muito corrida, eu gostava. Quando vim para casa da minha mãe, ela falava: “Maria, para, senta”. Mas eu não conseguia ficar parada. A gente, na roça, só para à noite.

A gente é acostumado a não parar, não parar para pensar. De repente, Zezinho adoeceu, vim ficar com Marlene para cuidar dele, ficava o dia inteirinho aqui. Nem deu tempo para pensar na morte do meu marido.

Ficou um vazio muito grande.

De repente, aquilo tudo acaba, a gente se sente inútil, é difícil.

Mas não posso desanimar, não, porque tem meus netos ainda. Eles precisam de mim.

“A GENTE NÃO VIVE, A GENTE É VIVO-MORTO” (VERA)

No dia da lama, eu estava na minha casa. Eu recebi um telefonema do meu menino, que ligou para dar parabéns para o pai, e falou assim: “Ô, mãe, diz que estourou uma barragem aqui em Mariana, mas não se sabe para que lado ela vai”. Se ela foi para o lado de Santa Bárbara, ou se vai descer para Barra Longa. Porque são dois rios. Mas dava tempo. O tempo que ela estourou, o tempo que ela levou para chegar onde eu moro, se eles fossem avisar de avião, nós tínhamos tirado tudo. Eu saí da minha casa com a roupa do corpo. Foi tudo. Eu tive perda total.

Mas uns falavam: “É muito longe, não vai chegar aqui não”. Mariana estava muito longe. Até chegar no Gesteira, ela destruiu cinco pontes. Arrancou inteiras. Onde que um ser humano ia aguentar? Vinha embolando tudo. A força dela foi uma força para destruir mesmo, foi muito forte.

Ela já estava chegando, nós saímos quando ela estava na porta. Ela começou a carregar as coisas com muita rapidez. A gente não aguentava a força da lama na perna da gente, não, ela batia na perna da gente mais como um fio de luz, que tava cortando. Eu lembro até hoje da força da lama. Parece que vinha com pedra, com vidros, ela batia assim... Ela ia e voltava, tipo uma maré. Mesma coisa de quando o mar está bravo, ela veio desse jeito, dessa forma. Pena que a gente não fotografou, mas fotografar como? Ia lembrar? Só gritar, só chorar, só choro e mais nada.

Eu morava perto do rio, não. Já aconteceu muita enchente que não chegou a ir na minha casa. Mas ele foi muito alto, parece que 15 metros, mais ou menos. De lama. Então não tinha estrutura para aguentar aquele peso todo. Com 20 minutos, o que tinha que destruir já tinha destruído. Porque ela veio, o peso dela foi levando tudo pela frente. Com 20 minutos, já tinha destruído a casa. Porque foi muito alta, veio uma onda. Vinha jogando... foi levando tudo.

Você sentia cheiro de podre, eles jogavam muita química, produto químico, aquilo ia fermentando. Tudo misturado. Era tipo uma soda muito forte, sentia mau cheiro, um óleo misturado, bicho podre. Que fedor horrível, você não suportava. E a lama, quando ela batia na gente, beliscava. Parecia que ia comer. E come. Porque eu voltei 15 dias depois. Muita coisa que nós cavávamos na despensa, que eu estava cavando na despensa, porque ele tinha deixado documento da moto numa bolsa que levava pra trabalhar, a gente estava achando vasilha de comida, lata, alumínio, estava tudo furado! Imagina a carne da gente. A gente que pisou muito naquilo, acredito que todo mundo está contaminado, todo mundo que andou ali. Meu cunhado tem 75 anos. Ele caiu nessa lama, bebeu muita lama, muito barro. A água estava tão pesada que tirou a calça dele fora. Caiu vestido, saiu nu. Seis meses depois, ele estava canceroso.

Eu saí pro alto do morro, fiquei de um dia pro outro, passei a noite no mato, pra no outro dia meus meninos me darem socorro. A gente saiu pela mata até o canto da estrada e, de lá, para Mariana. Viemos para a casa de um irmão dele. Lá, eu fiquei 48 dias. Depois de 48 dias, a Samarco alugou uma casa para mim.

Mas foi muito difícil, foi muita dor, foi muito sofrimento, muita luta, foi muito choro. Até hoje... Eu não gosto nem de lembrar. Dia 5 de novembro era um dia de alegria lá em casa, era dia de aniversário do meu marido. A gente estava organizando uma festa para reunir todo mundo, era a festa de todo ano, tradição. Veio a lama, destruiu tudo, acabou com a nossa alegria.

A gente não vive. Eu sempre falo que a gente é vivo-morto, porque a vida não é em nada igual dentro do que a gente era.

Seu trabalho, eu tinha um trabalho lá que eu era funcionária pública, mas eu também mexia com cabelo, fazia biscoito pra fora. A gente ia levando a vida. A gente tinha um lucro extra pra ajudar o valor estipulado de uma pessoa que é um serviçal. O que eu ganhava era pouco, não dava para me manter, não dava pra suprir aquilo que eu queria, que eu pagava a faculdade da minha filha.

A gente morava no Gesteira, mas era assim, ó: tinha uma casa aqui, outra ali, outra ali... Depois de bastante tempo que construíram a igreja, que formou a comunidade, que fez aquelas casas tipo uma rua. Um correio da direita, um correio da esquerda. Lá é uma comunidade pequena, de uns 40 habitantes, tem igreja, escola, praça, quadra. É um lugar gostoso. E tem o nosso campo também, para a gente trabalhar, porque cada um tem seu pedacinho de terra, cada um vai desfrutando de sua casa.

Eu tinha uma casa de 12 cômodos: sala, cozinha, copa, banheiro, área, quatro quartos. Era uma casa do meu sonho, porque tudo o que eu planejei... Eu acho que se me dão uma de 15 cômodos não vai ser como a minha. Nada vai ser igual. Tudo foi planejado, tudo foi com luta. Mas uma luta de amor. Todo ano, eu fazia reforma, pintava, organizava para fazer melhorias. Quando eu casei, a casa era de seis cômodos, eu já estava com uma casa de 12 cômodos, espaçosa, garagem, quintal. Tinha muita criação, tinha galinha, cachorro, gato, um pomar muito bonito, ela tinha uma frente que a gente gramou, tinha um verde na frente muito bonito, um lugar muito, muito.

A minha casa era o meu sonho. É a minha vida.

Eu fecho o olho, eu vejo ela todinha. Sempre que eu estou lembrando, eu procuro até não lembrar muito, tenho muita saudade. É onde eu criei meus filhos. As lembranças dos meus filhos estavam ali.

Eu conheci o MAB na lama³. No dia em que eu retornei lá, que eu fui pra ver se eu conseguia algum documento que ficou soterrado, debaixo da lama. Eu conheci o Thiago do MAB. E aí que ele me deu um... Ele foi uma ponte pra eu passar. Porque, sabe quando você está destruída, sem direção, sem saber, sem entender? Ele sentou comigo e conversou comigo uma meia hora. Ele abriu caminhos. Hoje eu luto, mas eu luto com esperança. Porque eu sei que vai chegar um momento que não tem saída, né? Ele falou do direito do atingido. Da pessoa que é atingida por barragem... Falou sobre umas experiências que ele teve de conquista. Eu agarrei com fé e acredito que sim. Porque o pouco que a gente tem conquistado a Samarco não ofereceu de graça, não, foi tudo conquistado por luta. Começando pelo terreno. A gente triplicou com a luta, brigou pra conseguir mais. E conseguimos. O pouco que a gente já conseguiu, a gente tem esperança que nós vamos conseguir todos. Basta nós estarmos unidos. Unidos e com fé que a gente vai conseguir tudo.

Em 1979 veio uma enchente, levou o Gesteira. Acabou com as casas. Então o povo era muito unido, fez aquele conjunto e construíram o novo Gesteira, que é o Gesteira de hoje. Fez em mutirão. Construía pra um, construía pro outro, ia em doação. E hoje com empresa tão rica é essa luta pra nós conseguirmos uma casa, quase quatro anos. E não levou um ano lá, construiu

³ *Idem.*

em doação, com aquela luta. Construía pra um, construía pra outro, feito em mutirão. É tanto que lá tem o nome de Mutirão.

Nessa enchente de 1979, eu tinha casado de pouco, tinha meu filho mais velho, estava com dois meses e pouco. Mas a minha casa em si, ela não foi embora. Porque ela era uma casa nova. Ela aguentou. Que é consequência da empresa também. Só que, como a gente não tinha conhecimento, a gente não podia falar. A gente não sabia de onde vinha a água. Pra nós, era a natureza, mas já era da empresa, já era da empresa.

Eles falavam, Techint. A gente sabia da empresa como Techint, porque não tinha conhecimento nenhum. Eles passavam lá correndo terreno, porque eles já tinham plano de passar a tubulação. Mas eles não procuravam os pequenos, eles procuravam os fazendeiros grandes. Os miudinhos não viam. Os miudinhos era formiga pra eles. Então desde 1979 que a gente sofre com essa empresa.

Essa enchente, choveu 45 dias. Nisso, veio uma enchente muito grande. A enchente veio, eles aproveitaram e soltaram as comportas da barragem. Às escondidas. Eu lembro que chegou um pessoal que foi lá pra ver. Porque o Gesteira, as casas tinham caído. Isso eu lembro até hoje, como se fosse agora. Eles falaram assim: “Essa enchente é das empresas da Techint, eles estão soltando as comportas pra esvaziar, pra aproveitar o momento da chuva, da natureza”. Como quem diz: pra tapear. Tapear o povo.

Mas nós não tínhamos conhecimento nem da gravidade, nem do que eles seriam capazes de fazer. Agora, hoje, a gente tem.

A nossa comunidade não estava à venda, a nossa comunidade não estava a negociar, a nossa comunidade estava bem. A gente tinha tudo: tinha lazer, tinha escola, tinha igreja, que é o nosso ponto forte lá, é a igreja, tanto a católica quanto a evangélica. A gente tinha uma harmonia um com o outro, a gente procurava crescer. E vem essa lama e destrói tudo.

E nós estamos na luta com a Samarco, para que eles recomponham as nossas coisas, nossos utensílios. Está sendo uma briga, uma luta. Eu olho pra eles, assim, em reunião e falo: “Meu Deus, parece que a gente que é o criminoso”. E olhando pra nós e a forma que eles nos tratam, dá impressão que a gente é mendigo. É bandido. Eles reconhecem um, mas não reconhece o outro, o povo fica um contra o outro. No meu conhecimento, eu vejo como é o jogo deles, eles não respeitam. Uma empresa tão rica, ela é uma gigante. Fazer isso que está fazendo pra nós...

Ela que nos colocou em dificuldades e está nos colocando na enfermidade. A gente não dorme, o nosso psicológico, ele não se acomoda, ele trabalha dia e noite. Tem noite que a gente não dorme. Eu não durmo de preocupada. E não vem ninguém saber se você está bem, se o que está contribuindo está sendo suficiente.

Eu acostumei com as minhas coisas livres.

“*A PROFECIA SE CUMPRIU*” (SIMONE)

Esse dia eu nunca vou esquecer. Nunca vou, nunca vou! Pode passar um trilhão de anos, só no dia que eu deitar no caixão e jogar terra em cima de mim. Eu não vou esquecer.

Eu estava chegando do serviço em Barra Longa, passei na frente da casa da minha prima, aí minha tia falou assim: “Ô, Simone, rompeu a barragem lá em Bento Rodrigues”. Eu só falei: “Jesus amado, vai destruir Gesteira todo”. Eu não tinha assistido à televisão, não tinha visto o tamanho, não tinha noção da proporção do que vinha. Só de ela falar pra mim, pensei: “Vai destruir Gesteira, acabou com tudo”. Daí pra frente eu não fui mais ninguém.

O pessoal começou: “Vocês são *doidas*, gente”. Fui lá em casa, isso era cinco e cinco, mais ou menos. Fui lá em casa, não liguei a televisão, peguei a minha menina no braço, voltei e fiquei na rua pra cima e pra baixo, pra cima e pra baixo, pra cima e pra baixo. Sofia tinha 9 meses, no meu braço. Eu não conseguia, eu não conseguia, eu não conseguia entrar em casa, perdi o rumo, perdi a noção. A gente só sabia que era barragem, mas a gente achava que era de água. A gente achava que tinha rompido uma barragem de água, uma represa de água. Aí meu tio falou assim: “Olha, passou em Campina com 10 metros”. E Campina é muito alto, falei: “Não vai sobrar nada em Gesteira, que é baixo”.

Ficamos naquela angústia. Não tinha como ir pra Gesteira. A minha avó correu, tadinha, a minha avó sofreu muito. Correu. Ela tinha uma casa da frente e tinha uma casa no fundo. Essa casa do fundo foi feita por causa de enchente de 1979. Toda vez que a enchente vinha, entrava água na casa, ia embora e voltava. Minha avó tirou tudo dessa casa, aquele desespero, aquela correria. O pessoal da comunidade desceu para ajudar, tiraram tudo, tadinha. Ela tinha embalado 20 travesseiros que tinha arrumado pro Natal, para nós, tinha feito tudo de capa novinha. Pegou aquela quantidade de coisa, botou lá na casa do fundo, porque ela é alta. Nem a enchente de 1979 passou nesse lugar! Meu primo pegou a galinha, pôs em cima do telhado. Minha avó estava com porco de não sei quantas arrobas pro natal, já tinha feito compras.

Quando dá meia-noite foi a última ligação que a gente conseguiu fazer lá em Gesteira. Minha tia falou assim com minha prima: “Olha, passou um caminhão aqui e arrancou a ponte, nós não temos casa mais”. “Mas como você sabe?” “Porque os cachorros estão chorando do outro lado, estão chorando demais.” Estava tudo escuro. Minha avó viu o sofá descendo, começou a ver as prateleiras com as vasilhas tudo brilhando, descendo, os pratos, as panelas, tudo passando, tudo passando, aquele mundo acabando.

Pronto, não conseguimos falar mais com Gesteira. Acabou. Tentaram ligar, tentaram ligar, não conseguia. Quando deu 2 e pouco da manhã, a primeira coisa que chega em Barra Longa é um fedor insuportável de soda cáustica. Fedor de soda cáustica terrível. Senti aquele cheiro sufocante, não conseguia mais respirar, não conseguia mais.

Passa um pouquinho, começa aquele barulhão do mundo acabando. Quando, gente, eu olho pra pracinha de Barra Longa, aquilo nunca vai sair da minha cabeça, um ônibus escolar desses grandões descendo no meio da praça. Aí começou.

Cai parede daqui, cai boi daqui, aquele boi berrando, cavalo. Ai, Jesus! Nunca vou esquecer essa noite, nunca, nunca vou esquecer esse terror que eu vivi. É um terror. Você via tudo descendo, as pessoas gritando desesperadas, corre gente daqui, eu lembro que meu ex-marido desceu pra ver. Lá de casa eu gritei, lá da rua. Meu filho estava do lado do muro. A lama vinha, dava um tapa e, na hora que ela voltava, ela levava. Onde ela batia, ela levava inteiro. A lama deu um tapa no muro, o muro era grandão que, na hora que a lama voltou, o muro voltou junto. Aí eu: “Meu filho, pelo amor de Deus!”. O mundo foi acabando, foi passando, e eu ali em pé com Sofia desde 5 horas com ela no braço. Passei a noite inteira com ela no braço sem voltar em casa, sem comer, sem beber, sem nada.

Tadinha da minha tia. Ela pegou uma garrafa de café, ela não percebia que acabou tudo, tomou uma garrafa de café, olhava pra lama, bebia, olhava para mim. Chorando, desesperada. Eu pedindo Deus pro dia clarear, pra gente saber o que que tinha acontecido. Quando o dia amanhece, começa a chegar as imagens. A gente não via mais a casa, só via aquele lamaçal, aquele lamaçal. “Na hora que isso aqui baixar – olha a cabeça da gente, a inocência – na hora que isso aí baixar, minha avó vai voltar pra casa dela de novo.” Quando a lama, a água escorreu, você só via o esqueleto da casa. Eu doida, desesperada pra ir pra Gesteira, mas não tinha estrada. Todas as pontes foram embora, foram seis pontes embora. Eu atravesssei o rio. E olha que eu sou medrosa. Eu atravesssei o rio no meio daquele lamaçal. Na hora que eu cheguei na casa, eu caí, eu caí. Caí no chão. Surtei, pirei, surtei, fiquei doida, maluca. Eu berrava.

A gente tem que brigar muito, a gente tem que brigar.

Minha casa fica em Barra Longa, eu moro no morro. No primeiro dia, a minha casa... Bem, na minha cabeça, eu achava que eu não tinha sido atingida, né, que todo mundo me perguntava “você foi atingida?”, eu falava: “Não, eu não sou atingida. Quem foi atingida foi a minha família, que perdeu a casa, que perdeu tudo. Eu não sou atingida”. Mas aí Sofia já apresentou problemas de alergia. Quando a empresa diz que ela está reparando, ela não consegue fazer reparação nenhuma sem causar danos a terceiros. Toda vez que ela dizia que *estava* reparando alguém, tem alguém sendo prejudicado, tem algum terceiro sendo atingido. Eles retiraram a lama do centro da cidade. Com isso, eles cometeram racismo ambiental. A lama foi retirada da parte nobre da cidade e levada para os altos do morro, onde que mora as pessoas pobres, negras, as pessoas com situações vulneráveis, agravando, com isso, a situação de saúde da população de Barra Longa. Porque hoje em todos os locais da cidade tem lama, até nos *alto* do Morro.

Desde o dia 6 de novembro que eu questiono o problema de saúde de Sofia. Problema respiratório, problema de pele. Agora teve uma complicação, ela teve inflamação no cérebro e no intestino e corre risco de vida, porque os metais tóxicos bloquearam as células de defesa do organismo dela. Ela começou com diarreia, ficou um mês com diarreia e febre, eu levei ela na [unidade de pronto atendimento] UPA, passava remédio, não adiantava, não melhorava. Desde o dia 6, comecei a relacionar aquilo a uma intoxicação pelo cheiro da lama. Fui taxada de louca, porque a Renova batia no peito, dizia: “A nossa lama é inerte, a nossa lama não fazia mal”.

Barra Longa nunca foi dependente. Nunca foi dependente da mineração. As pessoas de Barra Longa não trabalham em mineradora, não é igual a Mariana, que tem um processo diferente de dependência da mineração. Nós somos o contrário: nós tínhamos nossa vida independente, tinha forma de emprego, cada um tinha a sua forma de trabalho, não dependíamos financeiramente das mineradoras. Mas somos atingidos desde 1976. Eu sou atingida desde a barriga da minha mãe. Quando a primeira máquina passou, eu estava na barriga da minha mãe, ainda não tinha nascido ainda e teve aquela bagunça toda lá na comunidade. Eles não respeitavam, não é de hoje, nem de ontem. Meus avós contavam, minha mãe e meu pai contavam, a comunidade conta isso, que eles passaram os maquinários no meio do povo, faziam aqueles buracos, as casas das pessoas ficavam penduradas, arrebentavam a cerca das plantações das pessoas, os animais comiam todas as plantações das pessoas. E isso desde 1976, que foi a primeira vez, a construção do primeiro mineroduto da Samarco para levar rejeito, as pelotas de minério, joia rara, até o porto do Espírito Santo. Quando foi em 2006, passou o segundo mineroduto. Minha família é atingida novamente, toda aquela bagunça, aquela comunidade de peão, abriram todo tipo de violação de direitos. Quando é 2011, passa o segundo mineroduto da Samarco. Samarco, Vale, é BHP, as mesmas violações de direito.

Só que a gente não entendia que a gente tinha direito. Hoje, não posso dizer que eu sou 100% politizada, mas hoje eu entendo meus *direitos*. Sou uma pessoa, me considero uma pessoa politizada. A gente não sabia que a gente era atingido.

Desde eu pequenininha, lá em Gesteira – que eu sou da comunidade de Gesteira –, o rio sujava e ficava vermelho, igual ele é hoje, igual a depois do rompimento da barragem. Meus pais falavam assim: “Samarco soltou rejeito lá em cima hoje”. Aí os peixes do rio morriam todos. Aqueles peixes ficavam todos de barriga para cima, tentando respirar. Mas a gente não sabia, a gente não entendia o que que era. A gente não sabia, só sabia “soltou rejeito lá em cima, hoje”, a gente sabia que os peixes *iam* morrer. Isso é desde eu pequenininha, eu cresci ouvindo isso.

A mídia fala só de Bento, de Paracatu, não fala das outras comunidades que foram destruídas. Tem Ponte do Gama, tem Borbas, Barreto, Gesteira, Barra Longa, até o Espírito Santo. Gesteira só sobrou uma igreja para contar história, que um dia teve uma comunidade ali. O resto só são os esqueletos.

Lá, era um pedacinho do céu. A gente era feliz e, infelizmente, a gente só soube o que era felicidade após o rompimento da barragem, após o crime. A casa linda, maravilhosa. Era de tijolinho, linda demais, nossa! Com uma varanda na frente, era tudo muito lindo, era ali que a gente reunia... Todas as datas comemorativas, a gente estava ali: final de semana, natal, Dia das Mães, aniversário... A minha família era uma das famílias mais bonitas que tinha em Gesteira. Não é porque é minha família, era a família mais bonita, todo mundo era muito reunido, todo mundo era muito amigo um do outro.

Eu não sou reconhecida como atingida ainda, porque a lama não destruiu a minha casa no dia 5 de novembro. Ela destruiu tudo: minha história, destruiu minha vida, mas a casa ficou em pé. Era dali que vinha a nossa carne, não só minha, mas dos meus tios de Barra Longa também. Carne, ovo, verdura, legume, fruta, era dali. Peixe, era dali que vinha tudo. A minha avó vinha em Barra Longa com sacos grandões. Até a pouco tempo antes de ela morrer, tadinha, ela se lembra disso, ela lembra. Vinha com aquele saco e saía distribuindo: “Esse daqui é de Simone, de Vanderlei, de Carlinhos”. Ia entregando um por um. Quem tá fora da realidade, quem tá fora do território, que não vive, que não enfrenta esse maldito dia a dia, não sabe. Essa é a Fundação Renova.

Hoje eu chego lá em Gesteira, eu tento reconhecer os *espaços*, eu tento reconhecer a sala, eu tento reconhecer a área da varanda de fora, assim, a área da..., que era o lugar onde a gente fazia as *festas*. Você não consegue reconhecer nada, nada, não identifica nada lá mais.

A casa da minha avó, ela resistiu à enchente de 1979. Mas não resistiu ao capitalismo, à ganância, ao lucro desenfreado. Infelizmente. Mas, como se diz: “Você não é atingida, Simone, só se você deixar de ser militante. Se você parar de vestir a camisa do MAB, nós te reconhecemos a qualquer hora. Mas você tem que deixar de ser militante, você tem que deixar de ir pra frente e brigar pelo povo. No dia que você ficar no cantinho, aí”. Um defensor público disse para mim: “Você tem que ser egoísta, Simone, tem que pensar mais em você”. Ele estava do lado do mal também, do lado da Renova.

O MAB ensina às pessoas que elas devem lutar, devem ser sujeito de sua ação, de sua história. A gente instrui o povo, os direitos que eles têm, o povo fica armado, com munição para poder brigar com a Renova. O MAB é uma terapia para nós contra a depressão.

A gente era medrosa. Mas hoje, nós somos muito fortes.

“*EU APRENDI A BRIGAR SEM BATER*” (JOSILMA)

Tem 20 anos que eu moro em Santa Rita, uma ilha no meio do Rio Doce, em Valadares. Dessa ilha, a gente tirava o sustento. Plantações, frutas, verduras. De noite, a gente pescava. No outro dia cedo, ia vender pra gente fazer a despesa de casa. Eu tive que sair para a lama passar.

A água passou acima de mim. Eu tenho 1,52 m, a água passou acima de mim dentro da casa da Hilda, levando tudo e destruindo tudo.

E aí você *tem que tirar* tudo no braço. Cavar, tirar. Tem marca nos pés de coco acima de mim, onde a lama passou. Foi tudo embora, tudo, tudo.

Hoje, a gente nem pode ir na ilha, porque meu menino tem problema de bronquite e tem problema de rins. A gente chega lá e é um chororô danado, porque a nossa vida era lá, não aqui na rua. Hoje, não tem nem água, a água da mina está contaminada.

Eu posso falar da minha casa, das pessoas da vila. Eles não têm dinheiro pra comprar água mineral, eles usam aquela água. Mas a maioria deles está com dor no estômago, não consegue comer direito, tem uns que estão em depressão, porque não conseguem mexer com as coisas deles. As coisas deles foram embora, estragou tudo. É como se você estivesse renascendo, ter que começar tudo do zero. Do zero.

E aí quando a Renova foi indenizar, eles simplesmente pagaram o que foi destruído e dez mil por danos morais. Destruíu tudo. Meu marido teve que cavar um metro no pé das plantas se quisesse recuperar algumas delas. E ainda tem planta que tá com uns negócios. Por fora, ela parece que tá perfeita, mas, quando você abre, ela tá cheia de bicho.

Meu marido fica lá todo dia, ele chora.

Eu estou notando, ele chega de lá todo dia diferente. A barriga dele está inchando. Daqui a pouco, ele fica todo branco, eu sacudo ele na mão, mas ele não vai ao médico. As pernas dele tem marcas de machucado de lama, rachadura que fica em carne viva. O meu marido falou que a vida dele acabou. Ele não quer mais nada.

Eu entrei em depressão, logo depois do rompimento. Fiquei ruim, tomava três remédios de depressão por dia. Aí eu conheci o Guilherme, depois o Thiago apareceu, depois, eu conheci a Raphaela. Eu falei pra ela: “Raphaela, é como se você tivesse me pegado lá, eu morrendo afogada, e você tivesse me pegado e: ‘vamos andar que você tem que correr’”. É bom a gente ter contato com mulheres, porque eu não tenho essa liberdade de expor meus problemas, ou de amigas minhas, para um homem. Militante mulher é bom, elas ensinam, explicam a caminhar.

Aí eu não tomo mais remédio de depressão. Eu saio, eu vou no movimento do MAB. Eu saio, eu brigo, eu xingo, mando eles irem embora. Ressuscita.

No MAB, você tem força pra tudo. Respostas que você busca e não sabe onde buscar, o pessoal do MAB vai com você atrás dessa resposta, como é que você vai fazer, o que você vai fazer. Meu marido fala: “Vai, vai, vai! Senão, é mais uma semana chorosa dentro de casa”. Eu tive

coragem de falar, tive coragem de expor o que eu estou sentindo. Tive certeza naquilo que eu estava falando, coragem de buscar os meus direitos e os dos meus semelhantes. Eu não brigo só pra mim, eu brigo pela minha comunidade. Eu não falo: “Eu preciso disso”. “Nós precisamos disso!” O MAB me ensinou a ser coletiva. Eu só ficava no quarto, não saía, não conversava, eu não me expunha, não falava nada, nem reclamava. Hoje eu tenho coragem de falar: “Seu mentiroso!”.

Então, hoje, eu tenho coragem para falar. Hoje, eu falo. Se for pisar no meu calo, pode ter certeza que vai ouvir. A gente tem espaço para ser o protagonista da história, é empoderado para não deixar ninguém contar sua história.

Eu aprendi a brigar sem bater.

“ERA UM BARULHO MUITO FORTE, COMO SE ESTIVESSE À BEIRA-MAR” (RICARDO SOARES)

A gente estava tomando café numa padaria, a chefe ligou e falou: “Aconteceu um deslizamento de barragem”. Não é novidade pra gente que mora aqui em Belo Horizonte. Volta e meia, a gente escuta falar de uma e de outra, mas com menor intensidade. Mandaram o helicóptero para Mariana. E a gente veio de carro. Só tinha uma referência: a barragem é perto de Bento Rodrigues. Eu nunca tinha ouvido falar em Bento Rodrigues, apesar de morar aqui há muito tempo, ter viajado muito por Minas. Era umas 5 da tarde quando a gente saiu de Belo Horizonte, leva umas duas horas pra chegar a Mariana, já estava anoitecendo.

Quando a gente estava perto desse local que deveria entrar para Bento Rodrigues, passaram duas viaturas da guarda municipal a mil por hora, para o outro lado. Na hora, falamos: “Vamos seguir?” “Vamos.” A gente seguiu. Eles estavam correndo muito, a gente queria chegar perto para perguntar para onde estavam indo, mas até que chegamos num ponto que eles entraram num acesso para um lugarzinho chamado Monsenhor Horta e continuaram. Andamos uns 40 minutos até que pararam num lugarejo e saíram do carro correndo. Eu vi que tinha gente com colchão na mão, travesseiro, e os guardas falando: “Sai, tem que sair, tem que sair!”.

Fui perguntar o que estava acontecendo, que lugar era aquele, e ele falou: Paracatu de Baixo. Falaram para a gente seguir o carro deles, que estavam indo para um lugar seguro. Falaram que tinha que sair logo. Senão, iam prender a gente, que a lama ia chegar daqui a pouco. Na entradinha já de Paracatu, subiram atrás de umas casas, foram para o morro, onde estava a maior parte das pessoas do vilarejo. Já tinha anoitecido e a gente queria chegar um pouco mais para baixo, para tentar fazer uma imagem, mas falaram que era impossível que a lama ia chegar.

Tinha muita gente desesperada, era um momento que comecei a conversar com um e com outro, fazer umas entrevistas, era uma coisa caótica. Tinha um senhor que falou: “O dinheiro que eu juntei da venda de um imóvel está dentro do guarda-roupa”. Tinha gente que tinha acabado de fazer compra de mês, era dia 5. Estava todo mundo nessa situação, todo mundo perdeu tudo que tinha, mantimento, roupa. Não deu tempo de tirar nada de casa, na verdade.

A gente não tinha celular, porque não pegava. A gente sabia que tinha uma encomenda para fazer para o Jornal Nacional, Jornal da Globo, o que aparecesse. E estávamos isolados lá. Tomamos a decisão de sair por uma estradinha no meio do mato, disseram que conseguíamos sair para Mariana por ali. No caminho, fizemos um *flash* de áudio para o [Jornal Nacional] JN.

Audiotape que a gente chama. E corremos para o ginásio de Mariana, que era onde tinha uma unidade móvel nossa posicionada para o vivo, porque as vítimas já estavam sendo levadas para lá para passar a noite. E estava chegando roupa, colchão, fizemos um vivo para o Jornal da Globo. Só depois que terminamos que fomos para Bento Rodrigues. Descobri onde era.

Chegamos por volta de 1 da manhã, passamos por um lugarzinho chamado Santa Rita, a polícia fechou o acesso. Só a nossa equipe conseguiu entrar, e o ponto máximo que a gente chegava desse distrito era uma rua no alto, uma rua de terra, os bombeiros fizeram uma barreira. Tinha muito bombeiro, polícia, moradores, vizinhos, muita gente desesperada querendo notícia. Tinha gente presa lá embaixo, aqueles que não morreram ficaram ilhados num pedacinho do lugarejo, na parte mais alta. Tinha criança, adulto, idoso, gente com ferimento, não conseguiam sair. E quem estava aqui não conseguia chegar lá para tirar. E foi assim, aterrorizante, porque os bombeiros falaram: “Vocês estão aqui por conta e risco de vocês, porque tem outra barragem que pode estourar, a gente não sabe se está em um lugar seguro”.

A gente ficou. Foi uma noite angustiante, não prega o olho. A madrugada, você vendo gente querendo entrar, família desesperada querendo notícia, ficou aquela coisa. Os bombeiros gritando daqui, escutavam vozes bem longe.

E aquele barulho, porque a lama continuava escorrendo da barragem. Era um barulho muito forte, como se você estivesse à beira-mar, com onda batendo, só que você não enxergava, porque não tinha luz. Escutava o barulho muito forte e com a possibilidade tenebrosa de estourar a outra barragem e levar todo mundo que estava ali.

Lá para as 5 da manhã, as máquinas começaram a descer. Aqueles tratores fora da estrada, retroescavadeira. E por volta das 8, eles liberaram para a gente descer. Porque os ônibus foram buscar as pessoas que estavam ilhadas para levar para o posto de saúde, hospital. E só depois que essas pessoas saíram é que eles liberaram para a gente entrar. E aí que a gente conseguiu... De manhã cedo, a gente estava vendo que ainda tinha lama descendo, você vê aquela paisagem muito impactante. E aí chegar lá, é aquela coisa, é triste e ao mesmo tempo aterradora. A gente fica meio sem explicação, se sente muito impotente ali. Entra num lugar sabendo que ainda tem risco, a gente teve que passar pela parte mais baixa, a pé, não pode entrar carro, foram uns 40 minutos de caminhada.

Quando a gente passou, não afundava mais, porque as máquinas tinham passado e tirado a lama mais espessa. Só não conseguia entrar lá onde tinha lama nas casas, porque não tinha a possibilidade mesmo.

O governador desceu de helicóptero no caminho. A gente estava lá, fizemos entrevista. A gente saiu de lá por terra levando esse primeiro registro, também das casas cobertas de lama.

Eu não conseguia pregar o olho de jeito nenhum. Foi uma noite em claro. Depois, a gente saiu dali, fez a matéria toda, e teve uma ideia. “Bom, a lama passou por aqui, com essa tragédia desse tamanho, a TV mandou um tanto de equipe para lá, vamos seguir o trajeto da lama”. E aí que a gente começou a ver que a coisa era muito mais séria do que a gente tinha imaginado.

Seguimos o trajeto do Rio Gualaxo do Norte, fomos até a divisa com o Espírito Santo. Paramos em um monte de cidadezinha. Barra Longa foi a primeira. Foi a mais impactante, porque foi a primeira cidade que a lama atingiu a área urbana. Tinha muito mais casa, mais gente, o rio era

muito pertinho da área urbana da cidade. Transformou aquilo num lamaçal. Dali, fomos para Rio Doce, Santa Cruz do Escavado, Ipatinga, Resplendor, Conselheiro Pena.

Nessas duas últimas tivemos um impacto maior na fauna do rio.

Tinha pescador chorando, muito peixe morto. Foi bem *punk*. Eu entrevistei o seu Zezinho, um homem embrutecido pela atividade dele, um sujeito que aguenta o tranco da vida. Chorou na beira do rio ao ver aquela mortandade de peixe, uma coisa que ele não tinha imaginado que pudesse acontecer. Talvez viesse na cabeça dele naquele momento uma dúvida do que viria depois. Eu voltei lá algumas vezes, ele sempre foi um crítico do que foi feito pela Samarco, de como as autoridades estavam cuidando daquilo. Era um sujeito absolutamente conectado com o rio, ele tinha uma ilha, uma terra no meio do rio, a terra era muito fértil, ele me levou na ilha dele, tinha criação, cachorro, não sabia viver sem o rio.

A cena que talvez tenha me marcado mais foi na cidade de Rio Doce. Tem uma barragem que chama Represa de Candonga. A lama foi perdendo força quando chegou ali, e tudo o que arrastou de Mariana, Bento Rodrigues foi se acumulando naquele espaço. Nunca tinha visto tanto tronco de árvore junto, arrancado, no mesmo lugar. Olhava o rio, lotado de árvore. Ela saiu arrancando tudo e veio rolando. Não sobrou folha, não sobrou galho, ficava só palito de árvore. Só o tronco. Aquilo é de cortar o coração.

Ali, o trabalho é o factual, é a vida como ela é mesmo, Nelson Rodrigues. A gente buscava muito, não sei se por uma questão de empatia, carregar tinta nos depoimentos, deixar as pessoas desabafarem. Porque acabou sendo uma coisa que eu percebia que acabou virando uma função da gente também, escutar as pessoas. Muitas vezes as pessoas chamavam a gente, não era pra dar uma entrevista, ela queria desabafar. Virou um pouco isso, de ouvir, emprestar o ombro, apesar da correria.

Foi o caos, uma tragédia humana arrepiante. E quando a gente achou que nunca mais fosse ver nada parecido com o que a gente viu em Mariana, vem uma coisa tão devastadora que foi Brumadinho. Aquele drama humano maior ainda.

*

Este capítulo me parecia, quando tive a ideia de fazê-lo, dispensável. Adiei esse encontro por pensar que, talvez, se me faltasse tempo, a tese se sairia bem sem ele. Mas, quanto mais eu desistia, mais eu ouvia uma espécie de chamado. Passei a sentir que todo o meu empenho nesses quatro anos não faria sentido nenhum se não desse voz aos entrevistados de maneira singular. Cada um tem seu jeito de lembrar, narrar e lidar com as perdas consequentes do dia 5 de novembro de 2015. A riqueza, como eu disse na apresentação, é o trajeto, não o destino; é a maneira como essa lembrança é feita, que imagens são evocadas no percurso. As imagens captam centelhas dos indivíduos que lembram.

Neste capítulo, apresento nas entrelinhas as ideias centrais do meu trabalho: o acontecimento multifacetado em construção polissêmica; a escrita em ruínas, fragmentos que

têm voz própria, estão abertos à interpretação, são presença na ausência; a ressignificação da ideia de tragédia no jornalismo televisivo – o sentido trágico está aqui; o trabalho organizador constante da memória. Há também a exposição dos afetos na escrita – os deles e os meus.

Arrisquei-me a pensar uma forma fluida e coerente de escrever um trabalho de memória na área de comunicação, quis incorporar a tensão permanente entre lembrança e esquecimento, seleção e enquadramento na estrutura dos capítulos. É por isso que estes não seguem a ordem cronológica. Misturam presente e passado em um emaranhado de palavras que refletem a sobreposição de camadas constituintes da consciência de ser no tempo. Este capítulo é uma espécie de síntese da proposta. A comunicação é um campo fértil para se pensar a linguagem não apenas enquanto objeto teórico, mas como forma narrativa – o texto acadêmico pode ser metáfora de seu objeto. E não vi outro modo de escrevê-lo que não assim.

Mergulhei nas entrevistas, extraí três ou quatro páginas de depoimentos de 50. Entrei de um jeito, saí de outro. Nesse caminho, não há como se manter anestesiado. Em cada depoimento, a tristeza tem forma própria. Alguns entrevistados acham-se fracos, sentem um vazio inexplicável. Outros se acham fortes, corajosos. Choram. Eu também. Alguns mais, outros menos. Há quem se sinta impotente, sem rumo, ou quem tenha esperança em uma reparação minimamente justa. Existe raiva, uma raiva que transforma, tira da inércia, do quarto escuro, do afogamento em si mesmo, como me descreveu Josilma (2019). Em comum, a sensação de que nada será como antes. Há também beleza, assim como na ruína; ela existe na possibilidade de restauração após o caos, erguida pela resiliência, na coragem. A vida que eles tinham, assim como a casa, o lugar da tradição, está perdida para sempre. Ao mesmo tempo, lembrá-la acalma. As ruínas simbolizam essa decadência, mas resistem como marcos espaciais da destruição infringida contra essas pessoas.

Uma destruição prevista pelo cálculo do risco e que não foi sequer exemplar – em janeiro de 2019, houve o rompimento da barragem da Vale, em Brumadinho, em 2019, construída no mesmo sistema de alteamento a montante daquela que se rompeu em Bento Rodrigues. Como essas, existem ainda 88 com alto potencial de dano, erguidas em áreas próximas a comunidades em diferentes estados brasileiros⁴. A precarização de condições de trabalho, a falta de investimentos em segurança, a ausência de fiscalização eficaz, a conivência do poder público e o aumento desenfreado da produção de minério de ferro diante da baixa do preço de exportação são uma realidade no modelo de mineração no Brasil (POEMAS, 2015). Nesse cenário, as vidas de pessoas como Marlene, Rosângela, Mauro, Vera e Marquinhos são

⁴ Ver: Alvarenga e Trevizan (2019).

quantificáveis. O *Manual de riscos corporativos*, redigido em abril de 2015 por funcionários da Samarco, por exemplo, analisava possíveis consequências de um eventual rompimento da barragem de Fundão: esperava-se a morte de duas a 20 pessoas, além de impactos a “biodiversidade, recursos hídricos, água e ar” (*apud* MPF, 2016a, p. 185)⁵.

Para além disso, no TAAC redigido em 2016, todos os moradores de cidades atingidas, de Minas ao Espírito Santo, são considerados “impactados” – nomenclatura escolhida cuidadosamente por representantes das mineradoras para que se retirasse dali qualquer tipo de implicação penal, como mostrou Cristina Serra (2018, p. 256). Na mesma linha, optou-se por não nomear o rompimento como “acidente” ou “desastre”, mas diz-se “evento”; não existe “estrago” ou “dano”, e, sim, “consequência”. O acordo que se tornaria base das negociações era um contrato.

Neste capítulo, Simone, Vera e Josilma escapam do único lugar que cabe ao sujeito que sofre nas reportagens de estrutura melodramática de televisão, conforme mostramos na primeira parte. São sujeitos da própria história, têm espaço para serem protagonistas, como bem definiu Simone (2019) em seu depoimento.

De certa maneira, vejo que o capítulo arremata tudo o que veio antes e encena algum tipo de compromisso social que penso ser fundamental na pesquisa acadêmica. Essas pessoas cederam seu tempo a mim, abriram-se, emocionaram-se, lidaram com lembranças que, em alguns casos, queriam evitar. Muitas o fizeram numa espécie de necessidade de narrar, elaborar, dar sentido à experiência, colocar para fora mágoas e ressentimentos. Outras o fizeram também para tornar conhecida a história do Bento, do Gesteira, da família. Expor seu ponto de vista, denunciar a violência que sofrem diariamente.

Marquinhos disse-me:

Procuo dar uma entrevista, conversar com alguém, é lógico, pra contar história. Que isso fique registrado pra que daqui sei lá a quantos anos, um filho, um neto, um bisneto, uma pessoa que conheceu às vezes meu pai, “oh, esse rapaz que falou isso aqui é filho de Neco”. Deixar uma boa coisa escrita pra outras pessoas verem como era a nossa vida.

Há também o desejo de que sua história sirva, ao menos, para evitar que outro crime como esse ocorra. É por isso que Marquinhos desaba quando fala do rompimento da barragem da Vale, em Brumadinho. É inaceitável.

⁵ Trecho do *Manual de riscos corporativos* investigado e exposto em denúncia do MPF (2016). O caso é explorado em minúcia também no livro-reportagem de Cristina Serra (2018).

Dissemos outras vezes que o acontecimento é construção, escrito na duração; transforma-se constantemente. É nuvem amorfa que, quando se tenta dominá-la e dar-lhe contorno, escapa entre os dedos. Quando é transposta em palavras, a experiência do vivido reduz-se à representação, a indício. Mas, ao mesmo tempo, se o acontecimento não for posto na ordem do discurso, jamais será conhecido.

A memória, por sua vez, é trabalho de organização. Lembranças são fios puxados no presente que se desenrolam de forma imprevisível, dependendo da maneira como são extraídos na circunstância do testemunho, ou, no nosso caso, da entrevista. Foi um risco assumido não inserir as perguntas nos fragmentos, ao transformar as respostas em histórias narradas em primeira pessoa do singular, mas eu existo ali de qualquer forma.

A edição faz esse trabalho organizador, é a costura do capítulo. Os trechos falam por si mesmos, têm voz própria. Extraí das entrevistas conteúdo pertinente a cada uma delas, e não senti necessidade de explicá-los; a interpretação dá-se na leitura, no conjunto. É imaginação. A ideia é preservar o fragmento, a forma de ruína, espiral da memória. É obra aberta, são cacos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerrar um ciclo é tão difícil quanto começá-lo. Ainda mais quando sinto que ele não acabou. Afinal, este é um trabalho que não se completa em círculo. Trata-se, disse o título, de espiral. Um eterno movimento circular do centro ou em direção a ele. A espiral de lembranças é viagem para dentro, sem sair do lugar, despertada em momentos de reconhecimento, como tentei mostrar ao longo desta tese. Nesse caminho em parafuso, há a elaboração de método – escrita e pensamento –, por onde se vai do geral ao particular, analisando imagens e memórias, em duas partes distintas, mas interligadas. O fio condutor é a lembrança em múltiplas dimensões, tensões e camadas em jogo no que se chama de “tragédia de Mariana”. São associações individuais e culturais construídas por meio de imagens congeladas, captadas, editadas, narradas, enquadradas pelo jornalismo televisivo, que atua de maneira central na conformação de memória cultural, e aquilo a que elas remetem. Nesse redemoinho, convergem-se cacos do passado trazidos à tona por entrevistados ou pela autora, por intermédio de associações de ideias a partir de imagens. Exploramos a potência dos fragmentos, fossem eles imagens de apoio à memória, fossem eles alegorias do pensamento.

Essa decisão implicou um trabalho de organização e seleção que, tal como o trabalho da memória, exige esquecer, descartar, silenciar. Deixei de fora muito material que eu tinha pronto, mas que não conversava com a trama narrativa, ao menos não nos termos que eu desejava. Foi doloroso. Passei a contar uma história a partir do dia 5 de novembro de 2015, quando eu, na sala do trabalho, vi na televisão as cenas gravadas do helicóptero da Globo, que captaram, do alto, a lama em movimento. Passei a investigar a semântica de *tragédia*, palavra que, para além do enquadramento jornalístico, é matriz de memória, carrega afetos e sentidos no tempo – e a seguir um caminho guiado por imagens, sem volta. Como disse anteriormente, não é o único, mas foi o escolhido.

*

Comecei o doutorado estudando desastres tecnológicos dos anos 1970 e 80. Estava interessada em pensar esses momentos de “suspensão do fio do tempo”, como descreveu Svletana Aleksievitch (2016) a respeito do sentimento despertado pós-Tchernóbil em parte do mundo ocidental. Momentos em que o colapso da tecnologia expõe o “lado sombrio da

modernidade”¹, desloca os sentidos de passado, presente e futuro, inverte valores, sobrepõe “regimes de historicidade”², como postula Hartog (2013). São momentos de crise e ruptura temporal que ocorrem nas sociedades de tempos em tempos. Hannah Arendt (2011) certa vez os identificou como períodos de fenda ou brecha “entre o passado e o futuro”, quando há um entremeio do tempo histórico, que as ações humanas no presente são regidas “por coisas que não são mais e coisas que não são ainda” (ARENDR, 2011, p. 30). Ou quando o passado não se materializa no presente sob a forma de tradição.

Em um pequeno texto em tom testemunhal inserido no livro de depoimentos colhidos (editados, reescritos) no entorno da usina de Tchernóbil, Aleksiévitich (2016) nota que, em 1986, a experiência que os bielo-russos campestres tinham com as guerras a que sobreviveram não conseguia mais explicar nem presente nem futuro. Moradores mais velhos da zona de contaminação agiam como se precisassem se esconder de bombas: enterravam pertences na terra, fugiam para as florestas, recusavam-se a deixar as casas. Desesperavam-se quando o exército passou a fazer incursões pelos territórios contaminados e a matar todos os animais. A realidade tornava-se, portanto, incompreensível diante da ausência de referências no passado capazes de explicá-la. Imersos em um desastre colossal inimaginável, os velhos olhavam para o céu e diziam: “O sol está brilhando, não há fumaça, nem gás. Ninguém dispara. Por acaso isso é uma guerra? E ainda assim nos tornam refugiados”³ (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 383). Adoeciam. A escritora percebe que o “tempo da esperança foi substituído pelo tempo do medo” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 383). Escreve:

Na noite de 26 de abril de 1986... Rompeu-se o fio do tempo. O passado de súbito surgiu impotente, não havia nada nele em que pudéssemos nos apoiar; e no arquivo onipotente (assim acreditávamos) da humanidade, não se encontrou a chave que abria a porta. Mais de uma vez ouvi naqueles dias: “Não encontro palavras para descrever o que eu vi e vivi” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 41).

¹ Em *As consequências da modernidade* (1991), Giddens defende que o “lado sombrio da modernidade” é o momento em que o trabalho industrial moderno começa a ser entendido em sua dimensão degradante, que talvez não fosse mais capaz de produzir um futuro feliz, igualitário – ou, como o autor descreve, “de um sistema social mais humano”.

² Regime de historicidade para Hartog (2013) é um conceito que explica duas dinâmicas sociais: a forma como uma sociedade trata o seu passado e trata do seu futuro; e a modalidade de consciência de si de uma comunidade humana. O regime de historicidade é a forma como uma comunidade percebe a passagem do tempo e as relações temporais que agem sobre os indivíduos. Há momentos em que o regime que prevalece é o futurista – o modelo moderno, que via no horizonte da humanidade a evolução por meio do progresso – e, na visão do autor, o presentista, no qual estaríamos inseridos hoje. Conforme falei em outro momento, a hipótese do presentismo não é consenso na historiografia. Trata-se de uma longa discussão que não cabe aqui.

³ Discurso também proferido na cerimônia do Prêmio Nobel de Literatura, em dezembro de 2015.

Movida talvez por esse livro, mas também pelo estudo sobre usos do passado no jornalismo nos anos 1960, quando ainda era possível sonhar com um futuro promissor que poderia ser conquistado com o advento da tecnologia, quis entender como se dera a guinada para uma imaginação distópica em que me vejo imersa desde a infância. Passei a estudar a ideia de risco global (BECK, 2013) exposta em desastres tecnológicos de natureza nuclear e enveredei por um caminho de análise da cobertura e da memória de tragédias ambientais no Brasil.

Nessa pesquisa por crimes que liberaram no meio ambiente toxinas, passei a refletir sobre a “tragédia de Mariana” e impressionou-me como o caso fora coberto de uma maneira muito diferente do acidente nuclear em Tchernóbil, ou mesmo do céσιο-137 em Goiânia ou da explosão de um oleoduto na poluída Cubatão, chamada de Vale da Morte pela imprensa internacional nos anos 1970. Nesses casos de desastres decorrentes do advento da tecnologia na periferia do mundo, o espectro que retornava em discurso e imagem nas reportagens jornalísticas era o tóxico como vilão. Mas, como a toxina é invisível, havia a tentativa contínua de representá-la visualmente para denotar seu fator de destruição, em reportagens da Globo da época. Durante a cobertura do caso do céσιο, por exemplo, a toxina assumia cores neon em animação gráfica, manchando corpos e superfícies.

Na cobertura do rompimento da barragem da Samarco, em Mariana, não havia tentativa de representar os metais pesados lançados no meio ambiente, mesmo tratando-se do maior crime socioambiental do país. O que havia era a lama, em sua violência avassaladora. Física, e não química. Ao chegar ali, não consegui mais sair. Movida por minhas próprias lembranças, que me carregaram à infância chuvosa e viscosa na zona rural de Petrópolis, região serrana do Rio de Janeiro, compreendi que havia na lama cargas memoráveis que não me conectavam apenas com a minha própria vida, mas com eventos passados filmados, reportados, noticiados, que dialogavam pelo não dito com chuvas e deslizamentos de terra em encostas. Um fenômeno que, assim como a mineração, está presente desde os tempos mais remotos na história do Brasil e, portanto, em um repertório semântico imaginado e compartilhado coletivamente. Esse outro caminho me levou a descartar, por conseguinte, a investigação sobre as coberturas relativas a tóxicos no Brasil. A abertura de um universo de lembranças, esquecimentos e silêncios imersos na personificação da lama tornou outros caminhos inviáveis.

Assim ocorreu em relação aos desastres ambientais, primeiro grande descarte da tese em função do direcionamento analítico que a pesquisa tomou. Também descartei a discussão aprofundada da teoria da história que reflete sobre a construção do acontecimento e o retorno do fato, na segunda metade do século XX, tal como mencionamos algumas vezes ao longo da

tese. A discussão em torno do acontecimento é ponto de partida, mola propulsora da espiral de lembranças. Assumi o acontecimento como construção histórica e cultural, cuja ação por parte do jornalismo e da cultura da mídia é fundamental⁴. É uma sobreposição de narrativas em disputa; sua escrita, no tempo, é disputada por historiadores, jornalistas, grupos políticos e movimentos sociais. Dei ênfase aqui à atuação do jornalismo televisivo nesse processo, mas sempre em referência aos estudos de memória e à configuração do acontecimento na memória cultural.

Antes de seguir com alguns tópicos que explorei, necessário dizer que fiz outro grande descarte nesta tese, cuja proposta um dia foi realizar uma arqueologia da ideia de tragédia ambiental no Brasil. Não se pode realizar uma arqueologia de ideias despertadas pelas coberturas televisivas sem conseguir assistir a um conjunto razoável de reportagens de coberturas jornalísticas sob interesse de análise – indiquei no capítulo 2 os problemas de livre acesso aos acervos audiovisuais e a falta de políticas públicas para regulamentá-los. Não consegui encontrar solução a tempo de continuar essa linha de pensamento e usá-la juntamente com o meu crescente interesse pelos estudos de memória e a ideia fixa de criar um fluxo de escrita e pensamento que dialogasse com o trabalho de lembrar e esquecer, por intermédio da potência do fragmento.

Toda discussão levantada, deixada de lado, não foi esquecida, mas encoberta. Permanece latente, pulsa entre as linhas. Esquecimento é forma de memória. Ao assumir como ponto de partida a construção cultural da “tragédia de Mariana”, incorporei uma sensibilidade diante da escrita de memória que vi na literatura de Aleksievitch (2016). A ideia de que, em acontecimentos de ruptura, violentos, as coisas parecem fora do lugar pulsa no meu trabalho, bem como o movimento de escutar a narração de histórias por parte de quem teve a vida posta em suspenso e a posterior redação, em polifonia, desses relatos. Entre mim e o outro. A lama liberada no colapso, de uma hora para a outra, levou embora casas, bichos, objetos de recordação, separou vizinhos, amigos, comunidades, erigiu ruínas. Ruínas que só têm sentido enquanto povoadas por lembranças.

Moradores, assim como jornalistas, agiram diante da força da lama com referências que tinham de situações passadas, em diálogo com outras destruições por aguaceiros, deslizamentos de terra, inundações e transbordamento de rios. De um lado, a população atingida acreditava ser possível limpar suas casas, recuperar objetos perdidos, comer frutos que nasciam daquela

⁴ São referência nos estudos sobre a problematização do acontecimento no âmbito do jornalismo diante do viés de historicizar os processos comunicacionais: Antunes (2008), Sodré (2012) e França e Lopes (2017).

terra, uma vez seca e aquietada; de outro, jornalistas aproximavam-se da destruição, enquadravam o evento, davam sentido a ele coletivamente, como fizeram outras tantas vezes mobilizados pelo movimento monumental, destruidor da lama movediça. Repórteres curvavam-se para tocar o barro depositado no chão, afundavam até os joelhos sem proteção. Bombeiros, “heróis da lama”⁵, arrastavam-se em trabalho de resgate na superfície úmida. Jornalistas e bombeiros foram embora, os moradores permaneceram expostos às toxinas, 17 metais pesados, que, sob forma de poeira, intoxicam quem respira aquele ar durante muito tempo. As pessoas adoecem aos poucos. O esvaziamento da toxicidade da lama, que não é inerte, cria uma situação de contaminação muito diferente da dos locais atingidos por chuvas. A situação de populações vulneráveis, que permanecem em uma eterna espera por reparação, é a mesma, mas, em lugares de lama de rejeito de minério de ferro, essa espera é agravada por poluentes consumidos diariamente em alguns casos. Um inimigo silencioso que causa uma segunda onda de destruição, invisível, indizível.

*

Escutar essas lembranças narradas e escrevê-las de maneira que seus donos pudessem se tornar sujeitos da própria história foi uma das minhas principais preocupações. Portanto, pensar escrita, que sempre foi fonte de prazer e angústia, tornou-se fundamental.

Conforme anunciei, assumir-me em primeira pessoa no texto também implicou reescrever, recriar, reorganizar quase tudo o que eu tinha e o que podia dialogar com esse caminho. Uma espécie de retorno obsessivo na edição que levou à exaustão. O meu objetivo era construir uma metalinguagem: lançar um olhar mnemônico sobre um acontecimento em constante transformação, fazendo uso de um método (de pensamento e narrativo) que expusesse a dinâmica errante do trabalho da memória, do presente, em direção ao passado e ao futuro, sob tensão constante de lembrar e esquecer, a ação de se construir inteiro ou em pedaços em relação a outrem. Construção que, por mais sólida que pareça ser, é volátil e entremada de ficção.

Ao evidenciar as forças contraditórias que atuam sobre pesquisa, pesquisador e objeto, interliguei em palavras e imagens múltiplas vozes. Estão aqui fantasmas do meu passado – recordações permeadas de afetos –, construções narrativas dos entrevistados, autores com quem

⁵ Título de documentário produzido pela GloboNews exibido em novembro de 2019, trazendo entrevistas com bombeiros que participaram dos resgates em Brumadinho, em janeiro daquele ano. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/videos/v/herois-da-lama/8053582/>>. Acesso em: maio 2020.

diálogo, a base de dados, que, por mais que pareça rígida e duradoura, é pueril – basta haver uma mudança na tecnologia para que todos os *links* das matérias se quebrem e ninguém mais consiga acessar o material documentado ao longo de dois anos.

A escrita é aqui fluxo contínuo. Nela, convergem apenas elementos que fazem sentido à história. Uma história sobre a “tragédia de Mariana”, cujo começo é a maneira como conheci o evento, e o fim, o momento em que um ponto-final precisa ser demarcado no papel, o que representa o sofrimento equivalente ao da primeira palavra digitada na página em branco. A pesquisa é um fluxo, espiral, existe para além do papel, reside na minha cabeça. Mas, nessa transposição que caracteriza toda a representação, passa a figurar apenas entre a primeira e a última página.

Esse período em que a lama personificada em “enxurrada”, “correnteza”, “*tsunami*” caminha sobre a terra tem lugar no capítulo 1, bem como as impressões sobre o primeiro contato da sociedade com o fato, realizado por meio da notícia. O evento é filmado nessa ilusão de *tempo real*. Aparece na câmera, no helicóptero, é narrado, acrescido de significados em mediações jornalísticas. Nessa mediação, construída em um arco melodramático, que salienta personagens bem delineadas, expõe uma luta do bem contra o mal nos eventos que nos rodeiam, busca a emoção por meio do drama, a lama é apresentada quase como uma força da natureza. Ela é personificada, arrasta, destrói, mata, causa sofrimento. A lama destruidora é a representação da *tragédia* – um enquadramento específico feito pelo jornalismo, que retém matriz de memória, que se articula com ideias e afetos no tempo –, que, na visão melodramática da notícia, existe enquanto ela é visível.

Tragédia no jornalismo tem início, meio e fim, sendo o fim o momento em que essa lama se sedimenta no fundo dos rios e oceanos, como discutido na parte 1. É uma forma de enquadrar determinados eventos que, como mostrei, têm em comum algo que não é só fatalidade ou sentido *muito triste*. É um olhar lançado sobre a realidade, mediado por imaginação melodramática, que cria narrativas contrastantes, em torno do arco bem definido de personagens. O fim determinado pela mídia é sempre dilatado, já que a tragédia se reforça no tempo, na repetição. Quanto mais ela retorna em espectro, mais é monumental. O retorno é condicionado ao espectro da lama – algo a que repórteres sempre buscam fazer referência. No movimento violento, disruptivo, convergem-se valores que “a longa tradição incorpora” (WILLIAMS, 2010), como o da impotência do homem diante da fúria do divino, o da ideia de declínio e morte do herói e o da possibilidade de renascimento e restauração da ordem do mundo por meio da caridade, que aplaca os corações aflitos de quem assiste ao sofrimento do

outro e quer que essa tormenta passe, à espera de um novo estímulo, oferecido também pela cultura da mídia. Entretenimento.

Os problemas, no entanto, encobertos pela *performance* da lama, são as tensões sociais, econômicas, trabalhistas e raciais preexistentes na sociedade brasileira. Problemas de longa data que, não elaborados no tempo, não enunciados e não reparados, retornam, sob forma de sintoma, na superfície. Sintoma de violência. Usei a ideia do retorno do espectro da lama como metáfora para pensar o retorno dessas lutas e sofrimentos historicamente recalcados na dinâmica social. É por meio da *performance* da lama que existe o deslocamento do eixo narrativo do fato em direção a uma personagem em movimento, que apaixonada, causa terror, mobiliza uma gama de afetos em torno da notícia. Existe todo um debate sobre trauma cultural pertinente e interessante, mas que também não caberia na presente opção narrativa com ênfase na articulação de lembranças e imagens pela potência do fragmento⁶.

O olhar trágico sobre a vida e a realidade retorna de maneira diferente na parte 2, por meio da ligação entre as ruínas e as lembranças que a povoam. A relação entre o belo e o feio, o triste e o alegre tensionada na memória de quem se posta diante de escombros e lamenta a perda dos significados da vida, mas que, ao mesmo tempo, celebra tudo aquilo que viveu no território, é outra maneira que o sentido trágico aparece nesta tese, para além dos conflitos morais e éticos da ideia engrenada em *performance* na televisão ou na discussão sobre o conceito ao longo do tempo.

No capítulo 2, tem-se a lama enquanto retorno, em espectro, nas narrativas de comemoração. É pela repetição que a ideia de tragédia se fortalece e passa a criar uma forma nova de cobrir crimes decorrentes de desastres de mineração. Uma maneira, como expus, que dialoga de perto com um modo de cobrir jornalisticamente e interpretar socialmente destruição derivada de chuvas tropicais, enchentes e deslizamentos de encostas. A lama, nesses casos, também incorpora o caráter de vilã na narrativa melodramática da notícia. Vimos isso na análise mnemônica das imagens, em fragmentos, *frames* que, retirados de sua sequência narrativa em um vídeo, são aproximados por meio de mapas de imagens e memórias, criando, pela justaposição, outros sentidos. É pela análise de um ponto de vista comparativo que o sentido da repetição aparece.

Tentei mostrar também que essa forma de enquadrar e de lançar um olhar sobre o acontecimento é fruto de práticas profissionais que têm sua própria tradição em uma empresa

⁶ A respeito da literatura sobre a escrita de trauma e traumas culturais, ver: Caruth (1996), LaCapra (2001), Eyerman (2004), Meek (2010), Seligmann-Silva (2016c) e Moritz e Crapanzano (2010).

de televisão com 50 anos de história. Revelei um pouco das engrenagens da produção da notícia para que ela seja percebida nos intervalos, da perspectiva do que está por trás da reportagem editada e amarrada. É encadeamento narrativo permeado por trilha sonora, tratamento de imagem. Existem formas de pensar a notícia que modulam a maneira como repórteres, editores, produtores apreendem a realidade e conformam suas próprias memórias sobre o acontecimento.

Tentei construir uma inversão do ponto de vista monumental, de cima, enquadrado pelo jornalismo por intermédio de práticas profissionais criadas ao longo do tempo. Os depoimentos de moradores de Bento Rodrigues, Gesteira, Barra Longa, Ponte do Gama ampliam, como em uma lupa, o detalhe que passa despercebido à notícia, necessariamente generalista, personalista, dramática, alarmista. Conhecemos histórias de pés de jabuticaba, da cerca da horta, da troca de verduras entre as vizinhas, do crescimento das samambaias, do primeiro pé de laranja plantado no terreno do pai, dos biscoitos com café, dos bolos que não podem mais ser feitos e dos pregos que não serão pregados na parede.

Importante dizer que, no capítulo 3, tentei criar uma dinâmica temporal própria à narrativa em fluxo, flexionando passado e futuro mediante o presente que se manifestou no tempo de caminhar entre as ruínas.

Não estou defendendo que todas as pesquisas sejam escritas assim. Defendo apenas que a escrita seja pensada de acordo com a dinâmica de cada trabalho. Existe a possibilidade de interligar método, pensamento e forma narrativa, tal como vem sendo discutido nos estudos sobre o método comunicacional realizados por Muniz Sodré (2014; 2017), que acredita que a ciência da comunicação deve abraçar a característica de ser um campo interdisciplinar, da escuta e da troca, do saber comum, pela qual é criticada, no intuito de fortalecê-la. Como mencionei na introdução, esse entre-lugar ocupado pelo campo nas ciências humanas e sociais oferece um lugar reflexivo potente para se pensar a sociedade em um mundo dominado pela cultura da mídia.

O método e a escrita da comunicação também foram recentemente assunto de interesse de Barbosa (2020), cuja obra propõe pensar a comunicação como uma ciência do “tempo passando”, feita de um olhar próprio lançado em objetos efêmeros e transitórios, que podem esgotar-se diante das mudanças tecnológicas. A escrita, nessa obra, assume capítulo à parte, por se tratar, na visão da autora, do lugar em que o método comunicacional tem potência de desenvolvimento.

Nessa conversa entre estrutura narrativa, método e reflexão teórica, não há apenas palavras; uso imagens. Imagens são ferramenta metodológica, e não ilustração. São fluxo e funcionam como portais da recordação, abertas à sobreposição de múltiplas temporalidades. Incorporam a ideia de que o trabalho acadêmico pode existir para além do texto.

Imagens, enquanto ferramentas, são usadas de três principais formas: como síntese totalizante, como chave de leitura da cobertura reduzida a gráficos obtidos de um diálogo com as informações retiradas da Globoplay e organizadas em tabelas. Essas imagens gráficas permitem-nos uma leitura pelo *sintoma*, ilustram em movimento visual o comportamento da cobertura jornalística da Globo sobre o acontecimento da chamada “tragédia de Mariana”. Portanto, são síntese de uma análise que buscava abraçar o todo e consegue retirar dele pontos na superfície. Em um segundo movimento, há uma aproximação do evento das cristas de suas curvas, ou seja, do início da análise de aspectos da cobertura televisiva por pontos em que a ideia de tragédia é mais forte, representados pelos picos ilustrados em gráficos por onde entrei lançando mão do vídeo.

Falamos então sobre as primeiras semanas da cobertura sobre o rompimento da barragem da Samarco e sobre o retorno do fato em caráter de repetição nos aniversários de um e de dois anos e na catalisação da ideia de tragédia por meio da cobertura da tragédia de Brumadinho. Realizei uma análise das imagens que se pretende ser também mnemônica, que abre portas para a lembrança, que nos conecta a eventos imaginados vistos coletivamente ou vividos por nós, em nosso passado. Ao cristalizar *frames* de reportagem no papel, congelamos uma impressão sobre o acontecimento (existe um novo enquadramento do evento); materializa-se não só o que vi, mas o que me lembro e o que vai integrar também a memória de quem lê. São fragmentos de imagens congeladas e retiradas de uma sequência original formando uma nova sequência, que é governada pela comparação e aproximação do semelhante. Cria-se então uma nova sequência como espectro que só existe na articulação narrativa proposta pelo trabalho. Em uma terceira articulação, temos as entrevistas, a força do depoimento que constrói imagens, povoa espaços vazios abertos nas ruínas. É um olhar diferente a respeito do sentido de tragédia, que perpassa pelo não dito.

Nas minhas viagens a Bento Rodrigues, filmei e fotografei as ruínas. O olhar sobre esses símbolos da decadência, sobre os quais o mato cresce e os bichos passeiam, é conduzido pelas histórias narradas pelos entrevistados. São dezenas de horas de entrevista em áudio cuja potência narrativa é ainda maior quando escutadas. Paralelamente à escrita em texto desta tese, tentei escrever este texto no formato audiovisual também, editando trechos de entrevistas com

as imagens das ruínas, preenchendo-as de significados, preservando-as por meio das memórias trabalhadas durante as entrevistas.

*

Preciso dizer que há assuntos com os quais deparei no fim da pesquisa e que não foram possíveis de serem aprofundados, mas que seguem como meu objeto de interesse. As tipologias de sofrimento do negro em seu espaço curto, determinado, delimitado de representação nas reportagens audiovisuais, são um exemplo. Indiquei haver três tipologias mais comuns de representação da vítima de reportagens de enchentes e deslizamentos de terra, ou de desastres de mineração que têm no retorno do espectro da lama característica fundamental: o negro que sofre (no limite entre ser vítima e culpado), que esconde o rosto com as mãos, olha para baixo, aparece em posição de subalternidade, chora, sofre, diz que perdeu tudo; o negro que trabalha, em imagens que nos levam aos mais remotos tempos de nossa história quando ele, escravo, passou a ser representado em ilustrações (em posição de trabalho braçal, subjugado, oprimido); e o negro flagelado, que tenho encontrado também nessas reportagens, geralmente coberto de terra, lama, poeira de escombros, que aparece no braço de outros negros, carregado, amparado, em sofrimento físico. Os gestos captados nas imagens também se abrem em um guarda-chuva de novas referências da ordem da memória, que perpassam pelo não dito ao longo de anos de representação da pessoa negra em narrativas comunicacionais.

As entrevistas realizadas em Mariana ao longo da pesquisa tentaram deslocar essas pessoas de um lugar predeterminado de “povo fala”⁷ nas narrativas jornalísticas, buscando construir histórias individuais, preocupadas com o que elas queriam dizer – que imagens do passado vêm à tona no presente, como e, talvez, por quê. Reparei, como descrito no capítulo 3, que existem inúmeras formas de se posicionar diante de mim, diante de si mesmo, engrenando em narrativa a própria trajetória. A maneira como se posicionam Simone, Josilma e Vera, mulheres negras, sem estudo formal, que um dia ocuparam posição de opressão – dizem que um dia não eram sequer ouvidas em seu círculo social e familiar –, é diferente de qualquer representação que cabe ao negro nas narrativas descritas na primeira parte desta tese. As três, após participação na luta social, passaram a contar sua história com força proporcionada pelo conhecimento básico dos direitos que lhes cabem. Lembro-me muito da oposição entre Vera e

⁷ No jargão jornalístico, “povo fala” é como se denomina o lugar na reportagem em que são inseridos trechos de entrevistas coletadas na rua, pelo repórter ou pelo produtor.

o marido, no dia em que visitei sua casa. Ele, descrito por ela como “*deprimido*” e “*preso igual a um passarinho*”, sentava-se cabisbaixo na escada da varanda, fumava um cigarro atrás do outro, mal ouvi sua voz. Ela, ao contrário, sentada no sofá com a neta doente no colo, evidenciava que não queria ser digna de pena, mas que queria ser reparada pela perda de seu modo de vida, que não estava à venda.

*

Termino aqui a tese. Uma espiral dentro da qual fui tragada – entrei de um jeito e saí de outro. Olhar para ela, pronta, é relembrar uma trajetória não só da pesquisa, como descrevi aqui, mas também de mim mesma, iniciada há dez anos, na graduação, quando eu realizava as primeiras entrevistas com velhos jornalistas que criaram e trabalharam no arquivo do *Jornal do Brasil*. À época, tentava usar o fato de não me levarem a sério, por ser considerada por eles criança, para fazer com que me explicassem mais as coisas e que falassem diversas vezes sobre um assunto para que, enfim, conseguissem sair de um lugar cristalizado de reprodução de um discurso sobre a lembrança do passado – quem sabe assim se permitiriam engrenar, de forma diferente, o vivido. Velhos jornalistas estão acostumados a dar entrevista, sobretudo a seus pares. Nesta tese, conversei com repórteres, mas decidi ir além, sair da minha zona de conforto e conversar com pessoas que não estão acostumadas a falar de si. Não nesses termos. Pessoas simples, que me abriram suas casas, me fizeram biscoito, bolo, pastel, café, mais café, mais bolo, mais biscoito. Senti que seria essencial repensar toda a pesquisa para dar lugar de destaque a essa troca, valorizar as lembranças narradas, os territórios permeados por saudade, tristeza, luto, amor. Um desafio completamente diferente, que começou no deslocamento a uma cidade estranha, onde eu não conhecia ninguém. Impossível permanecer incólume.

Nesse caminho, fiz escolhas metodológicas e narrativas que implicaram a exposição da minha própria voz e das minhas lembranças como fio condutor do trabalho. Essa exposição, cuja representação máxima é a adoção da primeira pessoa do singular do início ao fim, encontra-se até no último capítulo, em que tentei dar voz aos outros, mas transpareço na edição. Organização trabalhosa, que, se bem feita, é quase imperceptível. Integra esta escrita de fluxo contínuo e retorno obsessivo, fruto não apenas de empatia com a dor do outro, mas também trabalho necessário de elaboração do luto, que me leva, de vez em quando, à lembrança do meu avô. Esse foi, afinal, o ponto de partida e configura-se como ponto de chegada quando sou forçada a terminar o fluxo contínuo de pensamento e escrita, que começa e termina. Em cacos, cicatrizes.

REFERÊNCIAS

ABREU, Elane. **A ruína e a força histórico-destrutiva nos fragmentos em Walter Benjamin**. 1997. Disponível em: <http://gewebe.com.br/pdf/cad09/Elane_Abreu.pdf>. Acesso em: maio 2020.

AGAMBEN, Giorgio. Aby Warburg e a ciência sem nome. **Arte e Ensaios**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 19, 2009.

_____. **O que resta de Auschwitz**. São Paulo: Boitempo, 2008.

ALBERTI, Venera. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ALMEIDA, Anita Correia Lima de. Chuva, lamaçal e inundação no Rio de Janeiro do século XIX: entre a providência divina e o poder público. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 2014.

AMARAL, Márcia Franz. Las catástrofes en las revistas semanales brasileñas: evidencias y silenciamentos. *In*: LOZANO ASCENCIO, Carlos (org.). **La construcción del acontecer de riesgos y de catástrofes**. La Laguna: Sociedad Latina de Comunicación Social, 2015. p. 33-54.

_____. Periodismo de los desastres a las vulnerabilidades y los riesgos. *In*: LOZANO ASCENCIO, Carlos; AMARAL, Márcia Franz (orgs.). **Periodismo y desastres: múltiples miradas**. Barcelona: Editorial UOC (Oberta UOC), 2019.

_____; ASCENCIO, Carlos Lozano. Palavras que dão a volta ao mundo: a personalização das catástrofes na mídia. Chasqui – Revista Latinoamericana de Comunicación, Quito, n. 130, dez. 2015-mar. 2016.

AMARAL, M. F.; SOUZA, E.; MACHADO, M. Manuais sobre a cobertura jornalística de desastres: o que se espera do jornalismo? *In*: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 18., 2017. **Anais [...]**. Caxias do Sul, 2017.

ANTUNES, Elton. Acontecimento, temporalidade e a construção do sentido de atualidade no discurso jornalístico. **Contemporânea**, v. 6, n. 1, jun. 2008.

_____. Acontecimentos violentos, ressentimento e as marcas de uma interpretação. *In*: FRANÇA, Vera Regina V.; OLIVEIRA, Luciana de (orgs.). **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

_____. Temporalidade e produção do acontecimento jornalístico. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2007.

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ARFUCH, Leonor. **El espacio biográfico**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 2010a.

_____. **Entrevista:** una construcción dialógica. Buenos Aires: Paidós, 2010b.

ARISTÓTELES. **Poética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

ASCENCIO, Carlos Lozano; CALERO, María Luisa Sánchez; CORRAL, Enrique Morales. **Periodismo de riesgo y catástrofes:** en los telediarios de las principales cadenas de televisión en España. Madrid: Editorial Fragua, 2017.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação:** formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

_____. Theories of cultural memory and the concept of AFTERLIFE. *In:* TAMM, Marek. **The afterlives of events**. Nova York: Palgrave MacMillan, 2015. p. 75-95.

BARBOSA, Marialva. A narrativa, a experiência e o acontecimento fundador de novos regimes de visibilidade da TV brasileira. **Tempo**, Rio de Janeiro, n. 17, p.153-172, 2004.

_____. **Comunicação e método:** cenários reflexivos e práticas de pesquisa. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020. (no prelo.)

_____. **História da comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. Meios de comunicação: lugar de memória ou na história? **Contracampo**, Niterói, v. 35, n. 1, p. 7-26, abr./jul. 2016.

BARTHES, Roland. A escrita do acontecimento. *In:* _____. **Rumor da língua**. Lisboa: Edições 70, 1970.

BARTHOLOMEU, Cezar (org.). Dossiê Warburg. **Arte e Ensaios**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 19, 2009.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco:** rumo a uma outra modernidade. São Paulo: 34, 2013.

BENJAMIN, Walter. O narrador. *In:* _____. **Magia, técnica, arte e política:** obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 2012. v. 1.

_____. **Origem do drama trágico alemão**. São Paulo: Autêntica, 2016.

_____. **Passagens**. Minas Gerais: Editora da UFMG, 2006.

BENNETT, W. Lance. **News:** the politics of illusion. 9. ed. Nova York: Longman, 2012.

BENVENISTE, E. **Problemas de la linguística general**. Espanha: Siglo Veintiuno, 1997.

BONNER, William. JN: modo de fazer. *In:* MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional:** 50 anos de telejornalismo. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019. p. 43-81.

_____. **Jornal Nacional:** modo de fazer. Rio de Janeiro: Globo, 2009.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BOWKER, Lindsay N.; CHAMBERS, David. **Root causes tailings dam overtopping: the economics of risk & consequences.** Estados Unidos: Bowker Associate Science and Research in Public Interest, Center for Science in Public Participation, 2016.

BRANDÃO, Ana Maria de Paiva Macedo. Clima urbano e enchentes na cidade do Rio de Janeiro. *In*: GUERRA, Antonio José Teixeira; CUNHA, Sandra Baptista da (orgs.). **Impactos ambientais urbanos no Brasil.** Rio de Janeiro: Bertrand, 2013.

BRASIL, Antonio; FRAZÃO, Samira M. Reflexões sobre o acesso aos arquivos de telejornais brasileiros. **Sessões do Imaginário**, ano 17, n. 28, 2012.

BROOKS, Peter. **The melodramatic imagination: Balzac, Henry James, and the mode of excess.** New Haven: Yale University Press, 1995.

CAIAFA, Janice. **Aventuras das cidades: ensaios e etnografias.** Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2007.

CALDAS, Graça (org.). **Vozes e silenciamentos em Mariana: crime ou desastre ambiental?** Campinas: BCCL/Unicamp, 2017.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade.** São Paulo: Contexto, 2012.

CARUTH, Cathy. **Unclaimed experience: trauma, narrative, and history.** Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1996.

CARVALHO, Douglas E. **O caso Samarco no Jornal Nacional: narrativa e personagens do maior desastre socioambiental do Brasil.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

CASADEI, Eliza B. A construção de personagens no jornalismo: entre a matriz de verdade presumida e a imaginação das urdiduras de enredo. **Ciberlegenda**, v. 1, p. 77-91, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** Rio de Janeiro: Forense, 2001.

COUTINHO, Iluska; MATA, Jhonatan. A atuação do repórter na cobertura televisiva de tragédias: o olhar do jornalista como testemunha do fato que enuncia. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 10, n. 2, 2013.

DAVIS, Fred. **Yearning for yesterday: a sociology of nostalgia.** Nova York: Palgrave MacMillan Memory Studies, 1979.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** Coletivo Periferia, 2003. (*E-book.*)

DELEUZE, Gilles. **Cinema 2: a imagem-tempo.** São Paulo: 34, 2018.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

DOANE, Mary Ann. Information, crisis, catastrophe. *In*: LANDY, Marcia (org.). **The historical film: history and memory in media.** Nova Jersey: Rutgers University Press, 2001.

DOSSE, François. **Renascimento do acontecimento**: um desafio para o historiador. São Paulo: Editora da Unesp, 2013.

EAGLETON, Terry. **Doce violência**: a ideia do trágico. São Paulo: Editora da Unesp, 2013.

EDY, Jill. Collective memory in a post-broadcast world. *In*: ZELIZER, Barbie; TENENBOIM-WEINBLATT, Keren. **Journalism and memory**. Nova York: Palgrave MacMillan Memory Studies, 2014. p. 66-85.

_____. Journalistic uses of collective memory. **Journal of Communication**, v. 49, n. 2, p. 71-85, 1999.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ENDO, Paulo C. O debate sobre a memória e o corpo torturado como paradigma da impossibilidade de esquecer e do dever de lembrar. *In*: SANTANDER, Carlos Ugo. **Memória e direitos humanos**. Brasília: LGE, 2010. p. xx-xx.

ENTMAN, Robert. Framing: toward clarification of a fractured paradigm. **Journal of Communication**, Nova York, v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993.

ERLL, Astrid. **Memory in culture**. Nova York: Palgrave Macmillan Memory Studies, 2014.

EYERMAN, Ronald. **Cultural trauma**: slavery and the formation of African American identity. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

FOUCAULT, Michel. **The archaeology of knowledge**. Nova York: Pantheon Books, 1972.

FRANÇA, Vera Regina V. O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística. *In*: FRANÇA, Vera Regina V.; OLIVEIRA, Luciana de (orgs.) **Acontecimento**: reverberações. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

_____; LOPES, Suzana C. Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas. **Matrizes**, São Paulo, v. 11, n. 3, set./dez. 2017.

FREUD, Sigmund. Lembranças encobridoras. *In*: _____. **Edição eletrônica de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1997a. Disponível em: <<http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-06-1901.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

_____. **Luto e melancolia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. Nota sobre o bloco mágico. *In*: _____. **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. v. 16. p. 241-248.

_____. Recordar, repetir, elaborar. *In*: _____. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997b. v. 12. p. 193-203.

GAGNEBIN, Jeanne M. Após Auschwitz. *In*: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Editora Unicamp, 2016. p. 89-111.

_____. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: 34, 2018.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora da Unesp, 1991.

GILROY, Paulo. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: 34, 2001.

GOMES, Itânia M. Mota. Constrangimentos históricos para constituição de uma política pública de conservação e acesso ao acervo televisivo no Brasil. **Revista Ecopós**, v. 17, n. 1, 2014.

GLUCK, C. 9/11: television and war in the twenty-first century. **Annales de Histoire, Sciences Sociales**, v. 58, n. 1, p. 135-162, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2012.

_____. **Los marcos sociales de la memoria**. Concepción: Universidad de la Concepción; Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2004.

_____. **On collective memory**. Chicago: Chicago University Press, 1992.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. Diásporas ou a lógica da tradução cultural. *In*: CONGRESSO DA ABRALIC, 7., 2000, Salvador. **Conferência de abertura**. Salvador, 2000.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências de tempo**. Rio de Janeiro: Autêntica, 2013.

HUYSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória**. Rio de Janeiro: Contracampo, 2014.

_____. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, Universidade Cândido Mendes, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2000.

JOUTARD, Philippe. Reconciliar história e memória. **Escritos**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 223, 2007.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.

KOSELLECK, Reinhart. Espaço de experiência e horizonte de expectativas. *In*: _____. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 311-337.

LACAPRA, Dominique. **Writing history, writing trauma**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Lisboa: Edições 70, 1982. v. 2.

LEAL, Bruno S.; ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo B. Aproximações ao trágico no cotidiano: um ensaio metodológico. *In: ENCONTRO DE PESQUISADORES EM JORNALISMO*, 9., 2011, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro, 2011.

_____; RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Em busca do tempo e do espaço: memória, nostalgia e utopia em Westworld. **Contracampo**, Niterói, 2018.

LEANDRO, Anita. Testemunho filmado e montagem direta dos documentos. *In: DELLAMORE, Carolina; AMATO, Gabriel; BATISTA, Natália (orgs.). A ditadura na tela: o cinema documentário e as memórias do regime militar brasileiro*. Belo Horizonte: Fafich-UFMG, 2018. p. 219-232.

LEFORT, C.; CASTORIADIS, C.; MORIN, E. **Maió de 68: a brecha**. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.

LINDEPERG, Sylvie. O caminho das imagens: três histórias de filmagens na primavera-verão de 1944. **Estudos Históricas**, Rio de Janeiro, v. 26, p. 9-34, jan.-jun. 2013.

LOWENTHAL, David. **El pasado es un país extraño**. Madri: Akal, 2010.

MACHADO, Roberto. **O nascimento do trágico: de Schiller a Nietzsche**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

MAIA, Andréa Casa Nova. Imagens de uma cidade submersa: o Rio de Janeiro e suas enchentes na memória de escritores e fotógrafos. **Escritos VI**, Rio de Janeiro, 2012.

MATHEUS, L. C. **Comunicação, tempo e história: tecendo o cotidiano em fios jornalísticos**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Espanha: Melusina, 2011.

MEEK, Allen. **Trauma and media: theories, histories, and images**. Londres: Routledge, 2010.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2010.

MELO, Alice. **Na ordem do tempo: sistematização do passado no Departamento de Pesquisa do Jornal do Brasil**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

_____. Ouvir o silêncio: hiatos na narrativa televisiva do maior crime socioambiental do Brasil. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 40., 2017, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba, 2017.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional: a notícia faz a história**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

MORITZ, Marguerite; CRAPANZANO, Theresa. We don't make the news, we just report it: television journalism and narratives of trauma. **Miscelânea**, v. 42, p. 105-124, 2010.

MOUTINHO-DA-COSTA, Lara. Territorialidade e racismo ambiental: elementos para se pensar a educação ambiental crítica em unidades de conservação. *In: HERCULANO, Selene; PACHECO, Tania (orgs.). Racismo ambiental*. Rio de Janeiro: FASE, 2006.

MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL E JARDIM BOTÂNICO. **Arquivos**. Belo Horizonte: UFMG, Museu de História Natural, 1974. v. 1. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/mhnb/wp-content/uploads/2017/02/Vol24n1.pdf>>. Acesso em: maio 2020.

NATALI, M. P. **A política da nostalgia: um estudo das formas do passado**. São Paulo: Nankin, 2006.

NESTROVSKI, Arthur R.; SELIGMANN-SILVA, Márcio. (orgs.). **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, 1993.

NORA, Pierre. O retorno do fato. *In*: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (orgs.). **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979. p. 179-193.

_____. Reasons for the current upsurge in memory. *In*: OLICK, Jeffrey; VINITZKY-SEROUSSI, Vered; LEVY, Daniel (orgs.). **The collective memory reader**. Nova York: Oxford University Press, 2011. p. 437-442.

OLICK, Jeffrey. Reflections on the underdeveloped relations between journalism and memory studies. *In*: ZELIZER, Barbie; TENENBOIM-WEINBLATT, Keren (orgs.). **Journalism and memory**. Nova York: Palgrave MacMillan Memory Studies, 2014. p. 17-32.

_____; VINITZKY-SEROUSSI, Vered; LEVY, Daniel (orgs.). **The collective memory reader**. Nova York: Oxford University Press, 2011.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

POLÍTICA, ECONOMIA, MINERAÇÃO, AMBIENTE E SOCIEDADE (POEMAS). **Antes fosse mais leve a carga: avaliação dos aspectos econômicos, políticos e sociais do desastre da Samarco/Vale/BHP em Mariana (MG)**. 2015. (mimeo.).

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POMIAN, Krzysztof. Catástrofe. *In*: ENCICLOPEDIA EINAUDI. Turin, 1977. v. 2. p. 51-86.

QUERÉ, L. A dupla do acontecimento: por um realismo pragmático. *In*: FRANÇA, Vera Regina V.; OLIVEIRA, Luciana de (orgs.). **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. A ficção documentária: Marker e a ficção de memória. *In*: _____. **A fábula cinematográfica**. Campinas: Papirus, 2013. p. 159-171.

RIBEIRO, Ana Paula G. **A história de seu tempo: a imprensa e a produção do sentido histórico**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

_____. A história oral nos estudos de jornalismo: algumas considerações teórico-metodológicas. **Contracampo**, v. 32, p. 73-90, 2015.

_____. **Imprensa e história do Rio de Janeiro nos anos 1950**. Rio de Janeiro: E-papers, 2006.

_____. Mercado na nostalgia em narrativas audiovisuais. **E-compós**, Brasília, v. 21, n. 3, set./dez. 2018.

_____; SACRAMENTO, Igor. Jornalismo e histórias de vida: o trágico e o melodramático na cobertura televisiva do incêndio da Boate Kiss. *In*: FREIRE FILHO, J.; COELHO, M. **Jornalismo, cultura e sociedade**. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 54-73.

_____; SACRAMENTO, Igor. Telejornalismo, testemunhos e histórias de vida: o trágico e o melodramático na cobertura jornalística brasileira. *In*: FRANÇA, Vera; COHEN, Evelynne; GOMES, Itânia (orgs.). **Gêneros midiáticos e identidades**. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2017. p. 69-94.

_____; _____. O repórter e a reportagem na TV: a cobertura do atentado contra o Charlie Hebdo. **Significação**, São Paulo, v. 46, n. 51, p. 59-77, jan.-jun. 2019.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: Editora Unicamp, 2010.

_____. **Tempo e narrativa: o tempo narrado**. São Paulo: Martins Fontes, 2010. v. 3.

_____. **Tempo e narrativa: o tempo narrado**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ROUCHOU, Jöelle. Ouvir o outro: entrevista na história oral e no jornalismo. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte, set. 2003.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; FONTES, Giulia Sbaraini; FERRACIOLI, Paulo. Molduras de uma tragédia anunciada: enquadramentos do desastre de Mariana. **Intercom**, v. 40, n. 3, p. 55-72, 2017.

SARLO, Beatriz. **Tiempo pasado: cultura de la memoria y giro subjetivo**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2012.

SCHUDSON, Michael. Journalism as a vehicle of non-commemorative cultural memory. *In*: ZELIZER, Barbie; TENENBOIM-WEINBLATT, Keren (orgs.). **Journalism and memory**. Nova York: Palgrave MacMillan Memory Studies, 2014. p. 85-97.

_____. **Watergate in American memory: how we remember, forget, and reconstruct the past**. Nova York: Basic Books, 1992.

SEDREZ, Lise; MAIA, Andrea C. N. Enchentes que destroem, enchentes que constroem: natureza e memória da Cidade de Deus nas chuvas de 1966 e 1967. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 183-199, 2014.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. *In*: NESTROVSKI, Arthur R.; SELIGMANN-SILVA, Márcio (orgs.). **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000. p. 73-99.

_____. Apresentação da questão: a literatura do trauma. *In*: _____ (org.). **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Editora Unicamp, 2016a. p. 45-59.

_____. Catástrofe, história e memória em Walter Benjamin e Chris Marker. *In*: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Editora Unicamp, 2016b. p. 387-415.

_____. Imagens do trauma e sobrevivências da imagem: hiperimagens. *In*: CORNELSEN, Elcio *et al.* (orgs.). **Imagem e memória**. Belo Horizonte: Rona Editora UFMG, 2012. p. 63-78.

_____. O testemunho: entre a ficção e o real. *In*: _____ (org.). **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Editora Unicamp, 2016c. p. 371-387.

_____. Reflexão sobre a memória, a história, e o esquecimento. *In*: _____ (org.). **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Editora Unicamp, 2016d. p. 59-89.

SERRA, Cristina. **Tragédia em Mariana**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

SIMMEL, Georg. **Sobre las ruínas**. Sobre la aventura. Ensayos filosóficos. Barcelona: Ediciones Península, 1988.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **A narração do fato**. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Estratégias sensíveis**. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **Pensar Nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.

SONTAG, Susan. **Contra a interpretação e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SOVIK, Liv. **Aqui ninguém é branco**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

STEINER, George. **A morte da tragédia**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

SZONDI, Peter. **Ensaio sobre o trágico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

TAMM, Marek. **Afterlife of events: perspectives on mnemohistory**. Nova York: Palgrave MacMillan Memory Studies, 2015.

TARKOVSKI, Andrei. **Esculpir o tempo**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

TAYLOR, Charles. **As fontes do self: a construção da identidade moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

TODOROV, Tzvetan. **Los usos y abusos de la memoria**. Barcelona: Paidós, 2000.

VALENCIO, Norma. Suelo traiconeiro: constructo periodístico de la topología sociopolítica de um desastre relacionado com deslizamento de terra. *In*: AMARAL, Márcia Franz; ASCENCIO, Carlos Lozano (orgs.). **Periodismo y desastres: múltiples miradas**. Barcelona: Editorial Uoc, 2019. p. 43-61.

VARELA, Luís G. **Da Samarco ao Jornal Nacional: relações entre a comunicação organizacional e o telejornalismo no desastre em Mariana – MG**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

VAZ, Paulo; RONY, Gaele. Políticas do sofrimento e as narrativas midiáticas de catástrofes naturais. **Famecos**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 212-234, jan./abr. 2011.

VERÓN, Eliseo. **Construir el acontecimiento**. Barcelona: Gedisa, 2002.

WANDERLEY, Luiz J. **Indícios de racismo ambiental na “tragédia de Mariana”**. Relatório preliminar. Grupo PoEMAS, 2015. Disponível em: <<http://www.u.f.br/poemas/>>. Acesso em: maio 2020.

_____. *et al.* O desastre da Samarco e a política das afetações: classificações e ações que produzem o sofrimento social. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 68, n. 3, 2016.

WARBURG, Aby. **Histórias de fantasma para gente grande: escritos, esboços, conferências**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. *Mnemosine*. *In*: BARTHOLOMEU, Cezar (org.). Dossiê Warburg. **Arte e Ensaios**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 19, 2009.

WILLIAMS, Raymond. **Tragédia moderna**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

YATES, Frances. **A arte da memória**. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

ZELIZER, Barbie. **About to die: how news images move the public**. Nova York: Oxford University Press, 2010.

_____. **Covering the body: The Kennedy assassination, the media, and the shaping of collective memory**. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

_____. Journalism's memory work. *In*: ERLI, Astrid; NÜNNING, Ansgar (orgs.). **Cultural memory studies: an international and interdisciplinary handbook**. Nova York: Berlim, 2008.

_____. **Remembering to forget: Holocaust memory through the camera's eye**. Chicago: Chicago University Press, 1998.

_____; TENENBOIM-WEINBLATT, Keren. **Journalism and memory**. Nova York: Palgrave MacMillan Memory Studies, 2014.

ZHOURI, Andréa *et al.* O desastre da Samarco e a política das afetações: classificações e ações que produzem o sofrimento social. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 68, n. 3, jul./set. 2016.

Entrevistas

GERALDA. **Geralda**: entrevista [17 out. 2019]. Entrevista concedida a Alice Melo. Mariana, 17 out. 2019.

JOSILMA. **Josilma**: entrevista [6 nov. 2019]. Entrevista concedida a Alice Melo. Mariana, 6 nov. 2019.

MADEIRA, Ismar. **Ismar Madeira**: entrevista [25 maio 2018]. Entrevista concedida a Alice Melo. Rio de Janeiro, 25 maio 2018.

MÁRCIA. **Márcia**: entrevista [8 nov. 2019]. Entrevista concedida a Alice Melo. Mariana, 8 nov. 2019.

MARIA. **Maria**: entrevista [7 nov. 2019]. Entrevista concedida a Alice Melo. Mariana, 7 nov. 2019.

MARLENE. **Marlene**: entrevista [17 out. 2019]. Entrevista concedida a Alice Melo. Mariana, 17 nov. 2019a.

_____. **Marlene**: entrevista [19 out. 2019]. Entrevista concedida a Alice Melo. Bento Rodrigues, 19 nov. 2019b.

MAURO. **Mauro**: entrevista [7 nov. 2019]. Entrevista concedida a Alice Melo. Mariana, 7 nov. 2019.

MUNIZ, Marcos. **Marcos Muniz**: entrevista [10 nov. 2019]. Entrevista concedida a Alice Melo. Mariana, 10 nov. 2019.

ROSÂNGELA. **Rosângela**: entrevista [17 out. 2019]. Entrevista concedida a Alice Melo. Mariana, 17 out. 2019a.

_____. **Rosângela**: entrevista [19 out. 2019]. Entrevista concedida a Alice Melo. Bento Rodrigues, 19 out. 2019b.

SERRA, Cristina. **Cristina Serra**: entrevista [2 out. 2018]. Entrevista concedida a Alice Melo. Rio de Janeiro, 2 out. 2018.

_____. **Cristina Serra**: entrevista [1.º nov. 2019]. Entrevista concedida a Alice Melo. Rio de Janeiro, 1.º nov. 2019.

SIDNEI. **Sidnei**: entrevista [7 nov. 2019]. Entrevista concedida a Alice Melo. Mariana, 7 nov. 2019.

SILVA, Simone. **Simone Silva**: entrevista [6 nov. 2019]. Entrevista concedida a Alice Melo. Mariana, 6 nov. 2019.

SOARES, Ricardo. **Ricardo Soares**: entrevista [4 nov. 2019]. Entrevista concedida a Alice Melo. Mariana, 4 nov. 2019.

VERA. **Vera**: entrevista [8 nov. 2019]. Entrevista concedida a Alice Melo. Mariana, 8 nov. 2019.

Relatórios e documentos oficiais

AMBIOS ENGENHARIA E PROCESSOS LTDA. **Estudo de avaliação de risco à saúde humana em localidades atingidas pelo rompimento da barragem do Fundão - MG**. Relatório Final. São Paulo: Ambios Engenharia e Processos LTDA, 17 abr. 2019. Disponível em: <<https://apublica.org/wp-content/uploads/2019/11/ambios-arsh-mariana-e-barra-linga-final-20190417.pdf>>. Acesso em: mar. 2020.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL (MPF). **Denúncia Samarco**. IPL n.º 1.843/2015 SRPF/MG IPL Polícia Civil - MG 1271-34-2016.4.01.3822. Brasília: MPF, 2016a. Disponível em: <mpf.mp.br/mg/sala-de-imprensa/docs/denuncia-samarco>. Acesso em: maio 2020.

_____. **Força Tarefa Rio Doce**. IPL n.º 1.843/2015 SRPF/MG. Brasília: MPF, 2016b.

_____. **Parecer Técnico 695/2016-MPF**: análise de documentos relativos ao cadastramento de atingidos pelo desastre. Brasília: MPF, 2016c. Disponível em: <<http://www.mpf.mp.br/grandes-casos/caso-samarco/atuacao-do-mpf/pareceres-e-relatorios>>. Acesso em: mar. 2020.

NEVES, Maila de Castro Lourenço das *et al.* (orgs.). **PRISMMA**: Pesquisa sobre a Saúde Mental das Famílias Atingidas pelo Rompimento da Barragem de Fundão em Mariana. Belo Horizonte: Corpus, 2018. Disponível em: <https://ufmg.br/storage/3/5/1/4/3514aa320d36a17e5d5ec0ac2d1ba79e_15236492458994_644662090.pdf>. Acesso em: maio 2020.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Decreto n.º 8.572, de 13 nov. 2015. **Diário Oficial da União**, Edição Extra, 13 nov. 2015.

SAMARCO MINERAÇÃO S.A. Termo de Transação e de Ajustamento de Conduta (TTAC). Samarco, 2016. Disponível em: <<https://www.samarco.com/wp-content/uploads/2016/07/TTAC-FINAL.pdf>>. Acesso em: maio 2020.

_____. **Relatório de impacto ambiental**. Samarco, 2017. Disponível em: <<https://www.samarco.com/wp-content/uploads/2017/11/rima-samarco-2017.pdf>>. Acesso em: set. 2019.

Reportagens e sites da internet

1 ANO APÓS A LAMA: e agora? **G1**, 5 nov. 2016. Disponível em: <<http://especiais.g1.globo.com/minas-gerais/minas-gerais/desastre-ambiental-em-mariana/2016/1-ano-apos-o-mar-de-lama--e-agora/>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

AGÊNCIA BRASIL. Dano moral gera divergência em indenização por tragédia em Mariana. **Época Negócios**, 2019. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2019/11/dano-moral-gera-divergencia-em-indenizacao-por-tragedia-em-mariana.html>>. Acesso em: jan. 2020.

ALVARENGA, Darlan; TREVIZAN, Karina. Brasil tem 88 barragens do tipo a montante. **G1**, 31 jan. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/01/31/brasil-tem-88-barragens-do-tipo-a-montante-ou-desconhecido-metade-com-alto-potencial-de-dano-diz-agencia.ghtml>>. Acesso em: mar. 2020.

BBC. Sobreviventes de desastre de Mariana sofrem preconceito e moradores pedem volta de Samarco. **G1**, 30 out. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/natureza/noticia/sobreviventes-de-desastre-de-mariana-sofrem-preconceito-e-moradores-pedem-volta-de-samarco.ghtml>>. Acesso em: mar. 2020.

BRANCO, Marina; PONSO, Fabio. Maior tragédia ambiental do Brasil. **O Globo Online**, 17 out. 2016. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/major-desastre-ambiental-do-brasil-tragedia-de-mariana-deixou-19-mortos-20208009>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

CAMARGOS, D. Loucos por Bento Rodrigues. **Piauí**, fev. 2017. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/loucos-por-bento-rodrigues/>>. Acesso em: dez. 2019.

CIDADES E SOLUÇÕES: dois anos do maior desastre ambiental do Brasil. **GloboNews**. 30 de outubro de 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/globo-news-documento/videos/v/cidades-e-solucoes-os-dois-anos-do-maior-desastre-ambiental-do-brasil/6255566/>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (FGV CPDOC). **Rede Globo**. FGV CPDOC. Disponível em: <<https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/rede-globo>>. Acesso em: fev. 2020.

G1. Centro de Documentação da TV Globo (Cedoc) “guarda” história brasileira. **G1**, 2012. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/globocidadania/balanco-social-2011/noticia/2012/05/centro-de-documentacao-da-globo-cedoc-guarda-historia-brasileira.html>>. Acesso em: fev. 2020.

ISTOÉ. O país na lama. **IstoÉ**, 25 nov. 2016. Disponível em: <<https://istoe.com.br/o-pais-na-lama/>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

LIMA, Gracinha; COSTA, Gracinha; ALEIXO, Vera Lúcia. A força de Gesteira. **A Sirene**, 2018. Disponível em: <<http://jornalasirene.com.br/cotidiano/2018/06/28/a-forca-do-gesteira>>. Acesso em: nov. 2019.

LINHARES, Carolina. Depois da lama. **Folha de S.Paulo**, 5 jul. 2017. Disponível em: <<https://arte.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/07/05/depois-da-lama/>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

MACIEL, Alice. Proposta de desapropriação surpreende moradores de Mariana. **Agência Pública**, 10 set. 2019. Disponível em: <<https://apublica.org/2019/09/proposta-de-desapropriacao-surpreende-moradores-de-mariana/>>. Acesso em: mar. 2020.

_____.; PINA, Rute. Revelamos o alarmante estudo escondido pelo governo de Minas e pela Fundação Renova. **Agência Pública**. 4 nov. 2019. Disponível em: <<https://apublica.org/2019/11/revelamos-o-alarmante-estudo-escondido-pelo-governo-de-minas-e-pela-fundacao-renova/>>. Acesso em: mar. 2020.

MANENTI, Caetano. Povoado que fugiu de enchente em 1979 fica ilhado pela lama de barragens. **UOL**, 2015. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/11/08/povoado-que-fugiu-de-enchente-em-1979-fica-ilhado-pela-lama-de-barragens.htm>>. Acesso em: nov. 2019.

MENDONÇA, Heloísa. Preconceito e espera em Mariana, epicentro da dependência da mineração. **El País**, 6 nov. 2016. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/03/politica/1478188722_606609.html>. Acesso em: abr. 2020.

MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS (MAB). Mutirão de solidariedade constrói primeira casa para atingidos em Barra Longa. **MAB Nacional**, 15 out. 2019. Disponível em: <<http://www.mabnacional.org.br/noticia/mutir-solidariedade-constr-i-primeira-casa-para-atingidos-em-barra-longa>>. Acesso em: nov. 2019.

SÁ, Gabriel de. Depressão, medo e preconceito: a saúde mental das vítimas de Mariana. **National Geographic**, 14 maio 2018. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2018/05/depressao-medo-ansiedade-preconceito-saude-mental-das-vitimas-de-mariana-tragedia-ambiental-mineracao-estudo-ufmg-barragem-fundao>>. Acesso em: abr. 2020.

SACCHITIELLO, Bárbara. Globoplay exalta a vida longe da “ditadura da TV aberta”. **Meio & Mensagem**, 2019. Disponível em: <<http://rio2c.meioemensagem.com.br/noticias2019/2019/04/26/Globoplay-exalta-a-vida-longe-da-ditadura-da-tv-aberta/>>. Acesso em: out. 2019.

Reportagens citadas do Globoplay, consultadas por último em maio de 2019¹

BOLETIM. 25 jan. 2019a. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/7329113/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 25 jan. 2019b. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/7329205/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 25 jan. 2019c. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/7329273/>>. Acesso em: maio 2019.

¹ Para a base de dados, foram consultadas edições do Jornal Nacional (JN), Jornal Hoje (JH), Jornal da Globo (JG), Hora Um (H1), Globo Repórter, Bom Dia Brasil e Fantástico, de 5 de novembro de 2015 a 5 de novembro de 2019.

_____. 25 jan. 2019d. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/7329476/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 25 jan. 2019e. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/7329627/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 25 jan. 2019f. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/7328916/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 25 jan. 2019g. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/7328964/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 25 jan. 2019h. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/7329012/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 25 jan. 2019i. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/7329092/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 1.º fev. 2019j. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/7347771/>>. Acesso em: maio 2019.

BOM DIA BRASIL. 6 nov. 2015a. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/4589843/programa/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 9 nov. 2015b. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/4595028/programa/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 10 nov. 2015c. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4597811/>>. Acesso em: maio 2020.

_____. 11 nov. 2015d. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/4600513/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 13 nov. 2015e. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/4605879/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 16 nov. 2015f. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4611060/>>. Acesso em: maio 2020.

_____. 17 nov. 2015g. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/4613545/programa/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 18 nov. 2015h. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/4616408/programa/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 26 set. 2017a. Disponível em: <Globoplay.globo.com/v/6174032/>. Acesso em: maio 2019.

_____. 27 set. 2017b. Disponível em: <Globoplay.globo.com/v/6176819/>. Acesso em: maio 2019.

_____. 28 set. 2017c. Disponível em: <Globoplay.globo.com/v/6179570/>. Acesso em: maio 2019.

_____. 29 set. 2017d. Disponível em: <Globoplay.globo.com/v/6182336/>. Acesso em: maio 2019.

FANTÁSTICO. 8 nov. 2015a. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/4594725/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 15 nov. 2015b. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/4610650/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 22 nov. 2015c. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/4626716/programa/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 29 nov. 2015d. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/4642475/programa/>>. Acesso em: maio 2019.

GLOBO REPÓRTER. 27 out. 2017. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/6249842/>>. Acesso em: maio 2019.

HORA 1. 6 nov. 2015. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/4589634/>>. Acesso em: maio 2019.

JORNAL DA GLOBO. 7 abr. 2010. Disponível em: <memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/enchentes-no-rio-2010/>. Acesso em: maio 2019.

_____. 5 nov. 2015a. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/4589596/programa/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 6 nov. 2015b. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/4592329/programa/>>. Acesso em: maio 2019.

JORNAL HOJE. 6 nov. 2015a. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/4590775/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 6 nov. 2015b. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/4590799/programa/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 7 nov. 2015c. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/4592746/programa/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 9 nov. 2015d. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/4596137/programa/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 9 nov. 2015e. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/4596079/programa/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 16 nov. 2015f. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4611871/programa/>>. Acesso em: maio 2020.

_____. 17 nov. 2015g. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4614668/programa/>>. Acesso em: maio 2020.

_____. 18 nov. 2015h. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4617325/>>. Acesso em: maio 2020.

_____. 19 nov. 2015i. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/4620136/programa/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 23 nov. 2015j. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/4627968/programa/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 24 nov. 2015k. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/4630557/programa/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 7 dez. 2015l. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/4659301/programa/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 25 jan. 2019a. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/7329012/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 26 jan. 2019b. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/7330626/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 1.º fev. 2019c. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/7347698/>>. Acesso em: maio 2019.

JORNAL NACIONAL. 7–12 jul. 1983. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/enchente-no-sul-1983/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 27 nov. 2008. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/enchentes-em-santa-catarina/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 12 jan. 2011. Disponível em: <memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/chuvas-na-regiao-serrana-rj/>. Acesso em: maio 2019.

_____. 10 set. 2014a. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/3621648/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 11 set. 2014b. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/3624290/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 20 abr. 2015a. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/series/50-anos-de-jornalismo-da-globo/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 5 nov. 2015b. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/4589312/programa/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 6 nov. 2015c. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/4592109/programa/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 7 nov. 2015d. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/4593913/programa/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 9 nov. 2015e. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/4597302/programa/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 10 nov. 2015f. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/4599975/programa/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 17 nov. 2015g. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4615791/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 18 nov. 2015h. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/4618591/programa/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 19 nov. 2015i. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4621341/>>. Acesso em: maio 2020.

_____. 4 dez. 2015j. Disponível em: <<http://especiais.g1.globo.com/jornal-nacional/2015/desastre-ambiental-em-mariana-mg/a-tragedia-em-360/>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

_____. 5 dez. 2015k. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/4657251/programa/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 5 nov. 2016a. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/5429825/programa/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 4 nov. 2017. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/5429825/programa/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 25 jan. 2019a. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/7330181/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 25 jan. 2019b. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/7330190/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 25 jan. 2019c. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/7330206/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 25 jan. 2019d. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/7330209/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 25 jan. 2019e. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/7330217/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 26 jan. 2019f. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/7331363/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. 28 jan. 2019g. Disponível em: <<https://Globoplay.globo.com/v/7336058/>>. Acesso em: maio 2019.

_____. Quatro empresas e 22 pessoas são denunciadas por tragédia em Mariana. **Jornal Nacional**, 22 jun. 2016b. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5112270/>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

MEMÓRIA GLOBO. **Cobertura:** enchentes de 1966. Disponível em: <memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/enchentes-no-rio-1966/>. Acesso em: maio 2020.

ANEXOS

ANEXO A – PRIMEIRA PÁGINA DA TABELA DE EXCEL (1/111) REFERENTE À COBERTURA DA “TRAGÉDIA DE MARIANA”

| A | B | C | D | E | F |
|------------|-----------------|--|---|---|-------|
| data | jornal | título | sub | link | tempo |
| 05/11/2015 | JORNAL NACIONAL | Rompimento de barragem em Minas deixa mortos e desaparecidos | Acidente foi no distrito de Bento Rodrigues, a 25 quilômetros de Mariana. Vilarejo que tinha cerca de 200 casas ficou debaixo de lama. | https://globo.com/v/4589312/programa/ | 3 min |
| 05/11/2015 | JORNAL DA GLOBO | Barragens se rompem e deixam casas soterradas pela lama em Mariana (MG) | Depois do rompimento de uma barragem, a cidade mineira de Mariana já registra dezenas de mortos e uma verdadeira catástrofe na vida dos moradores da região. | https://globo.com/v/4589596/programa/ | 6 min |
| 06/11/2015 | HORA 1 | Rompimento de duas barragens de contenção de minério causam destruição em MG | O rio de lama arrasou tudo que estava pela frente ao longo de 10 km e o trabalho de resgate das vítimas deve ser demorado e difícil. | https://globo.com/v/4589634/ | 6MIN |
| 06/11/2015 | BOM DIA BRASIL | Chuva volta a provocar deslizamentos em nove cidades de Santa Catarina | AO VIVO: A Defesa Civil orientou moradores a deixarem as áreas de risco, pois o solo ainda está encharcado. | https://globo.com/v/4589828/programa/ | 1min |
| 06/11/2015 | BOM DIA BRASIL | Dois barragens se rompem e provocam destruição em Mariana, MG | Equipes de resgate trabalham sem parar em busca de sobrevivente. Uma morte foi confirmada e pelo menos 15 pessoas estão desaparecidos. Centenas de moradores estão desabrigados. | https://globo.com/v/4589843/programa/ | 13min |
| 06/11/2015 | JORNAL HOJE | Chuva forte atrapalha trabalho de resgate em Mariana (MG) | A maior preocupação é em relação aos trabalhos de busca e resgate das vítimas. Segundo o prefeito da cidade, mais de 100 pessoas estão ilhadas e em lugares de difícil acesso. | https://globo.com/v/4590872/ | 1MIN |
| 06/11/2015 | JORNAL HOJE | Equipes de resgate buscam sobreviventes da tragédia em Mariana | Dois barragens se romperam. Uma morte já foi confirmada e pelo menos 15 pessoas estão desaparecidas. Centenas de moradores estão desabrigados. | https://globo.com/v/4590775/ | 6min |
| 06/11/2015 | JORNAL HOJE | EXCLUSIVO: MINISTÉRIO PÚBLICO DE MINAS GERAIS ABRE AÇÃO CIVIL PÚBLICA PARA INVESTIGAR ROMPIMENTO DAS BARRAGENS | As duas barragens ficam em uma região montanhosa entre as cidades de Mariana e Ouro Preto, a cerca de 100 quilômetros de Belo Horizonte. Elas represavam a lama com restos da extração do minério de ferro. | https://globo.com/v/4590799/programa/ | 4min |

ANEXO B – PRIMEIRA PÁGINA DA TABELA DE EXCEL (1/140) REFERENTE À TRAGÉDIA DE BRUMADINHO

| A | B | C | D | E | F |
|-----------|--------|--|--|---|-------|
| data | jornal | titulo | sub | link | tempo |
| 25/jan/19 | JH | Barragem da Vale se rompe em Brumadinho (MG) | De acordo com a Defesa Civil, os moradores que moram na parte mais baixa da cidade estão sendo retirados das casas. Não há confirmação sobre vítimas. | https://globoplay.globo.com/v/7328916/ | 2MIN |
| 25/jan/19 | JH | Boletim: Vale confirma rompimento de barragem em Brumadinho (MG) | Vale confirma rompimento de barragem em Brumadinho (MG) | https://globoplay.globo.com/v/7328964/ | 2MIN |
| 25/jan/19 | JH | Boletim: Barragem se rompe e lama invade cidade de Brumadinho (MG) | A prefeitura de Brumadinho (MG) divulgou um alerta pedindo que a população mantenha distância do leito do Rio Paraopeba. | https://globoplay.globo.com/v/7329012/ | 1MIN |
| 25/jan/19 | JH | Boletim: Comitê de crise é criado após rompimento de barragem em Brumadinho (MG) | O pronto-socorro do Hospital Municipal de Brumadinho não recebeu vítimas. | https://globoplay.globo.com/v/7329092/ | 2MIN |
| 25/jan/19 | JH | Boletim: 'Mar de lama' invade Brumadinho (MG) | O pronto-socorro do Hospital Municipal de Brumadinho não recebeu vítimas. | https://globoplay.globo.com/v/7329113/ | 2MIN |
| 25/jan/19 | JH | Boletim: Corpo de Bombeiros resgata duas pessoas após rompimento de barragem em Brumadinho | Três helicópteros do Corpo dos Bombeiros trabalham no resgate de vítimas. | https://globoplay.globo.com/v/7329205/ | 3MIN |
| 25/jan/19 | JN | Boletim: barragem se rompe em Brumadinho, em Minas Gerais | Jornal Nacional traz a cobertura completa sobre o rompimento da Barragem de Mina Feijão, em Brumadinho, no início da tarde desta sexta, em Minas Gerais. A cidade de Brumadinho fica a 57 quilômetros de Belo Horizonte. | https://globoplay.globo.com/v/7329273/ | 3MIN |